00141909

THE
ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY
Town Hall, Bombay.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DA ASIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SETIMA

PARTE PRIMEIRA.

141109

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

00141909

Ao muito Catholico, e poderoso Monarca de Hespanha, e Rey de Portugal D. Filippe o II. deste nome.

TOdas as vezes (muito Catholico, e poderoso Rey, e Senhor nosso) que considero a brevidade, e pouco tempo em que acabei sinco Decadas da Historia da India, que por mandado do muito Catholico Rey D. Filippe vosso Pai de gloriosa memoria, e o primeiro deste nome, fui continuando sobre as tres de João de Barros, convem a saber, quarta, e quinta, que lhe mandei na Armada de 97; sexta na de 99; e esta setima que foi na Armada de 601, que os Inglezes tomáram na náo São Tiago, e que agora torno a mandar reformada; e a decima que mandei o anno de 600, por ma Vossa Magestade mandar pedir: certo que eu mesmo me maravilho; porque não sei que espirito me encaminhou a ajuntar, e descubrir cousas que estavam tão esquecidas, e que quasi não havia dellas memoria; e de terras tão distantes, e apartadas, como sam desdo alongado Malu-

luco até o Cabo de Boa Esperança: pera que eram necessarios tempos, e monções pera mandar vir, e trazer as cousas, e informações, pera a Historia se poder escrever. Por onde o mais certo he, que o verdadeiro Deos, e Senhor nosso, que he o Author de todas as cousas boas, foi o que me guiou, e encaminhou nesta materia; porque quiz visse o mundo todo o grande zelo, trabalho, despezas, riscos, e perigos de vassallos, com que os Reys de Portugal, predecessores de Vossa Magestade, trabalhăram por dilatar, e estender a Santissima Fé de Christo por todo este Oriente: E pois tudo isto he de Deos, a elle o offereço; e a Vossa Magestade peço queira acceitar este pequeno serviço, pera que com maior gosto possa proseguir nesta Historia, que me ElRey vosso Pai, e Vossa Magestade tem encommendado, até chegar ao tempo de Vossa Magestade, a quem nosso Senhor conserve em saude, e largos annos de vida, como he necessario a toda a Christandade. Da India, e desta Cidade de Goa a 6 de Novembro de 1603 annos.

Diogo do Couto.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I.
DA DECADA VII.

LIVRO I.

CAP. I. *De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca: e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas.* Pag. 1.

CAP. II. *De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahão, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.* 13.

CAP.

CAP. III. *De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenhas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.* 30.

CAP. IV. *De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tratos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerraremse as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.* 38.

CAP. V. *De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Cafár, a buscar as galés que estavam em Baçorá: e de como tomou algumas náos de Ormuz: e de outras cousas que passáram.* 46.

CAP. VI. *De como o Viso-Rey despachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceo a D. Affonso de Noronha com ElRey do Chembe, e se embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a náo Santa Cruz desappareceo.* 50.

CAP. VII. *Do que aconteceo a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada*

que

que o Viso-Rey ordenou pera o Estreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abassia: e do que aconteceo a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes. 57.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a Manoel de Vasconcellos no Estreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquicò: e do que aconteceo ao Padre Mestre Gonçalo até á Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve desde a Rainha Sabá até este Claudio: e do que o mesmo Padre passou com o Emperador.* 66.

CAP. IX. *De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, persuadio a Tartacan, que lançasse a Biscan fóra das terras de Dio, como fez: e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega: e de outras cousas que passáram.* 83.

CAP. X. *De como se levantáram contra o Idalcan alguns Capitães seus: e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas.* 88.

CAP. XI. *De como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas alevantou Mealecan por Rey de Visapôr: e dos contratos que com elle fez: e de como passou a Pondá, e o entregou a Calabatecan.* 93.

CAP. XII. *De como faleceo o Viso-Rey D. Pe-*

Pedro Mascarenhas: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 103.

LIVRO II.

CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas succedeo na governança da India Francisco Barreto: e da Armada que se queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.* 111.

CAP. II. *De como o Governador Francisco Barreto passou a Pondá a se ver com o Mealecan: e de como proveo as Tanadarias daquellas partes, e mandou D. Antão de Noronha a tomar posse de todo Concan.* 117.

CAP. III. *Dos recados que passáram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xeque sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas que succedêram.* 122.

CAP. IV. *Das cousas que succedêram em Ceilão: e dos ardís de que o Madune usou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois se concertou com elles pera o destruirem, como fizeram.* 137.

CAP. V. *De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidisotão, matou ElRey Bramá*

e se apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas coysas que succedêram. 136.

CAP. VI. *De como Mandaragri, cunhado de ElRey Branhá, veio com grandes exercitos sobre Pegú, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza, onde a Rainha estava: e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú, quando os veio soccorrer.* 148.

CAP. VII. *Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa: e da perdição da náo Algaravia nova: e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira por Capitão mór ao Malavar: e do que aconteceo a Mealecan até Bilgão: e dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.* 155.

CAP. VIII. *De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan: e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados, e o Mealecan com Anel Maluco fugíram pera o Izamaluco, e do que lá lhes succedeo.* 163.

CAP. IX. *Do que aconteceo a D. Antão de Noronha no Concan: e dos recontros que te-*

teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande vitoria que alcançou do Xàcoli. 167.

CAP. X. *De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães ao Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e D. Antão de Noronha.* 175.

CAP. XI. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.* 180.

LIVRO III.

CAP. I. *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Tristão de Paiva, e sobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia: e da Armada que despedio pera o Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas que Miguel Rodrigues, Fios secos, fez pela costa do Idalcan.* 184.

CAP. II. *Do que aconteceo a Tristão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficáram*

ram nos baixos de Pero dos Banhos acabaram a naveta, e nella vieram a Cochim. 192.

CAP. III. *Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceo a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.* 198.

CAP. IV. *Do que succedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem: e das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa, Capitão da fortaleza de Ormuz: e do que lhe aconteceo no Estreito de Baçorá.* 203.

CAP. V. *Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.* 208.

CAP. VI. *Da Armada que este anno de sincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as nãos até o Reyno.* 213.

CAP. VII. *De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratáram com o Gover-*

vernador Francisco Barreto sobre sua ida: e dos entretimentos, e escusas de que usou, e do conselho que sobre isso tomou, em que se assentou fosse o Bispo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Sousa. 220.

CAP. VIII. *Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio para o Norte, e D. Diogo de Moronha se foi ver com elle a Baçaim.* 227.

CAP. IX. *De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Francisco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquistáram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.* 230.

CAP. X. *Da famosa Ilha de Salsete de Baçaim: e do seu espantoso Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.* 236.

CAP. XI. *Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.* 250.

CAP. XII. *De como o Governador Francisco Barreto houve ás mãos as fortalezas de Assari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar posse dellas por mandado do Governador: e de outras cousas, em que proveo até se partir pera Goa.* 25[illegible]

CAP. XIII. *Do que aconteceo na jornada*

a Pero Barreto: e do engano que com elle usou o Principe do Cinde: e de huma façanhosa serpente, que hum soldado chamado Gaspar de Montarroio matou. 270.

CAP. XIV. *De como Pero Barreto Rolim destruio a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda.* 276.

LIVRO IV.

CAP. I. *Do que aconteceo á náo S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim destruio a Cidade de Dabul.* 285.

CAP. II. *De como o Governador Francisco Barreto passou á terra firme em busca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras cousas.* 290.

CAP. III. *De algumas cousas, em que o Governador Francisco Barreto proveo: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrenegado.* 298.

CAP. IV. *Do que aconteceo na viagem a Manoel Travassos, até lançar o Bispo no Por-*

Porto de Arquicó: e do que succedeo ao Bispo até Baroá. 304.

CAP. V. *Do que succedeo a Balthazar Lobo de Sousa na viagem até á Ilha de S. Lourenço: e da descripção desta Ilha, e das de Comoró: e qual seja a Minuthias de Ptolomeu.* 310.

CAP. VI. *Do que aconteceo ao Bispo D. André de Ouviedo até chegar a se ver com o Emperador da Ethiopia: e do que com elle passou.* 319.

CAP. VII. *De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizão: e das grandes guerras que por isso se levantáram em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes.* 326.

CAP. VIII. *Da differença que ha antre Persas e Arabes sobre a opinião de suas seitas: e de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que seguissem sua seita.* 334.

CAP. IX. *De huma relação de Nizamoxá, e de sua morte: e de como o que lhe succedeo no Reyno se ajuntou com o Cutubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha prezo.* 33[illegible].

LIVRO V.

CAP. I. *Das cousas, que acontecêram na guerra de Goa: e de hum assalto que os nossos deram na outra banda, em que houve algum desarranjo: e de como os inimigos entráram a Ilha de João Lopes.* 347.

CAP. II. *Da Armada que este anno de sincoenta e sete partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos: e de huma breve relação da devoção, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, a que elles chamam o Corpo Santo.* 352.

CAP. III. *Das cousas que succedêram em todo este anno em Maluco: e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça, e soltáram aquelle Rey.* 359.

CAP. IV. *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chaul, e sobre que: e de como os Mouros entráram na Ilha de Chorão, donde foram lançados com grande damno seu: e de como o Governador mandou metter nella D. Francisco Mascarenhas.* 369.

CAP. V. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno, e os Mouros começáram a fallar em pa-*

pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra. 376.

CAP. VI. *Da Armada com que o Governador Francisco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que nisso passou.* 384.

CAP. VII. *De como o Governador Francisco Barreto mandou desapossar D. João de Ataíde da Capitanía de Ormuz, pera onde foi D. Antão de Noronha: e do que mais fez até se partir pera Goa.* 391.

CAP. VIII. *De como o Governador Francisco Barreto se partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.* 395.

DE-

DECADA SETIMA.
LIVRO I.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca: e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas.

DEpois que ElRey D. João despedio a Armada pera a India este anno de 1553, de que foi por Capitão mór Fernão de Alvares Cabral, logo determinou de prover em duas cousas: huma, mandar successor ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha; e a outra, supplicar ao Papa lhe concedesse Patriarca, e Bispos pera o Imperio

da Abaſſia, pela muita inſtancia com que aquelles Imperadores lho tinham mandado pedir; porque deſejavam de dar obediencia á Santa Sé Apoſtolica, e renunciar os Patriarcas hereges, que de Alexandria lhes mandavam, por quem havia tantas centenas de annos ſe governavam. E era eſte deſejo tão antigo, que já o Imperador Zeriaco treſavô de Claudio, que ao preſente reinava, por morte do Patriarca que os regia, não quiz acceitar mais outro de Alexandria, e dizia » que antes perderia todos os ſeus Reynos, » que conſentir mais lhe vieſſem Patriarcas » hereges; » e aſſim dez annos, que depois viveo, lhe não entrou algum em ſeus Reynos. E depois ſeu filho Alexandre eſteve na meſma opinião treze annos, até que o povo ſe lhe queixou, por lhe irem faltando Sacerdotes pera lhe adminiſtrarem os Sacramentos; pelo que lhe foi neceſſario mandar a Alexandria pedir Patriarca, donde lhe mandáram dous; hum delles ſe chamava Marcos, e o outro Jacob, que lhe havia de ſucceder. E aſſim foram ambos continuando muitos annos, até falecer o Jacob, e ficar o Marcos ſó adminiſtrando aquelle Imperio, (que he o que D. Rodrigo de Lima, que lá foi por Embaixador no anno de vinte e ſeis, ainda achou vivo, e confeſſou ao Padre Franciſco Alvares, que foi neſta jorna-

da,

da, ſegundo elle o refere no livro que delTa compoz, que era de cento e vinte annos, porque quando fora áquelle Imperio fizera ſetenta, e que havia ſincoenta que o adminiſtrava, a fóra alguns que depois viveo.) Eſte quando lá vio D. Rodrigo, e hum Religioſo, que ſeguia a Igreja Latina Romana, (ſegundo conta o meſmo Padre Franciſco Alvares,) dava graças a Deos, e dizia, que ſe chegava o tempo de ſe cumprir huma profecia, que havia nos livros Abexins, que dizia, » que aquelle Imperio não teria » mais de cem Patriarcas provídos por Ale» xandria, e que apôs elles viriam outros pro» vídos pelo Summo Pontifice de Roma, e » que elle era o derradeiro dos cento. » No que ſe enganou, porque até hoje perſeveram Patriarcas hereges, poſto que alguns annos depois lhe foi hum Catholico, provído pelo Papa Paulo III, que foi o D. João Bermudes, que D. Chriſtovão da Gama levou, como fica dito no Cap. V. do VII. Liv. da quinta Decada. E porque deſte Patriarca não fallámos mais, depois que Dom Chriſtovão da Gama foi lá morto, nem tivemos tão inteira informação de ſuas couſas como agora, que no-la mandáram da Ethiopia, o faremos aqui brevemente, e o daremos melhor a conhecer.

Eſte homem era Portuguez, e tinha ido

a Abassia com D. Rodrigo de Lima, quando lá foi por Embaixador em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, e levou comsigo hum seu sobrinho, chamado Dom Garcia de Noronha, segundo hum Tratado, que elle mesmo fez das cousas que lhe succedêram no tempo que esteve na Abassia, sendo Patriarca. E depois de D. Rodrigo de Lima de lá vir, faleceo naquelle Imperio o Patriarca Marcos, de que atrás fallámos, por cuja morte o D. João Bermudes persuadio ao Imperador da Abassia, que mandasse dar obediencia á Igreja Romana, e pedir ao Summo Pontifice Patriarca Catholico; e como elle lhe estava affeiçoado, despedio-o pera Roma com cartas ao Papa, em que lhe pedio lho mandasse a elle por Patriarca. E indo nesta jornada, que foi o anno de trinta e sinco, ou trinta e seis, foi cativo de Turcos, e levado ao Cairo, donde por sua industria sahio, e foi ter a Roma, e o santo Padre o ouvio muito bem, e leo as cartas do Imperador Claudio. E sabendo o risco em que aquella Christandade ficava, logo o sagrou o D. João Bermudes em Patriarca, e o enviou com cartas a Portugal pera ElRey D. João o III., em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia » quizesse soccorrer aquelle Imperador, pois » nenhum dos Principes Christãos tinha me-

» lhor

» lhor apparelho pera isso.» E esta foi a causa, por que ElRey o despedio em companhia do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, a quem deo por regimento mandasse huma boa Armada de soccorro áquelle Imperador, e nella lhe enviasse o Patriarca. E como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha achou a fortaleza de Dio de cerco, em cujo soccorro se occupou todo aquelle verão, e no seguinte faleceo, não teve tempo pera o mandar. E o Governador D. Estevão da Gama, que lhe succedeo, achando estas instrucções nos papeis de D. Garcia de Noronha, quiz fazer aquella jornada, que na quinta Decada contámos, assim pera este effeito, de que então não tinhamos tão perfeita informação, como pera o das galés. Em fim, morto Dom Christovão da Gama, ficou o Patriarca naquelle Reyno até que o Imperador teve aquella batalha com o Grada Amet, que cortou a cabeça a D. Christovão da Gama, em que o desbaratou, e matou com a ajuda dos Portuguezes, como na mesma quinta Decada se verá no IV. Cap. do IX. Liv., e o Imperador tornou a cobrar seu Reyno, de que andava quasi esbulhado.

E como todas aquellas cousas, Embaixadas, e petições que fez ao Papa, foram feitas por necessidade, vendo-se agora poderoso, e estava entregue de todo ás malditas,

tas, e excommungadas ſeitas dos hereſiarcas Eutichiano, e Dioſcoro Alexandrino; e tinha mandado trazer de Alexandria Patriarca herege, ſendo ainda vivo D. Christovão da Gama; e porque o elle não ſoubeſſe, tinha-o poſto no Reyno de Ambea, mettido em hum Moſteiro, que eſtava n'um grande lago de trinta leguas, onde o mandou levar aſſim, depois que ſe vio deſaſſombrado dos Mouros. E como aquelle Patriarca era máo, e herege, vendo-ſe favorecido do Imperador, logo começou a tratar maldades contra o D. João Bermudes, pera o deſacreditar, e fazer aborrecido a todos. E pera iſto fallou ſecretamente com huns Frades hereges, e os induzio a que lançaſſem de noite em certa parte da caſa de D. João Bermudes, hum vaſo de ouro da Igreja; e achando-o ao outro dia menos, começáram a fazer grandes eſtrondos publicamente, dizendo que D. João Bermudes o tomára: e fizeram ainda mais, que lhe foram dar de ſupito em caſa, acháram o vaſo na parte, onde o elles tinham poſto, do que ſe elle reſentio, e enfadou muito por entender a perverſidade de tão má gente, que foi a cauſa de não querer eſtar alli mais, nem ficar naquella terra. E indo-ſe pera Tigaré, foi por todo aquelle caminho maldiçoando os lugares, e povoações por onde paſſava, e

dia

dizia algumas vezes aos que o acompanhavam, que via humas formigas negras destruir toda aquella terra, como de feito aconteceo; porque dahi a muito pouco tempo entráram por ella huns Cafres muito barbaros, chamados os Galas, e a destruíram de todo, como adiante se verá nesta Decada. Chegado o D. João Bermudes a Baroá, deixou-se alli ficar alguns annos esperando embarcações, em que se pudesse passar á India, até que ao porto de Daleca foram ter huns navios nossos, de cujos Capitães, ou em que tempo nos não souberam dar certa informação, e nelles se embarcou pera a India, e depois pera o Reyno. E em Lisboa se aposentou em S. Sebastião da Pedreira, fóra da Cidade, onde o nós vimos; e alli viveo alguns annos, e ainda em tempo de ElRey D. Sebastião era vivo, e depois morreo com mostras de muito grande Catholico, e ainda de santidade.

E todavia desejando agora ElRey Dom João o III. de tornar a accender aquella Christandade, pera que de todo se não apagasse, supplicou ao Papa Julio III., que ao presente governava a Igreja de Deos, mandasse hum Patriarca, e dous Bispos áquelle Imperio, por cartas que tinha de novo daquelle Imperador, em que lhe significava a grande vontade, e desejo com que queria

dar

dar obediencia á Santa Igreja Romana; porque tornavam a apertar com elle os trabalhos, e guerras, que o faziam bufcar efte foccorro, e remedio. Daqui tomou ElRey D. João motivo pera efcrever ao feu Embaixador que tinha em Roma, que inftaffe muito fobre aquelle negocio, e pediffe ao Padre Ignacio de Loyola, vifta a importancia delle, lhe déffe alguns Religiofos doutos, e virtuofos pera mandar áquelle Imperio.

Vendo o Summo Pontifice aquelle tão fanto zelo de ElRey D. João, quillo fatisfazer; e tratando com o Padre Ignacio de Loyola, Fundador da Companhia de Jefus, fobre aquella materia, elle lhe offereceo alguns Varões efcolhidos pera as dignidades que pedia. E nefte Março de fincoenta e finco andando o Papa Julio III. occupado nefta obra, veio a falecer, e fuccedeo-lhe na Cadeira de S. Pedro Marcello II., que tambem faleceo no primeiro dia de Maio feguinte. E por feu falecimento foi eleito Paulo IV., que approvando por boa a tenção de ElRey D. João, pedio ao Padre Ignacio lhe déffe os Religiofos fobre que já fe fallava, e elle lhe aprefentou pera Patriarca o Padre João Nunes Barreto, Portuguez, que já tinha andado em Africa, exercitando as obras de mifericordia no refgate dos

ca-

cativos, que era irmão do Padre Ignacio Nunes, que estava por Reitor da Companhia da India, ambos Varões de vida exemplar, e de muitas letras, e virtude. E pera Bispos os Padres Belchior Carneiro, Portuguez, e André de Oviedo, que então estava por Reitor da Companhia em Napoles. E este sagrou logo com titulo de Bispo Hierapolitano, e ao Belchior Carneiro passou letras pera o sagrarem na India, e lhe deo titulo de Bispo Niceno; e a ambos passou letras, em que os fazia Coadjutores, e futuros successores do Patriarca. Estes Varões chegáram ao Reyno acompanhados de outros Padres doutos, e virtuosos, que o Padre Ignacio elegeo pera esta Missão, e foi já a tempo, que estavam as náos de verga d'alto pera partirem pera a India. E porque não era possivel embarcar-se o Patriarca tão depressa, ordenáram os Prelados da Companhia, que fossem alguns Religiosos naquella Armada pera passarem diante a Abassia a fazerem a saber áquelle Imperador da eleição do Patriarca, e Bispos, e de como ficáram no Reyno pera se partirem nas náos seguintes; e pera saberem o animo com que aquelle Imperador estava, porque quando o Patriarca chegasse, soubesse o que havia de fazer.

E parece certo que tinha Deos nosso Senhor

nhor poſtos os olhos nas couſas do Oriente; porque no meſmo tempo em que o Summo Pontifice eſtava occupado neſta obra do Patriarca da Abaſſia, chegáram áquella Cidade Simão Sulaca, Biſpo de Caerimi, Cidade cabeça da grão Meſopotamia; e Mar Elias, Biſpo de Ninive, e ſe lançáram aos pés do Vigario de Chriſto, e lhe deram a obediencia de Catholicos, por ſi, e por todos os ſeus ſubditos; porque até então ſeguíram os erros do falſo Neſtor, cuja cabeça era o Patriarca de Antioquia, que o Summo Pontifice recebeo com muita alegria, e contentamento; e ſagrou ao Simão Sulaca em Patriarca de Muſal; e ao Mar Elias em Biſpo de outro lugar ſeu ſuffraganeo. E elles deram a obediencia de Catholicos por ſi, e pelos mais Biſpos de ſuas jurdições, e os deſpedio com grandes Breves Apoſtolicos. E no meſmo tempo ſagrou tambem a Mar Joſeph em Arcebiſpo de Ninive, pera ir ás terras do Malavar inſtruir aquelles Chriſtãos do Apoſtolo S. Thomé por ſerem governados por Mar Abrahão, Arcebiſpo Neſtoriano, como todos os atrás foram, que eram provídos pelos Patriarcas de Babylonia, a quem tambem paſſou Breves Apoſtolicos; e com elle mandou o Biſpo D. Ambroſio Monte Celi, ſeu Penitenciario, de caſta Italiano, Frade Dominico, pera ir em companhia

nhia do Patriarca de Musal, e dahi passar aos Georgianos a ver se os podia reduzir á obediencia da Igreja Romana.

Chegados estes Patriarcas, e Bispos a Musal, tomou o Patriarca posse, e ajuntou os Bispos suffraganeos, e deram obediencia ao Papa. O que sabido pelo Patriarca de Antioquia, se passou a Babylonia, e alli se fez cabeça dos hereges Nestorianos, ficando aquelle Patriarcado dividido em dous; mas o Catholico durou pouco, porque o matáram os Turcos; e presumio-se que por ordem do Patriarca de Babylonia. E o Arcebispo de Ninive com o Bispo D. Ambrosio, que ainda estavam com elle, tiveram tempo pera fugir aos hereges, e foram ter a Ormuz, e dalli á India este verão em que andamos; e por ordem do Governador Francisco Barreto passáram á Serra, elle, e o Mar Joseph, e tomou posse daquelle Arcebispado, e depoz o Mar Abrahão com sentimento dos Christãos que o acceitáram. E o D. Ambrosio depois de o deixar de posse daquella Christandade, se tornou pera Goa, e em S. Domingos leo a sagrada Theologia aos Religiosos daquella Ordem. E depois indo-se embarcar a Cochim pera o Reyno, faleceo naquella Cidade, e jaz enterrado na Casa de S. Domingos. Foi este homem douto nas Letras Divinas, e humanas,

nas, grande Mathematico, e Geográfo; muito visto nas letras Gregas, e Caldeas. E antre os papeis que lhe ficáram se acháram algumas lembanças destas cousas, que nos hum Religioso da Ordem de S. Domingos deo, de que nos aproveitámos pera estas informações.

E já que estamos com esta Christandade, e seus Bispos nas mãos, parece que não será desproposito fazermos hum breve discurso de todas suas cousas até darem obediencia á santa Sé Apostolica, posto que o mais proprio lugar dellas he a onzena Decada, pera onde guardamos a relação de tudo. E por isso não faremos aqui mais, que tocar de passagem o substancial; porque senão chegarmos áquelle tempo ou pela muita idade, ou pelo pouco gosto, da parte dos homens, e seus esquecimentos, com que procedemos neste negocio, ao menos ficará já aqui esta lembrança.

CAPITULO II.

De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahão, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.

NO primeiro Cap. do X. Liv. da nossa quarta Decada, que já anda impressa, damos larga conta, e relação das partes, por onde o Bemaventurado Apostolo S. Thomé andou prégando a nova Lei de seu Mestre Christo Jesus nosso Redemptor; e no fim desta setima se verá sua morte, e milagres. E neste Capitulo diremos brevemente de como se governou até agora aquella Igreja, fundada por elle nos Reynos do Malavar, assim no espiritual, como no temporal. Passado o Santo Apostolo da Ilha Sacotorá (como se verá em sua lenda) a estas partes da India, mi-

milagrosamente veio aportar á costa do Malavar, e não se sabe em que porto; mas devia de ser em hum dos Reynos de Cochim, porque logo por elle começou a semear a semente da Lei Evangelica, ou fosse no Reyno de Cranganor, ou no de Coulão, em que tinha ainda hoje Igrejas suas, vai pouco nisso; mas por ambos estes Reynos andou convertendo muitas almas á Lei de Christo, e nelles lhe acudíram, e o seguíram homens virtuosos, que elle acceitou por discipulos, e instruio mui bem na Lei do santo Evangelho. E depois de ver o muito fruito que tinha feito por aquellas partes, tratando de passar a outros Reynos, sagrou os discipulos que lhe melhor parecêram em Bispos, e os deixou governando aquella Christandade, e elle se passou pera as partes de Tartaria, China, e outras, como temos dito no Cap. I. do Liv. X. da nossa quarta Decada, e por ellas andou convertendo grande número de infieis, e idólatras, até se passar a Meliapor, onde foi morto, e onde cada dia resplandece com muitos milagres.

Os Bispos que deixou naquellas partes do Malavar governando aquella Christandade, fundáram Igrejas na Cidade de Cranganor, e na de Coulão, que ainda hoje servem nos mesmos lugares, e conservam em

mui-

muitas cousas sua memoria, e antiguidade, e antre ellas em huns padrões, e em laminas de metal, de terras, e rendas, que aquelles Reys concedêram pera a fabrica daquelles Templos, que nós ainda achámos na Feitoria de Cochim, que andáram des do principio daquella fortaleza, por entrega da casa, de Feitor a Feitor, ha bem poucos annos. E querendo eu saber dellas, pera por obrigação do officio as recolhermos na Torre do Tombo, como cousa tão antiga, e tanto pera se guardar, e honrar, já nos não souberam dar razão dellas, nem os Feitores que de lá vem a sabem dar. Em fim, passados muitos tempos depois da morte do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, sustentando-se aquella Christandade na Fé, e doutrina que lhe elle ensinou, fazendo o tempo mudança naquelles Reynos, como o tem feito em todas as Monarquias do Mundo, até a ellas irem os Mouros Arabios, seguidores da falsa doutrina, e lei de Mafamede, que se aposentáram pelos pórtos maritimos de todo aquelle Malavar, como ainda hoje estam, parece que avexados delles os Christãos, se recolhêram ás serras, e matos daquelles Reynos, onde fundáram suas povoações, e vivêram naquella primeira doutrina até lhe faltarem os Bispos, e Sacerdotes della, que se mandáram soccorrer ao Patri-

triarca de Babylonia, que era cabeça dos hereges Neſtorianos, que os provêram de hum Arcebiſpo Metropolitano, com titulo de Arcebiſpo do Indo; e de dous Biſpos ſuffraganeos, hum com titulo de Biſpo de Sacappa, e o outro de Macina, que não ſabemos hoje onde ſejam, mais que acharmo-los aſſim nomeados em ſuas eſcrituras; mas por conjecturas ſe preſume que ſejam pera a parte do Cathayo, e China, por onde o glorioſo Santo andou fazendo grande converſão. E eſte nome de Arcebiſpo do Indo reteve até á morte de Mar Abrahão, que (como no primeiro Capitulo diſſemos) foi ſagrado em Roma, e viveo até os annos de 1597., ſeguindo ſempre os erros Neſtorianos, de que toda aquella Chriſtandade eſtava inſada; porque depois que foi governada por Arcebiſpos Armenios, que eram ſeguidores daquella falſa ſeita, perdêram o lume da Fé, em que eſtavam doutrinados pelo Santo Apoſtolo, e miſturáram nella aquelles falſos, e diabolicos erros Neſtorianos, em que aquelles Prelados os foram creando.

Em fim, morto o Arcebiſpo Mar Abrahão, tendo-ſe já havia muitos annos extinguidos os Biſpos ſuffraganeos de Sacappa, e de Macina, ſendo Summo Pontifice em Roma Clemente VIII., aviſado diſſo, paſſou dous Breves Apoſtolicos, hum feito a

vin-

vinte e hum de Janeiro de noventa e sete, e outro a vinte e sete do mesmo mez de noventa e oito, em que mandava ao Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes » que » como Primaz da India Oriental mandasse » tomar posse daquella Igreja, e Arcebispa» do, e de toda aquella Christandade do » glorioso Apostolo S. Thomé; e não con» sentisse mais entrar nella Bispo, nem Pre» lado Armenio, por serem todos hereges; » e que creasse no dito Arcebispado Gover» nador, e Vigario Apostolico, pera o go» vernar assim no espiritual, como no tem» poral, em quanto a Igreja Romana a não » provía de Bispos. »

E porque fallamos no temporal, he de saber, que os Prelados desta Christandade são Juizes no temporal dos Christãos seus subditos; o que parece foi tambem dado em privilegio ao Bemaventurado S. Thomé Apostolo por aquelles antigos Reys Gentios, o que até hoje se guarda infallivelmente, sem nunca se quebrar.

Por virtude destes Breves, tratou logo o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes com muita caridade do proveito espiritual daquelles proximos, e zelo do serviço de Deos nosso Senhor. E porque tambem lhe ficava em obrigação como Primaz da India, por aquella Igreja não ter Cabido, a quem per-

tenceſſe o governo della, no tempo da Sé vagante, e elle ſer Metropolitano de todas as Igrejas da India, determinou mandar prover niſſo, como fez, pera tornar a ſometter, e ſujeitar aquella Igreja á obediencia da Romana; o que tratáram as peſſoas que a iſſo enviou, por todos os modos que lhe parecêram neceſſarios. Mas como todos aquelles Sacerdotes Chriſtãos eſtavam entregues áquellas diabólicas, e abominaveis heresias do Hereſiarca Neſtor, não quizeram obedecer aos rogos, e perſuasões que ſobre iſſo lhe fizeram; do que o Arcebiſpo Dom Fr. Aleixo de Menezes ſentio graviſſima dor, e grande deſconſolação; e todavia não deſiſtio de obra tão ſanta, e de tão grande obrigação ſua, antes por eſpaço de dous annos foi continuando por ſeus Miniſtros naquelle negocio, em que todos faziam pouco, ou nenhum fruito, antes achavam a todos cada vez mais endurecidos.

Pelo que commovido o Arcebiſpo de piedade de ver tantas mil almas, que do tempo do Apoſtolo S. Thomé ſe conſervavam na Fé de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, no meio de tanta gentilidade, e eſpalhadas por tão diverſas partes, rodeadas de tantos idolos, e pagodes, em que o demonio era cada hora tantas vezes venerado, e ſujeitas ſuas Igrejas, e Templos a tantos, e tão diverſos

ſos Reys todos idólatras, ſem poderem ter communicação com outros Chriſtãos até os Portuguezes entrarem com ſuas Armadas neſte Oriente, onde começáram a povoar Cidades, e fundar fortalezas: E vendo quanto eſte negocio era de ſerviço de Deos, depois de lho mandar encommendar por todas as Religiões, determinou de elle em peſſoa viſitar aquella Chriſtandade, pera ver ſe com ſua preſença os podia obrigar, moderar, e trazer á obediencia da Santa Igreja Romana, com tão grande zelo deſta obra, que lhe não deixava tempo, nem lugar pera ver os grandes trabalhos, riſcos, e perigos a que com ella ſe offerecia; e aſſim poz logo em effeito ſua ſanta determinação, provendo ſua Igreja de Governador, pera em ſua auſencia a ficar governando. E no principio do anno de noventa e nove ſe embarcou pera Cochim, acompanhado de muitos Clerigos, Conegos, e outros Sacerdotes, e de criados, e doutra mais gente neceſſaria ao ſerviço de ſua peſſoa, e dignidade. Chegando áquella Cidade, foi mui bem recebido; e depois que tomou ſuas informações, ſe partio pera as ſerras, onde os Chriſtãos viviam, acompanhado de muitos moradores daquella Cidade.

Entrando o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes naquella Chriſtandade, começou lo-

go a visitar as Igrejas, e Prelados dellas, em quem achou muito grandes difficuldades, pelas larguezas, e simonias com que viviam, offerecendo-se-lhe tantos trabalhos, e riscos de sua pessoa, que por muitas vezes esteve perdido; mas como a obra a que hia era tão santa, favoreceo-o nosso Senhor nella de maneira, que se livrou de todos com muita prudencia, e soffrimento, e de muitas conjurações que contra elle fizeram, levando ávante seu intento com as esperanças em Deos nosso Senhor, por cujo respeito estava offerecido a tudo que lhe acontecesse, que houve por bem, e foi servido, pelos merecimentos do seu Santo Apostolo Thomé, de sahir, e levar ao cabo o que tanto desejava. E assim com muita clemencia, e bondade quietou todos os tumultos que contra elle se levantáram; e por fim de muitas admoestações, orações, e prégações, que fez por todas suas Igrejas, os trouxe á luz da verdade, e á confissão da santa Fé Catholica, dando todos os Sacerdotes, como cabeças, e todos os mais subditos, obediencia á Santa Igreja Romana; o que o Arcebispo festejou muito no íntimo de seu coração com grandes alegrias, e louvores a Deos nosso Senhor, cuja a obra era.

Finalmente, vendo o Arcebispo que tinha alcançado o fim tão desejado de seus tra-

ba-

balhos, tratou de ajuntar Synodo Diecesano em alguma parte mais accommodada daquella Christandade; assim pera mais a confirmar na Fé Catholica, como pera nella plantar de novo os santos, e bons costumes da Igreja Romana, e extirpar tantas abominações, vicios, e heresias, como antre elles havia, e pera reformação de sua vida, e bons costumes. E assentou que se fizesse este ajuntamento na Igreja de Diamper, o que fez logo a saber á Cidade de Cochim, e ao Capitão della D. Antonio de Noronha, que assentou com os Vereadores, e muitos moradores, de se acharem presentes a tão boa, e santa obra, pera onde logo partíram com grande alvoroço, por verem recolher na manada de Christo ovelhas tão bravias, e montezinhas.

Tanto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se dispoz pera isto, fez logo chamamento de todos os Sacerdotes, e pessoas principaes que havia naquelle Arcebispado, fazendo-lhes a saber por suas cartas; que havia de começar o Synodo a vinte dias de Junho, em que cahia a terceira Dominga depois da festa do Pentecoste; ao que todos logo acudíram com grande alvoroço: E no tempo determinado se ajuntáram naquelle lugar de Diamper as pessoas seguintes.

Pre-

Prelados, e Sacerdotes, cento sincoenta e tres, a fóra Diaconos, e Subdiaconos, e outros Procuradores dos póvos, com outras pessoas principaes, seiscentos e sessenta, a fóra todo o povo do lugar de Diamper, e doutros vizinhos, e sinco Religiosos da Companhia, Theologos, e doutos na lingua Malavar, e dous delles na Caldea, e Assyria; Fr. Braz de Santa Maria da Ordem de Santo Agostinho, Theologo, e Confessor do mesmo Arcebispo, com outros Conegos da Sé de Goa, Clerigos seus criados, e outros Religiosos, que foram em companhia do mesmo Arcebispo, e o Capitão de Cochim, Cidade, e alguns moradores. O Synodo se havia de celebrar na Igreja da vocação de Todos os Santos. Depois do Arcebispo fazer suas preparações, e admoestações, e tomar suas informações, entrou na materia do Synodo, na primeira acção, que continha sinco Decretos, todos de preparações, e admoestações pera atalhar alguns inconvenientes; e assim foi proseguindo nas acções, de que daremos breve relação.

A segunda foi de dous Decretos, em que todos os presentes fizeram profissão, e Protestação da Santa Fé Catholica, tomandolhes o Arcebispo a todos juramento da Fé, dando a obediencia ao Papa em suas mãos.

A terceira de vinte e dous Decretos. O

pri-

primeiro continha quatorze Capitulos de cousas pertencentes á doutrina da Fé Catholica, e todos os mais pera desterrar as abusões, ritos Nestorianos, e máos costumes daquella Christandade, e pera emendar, e alimpar as Escrituras, Missaes, e Breviarios, que andavam falsificados com muitos erros, e heresias misturadas, e as principaes verdades Catholicas tiradas; e se deo ordem pera se rezar o Officio Divino á seu modo, conformando-se com o Breviario Romano, e pera se desterrarem dos seus livros, e catalogos muitos hereges, de quem elles rezavam por Santos, com outras cousas em grande bem daquella Christandade.

A quarta acção continha vinte e tres Decretos sobre os Sacramentos do Bautismo, e Confirmação, de que até então não havia uso, e no Bautismo andavam muito desviados da Santa Igreja Catholica, e misturados infinitos erros, heresias, e desordens intoleraveis, e abominações mui prejudiciaes, que tudo se emendou, reformou, e alimpou de infinitas heresias Nestorianas.

A quinta acção continha nove Decretos de doutrina do santo Sacramento da Eucaristia, e do modo que se havia de dar aos Christãos; porque tudo andava corrupto, e inficionado de muitas heresias: com mais quinze Decretos sobre o santo Sacrificio da

Missa, em que catholicamente se tiráram mil abusões, e erros, que naquella Igreja se usavam.

A sexta acção era de quinze Decretos, que continham a doutrina do Sacramento da Penitencia, que tiráram, e degradáram infinitos erros que nelle havia, e se declarou, e ensinou o modo que se havia de ter conforme á Igreja Catholica; porque se não usava deste Sacramento em quasi todo este Arcebispado, antes era aborrecido nelle. Com mais tres Decretos da doutrina do Sacramento da Extrema-Unção, de que antre aquelles Christãos até então não havia conhecimento, nem se sabia o effeito, e efficacia, e instituição delle, pela falta de Ministros Catholicos; em que se dava ordem de como se haviam de usar, e se dava a conhecer sua virtude, e effeitos.

A setima acção era de vinte e tres Decretos, que continham o Sacramento da Ordem Sacerdotal, em que mui doutamente se tiráram as abusões, que naquelle Arcebispado se usavam, torpezas, e ritos dos seus Sacerdotes, e desterráram as manifestas simonias, que antre todos corriam. E se mandou trasladar os Breviarios, e livros de rezar ao modo da Igreja Catholica em lingua Surana, e accrescentar-lhe o Symbolo de Santo Athanasio, e tirar delles infinitas he-

resias, que andavam em uso; e ordenou o Arcebispo Freguezias com seus Parocos. E porque lhe tirou as simonias, de que aquelles Sacerdotes se sustentavam, pedio o Synodo a ElRey nosso Senhor, que mandasse prover aquelles Vigarios, como faz a todos os da India, e lhes ordenasse mil e quinhentos cruzados cada anno, pera se repartirem por todos. E o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se offereceo, e se obrigou por sua vontade aos prover de suas rendas, em quanto ElRey o não fazia, como fez, em quanto foi o recado ao Reyno; com que ElRey D. Filippe nosso Senhor, como muito Catholico, e Christianissimo Principe, logo como o soube lhes ordenou dous mil cruzados, cobrados na Alfandega de Dio, que lhes são mui bem pagos. Assim mais pedio o Synodo a ElRey, que mandasse prover aquellas Igrejas de vinho pera se dizerem as Missas, o que elle com o mesmo zelo mandou, que lhes déssem duas pipas delle cada anno; e em quanto este recado tardou os proveo o Arcebispo cada anno de sua casa com pipa e meia. Continha mais esta setima acção dezeseis Decretos de doutrina sobre o Sacramento do Matrimonio, de que até então usavam mui desviados da Igreja Catholica, destruindo mil abominações, de que por todo aquelle Arcebispado se usava;

e reformou, e emendou outros infinitos erros, que até então eſtavam introduzidos.

A oitava acção continha quarenta e hum Decretos de reformação das couſas daquella Igreja, e do uſo dos ſantos Oleos, pedras de Ara, Calices, e outras couſas do que até então não uſavam, e hum catalogo de todos os dias de feſta, que a Igreja celebra, e outras muitas couſas neceſſarias, e importantes.

A nona, e derradeira acção continha vinte e ſinco Decretos, todos de reformação daquella Chriſtandade, em que lhes dava muito bom modo de viver, e lhes tirou infinitos erros, e abusões; enſinando-lhes muito ſantos, e bons coſtumes pera ſe poderem governar. Eſte Synodo ſe celebrou, e acabou com muita quietação, e applauſo de toda aquella Chriſtandade, e o Arcebiſpo deo ordem pera ſe trasladar em lingua Aſſyria, e Caldea, e ſe repartir pelos Prelados de todo aquelle Arcebiſpado. E ordenou o Padre Franciſco Roz da Companhia, por ſaber bem eſtas linguas, pera ficar adminiſtrando todo aquelle Arcebiſpado; e mandou depois ao Summo Pontifice o Synodo, pera que viſſe o modo que ſe tivera na reformação daquella Chriſtandade, que com entranhas de pai, e bom, e verdadeiro Paſtor o feſtejou com muitas graças, e louvores que deo ao

Al-

Altiſſimo Deos, e proveó ao Padre Franciſco Roz em Biſpo daquella Chriſtandade, fazendo-o ſuffraganeo ao Arcebiſpado Metropoli de Goa, que hoje eſtá de poſſe, fazendo muitos ſerviços a noſſo Senhor, e grande fruito por toda aquella Chriſtandade.

E porque ſe veja quanto aprouve á Divina Mageſtade eſte Synodo, ſerá bem que não paſſemos por hum caſo que nelle aconteceo muito milagroſo, e foi eſte. O dia que ſe acabou o Synodo, ordenou o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes huma Procisſão, em que déſſem todos graças a Deos noſſo Senhor pela mercê que lhes fizera em deixar acabar aquella obra tanto em ſeu ſerviço, como foi trazer aquelles póvos á luz da verdade. E eſtando a Procisſão ordenada dentro na Igreja, eſpèrando que déſſe o tempo algum jazigo pera poder ſahir pera fóra, porque havia tres dias que chovia ſem ceſſar, por ſer na força do inverno; e neſte dia mais que nos outros, parecia que ſe tinham abertas as cataratas do Ceo, com o que todos eſtavam parados, e ſe recolhêram por onde puderam, por não caberem na Igreja. O Arcebiſpo veſtido em Pontifical, eſteve nos degráos do Altar muito eſpaço, eſperando que ceſſaſſe alguma couſa aquelle diluvio de agua; e vendo que todavia hia por diante com tanta braveza, que come-

çá-

çáram aquelles tenros Christãos (que são mui dados a agouros, e prognosticos) a resfriar daquelle alvoroço. E o que era ainda peior, que alguns que ainda não estavam bem nas cousas da Fé, disseram a outros, que seriam tão fracos como elles, que aquella obra não era de Deos, pois elle não dava tempo pera se poder fazer a Procissão. E ou o Arcebispo fosse avisado disso, ou o suspeitasse, quasi agastado contra todos, mandou que sahisse a Cruz fóra da Igreja, e que se proseguisse a Procissão, havendo que era menos inconveniente molharem-se todos, que ficar aquelle agouro nos corações de alguns fracos. E dando o recado ao que levava a Cruz, foi pera sahir, e não se atreveo com a grande força da agua que chovia. O que visto pelo Arcebispo, do lugar donde estava brádou que sahisse, que sahisse a Cruz, como logo fez. Em sahindo fóra da porta da Igreja, e em se levantando em alto, cousa maravilhosa! supitamente cessou a chuva, e ficou o ar tão claro, sereno, e bem assombrado, que não se vio no meio do verão outro mais alegre dia; com que a Procissão se proseguio, e acabou com grandes louvores de Deos nosso Senhor. Os que dantes estavam com aquellas dúvidas, vendo tão claro milagre, lançáram de si todas fóra, e leváram estas novas a seus póvos, fi-

can-

cando toda aquella Chriſtandade confirmada na verdade do que o Arcebiſpo lhe tinha enſinado no Synodo, e na obediencia que todos tinham dado á Santa Igreja Romana.

Outro caſo aconteceo tambem de não menos admiração. Eſte foi, que em quanto durou o Synodo, como o Arcebiſpo no principio delle tinha mandado, que todos os que quizeſſem diſputar das couſas da Fé, pôr duvida, ou fallar nas que ſe decretavam, o pudeſſem fazer livremente, e vir com ſuas dúvidas publicamente á Congregação de todos, onde lhes elle ſatisfaria; induzidos alguns pelo demonio, e aferrados ainda a ſeus erros, e com o odio que tinham á Santa Igreja Romana, ſe ajuntáram fóra; e dadas as mãos pera ſe unirem neſte mal que queriam fazer, em virem encontrar o que ſe decretava, e baralharem a Congregação; e entrando com eſtes intentos na Igreja, tanto que chegavam ao Arcebiſpo, que eſtava veſtido em Pontifical, ficavam como mudos, e tolhiam-ſe-lhes os pés, e as mãos, ſem poderem bullir comſigo, nem ainda fallar, e aſſim ſe tornavam pera fóra, e lá pelejavam huns com os outros, e ſe reprendiam de cobardes, acanhados, e pera pouco, pois ſe ſahiam fóra ſem pôrem por obra a determinação que levavam. E tornando-ſe a ratificar em ſeus damnados inten-

tentos, entravam outra vez de novo na Igreja, onde lhes acontecia o mesmo que da primeira: andando nestes propositos tres dias continuos, que gastáram em entrar, e sahir, sem fazerem cousa alguma do a que hiam; até que convencidos interiormente de seus proprios males, confessáram sua culpa, e pedindo perdão della, se reduzíram, e deram obediencia á Santa Igreja Romana, e ao Arcebispo em seu nome. Acabado o Synodo, foi o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes visitar todas as Igrejas daquella Christandade, fazendo dar á execução todas as cousas que no Synodo se determináram; e deixando tudo posto em ordem, se tornou pera Cochim, e dahi pera Goa.

CAPITULO III.

De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenhas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.

HAvendo quatro annos que D. Affonso de Noronha estava na India, desejou ElRey de o mandar vir, e prover naquelle lugar de hum Fidalgo, a que todos tivessem muito grande respeito, e que fosse muito rico, porque tratasse mais do que cumpria ao

bem

bem daquelle Eſtado, que ao ſeu particular; e que tambem não tiveſſe filhos, porque a governança da India não andaſſe de promeio. Eſta era a razão, por que o Senado de Roma não conſentia elegerem-ſe Legados pera andarem nos exercitos com os Conſules, que foſſem ſeus parentes, porque o haviam por grande prejuizo. E huma das couſas, que ſe deve louvar mais naquelle grande governo do Imperio da China, he, que nas eleições que fazem dos Officiaes da Juſtiça, e Fazenda pera todas as Provincias, nunca elegem ſenão peſſoas de huma pera outra mui diſtantes, e onde não tenham parentes, nem amigos, porque aſſim poſſam governar mais livremente, ſem haver quem lhes faça fazer deſordens. Aſſim querendo ElRey eleger pera eſte Imperio Oriental, tão apartado delle, huma peſſoa livre, e deſintereſſada, não achou por então outra que o foſſe mais que D. Pedro Maſcarenhas, que elle tinha dado por Mordomo mór do Principe D. João ſeu filho, (que era falecido no principio deſte anno de ſincoenta e quatro em que andamos, em idade de dezeſeis annos,) e commettendo-o pera iſſo, ſe lhe eſcuſou com dizer » que era de mais de ſe-
» tenta annos, e que não tinha já forças, nem
» diſpoſição pera os trabalhos de tão com-
» prida viagem, como era a da India; e
» que

» que tambem não se atrevia a mandar, e » governar gente tão livre, e voluntaria co» mo nella havia. » E por muitas vezes que lhe ElRey nisso fallou, sempre lhe pedio de mercê que o escusasse; mas ElRey pelo que lhe relevava, (que era servir-se delle esses poucos annos que vivesse, por sua muita prudencia, authoridade, e mais partes necessarias pera quem ha de governar a India, ou pelo que outros diziam, que desejavam de o lançar fóra do Reyno alguns privados pela sombra que lhe elle fazia, e pelo muito respeito que lhe ElRey tinha,) não desistio do negocio, antes lhe lançou o Infante D. Luiz, que era muito grande seu amigo, e a quem o D. Pedro tinha muito grande respeito, que pelo gosto que sentio a ElRey, apertou com D. Pedro muitas vezes, sem o poder render áquelle negocio, até que o Infante concluio com lhe dizer » que » hum delles havia de ir á India; que se el» le se não quizesse embarcar, que elle o fa» ria, porque assim o tinha promettido a El» Rey seu Senhor, e irmão. » Vendo Dom Pedro Mascarenhas a grande obrigação em que o Infante o punha, lhe disse » que an» tes elle queria tomar sobre si aquelles tra» balhos, e ir acabar por esse mar, que não » inquietar-se S. A. »

Dada esta palavra, mandou ElRey a D.

D. Pedro Mascarenhas, que fizesse seus apontamentos, como fez, e lhe concedeo tudo, porque o menos que pedio foi pera si, que foi, que os oito mil cruzados de ordenado, que os Viso-Reys tinham na pimenta da Casa da India, se pagassem delles em Goa; porque elle não havia mister cousa alguma no Reyno, que tinha muita renda, e não queria poupar nada na India, senão gastar tudo em serviço de S. A. E assim lhe concedeo Provisão, pera que todos os Fidalgos, e moradores da Casa de ElRey, que se embarcassem na sua Armada, vencessem soldo, e moradia em quanto andassem na India. E affirma-se, que algumas vezes pedíra de mercê a ElRey, que lhe dissesse a pessoa que lhe havia de succeder na governança, se Deos fizesse delle alguma cousa na India; e que até nisso o quizera satisfazer, e lho dissera; mas o mais certo he, que sempre se escusou disso: todavia ao tempo que o despedio, lhe disse » que tivesse mui» ta conta com Francisco Barreto, porque » tinha grande satisfação de seus serviços; » no que claramente lhe deo a entender, que lhe succedia. Só o cargo de Capitão mór do mar da India, que lhe pedio pera Fernão Martins Freire seu sobrinho, filho de sua irmã, (sobre quem elle queria descarregar a mór parte dos trabalhos do governo,)

ſe lhe não concedeo, porque houve no Conſelho ſobre aquelle negocio differentes pareceres; mas deo-lhe por regimento, que puzeſſe na India em conſelho de Capitães velhos, ſe era neceſſario aquelle cargo; e que aſſentando-ſe que ſim, o proveſſe em quem lhe pareceſſe.

Deſpachadas as couſas da India, e as náos, foi ElRey em peſſoa fazellas á véla, e o Infante D. Luiz levou o Viſo-Rey Dom Pedro Maſcarenhas até o metter dentro na náo, e fez-ſe á véla por fim de Março deſte anno de ſincoenta e quatro. A Armada era de ſeis náos muito formoſas, S. Boaventura, em que o Viſo-Rey hia. A Conceição, de que era Capitão Manoel de Caſtanhoſo. De Santa Cruz, Belchior de Souſa, da companhia de Fernão de Alvares Cabral, do anno paſſado, que tinha arribado ao Reyno. A náo Eſpadarte, de que era Capitão Fernão Gomes de Souſa, que hia deſpachado com a Capitanía de Cochim. Da náo Framenga era D. Manoel Tello, que levava a Capitanía de Dio. E da outra náo era Capitão Franciſco de Gouvea. Embarcáram-ſe neſta Armada dous mil homens de armas, em que entravam mais de quatrocentos moradores da Caſa de ElRey, antre Fidalgos, e de todos os outros fóros.

Os Fidalgos conhecidos são os ſeguintes:

tes : Fernão Martins Freire , D. Francisco Mascarenhas , filho do Capitão dos Ginetes, sobrinho do mesmo Viso-Rey , o que depois foi Conde de Santa Cruz , e Viso-Rey da India. D. Pedro Mascarenhas , irmão de D. João Mascarenhas , que sustentou o segundo cerco de Dio. Ruy Barreto Mascarenhas de Ludo ; D. Rodrigo Coutinho de Montemór o Novo , filho de D. Gonçalo Coutinho , o que os Mouros matáram no Bori , como no fim da quarta Decada Liv. X. Cap. III. fica dito. João Lopes Leitão ; Lourenço de Sousa , filho de Alvaro de Sousa de Aveiro ; Christovão Pereira Homem ; D. João Béllez , primo de ElRey de Béllez , que se fez Christão , e ficou em Lisboa , quando aquelle Rey veio pedir soccorro pera cobrar seu Reyno. Este D. João casou depois na India com huma parenta dos Reys , ou dos Guaziz de Ormuz. D. Antonio de Noronha , de alcunha o Catarraz , que depois foi Viso-Rey da India , que trouxe mil cruzados de ordenado cada anno pera seu entretimento.

Partidas as náos , foram seguindo sua derrota , em que todas tiveram muitos contrastes , e por fim tomáram differentes pórtos. A náo Framenga , de que era Capitão Dom Manoel Tello , arribou ao Reyno destroçada. A Espadarte foi muito tarde tomar Mom-

baça, e dahi paſſou a invernar a Ormuz. As náos Santa Cruz, e Conceição tomáram por fóra da Ilha de S. Lourenço, e fóram tomar Cochim entrada de Novembro. A náo S. Franciſco chegou tarde a Moçambique, e ficou alli invernando: ſó o Viſo-Rey, que levava melhores Officiaes, paſſou o Cabo de Boa Eſperança cedo, e chegou a Moçambique entrada de Agoſto; e fazendo ſua aguada, e tomando provimentos, ſe partio pera Goa, e ſurgio na barra a vinte e tres de Setembro, onde foi viſitado da Cidade, e Fidalgos, e logo deſembarcou, e ſe foi pera Goa, ſem querer aguardar que lhe fizeſſem recebimentos, por vir anojado pelo falecimento do Principe D. João; e o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha lhe entregou a India, e ſe foi logo pera Pangim negociar ſua embarcação. Simão Botelho, Veador da Fazenda, acudio logo a deſcarregar a náo do Viſo-Rey, e a recolher o cofre do cabedal; e mandou que ſe tiraſſe logo o cofre, que vinha no porão, tendo a náo ainda toda a carga dentro em ſi; e deſcuidando-ſe os Officiaes de lhe metterem outro laſtro, deo-lhe hum dia hum tempo rijo, e achando-a deſalaſtrada, e com o pezo todo em ſima, a virou logo, e a aſſoçobrou; e acudindo-lhe o Veador da Fazenda com todos os Officiaes, já lhe não pudéram valer;

o

o que ſentio tanto, que ſe foi metter Frade em S. Domingos, onde viveo alguns annos Sacerdote, e morreo religioſamente. O Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas apoſentou-ſe nas caſas do Sabayo, o antigo apoſento dos Governadores; e porque eram de dous ſobrados, e de mui compridas eſcadas, e elle era velho, e muito magro, davam-lhe muito trabalho; pelo que mandou negociar as caſas da fortaleza, em que os Capitães ſe coſtumavam agazalhar, e paſſou-ſe pera ellas, e foi o primeiro Viſo-Rey que alli ſe apoſentou, e depois o fizeram todos; porque na verdade he apoſento mais proprio pera os que governarem, por eſtar ſobre o caes; e nada póde entrar pelo rio aſſima, que elles não vejam. Eſte anno caſou o noſſo Catholico Rey D. Filippe com a Rainha Maria de Inglaterra, com cujo caſamento ſe eſperava a total reparação das couſas da Fé naquelle Reyno.

CAPITULO IV.

De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tratos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerrarem-se as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.

RÉcolhidas as galés a Surrate, e tomada a barra pelas caravelas, como no fim da Sexta Decada no Cap. ultimo do X. Liv. fica dito, logo corrêram as novas a Baçaim, e Chaul, onde estavam por Capitães Francisco de Sá dos Oculos, e João de Mendoçã Cação, que com muita pressa armáram dez navios de remo cada hum: embarcando-se nelles com muita gente, e munições, deram á véla pera Surrate, em cuja barra acháram as caravelas, e surgíram todos nos poços, onde se deixáram estar até lhes vir recado do Viso-Rey, a quem escrevêram de sua jornada. O navio que Dom Fernando de Menezes despedio a Mascate com as novas da vitoria, chegou a Goa huma

ma noite, juntamente com as das galés ſerem recolhidas a Surrate; e dando-ſe as novas a D. Affonſo de Noronha, que eſtava na cama, ſaltou fóra della em camiſa com tamanho alvoroço, que como doudo aſſim mal compoſto ſahio fóra á ſala, onde já havia muitos Fidalgos, parentes, e amigos, que com elle eſtavam em Pangim; e vendo-o os criados daquella maneira, chegáram a elle, e lhe pedíram que ſe recolheſſe, e ainda apegáram delle pera o levarem; mas o bom velho que eſtava como deſaſſiſado com as novas do filho, por ſerem tão boas, reſiſtio a todos, dizendo » que o dei» xaſſem, ainda que eſtiveſſe pouco honeſto, » e todavia tomou hum roupão que lhe trouxeram, e aſſim em pé eſteve perguntando ao Capitão do navio muito particularmente pela batalha, porque o filho nas cartas ſe reportava a elle. E depois que ſoube tudo, o mandou ao Viſo-Rey, que já eſtava recolhido; e dando-lhe a nova, a recebeo com muito alvoroço, e fez mercê ao Capitão do navio, mandando logo que ſe repicaſſem todos os ſinos da Cidade, por onde ſe eſpalháram tão boas novas. Ao outro dia pela manhã foi o Viſo-Rey a Pangim a viſitar Dom Affonſo de Noronha, e dar-lhe os parabens da vitoria do filho.

Paſſado eſte alvoroço, aſſentou o Viſo-

Rey

Rey de mandar logo huma Armada a Surrate, pera o que fez preparar trinta navios de remo, e dous galeões. E porque desejava de fazer seu sobrinho Fernão Martins Freire Capitão mór do mar da India, ajuntou todos os Capitães do conselho, e sem lhes declarar esta sua tenção, lhes mostrou o Capitulo do Regimento de ElRey sobre aquelle negocio, como no primeiro Capitulo dissemos; e como os mais dos que alli estavam eram de tanta authoridade, que qualquer delles lhes parecia lhe cabia aquelle lugar, votáram sobre o caso, e concordáram ser muito necessario haver aquelle cargo, apontando pera isso muitas razões. E sendo todos conformes, mandou o Viso-Rey fazer hum auto pelo Secretario, em que todos se assignáram.

Feito isto, logo alli nomeou pera aquelle cargo seu sobrinho Fernão Martins Freire, o que tomáram todos muito mal; porque aquelle Fidalgo era Reinol, criado sempre em Corte, e nunca cursára a milicia; mas caláram-se, porque não podiam fazer outra cousa. Nomeado o Capitão mór do mar, começou logo a correr com a Armada, a que deo tanta pressa, que quando foram dez de Outubro, sahio pela barra fóra com todos os navios, de que eram Capitães D. Francisco Mascarenhas, D. Dio-

go

go Lobo, Gaſpar de Melho, Ruy de Mello da Camara, Pero Barreto, e Jeronymo Barreto Rolim, ambos irmãos, e primos de Franciſco Barreto, que foi Governador da India; Fernão Peres de Andrade, Baſtião Machado, André Pereira, Manoel Travaços, Jeronymo de Meſquita, João de Souſa, Ruy de Mello Pereira, Vicente Bello, Heytor Nunes de Goes, Antonio Ribeiro, Antonio de Siqueira, Barnabé de Sá, Affonſo Pereira de Lacerda, Heytor de Mello Pereira, Franciſco de Mello Pereira, Chriſtóvão de Mendoça, Diogo de Mendoça, Franciſco Sodré, Gemez Barreto em hum galeão, Pero Rodrigues Barriga Feitor da Armada em outro, carregados ambos de provimentos, e munições pera a Armada. Deo o Viſo-Rey por regimento ao Capitão mór, que ſe não ſahiſſe de ſobre a barra de Surrate, até lhe entregarem todas as galés; e que tanto que lá chegaſſe, deſpediſſe os Capitães de Baçaim, e Chaul pera ſuas fortalezas, e que ficaſſem com elle todos os navios que lá tinham; e lhes eſcreveo cartas de agradecimentos pela preſteza com que acudíram ao ſerviço de ElRey. O Capitão mór foi em breves dias ſurgir ſobre a barra de Surrate, onde achou aquellas Armadas; e os Capitães de Baçaim, e Chaul o viſitáram: vendo as cartas do Viſo-Rey que

lhes

lhes elle deo, lhes entregáram logo todos os navios que tinham, e cada hum em seu navio se foram pera suas fortalezas.

Caracem, Capitão de Surrate, (que era genro de Coge Çofar,) tanto que soube ser o Capitão mór do mar da India naquella barra, logo o mandou visitar, e fazer muitos cumprimentos, que elle agradeceo; e em companhia do que lhe levou o recado, enviou hum homem, que elle pera isso elegeo, por quem lhe mandou pedir da parte do Viso-Rey da India » lhe mandasse entregar as » galés, e os Turcos que dentro estavam, » por serem inimigos dos Portuguezes; por» que pelos contratos das pazes os não po» dia recolher em nenhum dos seus pórtos; » e que não quizesse que chegassem as cou» sas a rompimento, porque o Viso-Rey vi» nha muito apostado a correr com elle em » muita amizade, por saber quão affeiçoado » fora sempre ás cousas dos Portuguezes. » Caracem recebeo bem este recado, e ao Enviado fez muitas honras, e respondeo », que » quanto ao Turcos, que lhe mandava pe» dir, eram idos pera Cambayete; e que ain» da que alli estiveram, não era licito entre» gar homens, que com trabalho se recolhê» ram a seu porto; e que quanto ás galés » não lhe convinha entregallas, porque ti» nha suas náos em Meca, e que chegando

» lá

» já as novas se lhas entregasse, lhe lança» riam os Turcos mão dellas. » Com esta resposta, e desengano tornou o Capitão mór a fazer grandes requerimentos a Caracem, sobre o que foram, e vieram muitos recados, e por fim do negocio se resumio Caracem nisto » que elle desejava de sustentar » a amizade dos Portuguezes, e resalvar as » nãos que tinha em Meca, e sobre tudo » sustentar seu credito; e que o melhor meio » que pera isso havia era, que se cerrassem » as galés em tres, ou quatro partes de fei» ção, que mais não pudessem servir, e que » assim ficaria elle cumprindo com sua obri» gação, e o Viso-Rey satisfeito, pois elle » deixava as galés em estado, que tanto mon» tava como queimadas. » A esta resolução lhe mandou dizer o Capitão mór » que não » podia acceitar aquelles partidos, sem dar » conta disso ao Viso-Rey; que elle despe» dia logo hum navio ligeiro, e com o que » elle lhe mandasse se resumiria. » E com isto despedio o navio com cartas pera o Viso-Rey, em que lhe relatava tudo o que era passado, deixando-se ficar no porto em que estava até lhe tornar resposta.

Chegado o Catur a Goa, poz o Viso-Rey aquelle negocio em Conselho; e assentou-se, que se acceitasse o que Caracem promettia, porque era o mais que elle podia fa-

fazer, pelas razões que dava; e com isto despedio o mesmo navio, por quem mandou o assento que se tomou, e escreveo a Caracem huma carta de muitos cumprimentos. Chegada a resposta, e dada a carta do Viso Rey a Caracem, assentou com o Capitão mór, que se cerrassem as galés em seis partes cada huma, e que fossem a isso pessoas que o vissem; ao que mandou o Capitão mór Ruy Freire, hum Fidalgo seu parente, e com elle o Patrão mór da India. Chegados estes homens a Surrate, Caracem os recebeo bem, e aposentou na Cidade, e logo mandou vir muitos officiaes, que começáram aquella obra; o que fizeram á vontade dos nossos, em que se detiveram sete dias; e aqui os deixaremos, porque he necessario continuar com D. Fernando de Menezes, que deixámos em Mascate.

Este Fidalgo depois de se prover do necessario, deo á véla pera Goa com toda a Armada que lhe ficou, levando as galés que tomou repartidas pelos Capitães, que no fim da sexta Decada no Cap. XX. do Liv. X. dissemos. E como traziam vento em pôpa, chegáram alguns dias de Novembro a Goa. E logo na barra achou D. Fernando de Menezes recado de seu pai, como seu tio Dom Nuno Alvares era falecido, e lhe mandou dó feito pera desembarcar. D. Fernando o

sen-

ſentio tanto, que deſembarcou em Pangim ſó, onde ſeu pai o recebeo com muito amor, e alvoroço; os outros Capitães foram entrando pelo rio dentro com as galés dos Turcos diante; e aſſim ellas, como a mais Armada, formoſamente embandeiradas, ſalvåram a Cidade com toda a artilheria até ſurgir no caes. Os Capitães todos juntos foram ao Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, que os recebeo com muita honra, e palavras, e ſobre tudo com obras, porque a todos fez mercês; e depois diſto foram todos a viſitar D. Affonſo de Noronha, que os recebeo mui honradamente, e com palavras de muitos louvores. Ao outro dia foi D. Fernando de Menezes em huma manchua com poucos parentes, que pera iſſo eſcolheo, a viſitar o Viſo-Rey, que o eſperou á porta da ſala, onde o abraçou, e lhe diſſe muitas, e mui aviſadas palavras de honra, e louvor ſeu, e de todos os que o acompanhåram. Paſſada eſta viſita, que foi breve, recolheoſe D. Fernando pera ſeu pai, e tratåram logo de ſua embarcação.

CAPITULO V.

De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Cafár, a buſcar as galés, que eſtavam em Baçorá: e de como tomou algumas náos de Ormuz: e de outras couſas que paſſáram.

DEpois do Turco ter deſpachado Ale Chelobi pera tomar as galés a Moradobec, (como no fim da ſexta Decada no Cap. XX. do X. Liv. fica dito,) havendo que era homem arriſcado, e de não muito negocio, deſpedio nas ſuas coſtas hum Janiſſaro, chamado Cafár, grande coſſairo, esforçado, e de bom conſelho, (que foi o que tomou Luiz Figueira, como na outra Decada atrás no Cap. III. do IX. Liv. ſe diſſe,) e lhe deo por regimento, que onde quer que achaſſe Ale Chelobi lhe tomaſſe as galés, e as levaſſe ao porto de Meca. O Cafár ſe foi a Suez, e negociou duas galés, e dous Bargantins, hum delles a galeota que foi de Luiz Figueira. E ſahindo-ſe do Eſtreito o Agoſto paſſado, foi correndo a coſta da Arabia, e chegando á enceada da Macieira, achou as novas da perdição das galés; e lançando eſpias em terra pera ſaber da noſſa Armada, deixou-ſe alli ficar até lhe tornar recado de como já era partida pera

a India. E como era cossairo, e muito prático nas cousas daquelle mar, determinou de se ir na esteira da Armada, porque sempre lhe ficaria por ella cousa que preasse. E seguindo sua derrota, antes que chegasse á ponta de Dio, desemmasteou, e deixou-se ficar ao mar pera esperar pelas náos que haviam de vir de Ormuz, que forçado haviam de ir demandar aquella paragem. E andando aqui, lhe foram cahir nas mãos por vezes quatro náos; huma de hum João Salgado, outra de hum Cirieiro de Dio, e as outras duas de Taná, ou Chaul, em que tomou só em dinheiro cento e sincoenta mil cruzados. E porque as náos lhe faziam estorvo, metteo-lhes alguns Turcos, e as despedio pera Meca, e em sua companhia hum dos Bargantins, e os Portuguezes que achou nas náos, deixou ir nellas prezos a ferro. Indo assim estes navios, vieram apparecer a huma galeota de hum Balthazar Lobato, que tambem vinha de Ormuz, que vendo as náos, e reconhecendo-as, as foi demandar, sem saber o que era passado. Os Portuguezes que hiam nellas, em vendo a galeota, e conhecendo-a, parece que inspirou Deos em todos hum mesmo conselho, porque a hum mesmo tempo se soltáram, e tomáram as armas, e remettendo com os Turcos, os mettêram todos á espada. O Bargantim ouvin-

vindo a revolta, e vendo a galeota, acolheo-se o mais que pode. Balthazar Lobato chegou a huma das náos, e entrou dentro, e dos Portuguezes soube tudo o que era passado, e a paragem em que as galés ficavam; e acháram antre estes cativos João de Quadros, e tomando parecer sobre o que fariam, assentáram, que se fossem por dezesete gráos de mar em fóra demandar Chaul, ou Dabul, porque assim se desviariam da paragem em que os Turcos ficavam; e mudando o rumo, foram seu caminho. O Cáfar ficou naquella parte alguns dous, ou tres dias mais esperando por hum galeão de hum Gomes Farinha, que lhe disseram ficava atrás; e vendo que tardava, emmasteou, e deo á véla pera o Estreito de Meca, e foi governando pelos mesmos dezesete gráos, pera ir demandar os Ilheos de Curia Muria. E quiz a desaventura, que aos dous dias déssem com as mesmas náos, que hiam em companhia de Balthazar Lobato; e demandando-as, as alcançou, e as tornou a tomar. Balthazar Lobato vendo as galés, deo á véla toda, e foi-lhe fugindo tudo o que pode, e o Cáfar apôs elle com o bastardo dado; e como o vento era fresco, foi-o entrando, e a tiro de camello lhe atirou huma bombardada a amainar. Os que hiam na galeota, que seriam perto de trinta pessoas, tomáram an-

tre

tro ſi conſelho ſobre o que fariam, e foram todos de parecer, que pois a galé os entrava, e lhe não podiam fugir, que amainaſſem, já que não podiam pelejar com a galé; que menos mal era ſerem cativos, que metterem-nos no fundo, porque logo ſe reſgatariam. Só hum Franciſco Anes, da obrigação de Fernão de Souſa de Tavora, requereo, e brádou » que tal não fizeſſem, e que » ſe deixaſſem ir ſeu caminho, que Deos os » ajudaria; e que quando lhe não pudeſſem » fugir, que não ſabia couſa mais honrada, » que morrerem todos com as armas nas » mãos; » mas como elle era ſó, amaináram a véla, e entregáram-ſe. O que viſto pelo Franciſco Anes, deſpio huma coura de laminas, que tinha armada, e tirou hum morrião, que levava na cabeça, e a eſpingarda, e a eſpada, e deo com tudo ao mar, dizendo » que já que ſuas armas lhe não ha» viam de valer, que não queria que foſſem » a poder dos inimigos. » O Cafár metteo todos a banco; e ao Franciſco Anes pelas armas que lançou ao mar (que não faltou quem lho diſſeſſe) tratou mal; e tomando as náos comſigo, ſe foi na volta da coſta da Arabia, e entrou em Meca proſpero. Depois ſe reſgatáram todos eſtes homens. O Grão Turco logo ſoube da deſtruição de ſua Armada, o que ſentio muito, por lhe ficar

aquelle Estreito sem guarda, além da grande perda que recebeo em quinze galés, que daquella pancada perdeo, com tanta artilheria, e a melhor chusma que tinha no Estreito, o que tudo lhe custou hum poço de ouro; e com aquella mágoa mandou com muita pressa reformar as mais galés que havia ainda em Suez, das da companhia do Baxá Eunuco, que foi cercar a fortaleza de Dio, sendo Capitão Antonio da Silveira.

CAPITULO VI.

De como o Viso-Rey despachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceo a D. Affonso de Noronha com ElRey do Chembe, e se embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a náo Santa Cruz desappareceo.

VEndo o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que de seis náos com que partíra do Reyno, não havia mais novas, que da Conceição, e Santa Cruz, que estavam em Cochim, e que a sua se perdêra na barra, determinou negociar alguma náo mais pera mandar pimenta ao Reyno, pelas necessidades em que ficava. Pelo que se contratou com hum Antão Martins, casado em Goa, que tinha naquelle porto huma mui formosa náo, chamada S. Paulo, que fez

no rio de Ancola, que por ser grande, nova, e estar muito bem negociada, a escolheo D. Affonso de Noronha pera ir nella: o Viso-Rey lhe deo todas as cousas que lhe foram necessarias, e o Antão Martins, senhorio da náo, mandou por Capitão della hum genro seu, chamado Antonio Fernandes; e como foi tempo, se embarcou pera Cochim, despedindo-se D. Affonso de Noronha do Viso-Rey, que correo muito pontual com suas cousas, e levou licença sua pera em Cochim acabar de concluir as pazes, que tinham começadas com ElRey do Chembe.

Chegado áquella Cidade, tratou sobre este negocio que desejava de acabar, pera levar as novas disso a ElRey; e corrêram antre elle, e o Rey da Pimenta recados, e vieram assentar, que se vissem pera concluirem as pazes; o que D. Affonso de Noronha logo poz por obra; e negociando todos os navios que pode, se partio pera o Chembe, acompanhado do Capitão, Alcaide mór, e dos casados principaes, e foi surgir defronte do Pagode, donde lhe mandou recado, e a pedir-lhe abbreviasse aquelle negocio, porque estava pera se embarcar pera o Reyno, e não se podia deter. Mas como estes Gentios tem grandes superstições, e nada fazem sem eleição de horas, e sem

consultarem com seus Pagodes tudo, foram-lhe seus Bramanes achando tantos inconvenientes, que de dia em dia gastáram seis, ou sete, sem acharem hum bom. Vendo D. Affonso de Noronha tamanha dilação, mandou-lhe dizer » que se hia embar-
» car pera o Reyno, e que se não podia de-
» ter mais que aquelle dia, e que visse o
» que determinava. » ElRey lhe mandou pedir » que se detivesse até o outro dia, que
» sem dúvida lhe viria fallar, e que lhe man-
» dasse Christovão de Azevedo Alcaide mór
» com o lingua, e alguns piães pera o acom-
» panharem, » o que logo lhe mandou. E ao tempo que esperava por ElRey, ouvíram em terra grandes gritas, e após ellas víram vir fugindo Christovão de Azevedo, e recolher-se ao seu balão, que estava com a prôa em terra; e chegando a D. Affonso de Noronha muito affrontado, lhe disse:
» Ah Senhor, que nunca vi tão má gente
» como esta; chegando ás casas de ElRey,
» deram em mim, e feríram o lingua, e ma-
» táram-me alguns moços, e eu milagrosa-
» mente escapei: ide-vos, que aqui não ten-
» des que fazer. » Vendo D. Affonso de Noronha tamanha maldade, poz os olhos nos Ceos, e levou as mãos ás barbas, dizendo: » Ah Senhor, não se pudéra agora fa-
» zer troca, de quatro annos que governei

» a India por hum só, perá me vingar desſte negocio? » e aſſim fervendo em ira, e furor mandou levar ancora, e foi-ſe com aquella mágoa pera Cochim. E porque ſe fazia tempo de ſe embarcar, mandou dar preſſa ao aviamento das náos, e a carga principalmente da náo Santa Cruz, que eſtava aberta, que foi viſta pelos Officiaes, que juráram que eſtava pera fazer viagem; porque a cubiça dos homens he tamanha, que faz ter em pouco todos os perigos da vida, pondo os Officiaes os olhos, não no riſco que corria huma náo aberta pelo meio, ſenão no proveito que eſperavam daquella viagem, por não haver naquelle anno mais que tres náos. D. Affonſo de Noronha foi correndo com a carga, e deſpachando muitas couſas de Juſtiça, porque os Viſo-Reys, e Governadores, que acabavam ſeu tempo, por eſpecial Provisão tinham os meſmos poderes, em quanto eſtavam em Cochim, na Juſtiça, e carga das náos.

Recolhida a carga, deram á véla até quinze de Janeiro deſte anno de 1555, em que com o favor Divino entramos, embarcando-ſe neſta Armada muitos Fidalgos, pera irem requerer ſeus ſerviços; e dos que pudemos ſaber os nomes, são os ſeguintes: D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha; D. Manoel

Maſ-

Mascarenhas, irmão do Conde de Santa Cruz, que falecco pouco depois de chegar ao Reyno; Gil Fernandes de Carvalho; e D. Jeronymo de Castello-branco, que se embarcáram na náo Santa Cruz com Belchior de Sousa; porque a náo de D. Affonso de Noronha hia muito pejada, e desappareceo no caminho, sem nunca se saber como, nem onde; mas presumio-se que se abrio pela prôa, por onde já abríra vindo do Reyno, e acabáram alli aquelles dous Fidalgos, e esforçados Cavalleiros, que todos geralmente sentíram, sem chegarem a lograr o galardão de seus feitos, nem pendurarem nos Templos da Europa os pendões de seus troféos, porque a morte invejosa delles os atalhou em flor; mas por muito que ella faça, não o poderá fazer á memoria que nesta nossa escritura lhe temos dado, porque sobre isso não tem ella poder algum. A náo Conceição, e S. Paulo, em que D. Affonso de Noronha hia, chegáram ao Reyno. Foi este D. Affonso de Noronha, filho de Dom Fernando de Menezes, segundo Marquez de Villa-Real, e de Dona Guiomar Freire, Senhora da Villa de Alcoutim, por cujo casamento se ajuntou aquelle Condado á casa de Villa-Real, e ElRey D. João lhe fez mercê, que os primeiros filhos dos Marquezes se intitulassem Condes de Alcoutim. Foi

es-

este D. Affonso de Noronha casado com Dona Maria Deça, irmã de D. Pedro Deça, o de Santos o Novo, teve della D. Fernando de Menezes o Gago, que he este que com elle veio á India, e tomou as galés. Dom Miguel de Noronha, D. Jorge de Noronha, e outro. Teve mais Dona Catharina Deça, que sendo Dama da Rainha Dona Catharina, casou com D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal: seu filho D. Fernando com tomar as galés na India o não vimos despachado, nem luzirem nelle muitas mercês; ainda que se dizia, que lhe sahíram com as fortalezas de Çofala, e Moçambique. Viveo D. Affonso de Noronha pobre; e tanto, que depois de ser de setenta annos, servio a Infante Dona Maria de seu Mordomo mór, e Governador de sua casa. Foi de meã estatura, bem assombrado, homem de verdade, continente, de pouco artificio, pelo que foi havido por de não muito negocio: morreo de mais de setenta e sinco annos, com muitos filhos, e netos honrados. E a elle tambem Deos nosso Senhor o honraria na Gloria, porque era muito bom Christão. Algumas cousas fez na India muito boas, bateo patacões de prata, que foi a melhor moeda que na India houve, porque por sua pureza corria em todos os Reynos estrangeiros. Começou a fortaleza, que está no monte

te

te dos Reys Magos, ſobre o banco da barra pera defensão daquelle canal, ſe vieſſem galés contra Goa, do que ſe temia, a que poz nome *Caſtello-Real*; mas ficou imperfeita, e aſſim eſteve muitos annos, porque não coſtumavam os Viſo-Reys acabar o que os outros começáram, por lhes não approvarem ſuas couſas. E ſendo Governador da India Manoel de Souſa Coutinho, ſe reformou, e ao ſopé mandou fabricar huma forte couraça, que corre até á borda da agua, pera ficar mais ſenhora da barra, que continuou Mathias de Albuquerque, e o Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama a acabou, e mandou alimpar, e perfeiçoar a fortaleza, que D. Affonſo de Noronha fez, que eſtava hum mato bravo, e fazer nella caſas pera apoſento dos Capitães; e em ſeu tempo ſe começou da outra banda da praia defronte hum forte, que ſe chama S. Franciſco, ſobre o banco grande, que reſponde a eſtoutro, com o que ambas aquellas barras ficam ſeguras, e ſe podem cerrar com huma cadeia de maſtos, que não deixem paſſar embarcação alguma, por pequena que ſeja; e com eſtas obras corre a Cidade de Goa, e faz as deſpezas do dinheiro de hum por cento, que os moradores concedêram pera a fortificação da Cidade.

CA-

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada que o Viso Rey ordenou pera o Estreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abassia: e do que aconteceo a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes.

DEpois da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa, a poucos dias chegáram ao Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas as novas das náos que tomou o Cafár, o que elle sentio muito, e determinou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, pera ver se se podia encontrar com aquelle cossairo; pera o que mandou preparar alguns navios de alto bordo, e outros de remo, e ajuntar marinheiros pera esta jornada. Dom Pedro Mascarenhas, filho de D. Nuno Mascarenhas, que tinha vindo com o Viso-Rey, (e era hum Fidalgo de grande opinião, e desejoso de servir a ElRey em lugares honrosos,) tanto que teve esta nova se foi ao Viso-Rey, e lhe pedio de mercê aquella Armada, pera começar a servir a ElRey por aquelle lugar, pera delle subir a outros, que elle trabalharia por merecer. O Viso-Rey lhe respondeo por termos, que nem lho

lho concedeo , nem lho negou de todo ; e todavia sempre elle esperou que lha désse. O Viso-Rey corria com ella em segredo, sem se declarar com alguem ; e porque a costa do Malavar estava só , despedio pera ella a Gomez da Silva, (hum Fidalgo Gallego grande cavalleiro, em quem muitas vezes temos fallado em nossas Decadas,) e lhe deo huma galé, e sinco navios, que por então lhe pareceo bastavam. Andando occupado nisto, lhe chegáram cartas do Rey da Pimenta, com outras do Capitão de Cochim, em que lhe pedia aquelle Rey lhe mandasse hum Capitão velho, com seus poderes, pera assentar com elle os contratos das pazes ; porque D. Affonso de Noronha, pela grande pressa que tivera de se embarcar pera o Reyno, não quizera acabar aquelle negocio , pondo-lhe a culpa que elle tinha ; porque como se sentio culpado , quiz dar esta desculpa, (cousa muito ordinaria nestes Gentios de todo o Oriente, e ainda de muitos Christãos da nossa Europa, o que se sente mais culpado, acudir primeiro a fazer o queixume , por saberem quão ordinario he no Mundo a primeira informação fazer mais impressão nos animos dos homens.) O Viso-Rey, posto que não faltou quem lhe disse a verdade do caso, quiz dissimular, e ensacar aquelle Rey ; porque como era chega-

gavo de tão pouco á India, não quiz logo entrar com terror, nem moſtrar-ſe pouco ſoffrido; porque quando tambem foſſe neceſſario, haviam de achar nelle rigor, e caſtigo. E dando conta daquelle negocio aos Capitães do conſelho, pareceo a todos bem ſua determinação, e logo alli elegeo a Vaſco da Cunha, que acabára de ſer Capitão de Chaul, pera ſe ir ver com aquelle Rey, por ſer hum Fidalgo muito prudente, de grande conſelho, e muito reſoluto nos negocios da India; e lhe deo todos os ſeus poderes pera aſſentar as pazes com aquelle Rey, e ſe fez á véla com ſinco, ou ſeis navios, quaſi no meſmo tempo que Gomez da Silva partio pera o Malavar; e em quanto faz ſeu caminho, continuaremos com Fernão Martins Freire, que deixámos em Surrate no negocio das galés.

Alli eſteve no poço, em quanto Ruy Freire, e o Patrão mór ſe detiveram em cerrar as galés, que foram ſete dias, e em todos elles corrêram antre o Capitão mór, e o Caracem muitos recados, com preſentes, e brincos curioſos de hum pera outro. Concluido o negocio, e desfeitas as galés em ſeis partes cada huma, ordenou o Capitão mór ficar naquella enceada Pero Barreto Rolim com dez navios pera eſperar as náos, que haviam de vir do Achém ſem Cartazes;

e

e elle ſe fez á véla pera Baçaim. E porque neſta jornada de Pero Barreto não ſuccedeo couſa notavel, o deixaremos aqui.

Fernão Martins Freire achou em Baçaim muito dinheiro, que o Viſo-Rey lhe tinha mandado, com que fez huma paga aos ſoldados; e depois de fazer alguns negocios, deo á véla pera Goa, aonde chegou em poucos dias, e o Viſo-Rey pelo honrar o eſperou no rio na ſua manchua, e o recolheo nella com muitas honras, e depois lhe fez mercês a elle, e a todos. E porque não eſperava mais que por elle pera ſe declarar na Armada que fazia pera o Eſtreito, o commetteo com ella; mas ſobre mais navios, e couſas que lhe pedio, deſarmáram; o que viſto pelo Viſo-Rey, mandou chamar Dom Pedro Maſcarenhas, que lha tinha pedido, e o commetteo com ella; e como elle tinha já ſabido que Fernão Martins Freire lha engeitára, tomou-ſe tanto diſſo pelas couſas que ambos tinham paſſado, que em ſe ſahindo do Viſo-Rey, fretou hum navio, em que logo ſe embarcou pera Dio, onde invernou com D. Diogo de Noronha, Capitão daquella fortaleza, e o anno ſeguinte ſe embarcou pera o Reyno ſem querer ver o tio. Vendo-ſe o Viſo-Rey deſarmado de Fernão Martins, e de D. Pedro, deo a Armada a Manoel de Vaſconcellos,

los, que foi correndo com ella com muita pressa.

E porque trazia muito encommendado de ElRey mandar visitar o Imperador da Abassia, e mandar-lhe as cartas que lhe escrevia sobre o Patriarca, e Bispos, que o Papa lhe tinha concedido, ajuntou a conselho o Bispo D. João de Albuquerque, e os Prelados das Religiões, e lhes deo conta daquelle negocio, e a todos pareceo bem que se mandasse hum Religioso da Companhia, e com elle Diogo Dias do Preste, que se achou presente naquelle conselho, por ser hum dos que lá andáram em tempo de Dom Christovão da Gama, e que a voltas da visitação apalpasse o animo com que aquelle Imperador estava na mudança dos costumes, e recebimento do Patriarca Catholico; e que achando-o facil, como ElRey desejava, ficasse o Religioso com elle instruindo-o nos costumes Romanos, e preparando-o pera quando chegasse o Patriarca; porque se não havia de abalar de Goa senão depois que soubesse se estava capaz do que se pertendia.

Concluidos nisto, nomeou o Provincial da Companhia, o Padre Mestre Gonçalo, por ser hum Varão douto, e de vida exemplar; e por companheiro ao irmão Fulgencio Freire, que fora Feitor de Baçaim;

e pera o levar, mandou o Viso-Rey negociar huma galeota, de que fez Capitão Fernão Farto, (por ser o mais antigo homem daquelle Estreito, e ter entrado nelle sete, ou oito vezes,) que partio de Goa em Fevereiro, em que tambem Manoel de Vasconcellos se fez á véla com a sua Armada, que era de tres navios d'alto bordo, e sinco fustas, de cujos Capitães não achámos os nomes, que foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos, porque he necessario continuarmos com Vasco da Cunha, que deixámos partido pera Cochim.

Chegando este Fidalgo áquella Cidade, despedio Christovão de Azevedo, Alcaide mór, com recado ao Rey da Pimenta » de » como era chegado com poderes do Viso- » Rey, pera acabar de concluir as pazes com » elle, por lhas elle mandar pedir por suas » cartas; que elle estava prestes pera tudo, » que visse o modo que nisso queria ter; e » por lhe elle mandar dizer, que estava mui » alvoroçado pera cumprir tudo o que es- » crevêra ao Viso-Rey, que se fosse ver com » elle, o fez; » e foi surgir com huma somma de embarcações, que em Cochim se ajuntáram defronte do Pagode de Vaigeta, onde logo teve recado de ElRey de visitação, e lhe pedio » que aquelle dia descan- » çasse, que ao outro pela manhã se viriam; »

no

no que o enganou, porque gaſtou quatro em recados, e entretimentos, e ao quinto lhe mandou dizer » que ſe queria que ſe viſ» ſem, havia de ſer á borda da agua, com » ſó ſinco Portuguezes de eſpadas, e rode» las, e que elle havia de ter dez dos ſeus » Naires. » Niſto não reparou Vaſco da Cunha, e lhe mandou dizer » que era diſſo mui» to contente; » e aſſim ſe ficou preparando pera as viſtas do dia ſeguinte. Eſtando já preſtes, eſperando que ElRey chegaſſe, havendo que não haveria dúvida nas viſtas, chegou hum Naire, que ſervia de lingua de ElRey, e diſſe a Vaſco da Cunha » que El» Rey lhe mandava pedir, que ſe não enfa» daſſe, que lhe ſuccedêra hum negocio de » muita importancia, porque o não podia » ver; que lhe rogava muito, que ficaſſe pe» ra o outro dia, que ſem dúvida ſe viria » ver com elle. » Vaſco da Cunha muito enfadado daquelles enganos, levou o Naire pelos cabellos, e apunhando da eſpada, diſſe ao lingua: » Dizei a eſte Naire que lhe não » córto a cabeça, porque leve a ElRey eſ» te recado; que lhe vá dizer, que a mim » me chamam Vaſco da Cunha, que ſou » muito conhecido por toda a India, e que » melhores eſcravos tenho na minha eſtreba» ria pera ſervirem os meus cavallos, do que » elle he. » O lingua diſſe » que não ſe coſ-

» tu-

» tumava a fallar assim aos Reys; » do que Vasco da Cunha se irou tanto, que arrancou da espada, e disse ao lingua » que se » lhe não dava aquelle recado, lhe havia de » cortar a cabeça. » O lingua muito medroso lho deo; mas como era em lingua Malavar, que Vasco da Cunha não entendia, sería qual elle quizesse. Vasco da Cunha soltou o Naire, que se tornou muito assombrado pera a terra, e lá contou a ElRey o que lhe succedêra. Tanto que se elle desembarcou, mandou Vasco da Cunha levar ancora, e tomar o remo pera se ir pera Cochim; e sendo hum tiro de espingarda affastado da terra, lhe capeáram da praia: o que visto por Christovão de Azevedo, chegou-se ao navio de Vasco da Cunha, e lhe disse » que o bom sería tornar a voltar a » ver o que aquelle Rey queria; » ao que elle muito apaixonado lhe respondeo » que » se tirasse de diante delle, porque mais me- » recia elle que lhe cortassem a cabeça, que » ao Rey da Pimenta; » e passando por diante, se foi pera Cochim, ficando assim estas cousas, sem se tomar nellas conclusão. Era isto na semana Santa, e logo dia de Pascoa pela manhã entrou Gomez da Silva, Capitão mór do Malavar, pela barra dentro com quatro, ou sinco parós de Malavares, que tomou com todo seu recheio. E recolhen-

lhendo alli as náos de Malaca, China, Bengala, e mais partes, se partio pera Goa, aonde chegou com huma formosa frota de navios, carregados de muitas fazendas. Quasi no mesmo tempo surgio tambem na barra de Goa a náo Espadarte da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que foi invernar a Ormuz, como dissemos. E porque Fernão Gomez de Sousa, que nella vinha por Capitão, trazia a Capitanía de Cochim, o despachou logo o Viso-Rey pera ir entrar nella; e o mesmo fez a Affonso Pereira de Lacerda, Capitão que lá estava, pera de lá ir servir a Capitanía de Columbo em Ceilão; e despachou tambem Dom Duarte Deça, pera ir entrar na Capitanía de Maluco, que foi embarcado na náo Conceição, de que era Capitão D. Jorge Deça, que estava despachado com aquellas viagens. Despedidos estes Capitães, e recolhidas as Armadas, se cerrou o inverno.

CAPÍTULO VIII.

Do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos no Eſtreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquiço: e do que aconteceo ao Padre Meſtre Gonçalo até á Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve deſde a Rainha Sabá até eſte Claudio: e do que o meſmo Padre paſſou com o Imperador.

PArtido Manoel de Vaſconcellos de Goa, como diſſemos atrás no Cap. VII., e em ſua companhia Fernão Farto, que levava os Padres pera irem a Abaſſia, foram ſeguindo ſua derrota até haverem viſta da coſta da Arabia, e Manoel de Vaſconcellos ſe foi lançar com toda a ſua Armada a Monte de Felix, como levava por regimento, pera alli eſperar as náos que haviam de vir do Achem; e alli eſteve até ſe lhe gaſtar a monção, ſem lhe vir cahir alguma nas mãos. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar em Maſcate, pera recolher as náos de Ormuz, e lhe ir dando guarda até Goa, por ſe recearem do coſſairo Cafár, ſe fez á véla, e foi ſurgir naquelle porto, onde deſapparelhou, e eſteve até Setembro, e entrada de Outubro, em que recolheo a ſi todos os navios. E porque eſta jornada não foi de mais effeito, concluimos aqui com ella.

Tan-

Tanto que Fernão Fartò houve vista da costa de Arabia, foi demandar a boca do Estreito da banda do Achém, por onde entrou, e foi dalli tomar Maçuá. E no porto de Arquico lançou os Padres, e Diogo Dias do Preste, e elle se foi pelo Estreito pera tomar falla das galés; e achando certeza que não se bullia com ellas, e que só as de Cafár estavam varadas, voltou pera Goa, e deo relação ao Viso-Rey do que passava. Os Padres depois que desembarcáram em Arquico, com algum apparelho que alli acháram, foram ter ás terras do Barnagais, que os recebeo bem, e lhes deo todo o necessario pera passarem á Corte do Imperador Claudio, a que os ajudáram alguns Portuguezes que alli estavam, que os recebêram, e agazalháram muito bem, e se negociáram pera os acompanhar, como fizeram, e partíram de Baroá muito bem províдos de tudo, e foram na derrota da Provincia de Gorajé, onde o Imperador estava, que he toda de Gentios, e jactão-se de procederem dos Romanos, que alli ficáram, de quando aquellas Provincias foram suas; e em poucos dias chegáram á Corte, onde foram muito bem recebidos de noventa e tres Portuguezes, homens muito limpos, e honrados, que ficáram da companhia de D. Christovão da Gama. Estava neste tempo aquelle Impe-

rio muito attribulado, e quasi perdido com guerras, que lhe faziam dous crueis inimigos: huns, eram os Mouros de Adel favorecidos dos Turcos de Zebit, que já des do tempo de D. Christovão da Gama continuavam, como no Cap. XIII. do VIII. Liv. da nossa quinta Decada démos larga conta; e os outros, huns Cafres crueis, e barbaros, chamados os Gallas, que confinão pelo certão com as terras daquelle Imperio, que faziam muitas, e mui continuas entradas por ellas com grandes damnos, e cruezas, com o que aquelle Imperador andava inquieto, e attribulado. Os Portuguezes, que dissemos, cujo Capitão era Gaspar de Sousa, agazalháram na Corte os Padres muito honradamente, e fizeram saber ao Imperador de sua chegada, que os mandou visitar, e prover.

E primeiro que passemos daqui, será bem que demos relação de todos os Reys, que reináram nesta parte da Ethiopia, des da Rainha Sabá até hoje; porque no Cap. X. do VII. Liv. da nossa quinta Decada a não démos de mais, que daquelles Imperadores, que succedêram depois que descubrimos a India, pela não termos tão perfeitamente como hoje, que no-la mandou de lá o Padre Belchior da Silva, Sacerdote Theologo Prégador, Canarim de nação, nasci-

cido em Goa, que no anno de noventa e oito, sendo Viso-Rey da India o Conde da Vidigueira, o mandou por administrador da Christandade daquelle Imperio até prover de Religiosos em quantidade, havendo commodidade pera se embarcarem. E como este homem era curioso, tirou de huns livros antigos, que achou em huma daquellas Igrejas, o catalogo de todos os Reys, que reinâram na Ethiopia sobre o Egypto, depois da Rainha Sabá, a quem se deve dar mais credito que a outros escritores; porque sempre os Chronistas proprios tem mais authoridade no fundamento de seus Reynos, e origem de seus Reys, que os alheios.

E porque entre alguns escritores ha grande controversia sobre esta Rainha Sabá, que alguns cuidâram mal, que he a mesma que Candasses, diremos agora o que sobre isto escrevem, e se he esta a que chamam Nitochris, Nicaula, ou Candasses, e a differença que ha de huma a outra. Josefo, e Herodoto conformam ambos no tempo do reinado desta Sabá, ou Nitochris (como lhe elles chamam.) Dizem estes, que depois que em Egypto reinou Mene, que fundou Memfis, (posto que Apolodoro diz, que a fundou Ephapho,) reinâram trezentos e trinta Reys, de que os dezoito foram Ethiopes. E depois destes reinou Nitochris, que

Jo-

Josefo diz, que foi Rainha do Egypto sobre a Ethiopia, e que fora visitar a ElRey Salamão.

As historias Abexins dizem, que a Rainha Candasses, por outro nome Guindich, era da Cidade de Acuxuma, e que em seu tempo entrára a Christandade naquella terra; pelo modo que se conta nos Actos dos Apostolos, onde diz que apparecêra hum Anjo a S. Filippe, e lhe dissera, que se alevantasse, e se fosse pera o meio dia, e seguisse aquella estrada deserta, que vai de Jerusalem a Gaza; o que S. Filippe fizera, e naquelle caminho encontrára hum Eunuco da Rainha Candasses, que vinha de visitar o Templo de Jerusalem, e hia sobre huma carreta lendo huma profecia de Isaias; e que S. Filippe lhe perguntára se a entendia: e respondendo-lhe que não, lha declarára, e por ella se converteo logo alli, e S. Filippe o bautizára. E que chegando este Eunuco á Rainha, lhe contára tudo o que passára com o Santo, e ella se converteo logo, e o seu Reyno com ella. Pelo que se verá a grande differença que ha da Rainha Candasses á Rainha Sabá; porque esta concorreo em tempo de ElRey Salamão, que foi antes da vinda de Christo; e a outra no de S. Filippe, que ha muitos annos de differença. E segundo parece a alguns doutos,

não

não era muito que nesta Rainha Sabá se acabasse a Dinastia 21. e ElRey Sesac. Dizem mais Josefo, Nauclero, e Cedreno., que antre as cousas que a Rainha Nicaula levou, e offereceo a Salamão, foi a arvore, ou parra de Balsamo, e que dalli por diante ficou plantada em Judéa; posto que Solmo diz, que esta preciosa parra, depois que os Romanos se senhoreáram do Egypto, a plantáram em muitas partes. Era esta Rainha tamanha Senhora, que se estendia seu Imperio des do mar do Egypto até o de Çofala.

Já que estamos com estas cousas entre mãos, será bom que mostremos que Provincias são as de Ophir, e Tharsis, onde Salamão Rey de Jerusalem mandava buscar as cousas preciosas pera o Templo, pelas varias opiniões que ha sobre isso antre os escritores. E trataremos primeiro da de Ophir, que todos tem por Çofala; porque parece que assim chamavam então a toda aquella Cafraria, donde hia o ouro pera o Templo de Salamão; e que o Rey de Çofala, que todos tem por Ophir, devia de ser naquelle tempo Senhor de tudo o que hoje possue o Manamotapa; e como se nomeava por Rey de Çofala, comprendia debaixo deste titulo todas as terras que possuia. Mas a verdade he, que Ophir he huma Provin-

cia

cia de Manamotapa, que ſe chama Maſcapa, onde eſtá huma grande, e formoſiſſima ſerra, que ſe chama Afura, ou Aufur, que tem muita ſemelhança no nome com Ophir. Eſta ſerra ſe vê de muito longe por ſer muito alta, e não deixam ſubir a ella nenhum Portuguez, porque he mui rica de ouro; e alguns que lá foram ás eſcondidas, acháram ruinas de grandes edificios que alli eſtiveram, que os Mouros muito antigos affirmáram, pelo ouvirem aſſim a ſeus antepaſſados, que já alli eſtivera a Rainha Sabá. Mas o mais certo he, que teve alli fortaleza, e feitoria, como tambem o foi aquelle grande edificio, chamado Zimbaoe, que eſtá no Reyno de Butua. E eſtas fortalezas, ou feitorias mandou aquella Rainha fazer pera ſenhorear aquellas minas de ouro, por ſerem as mais proſperas de toda aquella Cafraria, de que ella (conforme as eſcrituras Abexins) foi ſenhora, e depois della ſeu filho Salamão, e daqui ſe tirou o ouro, que ella levou a offerecer ao Templo de Jeruſalem.

Pelo que ſe enganam os que dizem, que Ophir era huma Ilha poſta no mar do Sul, que foi deſcuberta por Chriſtovão Colon, que devem de dizer pola *Heſpanhola*. E alguns fazem Çamatra a *Ophir*, e outros a põe por outras partes, não ſei com que fundamento. E prova mais eſta minha opinião

a

a tradição dos livros Caldeos dos Christãos das serras de S. Thomé, que dizem Ophir, e Aufur, e que esta he Çofala, conforme ao que me escreveo o Bispo da mesma serra D. Francisco Roz.

A Provincia Tarsis, onde Salamão tambem mandava suas Armadas a buscar cousas pera o Templo, por sem dúvida tenho ser todo aquelle seio de Pegú, e Tanaçarim, que em alguma cousa parece este nome. E em Onescrito author Grego achámos, que fallando na Tapobrana, diz, que era de sinco mil estadios, e que estava apartada dos póvos Prasis sobre o Gange espaço de vinte jornadas. E deixando se falla aqui de Çamatra, se de Ceilão, porque isso tenho averiguado no Cap. V. do I. Liv. da minha quinta Decada, onde se isto verá muito bem, vamos á Provincia Tarsis, que tenho pola de Pegú, e Tanaçarim, que Onescrito chama Parsijs, que diz estar sobre o Gange, em que differe tão pouco, que não he mais que na primeira letra ser T, ou P. Esta Provincia he riquissima de ouro, e pedraria, e infinidade de marfim, pela grande cópia, e número de Elefantes que nella ha. E as Armadas de que a Divina Escritura falla, que Salamão mandava a Ophir, e Tarsis, sendo tão distante como he o de Çofala a Pegú, não ha pera que pôr dúvida a is-

isso, porque as cousas hiam-se buscar aonde as havia. E ainda não duvido que as náos que hiam a Pegú buscar as cousas que disse, que passassem diante a Malaca, e a Çamatra, e a Manancabo, e ainda a Timor a buscar o ouro, e a rica, e formosa madeira de Aguila, e de Sandalo branco, e vermelho, e todas as mais cousas preciosas que ha por aquellas partes. E como faziam tão differentes viagens donde se haviam de esperar monções, de força, e necessidade se haviam de deter o tempo de tres annos, que a Escritura Divina diz.

E quanto ao que diz Rabano, author que se tem por grave, que Ophir era huma Ilha deserta no mar da India, onde havia muitas feras, e muito ouro, não lhe acho fundamento; porque se era deserta, e cheia de bichos peçonhentos, quem a penetrou, e vio o seu ouro pera dar razão delle? E hoje temos descuberto tudo o que ha neste mar do Oriente, a que chamamos India, assim intra, como extra Ganges, e não sabemos Ilha alguma que tenha ouro, nem ainda terra firme, senão os Reynos de Pegú, e Sião, e Manancabo, e Çamatra. Se não se estas Armadas passáram adiante ás Ilhas de Salamão, que estam junto á terra firme da nova Guinea, onde diz haver muito ouro, que ha poucos annos que são sa-

bi-

bidas de nós. E pela ventura que destas Armadas se ficassem chamando as Ilhas de Salamão, porque não acho donde pudessem ter este nome. Tornemos agora á Rainha Sabá.

Alguns escritores duvidam que ella fosse Rainha herdeira direitamente daquelle Reyno, e allegam pera isso Lei feita por Salamão, em que defende, que na herança daquelle Reyno nunca succeda femea, como o affirma o Bispo Zagazabo, de que démos relação no Cap. V. do I. Liv. da nossa quarta Decada, de quando foi por Embaixador a Portugal em companhia de D. Rodrigo de Lima, que era douto, assim nas letras Divinas, como humanas; e trata isto muito bem em hum livro, que compoz das cousas da Ethiopia, muito diligentemente. Ao que alguns escritores dão suas razões, e vem as mais a concordar, que se chamaria Rainha por ser mulher de Rey, como he costume antre os Reys Christãos, principalmente no nosso Reyno de Portugal, onde as mulheres dos Reys, depois de viuvas, em quanto vivem, não perdem o tal nome, nem a veneração que se lhes deve. Mas a mim me parece que foi verdadeira herdeira daquelle Reyno, e que succedeo nelle a seu pai por não ter filho, assim como succedeo no de Castella a Catholica Rainha Dona Isabel.

E

E poſto que o Biſpo Zagazabo allegue aquella Lei, póde ſer não ſeja feita por Salamão Rey de Jeruſalem, ſenão por ſeu filho Salamão, que houve neſta Rainha Sabá, como logo diremos; porque o Rey de Jeruſalem não era Senhor dos Reynos da Ethiopia pera lhes dar Leis. E que ſeja verdade que eſta Rainha Sabá viera prenhe de ElRey Salamão, quando o foi viſitar a Jeruſalem, ſe verá muito claro no Tratado do Padre Franciſco Alvares, que quando foi áquelle Imperio com D. Rodrigo de Lima, diz que achára huma Chronica em lingua Abexim, em cujo principio dizia, que fora feita em Hebraico, e depois em Caldeo, que começava deſta maneira:

Sabendo a Rainha Maqueda os grandes, e admiraveis edificios que ElRey Salamão fazia em Jeruſalem, determinou de os ir ver, e carregou alguns camellos de ouro pera as deſpezas daquella obra. E indo ſeu caminho, ſendo perto da Cidade de Jeruſalem, eſtando pera paſſar hum ribeiro, que ſe ſervia com huma ponte de páo, ou por dous formoſos madeiros, arrebatada de hum eſpirito profetico, deſcavalgou, e poſta de giolhos adorou aquelles madeiros, dizendo:
» Que nunca Deos permittiſſe que ſeus pés
» tocaſſem aquellas traves ſobre que havia
» de padecer ainda o Salvador do Mundo; »

e

e foi rodeando o rio, e buſcando váo. E chegando a Jeruſalem, ſe apreſentou a Salamão, e lhe offereceo os dões que levava, e lhe pedio » que mandaſſe tirar dalli aquel-» les madeiros, » dizendo a razão porque. E vendo os edificios, diſſe: » Que não lhe ſou-» beram dizer da grandeza daquella obra, » e que verdadeiramente era muito maior do » que lhe diſſeram; e que ſe ſoubera a ma-» gnificencia della, não trouxera tão peque-» nos dões; mas que tornaria a ſeus Rey-» nos, e que de lá lhe offereceria outros ma-» iores; » e nos dias que eſteve em Jeruſalem, houve Salamão nella hum filho, que ſe ficou creando na Corte até idade de dezeſeis annos, que era tão feroz, e ſoberbo, que por ſe queixarem os póvos delle ao pai, o mandou pera Ethiopia, onde a mãi reinava, e lhe nomeou o Reyno de Gazé; e que viera a ſer tamanho Senhor, que ſenhoreára de mar a mar, e que no da India trazia de contino ſetenta náos groſſas pera defensão de ſeu Eſtado. Tudo até aqui he da Chronica Abexim, que o Padre Franciſco Alvares refere no livro que compoz daquella viagem. Donde inferimos o que diſſemos, que não ficou ao marido deſta Rainha Sabá herdeiro algum por ſua morte, e que o filho que houve de Salamão veio a herdar tudo; e que antes de vir a ſer Rey ſe cha-

ma-

mava Mihilecha, e a mãi mandou que se chamasse Salamão como o pai, e nelle se começa o catalogo dos Reys que depois della houve, como o nós aqui fazemos.

Salamão, Amna Sahacan, Baren Gabo, Sabacio, Thoasca, Adona, Ausayo, Omacio, Choâ, Luvo, Autata, Bahaca, Savada, Adina, Gotolea, Safalea, Elgabul, Bautaul, Bavares I. Bavares II. Mahase, Nalque, Balzol.

No oitavo anno deste Balzol, dizem suas escrituras que nasceo Christo, e depois de seu Nascimento reinâram os Reys seguintes.

Chempas Gad, ou Bhur Sagad, Grima Cafár, Sarado, Cucu Bacheon, Sargay, Zeray, Sana Asgad, Cheona Gaya, Macugna, Safarad, Agdar.

Abraha, e Cabaha, ambos irmãos, que reinâram juntos, e conformes, em cujo tempo foi á Ethiopia hum Patriarca, chamado Minatos, e por outro nome Pantaleão, que prégou a Lei de Christo; e posto que no principio fugíram delle, depois que entendêram sua doutrina, a tornáram a ouvir, e muitos se convertêram á Fé de Christo, e lhe puzeram nome Abasalão, que quer dizer, pai da paz. A elles succêderam os seguintes.

Haspha, Arfid, Anci, todos tres irmãos, que governáram successivamente, Arada, Asa dadova, Amamid.

No

No reinado deſte Amamid foram ter á Abaſſia muitos Frades ſantos a prégar a Lei de Chriſto, e dous Reys Chriſtãos com grandes exercitos por via do mar Roxo, e os naturaes ſe recolhêram pera os matos, e os Reys ficáram ſenhoreando a terra; mas ſuas eſcrituras os não nomeam, nem dizem ſe reináram juntos, mas dizem que depois delles houve os Reys ſeguintes.

Thazena, Caleb, Gabra Maſcal, Conſtantinus, Baſgar, Zanſagad, Frey Senay, Adoraza, Aidar, Madai, Calaudamo, Grima Asfar, Zergaza, Digna Michael, Bud Gaza, Arma, Asbanani, Digna Zana, Ambaſa o dem o Delnaad.

Todos eſtes Reys dizem que vem por linha direita da Rainha Sabá, ou de Salamão ſeu filho, e que eſtoutros que ſe ſeguem são de outro Tribu; por onde parece que aquelles dous Reys, que entráram a conquiſtar aquelle Reyno, ſe acabáram nelle.

Hicu Namale, Agba Acheon, Bhar Sagad, Hesba Sarad, Cama Aſgad, Udamo Arad, Anda Cheon, Ccifa Arad, Ud Doma, David, Theadros, Iſac, Andreas, Asbi navi, Anda Jeſus, Bad Linavi, Jarai acob, Beda Mariad, por outro nome Zeriaco.

Heſcander, por outro nome Alexandre, que faleceo no tempo que Vaſco da Gama deſcubrio a India, que foi o com

que

que fallou Pero de Covilhã, que foi por terra.

Anda Cheon, por outro nome Naut, que reinou doze annos.

David ſeu filho, que ficou menino debaixo da tutoria de ſua mãi Helena, que he o que mandou o Imperador Mattheus ao Reyno, e a quem ElRey D. Manoel mandou D. Rodrigo de Lima.

Oena Saged, filho de David, em cujo tempo foi D. Chriſtovão da Gama áquelle Imperio.

Claudio, ou Athana Saged, filho de Bena Saged, que he eſte que reina neſte tempo, e eſte foi morto pelos Mouros, e ſuccedeo-lhe elle.

E tornando a continuar com o Padre Meſtre Gonçalo, depois de deſcançar alguns dias, muito bem ſervido, e agazalhado de todos os Portuguezes, foi levado ao Imperador Claudio, que o recebeo muito bem, e elle lhe deo as cartas de ElRey, e do Viſo-Rey, eſcritas em lingua Portuguez, e Abexim, que elle recebeo com muito alvoroço, e por ellas entendeo a tenção de ElRey; e deſpedindo o Padre, mandou que o proveſſem de todo o neceſſario; e dahi a alguns dias o ouvio, preſentes os ſeus Grandes, e elle lhe deo a embaixada que levava, que continha o ſeguinte.

» Que

» Que ElRey de Portugal ſeu irmão lhe mandava pedir, que a exemplo de ſeu pai, » e avô, ſeguiſſe o verdadeiro caminho de » ſua ſalvação, e communicaſſe com os Ca» tholicos, dando a obediencia á Santa Sé » Apoſtolica, e Igreja Romana, como ca» beça de toda a Chriſtandade; que elle ti» nha ſignificado ao Summo Pontifice ſeu de» ſejo, conforme ás cartas que elle ſobre » aquelle negocio lhe eſcrevêra. Que movi» do de ſeu ſanto zelo, lhe tinha concedido » hum Patriarca, e dous Biſpos, que fica» vam em Lisboa, pera virem na primeira » Armada; que havia elle de eſtimar muito » o amor com que o Vigario de Chriſto ſe » movia a acudir a ſeus rogos, e a lhe man» dar os mais eſcolhidos Varões que pode, » pera o inſtruirem a elle, e aos ſeus nos » coſtumes Romanos, pera poderem digna» mente ſer chamados irmãos dos Fieis, e » filhos da Igreja. » ElRey ouvio mui bem tudo o que lhe o Padre diſſe; mas como eſtava traſtornado de ſeus primeiros intentos, e tinha determinado de não mudar os coſtumes antigos de ſeus antepaſſados, ficou turbado, e confuſamente reſpondeo com palavras duvidoſas, ou por ſer inconſtante de natureza, ou por eſtar perſuadido, e aconſelhado dos ſeus, moſtrando-ſe logo muito arrependido do que ſobre iſſo tinha eſcrito.

a ElRey ; e respondeo ao Padre » que elle
» não sabia de carta alguma que escrevesse
» a ElRey de Portugal seu irmão sobre a-
» quella materia , porque nunca tivera ten-
» ção de mudar as ceremonias , que havia
» tantas centenas de annos se usavam naquel-
» les Reynos ; que se alguma cousa fallava
» a carta , o seu Secretario a escreveria , sem
» lho elle mandar. Mas que por sima de tu-
» do elle era grande servidor de ElRey de
» Portugal, e não deixava de lhe agradecer
» a boa vontade , zelo , e trabalho , que na-
» quellas cousas tinha mostrado. » O Padre Mestre Gonçalo vendo a tenção de ElRey, não tratou de apertar logo com elle , mas deixou-se ficar alli , administrando os Sacramentos aos Catholicos , e visitando o Imperador algumas vezes , tornando-o a palpar pera ver se achava nelle alguma mudança , declarando-se com elle , e mostrando-lhe pela Escritura quão necessario era pera se salvarem , deixarem o Bautismo da Circumcisão , e tomarem o da agua , e darem com isso a obediencia á Igreja Romana ; mas como elle estava obstinado , e resoluto com os seus Grandes de não consentir mudança na lei , desenganou o Padre de todo. E por fim de razões disse » que bem podia ir o Pa-
» triarca , porque folgaria de o ver , e que
» em Maçuá acharia todo o apparelho neces-
» sa-

» sario pera seu caminho ; e que depois de » ser lá, Deos nosso Senhor tinha poder pe» ra o encaminhar a seguir o que fosse me» lhor pera sua salvação. » Com este desengano se deixou o Padre ficar até á monção, em que o haviam de ir buscar, exercitando com os Catholicos o officio da caridade; e assim o deixaremos até seu tempo.

CAPITULO IX.

De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, persuadio a Tartacan, que lançasse a Biscan fóra das terras de Dio, como fez: e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega: e de outras cousas que passáram.

NO fim da sexta Decada no Cap. XIX. do X. Liv. démos conta de como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, tomou a fortaleza, que os Mouros tinham na Cidade, e de como deitou fóra da Ilha os Abexins; e com tudo isto nunca quiz bullir na Alfandega, que se arrecadava a metade pera o Abiscan, (por huma Provisão de ElRey de Cambaya, por não romper com elle;) mas como o Abiscan era homem inquieto, e muito soberbo, não deixou de buscar todos os modos pera tornar a metter

ter pé na Ilha de Dio, até determinar de o fazer por força, e commetteo a entrada por alguns passos, que lhe D. Diogo de Noronha mandou defender com as manchuas pelo rio, e com soldados; com o que teve este verão grandes trabalhos, e inquietações. E vendo D. Diogo de Noronha que nunca teria bom vizinho no Abexim, tratou de o lançar fóra de todo daquellas terras, porque antes queria vizinhar com qualquer outro Mouro, que com elle; e pera isto teve este modo.

Na sexta Decada no Cap. XVI. do X. Liv. démos conta, como os Senhores da Provincia de Cambaya se levantáram cada hum com o que governava, quando víram ElRey morto. Destes foi hum delles Tartacan, Turco de nação, (que governava aquella parte de Junager até o Pagode de Jaquete,) e era valoroso, de boa natureza, e muito bem inclinado. A este despedio Dom Diogo de Noronha hum homem seu em hum navio ligeiro, por quem o mandou visitar, e a pedir-lhe mandasse hum homem de confiança, porque tinha que tratar com elle cousas, que importavam muito a elles ambos. Este homem recebeo elle muito bem, e estimou a visitação; e logo mandou embarcar no mesmo navio hum Mouro, chamado Melique Xeque, Guzarate de nação, homem

mem de que elle fiava muito, a quem Dom Diogo de Noronha recebeo honradamente; e recolhendo-se com elle a huma camera, lhe disse estas palavras:

» Mandei pedir a Tartacan hum homem » de confiança pera saber delle, qual era a » razão, que pois o tempo lhe offerecia ta» manhas occasiões pera se fazer grande Se» nhor, e ainda Rey de todo Cambaya, » porque se descuidava naquelle negocio, » sendo elle hum Capitão dos maiores, e » mais benemeritos que havia em todo aquel» le Reyno, e em quem melhor estava tu» do; que pois isto assim era, porque con» sentia alli tão seu vizinho Abiscan, que era » hum Abexim fraco, falso, e sem mereci» mento algum, e de quatro dias naquelle » Reyno, e vir elle a ter tanto bico, pelo » descuido delle Tartacan, que lançára mão » de hum Estado tamanho, como aquelle que » possuia? Que convinha a seu credito, e » authoridade lançallo fóra daquellas terras, » e apossar-se dellas, com o que ficaria o mór » Senhor de todos os de Cambaya, e que » elle o ajudaria por mar, e por terra, pe» lo grande gosto, e proveito que tinha de » o ter a elle por vizinho. » Com isso lhe disse outras muitas cousas, e o metteo em tantas vaidades, que o fez cuidar poder ser ainda Rey de Cambaya. O Melique Xeque lhe

agra-

agradeceo aquellas lembranças, e lhe disse, » que elle as faria a Tartacan, a quem si- » gnificaria as obrigações em que lhe ficava » por aquella vontade. » E despedindo-o Dom Diogo de Noronha, o tornou a enviar no mesmo navio. Chegado elle a Junager, deo conta a Tartacan de tudo o que tratára com elle D. Diogo de Noronha, e lhe fez também sobre aquellas cousas muitas admoestações, com o que levado Tartacan de vaidade, e de ambição, quiz logo pôr mãos áquella obra, e começou a ajuntar suas gentes, e poz em campo passante de vinte mil homens, e despedio recado a D. Diogo de Noronha de sua determinação, e pedir-lhe » que o favorecesse com huma Armada pe- » la costa de Madre Faval, porque elle co- » meçava a marchar. » E assim neste mez de Abril, em que andamos, partio de Junager; e entrando pelas terras do Abiscan, tomou logo as Cidades de Por, Mangalor, Pate, e outras; e D. Diogo de Noronha, tanto que teve seu recado, despedio alguns navios pela costa até Gogá, que não fizeram mais, que andarem á vista da terra por cumprimento. Abiscan tanto que soube que o outro lhe entrava por suas terras, e os damnos que por ellas hia fazendo, ajuntando suas gentes, o foi buscar, e encontrando-se vieram a batalha, em que o Abexim foi des-

ba-

baratado de todo, e o Tartacan o foi seguindo até o lançar fóra das terras, e o metter pelas de Cambaya, onde se acolheo; e desta vez ficou o Tartacan senhor de todo aquelle Estado, deixando-se ficar na Villa de Nova Nager alguns dias, até concertar, e assegurar as cousas da terra. Alli o mandou D. Diogo de Noronha visitar, e entre ambos corrêram todo aquelle tempo grandes cumprimentos; e ficáram correndo em tanta amizade todo o tempo que andou por aquellas terras, que vinham os do seu exercito á Ilha, e a ver a fortaleza com licença de D. Diogo, que foi nisto tão liberal, que entráram de huma vez perto de quinhentos Mouros na fortaleza; e quando lhe deram rebate, já as suas casas estavam cheias delles; e acudindo D. Diogo de Noronha com a gente que havia, os lançou fóra sem escandalo. Este descuido, ou confiança deste Capitão lhe estranhou ElRey tanto, que dizem que por elle (e por aquella palavra que disse, quando tomou a fortaleza da Cidade aos Abexins, como na sexta Decada no Cap. XIX. do X. Liv. dissemos) o não poz nas succesšões da governança da India. Apossado o Tartacan do Estado do Abiscan, se recolheo pera Junager, e deixou por Governador naquellas partes a Melique Xeque, que veio a Dio a fallar com Dom

Diogo de Noronha, e ficou fazendo seu assento na Villa de Nova Nager. Tanto que D. Diogo vio recolhido o Tartacan, logo deitou mão de toda a Alfandega, que era o que elle pertendia, e lançou fóra os officiaes Mouros, que alli estavam da mão do Abiscan, e começou a arrecadar os rendimentos pera ElRey, e daqui lhe ficou a posse que até hoje dura.

CAPITULO X.

De como se levantáram contra o Idalcan alguns Capitães seus: e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas.

NO Cap. VIII. do IX. Liv. da quinta Decada démos larga conta de como por morte de Maluco Rey de Visapôr, e do Decan, succedeo Abrahemo seu irmão, que foi o que se concertou com o Governador Martim Affonso de Sousa, pera que lhe entregasse Mealecan seu tio, que o Acedecan Senhor de Bilgão, e de todo o Concan tratava de metter de posse do Reyno, concertando-se o Idalcan com o Governador, que mandasse a Mealecan pera o Reyno, ou pera Maluco, e por isso lhe largou as terras firmes de Salsete, e Bardes, o que o Governador não fez. Succedeo este verão

rão em que andamos alevantar-se contra El-Rey Abrahemo hum grande Capitão seu, chamado Anel Maluco, Governador de todo o Concan, e em authoridade, e poder outro Acedecan. Este sentindo-se offendido, e aggravado de ElRey, como tinha muita gente, posse, e poder, e sobre tudo a maldade, e tyrannia, que em todos estes Mouros de contino reina, solicitou outros Capitães principaes do Reyno, que tambem sentio desgostosos, e fizeram todos antre si huma conjuração contra ElRey, e tratáram de o desapossar do Reyno. E para esta maldade ter alguma côr de desculpa, affirmáram pertencer o Reyno mais a Mealecan, que estava em Goa, que ao sobrinho Abrahemo.

Assentados nisto, quizeram-se valer de Rama Rajo Rey do Canará, e do Viso-Rey da India, pera quem logo despedíram seus Embaixadores em muito segredo. O que enviáram ao Viso-Rey, entrou na Ilha de Goa muito encubertamente, e vio-se com elle em segredo; e da parte de Anel Maluco lhe deo conta de tudo o que estava antre elles ordenado, pedindo-lhe » que lhe qui-» zesse dar Mealecan pera o fazerem Rey, » e favorecellos pera isso; e que pera o fa-» zer com mór gosto, e vontade, elles of-» fereciam pera ElRey de Portugal todas as » terras do Concan com suas Alfandegas, e

» Ta-

» Tanadarias, que montavam todos os an-
» nos de vantagem de hum milhão de ouro. »
O Viſo-Rey deo orelhas áquelle negocio, e informou-ſe bem da poſſe daquelles Capitães, e achou que eram os principaes do Reyno, e que ſem dúvida levariam ávante o que pertendiam; e certificado bem deſte negocio, o poz em conſelho dos Fidalgos velhos, e de alguns moradores, e Cidadãos principaes; e debatida a materia, aſſentáram todos » que ſe deviam de acceitar os
» partidos que commettiam, porque ſe ſe a-
» juntaſſem ao Eſtado as terras do Cancan,
» ficaria proſperiſſimo; e que ſegundo as cou-
» ſas eſtavam diſpoſtas, ſe arriſcava pouco
» entrar na liga; quanto mais, que elles não
» queriam mais que entregarem-lhe o Mea-
» lecan; porque pera o metterem lá de poſ-
» ſe do Reyno, elles baſtavam, e o Rey de
» Biſnagá, que era o mais poderoſo de to-
» dos os vizinhos, a quem ſempre ſe havia
» de favorecer pera tornar a cobrar aquelle
» Reyno que fora ſeu, pelo grande provei-
» to, e ſegurança que diſſo reſultava ao Eſ-
» tado da India; porque nunca elle fora proſ-
» pero, ſenão no tempo em que o Reyno
» de Biſnagá eſtava inteiro, o que não teve
» depois que o Idalcan lhe tomou algumas
» Cidades, que vizinhavam com Goa; por-
» que o commercio dos Canarás fora ſem-

» pre

pre mais proveitoso em commum, que to-
» dos. » Depois de todos votarem nisto lar-
gamente, o fez o Viso-Rey por derradeiro,
e disse » que lhe parecia bem dar-se-lhe o
» Mealecan, e todo o favor que fosse neces-
» sario pera sua passagem; mas não que se
» mettesse na liga o Rey de Bisnagá, porque
» como era muito poderoso, logo havia de
» querer lançar mão dos Reynos do Decan;
» e que pela ventura lhe cresceria a cubiça
» de se tornar a fazer senhor da Ilha de Goa,
» (que era a mais estimada, e religiosa cou-
» sa, que os Canarás sempre tiveram.) Que
» o poder dos conjurados era tamanho, que
» bastava pera tudo sem mais ajuda. E que
» se se achasse naquelle jogo o Rey de Bis-
» nagá, toda a honra havia de ficar sua, pe-
» lo poder que trazia; e que não vinha bem
» aos Portuguezes, pelo credito em que es-
» tavam, que lhes era necessario sustentar. »
Tantas cousas disse sobre isto, que conven-
ceo a todos, e assentáram, que se déssem al-
guns Portuguezes aos Capitães da liga pera
os ajudarem. Esta resolução foi a total per-
dição daquella jornada; porque tanto que o
Idalcan foi avisado de todo aquelle nego-
cio, e que ElRey de Bisnagá ficava fóra da
liga, logo lhe mandou Embaixadores a lhe
pedir soccorro contra os alevantados, com-
mettendo-lhe grandes partidos, que elle ac-
cei-

ceitou, quando se vio engeitado da outra parte. Assentado aquelle negocio, despedio o Viso-Rey o Embaixador com os apontamentos do que se lhe havia de conceder, que eram os seguintes.

» Que tanto que os Capitães tomassem » em Pondá posse de Mealecan, logo lhe en» tregariam as Tanadarias do Concan pera as » prover de Capitães, e que começariam logo » as terras a render pera ElRey de Portugal.

» Que todas as cousas que estavam as» sentadas nas pazes passadas ficassem no es» tado em que estavam, sem se innovar cou» sa alguma nellas.

Chegado este Enviado a Bilgão, onde estava Anel Maluco com os conjurados, assignáram os contratos, e os tornáram a mandar ao Viso-Rey, com outros que continham o seguinte.

» Que o Viso-Rey alevantaria na Cida» de de Goa a Mealecan por Rey de Vi» sapôr, e que em pessoa o iria entregar a » Calabatecan dentro em Pondá, porque alli » o havia de esperar com dez mil homens, » e que dalli o havia de levar a Anel Malu» co, e aos conjurados onde estivessem.

Despedido este Embaixador, ficáram elles ajuntando suas gentes; e o Viso-Rey tambem como teve este recado, fez seus preparamentos pera aquella jornada.

CA

CAPITULO XI.

De como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas alevantou Mealecan por Rey de Visapôr: e dos contratos que com elle fez: e de como passou a Pondá, e o entregou a Calabatecan.

TEndo o Viso-Rey prestes, e negociadas as cousas que pertendia pera aquella jornada, que determinava fazer com grande magestade, porque era muito vão, e grandioso, ordenou hum dia pera o auto do alevantamento do Mealecan em Rey, e deo recado aos Vereadores, pera que com todos os moradores se achassem presentes, o mais custosamente que pudessem; e que ordenassem todas as festas possiveis pera obrigarem muito áquelle Rey, com que haviam de ficar tendo tanta vizinhança, e amizade. E o mesmo pedio a todos os Capitães, e Fidalgos. Tinha o Viso-Rey mandado ordenar no terreiro do Paço hum formoso cadafalso, toldado todo por sima, e elle todo alcatifado, e guarnecido de pannos de ouro, e sedas, e o terreiro todo enramado, e embandeirado, e pelas janellas muitos instrumentos alegres, e guerreiros; e elle pera sua pessoa tinha mandado fazer grandes opas de borcados ricos, e todos os seus criados,

e

e guarda veſtidos muito cuſtoſamente. E para ElRey Mealecan tinha mandado fazer muitas Cabayas de borcado a ſeu modo, e de veludos de cores, de eſcarlatas finas, e quatro cavallos formoſiſſimos guarnecidos á gineta de jaezes de prata dourados, com caparazões riquiſſimamente broslados. Ao dia aprazado abalou o Viſo-Rey de ſua caſa acompanhado de todos os Fidalgos, e Cidadãos a cavallo, todos tão ricamente trajados, que foi couſa muito pera ver. E em ſua companhia muita ſomma de trombetas, charamellas, e atabales; e com eſta pompa chegou ás caſas do Mealecan, que já eſtava eſperando por elle a cavallo com dous filhos ſeus, e muitos criados; e tomando-o o Viſo-Rey á ſua mão direita, o levou comſigo até o cadafalſo, onde ſe ſubíram, e aſſentáram cada hum em ſua cadeira, debaixo de hum muito rico, e formoſo docel de borcado, e alli o alevantou por Rey de Viſapôr, e de todo o Decan, conforme a ſeu coſtume; o que ſe fez com muitos inſtrumentos, e ſalvas de artilheria, e muitas feſtas, momos, e invenções, que a Cidade lhe tinha ordenado. Foi eſte auto feito com a mór mageſtade, e ſolemnidade que podia ſer, e com tão grande concurſo de gente, Mouros, e Gentios, que não cabiam pela Cidade. Acabado eſte auto, fez o Viſo-Rey com

aquel-

aquelle Rey novos contratos, que o Secretario do Estado apresentou, que ElRey com seus filhos assignou, cuja substancia era o seguinte.

» Que elle dava, e doava a ElRey de » Portugal, e a todos seus successores, daquel- » le dia pera todo sempre, as terras firmes de » Salsete, e Bardes, e todo o Concan com » suas Alfandegas, Tanadarias, e jurdições.

» Que as fortalezas de Pondá, Banda, » e Curale se entregariam logo a Capitães » Portuguezes, tanto que elle fosse entregue » a Calabatecan.

» Que ficariam em Goa sua mulher, e » filhos em refens, até se segurarem as cou- » sas do Balagate.

» Que todos os mais concertos, que esta- » vam feitos com Anel Maluco, se guarda- » riam muito inteiramente.

» E que elle Mealecan depois de estar no » Reyno, poderia mandar levar de Goa vin- » te cavallos forros dos direitos, e dous mil » pardáos de fazendas, e brincos, sem pa- » garem direitos, nem lagimas. »

Assignados estes contratos, tornou o Viso-Rey a levar ElRey pera sua casa, e começou a preparar as cousas pera a passagem, mandando ajuntar toda a gente de armas que havia na Ilha de Goa, e nas mais circumvizinhas, e deo recado aos Capitães pera ajunta-

tarem a ſoldadeſca toda de Goa, e ao Capitão da Cidade, pera que eſtiveſſe preſtes, e apparelhado com todos os moradores de cavallo. Ordenado iſto tudo, mandou o Viſo-Rey ao Tanadar mór Antonio Ferrão, que com todos os piães Gentios, e Chriſtãos ſe paſſaſſe da outra banda do paſſo de Sant-Iago, porque ao outro dia ſe havia de abalar, como fez, e partio de Goa neſta ordem.

Os Capitães das bandeiras da ſoldadeſca, que eram ſinco, (Martim Affonſo de Miranda, D. Fernando de Monroy, Dom Antão de Noronha, Baſtião de Sá, e Fernão Martins Freire,) foram diante com ſua ſoldadeſca, que ſeriam perto de tres mil homens; e logo após elles abalou o Viſo-Rey de Goa, e tomou Mealecan, novo Rey, á ſua mão direita. Hia o Viſo-Rey veſtido de huma opa roſſagante de borcado alto com muitas pontas de pedraria, e ſobre os hombros hum muito rico, e formoſo colar de pedraria, huma eſpada, e adaga de ouro eſmaltada. Levava diante de ſi a ſua guarda com ſua libré de cores, e no meio o ſeu Capitão da guarda, e mais atrás doze formoſos ginetes ajaezados de ouro, e prata, com telizes de damaſco de cores, franjados de ouro, e detrás delles o ſeu Eſtribeiro ricamente veſtido; mais atrás ſeis Porteiros de

maſ-

massas de prata, e quatro de canas; e detrás de todos o seu Veador; e detrás delle hum Rey de Armas de Portugal, com huma opa rica, e no peito as armas Reaes em huma lamina de ouro grande; e diante de tudo isto hiam atabales, trombetas, e charamelas, e outros instrumentos. Detrás do Viso-Rey hia Gaspar de Mello Capitão da Cidade, com duzentos moradores de formosos ginetes, e armados de fortes, e galantes armas.

Com esta magestade chegou ao Passo de Sant-Iago, onde se aposentou aquella noite, e a outro dia despedio os Capitães das bandeiras, e Gaspar de Mello Capitão da Cidade, com todos os moradores, por Capitão geral de todo aquelle exercito, e com elles hum Capitão do Rey novo, pera irem tomar posse da fortaleza de Pondá, e esperarem alli até elle chegar. Estes Capitães passáram á outra banda, e foram marchando pera Pondá; e antes de chegarem á fortaleza, lhes sahio hum Capitão, chamado Meale, que estava nella da mão do Idalcan, que não quiz entrar na liga; e com duzentos de cavallo escolhidos veio commetter a nossa dianteira, e traváram huma arrezoada escaramuça, em que os nossos lhes derribáram dezesete, e feríram muitos, e com este toque se foram recolhendo; e não se fiando

da fortaleza, desviando-se della, se foram pera o certão: os nossos chegáram á fortaleza, que acháram despejada, e fóra della assentáram suas tendas, e se valáram á roda; e o Capitão Gaspar de Mello partio a gente toda em quatro quartos pera vigiarem de noite.

Aqui aconteceo hum caso de muito enfadamento, e que houvera de dar grande trabalho ao Estado; e foi este. Hia na companhia Francisco Barreto, que não quiz levar bandeira, porque esperou que Gaspar de Mello (que era seu tio) lhe largasse o governo de toda a gente de pé, e que ficasse elle com a de cavallo, e elle assim lho pedio; mas não lho quiz conceder, porque entendeo que os Capitães das companhias o não haviam de consentir. E como este Fidalgo era homem naturalmente arrogante, amigo de honra, e de mandar, aquella noite sahio a roldar os quartos, e acabava-se o primeiro que vigiava D. Fernando de Monroy, (que me contou isto,) e perguntou aos soldados, quem lhe succedia, que lhe disseram, que Martim Affonso de Miranda; e despedindo hum pagem, lhe mandou por elle dizer, que viesse vigiar. Martim Affonso estava-se já armando pera se ir vigiar; quando este pagem chegou, e em lhe dando o recado de Francisco Barreto, tomou-se tanto

to disso, que se tornou a desarmar, e lançar na cama, e deo recado aos seus » que se outra vez tornasse alguem com outro recado, o não acordassem; » e assim o fizeram, porque Francisco Barreto tornou a segundar; e foi a cousa de feição, que ficou D. Fernando de Monroy vigiando ambos os quartos.

Ao outro dia pela manhã, estando os Capitães assentados ao soalheiro em conversação, chegou o Martim Affonso de Miranda, armado em huma coura de laminas, huma gineta na mão, e fallou a todos. Francisco Barreto, que estava alli, quiz galantear sobre elle fazer vigiar dous quartos a D. Fernando de Monroy; mas como Martim Affonso hia enfadado, e tomado, soffreo-lhe mal as galanterias; e assim de palavra em palavra chegáram a se descompor, e a levar mãos ás armas, ao que acudio todo o exercito, e se repartio em dous bandos. Gaspar de Mello, Capitão geral, acudio áquelle negocio; e mettendo-se no meio d'ambos, liou-se com elles; e como era á porta da fortaleza, e elle homem muito grande, e forçoso, aos impuxões os foi mettendo dentro, e fechou sobre si as portas, e despedio hum correio com huma carta ao Viso-Rey, em que lhe dava conta do negocio. Esta carta lhe deram já de noite; e ven-

do a importancia do caſo, ſe paſſou logo a Gaçaim, onde eſtava por Tanadar André Gorjão, e com elle, e com poucos de ſua guarda, e criados ſe foi pelo rio aſſima a Derubate; e dahi em huma faca andeira partio pera Pondá, onde chegou á meia noite; e entrando na fortaleza, mandou vir perante ſi aquelles Fidalgos, e os reprendeo. E fallando primeiro com Franciſco Barreto, lhe diſſe: » Se quer vós, Senhor, que ſois » hum Fidalgo, de quem ElRey confia a In» dia, em tal tempo, e em terra de infieis » fazerdes eſta união? Que conta haveis de » dar a ElRey de couſa tão mal feita, co» mo foi pordes hoje a India em balanço? » E fallando com Martim Affonſo de Miranda, o reprendeo tambem aſperamente, mas com palavras graves, e muito honradas, (porque de todas aquellas tres partes, que o grão Capitão Gonçalo Fernandes de Cordova punha ao que havia de governar, que são, ſer clemente, ter mão larga, e boca prudente; eſta he a mais neceſſaria que todas, porque com taes palavras me póde hum Viſo-Rey reprender, ou negar huma couſa, que lho agradeça tanto, como ſe ma dera.) O Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas os fez logo amigos, ficando o reſto da noite na fortaleza, e pela manhã ſe partio pera o Paſſo de Sant-Iago, onde ficava o Rey novo.

Al-

Alli se deteve tres dias até lhe vir recado, que era chegado Calabatecan, a quem havia de entregar ElRey; pelo que logo passou da outra banda, onde os nossos Capitães o esperavam com tendas armadas. Alli se assentou o Viso-Rey debaixo de humas arvores, e com elle ElRey, cada hum em sua cadeira rica, em sima de formosas alcatifas; e assim da Cidade, como dos passos todos da Ilha, houve todo aquelle dia grandes salvas de artilheria, e o mesmo se fez no exercito. Estando assim, chegou hum Capitão de dous mil cavallos, que o Calabatecan mandava pera acompanhar ElRey até Pondá; e descendo-se, chegou ao Viso-Rey com as mãos cruzadas, e lhe fez seu acatamento, e depois se poz de joelhos diante de ElRey, e com as mãos no chão lhe metteo a cabeça antre as pernas, em sinal de sua sujeição, como antre elles se costuma. Levava este Capitão as mangas da Cabaya, que eram largas, com huma somma de pagodes de ouro, moeda do Balagate, que cada huma valerá quinhentos reis; e ao abaixar que fez, se lhe espalháram todos pelas alcatifas; e depois de alevantado, foram recolhidos pelos pagens do Viso-Rey, sobre o que houve algumas rebatinhas, que tambem deram gosto. Costumavam os Mouros nestes Reynos isto, deixarem aquelle dinhei-

nhei-

141903

nheiro aos pés de ſeu Rey em ſinal de vaſſallagem.

Feito iſto, abalou o Viſo-Rey com toda aquella mageſtade Real pera Pondá, e fóra da fortaleza acháram Calabatecan, que aſſim a cavallo fez ſua cortezia a ElRey, e o Viſo-Rey ſe agazalhou com ElRey, e Calabatecan, ficando fóra o mais exercito; o noſſo com as coſtas na porta da fortaleza, e o dos Mouros hum pouco deſviado, tendo aquella noite muito grande vigia. Ao outro dia fez o Viſo-Rey entrega do Mealecan a Calabatecan, do que mandou fazer hum auto pelo Secretario, em que elles, e os Capitães Mouros ſe aſſignáram; e depois deram todos a menagem nas mãos de ElRey, conforme a ſeu coſtume, e fizeram ſeus juramentos, e ſolemnidades. Ao outro dia ſe deſpedio ElRey do Viſo-Rey, e elle lhe deo hum Capitão com cem ſoldados pera o irem ſervindo, e acompanhando até Viſapôr. O Calabatecan levou ElRey a huma aldêa, que eſtava adiante, pera alli eſperar recado do Anel Maluco, a quem deſpedio logo correio com cartas de tudo o que era paſſado. O Viſo-Rey deixou na fortaleza de Pondá a D. Antão de Noronha com ſeiscentos ſoldados com ſeus Capitães, pera lhes darem mezas; e Coge Cemaçadim, com gente de cavallo pera andar quietando as aldê-

dêas, e povoações. E por ſe achar abalado do trabalho daquelle caminho, ſe recolheo pera Goa, ſem acabar de concluir nas couſas do Concan.

CAPITULO XII.

De como faleceo o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.

CHegado o Viſo-Rey a Goa, ſe deitou logo em cama, por vir muito mal diſpoſto; e como era de ſetenta annos, idade mais pera o repouſo, que pera o trabalho, foi-ſe logo achando mal, e a declarar-ſe-lhe huma febrezinha lenta; e affirmava-ſe, que lhe naſcêra do trabalho daquella noite, que acudio a Pondá ás differenças daquelles dous Fidalgos. Em fim, a febre apertou com elle de feição, que começáram os Medicos a deſconfiar, e diſſeram ao ſeu Confeſſor, que fizeſſe com elle, que trataſſe das couſas de ſua alma; o que lhe elle diſſe com palavras muito prudentes, e de muita conſolação, que lhe elle agradeceo, dando logo de mão a todas as couſas, e ſe recolheo com elle, fazendo ſeu teſtamento muito de vagar, ordenando todas ſuas couſas muito bem; depois tomou os Divinos Sacramentos da Eucariſtia, e Extrema-Unção, e fez

todos os mais autos de Catholico Christão, e bom penitente.

Depois de tudo isto feito, e elle muito consolado, e conforme com a vontade de Deos, sentindo-se no cabo, mandou chamar Francisco Barreto; e chegado elle, lhe disse, que se assentasse em huma cadeira de estado, que tinha ao longo da cama; o que elle não quiz fazer; e depois de porfiar hum pouco, lhe disse: » Assentai-vos, Senhor, » nessa cadeira, que o quer assim S. A., e » vós lho mereceis, » e então se assentou; e o Viso-Rey praticou com elle só algumas cousas, e lhe pedio » que tanto que nosso » Senhor o levasse pera si, recolhesse seus » criados, que ficavam desagazalhados, por- » que não tivera tempo de lhes fazer bem.» Francisco Barreto lhe respondeo » que Deos » nosso Senhor lhe daria saude pera os go- » vernar a todos, o que elle estimaria mais » que todas as governanças; e que quando » elle disso fosse servido, elle faria o que lhe » devia; » e com isto lhe disse outras palavras muito graves, mostrando muito grande sentimento de o ver naquelle estado. Era isto aos quinze dias do mez de Junho de quinhentos e sincoenta e sinco annos, e aos dezeseis faleceo com muitas mostras de verdadeiro Christão, e de arrependido peccador, e com grande mágoa, e dor de to-

dos,

dos, tendo governado nove mezes. Abrio-se seu testamento, e achou-se mandar, que o enterrassem na Sé de Goa, e que seus ossos fossem depois levados pera o Reyno; e assim o leváram a sepultar com a mór pompa funeral que podia ser, e se lhe fizeram seus Officios, e sahimentos com grande solemnidade, e tristeza de todos. Neste auto assistíram todos os Fidalgos, e Vereadores, vestidos de dó.

Era D. Pedro Mascarenhas filho do Capitão dos ginetes D. Fernão Martins Mascarenhas. Foi Estribeiro mór de ElRey Dom João, e depois vendeo este cargo ao segundo Conde da Vidigueira; e conta-se delle huma cousa que lhe disse, que se lhe notou a grande vaidade, e foi, que perguntando-lhe o Conde, quando lhe comprou o cargo, pelas obrigações delle, lhe respondêra, que pelas não querer saber lho vendia. Foi depois General das galés do Reyno: neste cargo cobrou nome de muito bom Capitão. Depois o mandou ElRey por Embaixador a Alemanha a cousas muito importantes, onde esteve alguns annos com a mór casa, e apparato que todos os Embaixadores, que até então houve, e ficou por sua prudencia, authoridade, liberalidade, e todas as mais partes, muito querido do Imperador Carlos Quinto, e muito acredita-

do

do com todos os Potentados de Alemanha.

Depois foi por Embaixador a Roma, e de lá trouxe os Padres da Companhia ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. I. do VIII. Liv. temos dito,) e cobrou em todas estas cousas tanto credito com ElRey, que quando ordenou casa ao Principe Dom João seu filho, lho deo por Mordomo mór, e lhe entregou todo o governo de sua casa; porque quiz ElRey que tivesse seu filho muito grande respeito á sua idade, e muita authoridade. Foi casado duas vezes, e de nenhuma teve filhos: a primeira com Dona Filippa Henriques, filha de Simão de Miranda, Camareiro mór do Cardeal D. Henrique; e a segunda com Dona Helena, filha de Pero Mascarenhas, o das differenças com Lopo Vaz de Sampaio, que era seu sobrinho, filho de seu primo com irmão João Mascarenhas, e neto de D. Nuno Mascarenhas, irmão do Capitão dos ginetes Dom Fernando Martins Mascarenhas, pai deste D. Pedro; e por não haver filhos de nenhuma destas mulheres, perfilháram elle, e sua mulher Dona Helena Mascarenhas a Dom João Mascarenhas, (o que foi Capitão de Dio, quando foi o segundo cerco,) e a Dona Helena sua mulher, filha de D. João de Castello-branco, que era sobrinha dambos;

bos ; porque D. João Mascarenhas era filho de seu irmão D. Nuno Mascarenhas, e D. Helena filha de D. Catharina, filha de Pero Mascarenhas, que foi casada com este D. João de Castello-branco, filho de Dom Martinho de Castello-branco, Conde de Villa-Nova.

Foi este Viso-Rey homem mui inteiro na justiça; e tanto que chegou á India, mandou fazer hum rol de todos os cargos que estavam vagos, e que hiam vagando; e mandou lançar pregões, que todos os criados de ElRey, que na India andavam servindo, acudissem com seus papeis pera os despacharem, o que todos fizeram, e elle os foi despachando conforme a seus serviços, sem dar cargo algum a criado seu; porque dizia, que os cargos que eram de ElRey, não se haviam de dar senão a seus criados que o serviam, e não aos dos Viso-Reys, a quem não tinha obrigação alguma.

Aqui se conta delle huma cousa igual a todas as suas, e foi, que andando elle despachando estes homens, lhe apresentou seus papeis hum criado de hum valído do Reyno, que havia tres annos que andava na India: este tardando-lhe o despacho, appareceo muitas vezes diante do Viso-Rey, (por lhe vir muito encommendado do amo,) e lhe fez suas lembranças, e de huma lhe disse:

» V.

» V. S. não me despacha, sendo eu hum homem, que ha tres annos que ando nestas » partes servindo, e que mereço me façam » mercê? » O Viso-Rey mui severo lhe respondeo: » Ando agora despachando os de » vinte, e quinze annos; como chegar aos » de tres, então terei lembrança de vós. »

Estando hum dia no tronco fazendo audiencia aos prezos, e vindo diante delle hum, que trazia hum grilhão nos pés por dividas de ElRey, lhe disse » que havia muito que » alli estava prezo daquella maneira, por» que devia a ElRey huma quantia de di» nheiro, e que ElRey lhe devia muito mais, » mas que lho não queriam descontar, e le» var em conta. » Perguntando o Viso-Rey pelo caso, e sabendo ser verdade, mandou chamar logo o Veador da Fazenda, e lhe disse: » Aquelle grilhão que aquelle homem » tem, tirai-lho, e lancem-no a mim, e a » vós, já que somos Officiaes de ElRey, e » não queremos pagar suas dividas; » e logo mandou soltar o homem, e que se lhe abatesse a divida da que se lhe devia. Folgou muito de ouvir os homens, e de lhes fazer justiça. Todos os dias tinha certas horas limitadas pera ouvir partes, o que fazia deitado em huma camilha.

Tanto que entrou na India, quiz tirar alguns costumes, sobre o que fez algumas leis

leis, que não foi possivel guardarem-se. Huma dellas era, defender os sombreiros altos de tomar a chuva, e Sol, por escusar aos homens os gastos dos que lhos traziam; e elle tambem os não trouxe, e usou de huns sombreiros de lã com seus cordões, a que se chamáram muito tempo delle os Mascarenhas. Depois vendo que o Sol era intoleravel, e as chuvas descompassadas, tornou a largar os sombreiros altos, com condição, que os trouxessem escravos proprios, cativos, por forrarem as despezas dos que os trazem, que são Gentios, a que commummente chamam bois de sombreiro. Quiz defender os cavallos aos Fidalgos, pelas despezas que lhes faziam; o que lhe mandava ElRey tambem em seu regimento, e que só os casados os tivessem; mas atalhou-o a morte.

Defendeo que nenhuma mulher pública andasse em Palanquim, senão descuberta. Ordenou na fortaleza de Ormuz seiscentos soldados, com obrigação de dormirem dentro na fortaleza (isto no inverno;) mas que no verão não pagariam mais de quatrocentos. Em Baçaim ordenou outros seiscentos pera segurança daquella fortaleza pelas alterações de Cambaya. Em Chaul cento. E fez regimento, que os Capitães das fortalezas não tivessem outras vigias, senão os soldados da

da obrigação dellas, porque coſtumavam a pagar muitas vigias fantaſticas; e que no número dos da obrigação das fortalezas entraſſem os homens que lhe davam a elles, a fóra outras couſas muito bem ordenadas. E em tudo viveo tão puro, e morreo com tantas moſtras de contrição, que ſe póde crer que eſtará no Ceo gozando do galardão de ſuas obras.

DECADA SETIMA.

LIVRO II.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas ſuccedeo na governança da India Franciſco Barreto: e da Armada que ſe queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.

ESTANDO o corpo do Viſo-Rey Dom Pedro Maſcarenhas em ſeu ataude, poſto na Capella mór da Sé de Goa, mandou o Chanceller trazer o cofre das ſucceſsões, que eſtavam em S. Franciſco; e abrindo-o, tirou a primeira, e a entregou ao Secretario, que a amoſtrou em alto ao povo, pera que viſſe que eſtava cerrada, e ſellada com o ſello pendente das Armas Reaes, e a deo ao Capitão da Cidade, que naquelle au-

auto presidia, pera que com o Ouvidor geral a examinassem bem, se estava inteira, e sem se nella tocar. Feito isto, a abrio o Secretario, e a foi lendo alto, e achou-se nella Francisco Barreto, que estava presente vestido de dó; e em o nomeando, foi logo levado nos braços de todos, e na Capella mór deo a menagem do Estado da India nas mãos do Capitão da Cidade Gaspar de Mello, na fórma costumada naquelles Estados.

Feito este auto, que foi aos dezeseis de Junho deste anno de sincoenta e sinco, enterráram o corpo de D. Pedro Mascarenhas, e o Governador Francisco Barreto se recolheo a S. Francisco, até lhe despejarem os Paços; e a primeira cousa que fez, foi mandar chamar todos os criados, que foram do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e os consolou, e recolheo em sua casa, e se servio delles nos mesmos cargos, que o Viso-Rey lhes tinha dados. E todos os officios, de que tinha provídas algumas pessoas, os confirmou, e nada revogou do que o Viso-Rey tinha feito.

E não havendo mais que oito dias, que o Governador estava de posse, succedeo a mór perda, e desaventura, que nunca a India teve, e foi, que vespera de S. João, já de noite, lançou hum homem hum foguete de humas casas, junto a nossa Senhora do

Ro-

ſario , que o demonio encaminhou pera a ribeira das Armadas , e foi cahir ſobre o galeão S. Mattheus , que eſtava varado , cuberto de palha , que tomou logo fogo com tanta braveza , que foi eſpanto ; e como eſtava a balravento dos mais galeões , que eſtavam varados tambem junto delle , e o vento era rijo , foi-ſe pegando o fogo de galeão em galeão com tamanho eſtrondo , e terremoto , que parecia que ſe aſſolava toda a Cidade. O Governador vendo aquelle incendio , acudio á ribeira com todos os Fidalgos , moradores , e ſoldadeſca que havia , e arremettêram a deſcubrir todos os galeões que eſtavam varados , e aos mais que eſtavam no mar , que dos que o fogo tinha tomado poſſe , não houve remedio algum. O Governador andava como doudo , mettido pela agua , e pela lama , e ainda antre os galeões que ardiam , arriſcado ás labaredas , e traves que cahiam , por remediar que a mais Armada ſe não perdeſſe. E neſte trabalho o ſeguíram todos ; e houve ſoldados , que commettêram neſte negocio grandes temeridades , mettendo-ſe nos galeões que ardiam , por verem ſe lhe podiam valer ; mas nada aproveitou , e muitos ſe recolhêram muito queimados , e abrazados , a quem o Governador abraçou , e a hum lançou a cadeia que trazia ao peſcoço , e a outro deo o ſeu an-

annel de ſinete, e a outros outras peças, que depois mandou reſgatar; e aſſim andava animando a todos por acudirem ao trabalho, promettendo mercês, que depois fez; e foi eſta diligencia que poz, tal, que foi parte pera ſe ſalvar toda a mais Armada. Durou eſte incendio toda aquella noite, e o dia ſeguinte, em que ſe queimáram, e conſumíram ſeis galeões Reaes, quatro caravelas, e duas formoſas galés, couſa que todos ſentíram muito, porque era a mór força que o Eſtado tinha. O Governador o ſentio em eſtremo, e houve aquella deſaventura em principio de ſeu governo, por grande moſina ſua, e mandou tirar grandes devaſſas, e inquirições ſobre aquelle negocio, e deitar grandes pregões, em que perdoava graviſſimos caſos a quem lhe deſcubriſſe quem queimárá a Armada, ſem nunca ſe poder ſaber couſa alguma; pelo que houve muitas ſuſpeitas, e juizos temerarios, mas a verdade foi, que hum João Rodrigues, de alcunha o Calandar (que he o meſmo que peregrino) foi o que lançou o foguete que diſſemos, ſem ter tal tenção, e depois que vio o incendio ſe paſſou pera o Balagate, e dahi pera Cambaya, onde andou muitos annos como peregrino, e dalli cobrou a alcunha Calandar. Foi eſte homem depois caſado em Ormuz, onde viveo muitos annos. O Gover-

vernador sempre suspeitou que aquelle damno fora mandado fazer por ordem do Idalcan, pelo favor que se deo a Mealecan; e receando-se da mais Armada, armou muitas manchuas pera andarem de longo da Armada, e da ribeira, vigiando; e ordenou, que os Capitães da soldadesca vigiassem de noite aos quartos na ribeira, pera acudirem aonde fosse necessario: estes Capitães vigiavam huns na varanda da Igreja das Chagas, e outros nas terecenas dos mastos. Em todo este inverno houve muitos banquetes, jogos, e passatempos, e aos soldados se deram mezas muito abastadas.

Como o Governador Francisco Barreto era homem de grande animo, determinou de em seu tempo tornar a renovar aquella perda, e fazer outros tantos navios, como os que se queimáram, e logo mandou armar algumas quilhas, e trazer dos rios vizinhos muita madeira pera começar a pôr as mãos á obra, como fez, pedindo á Cidade ajuda pera isso, que lhe ella deo, e acudio com o que pode; e os Bramanes de Goa tomáram á sua conta fazerem huma galé, que foi huma das mais formosas peças que vi, e delles tomou o nome, e se chamou a galé Bramana; e os mais Gentios ourives, e mercadores deram de serviço pera ajuda de outra galé dous mil e quinhentos

pardáos. O Governador por não perder tempo, despedio correios pera as fortalezas do Norte, Chaul, e Baçaim, e escreveo áquelles Vereadores, e povo, que o quizessem ajudar com alguma cousa pera a reformação da Armada; » o que lhe elles concedêram com muito gosto; e passou Provisões pera os Capitães, e Feitores daquellas fortalezas, pera que dos rendimentos dellas armassem logo em cada huma dellas dous galeões, e duas caravellas: e escreveo aos Officiaes de Dio, que mandassem pera isso áquelles Feitores todo o dinheiro que as nãos de Meca rendessem em Agosto; e tal pressa deo em seu tempo, que quando chegou Dom Constantino (que lhe succedeo) lhe tornou a entregar outras tantas vasilhas novas, como adiante melhor diremos. E de se querer poupar a fazenda de ElRey, succede muitas vezes mór perda della; porque de se não determinarem os Viso-Reys, e Governadores a fazerem humas terecenas, ao menos pera galés, e navios de remo, ficam todos os invernos arriscados a outra semelhante desaventura, gastando-se pelo miudo muito mais do que esta obra poderia custar; porque todos os annos se despendem, só em cubrir toda a Armada de palha, dous mil pardáos; e em tantos annos com estas despezas se poderiam ter feitas dez terecenas.

E,

E posto que os galeões não caibão nellas, por tão barato havemos cubrirem-se de telha, como de palha; porque ainda que se quebrem muitas, não deve de montar a metade do que cada anno se gasta na palha, a fóra o risco que correm, que val tanto, quanto o seguro de toda a Armada: mas estes descuidos, e desordens (que assim lhe podemos chamar) nascem de alguns Viso-Reys, e Governadores estarem com olho em seus respeitos particulares, e tambem de outros, quando succedem, não quererem acabar as obras, que os que acabáram tinham começadas; porque a poucos vimos parecer bem as cousas daquelles, e muitas, em que tinham feito grandes despezas, se perdêram por esse respeito, que não apontamos por não infamarmos a alguem.

CAPITULO II.

De como o Governador Francisco Barreto passou a Pondá a se ver com o Mealecan: e de como proveo as Tanadarias daquellas partes, e mandou D. Antão de Noronha a tomar posse de todo Concan.

DEpois de Mealecan ficar entregue a Calabatecan, (como atrás temos dito no Cap. X. do I. Liv.,) se recolheo pera aquella aldeia a esperar o recado de Anel Maluco;

co; e em quanto alli esteve, lhe acudíram todos os moradores das povoações ao redor ao verem, e darem sua obediencia como a seu Rey. O Governador Francisco Barreto, tendo por novas estar ainda alli, despedio hum correio com huma carta, em que lhe pedia » se não abalasse, porque lhe impor» tava muito verem-se; a que elle respondeo, » que o faria, e que visse onde queria que » o esperasse; » com o que se começou a preparar, e ordenar sua passagem, que quiz fosse com tamanha magestade, como a do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, por não diminuir na authoridade do Estado. E mandou logo ajuntar toda a soldadesca em seis bandeiras, cujos Capitães eram, Martim Affonso de Miranda, (de quem o Governador depois de succeder na governança se mostrou mais amigo, que de todos os Fidalgos, porque não cuidasse que pelos desgostos passados lhe ficára tendo má vontade) Alvaro Paes de Soto-Maior, D. Fernando de Monroy, Jeronymo Barreto Rolim, Pantaleão de Sá, e D. Alvaro da Silveira. E deo recado ao Capitão da Cidade, que já era Jorge de Mendoça, (porque Gaspar de Mello estava prezo, por huma affronta que dentro na Camara fez a hum Vereador) pera que ajuntasse toda a gente de cavallo que na terra havia; e ao Tanadar mór, pera que tambem,

bem o fizesse á gente das Ilhas, e aldeias de sua obrigação.

Prestes tudo, passou o Governador a Gaçàim, e dalli mandou recado a Mealecan, e ao Accelecan, que o esperassem no campo de Pondá, porque ahi o iria ver, e visitar; e mandou logo passar toda a gente a Salsete, e elle se passou por derradeiro, e de lá passou á terra firme pelo lugar de Durubate, (por onde D. Pedro Mascarenhas passou aquella noite,) e foi marchando pera Pondá, com o mesmo apparato, poder; e na mesma ordem, que o Viso-Rey tinha passado. Nesta ordem chegáram a Pondá, onde estava D. Antão de Noronha, que o sahio a receber com toda a gente que tinha, posta em armas, e lhe deo grandes salvas de arcabuzaria, e fez outras muitas festas; e aquelle dia se aposentou o Governador na fortaleza. Ao outro dia chegou Mealecan com o Calabatecan, e mais Capitães que com elle estavam. O Governador o sahio a receber fóra; e depois de passadas as cortezias ordinarias, se recolhêram em tendas, que pera isso estavam armadas, e tornáram de novo a confirmar os contratos, que estavam assentados com o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e lhe passou ElRey Provisões pera logo lhe entregarem as fortalezas de Bandá, Curale, e outras daquellas par-

partes; porque das ſujeitas á jurdição de Pondá, logo mandou tomar poſſe, e as proveo de Tanadares, e recebedores, Mouros, e Gentios.

Paſſadas eſtas couſas, ſe deſpedio Mealecan do Governador, e ſe tornou pera a meſma aldeia a eſperar o recado de Anel Maluco, pera começar a ſubir o Gate. O Governador ficou dando ordem ao recebimento das Tanadarias da jurdição de Pondá, que eram doze, Autrúos, Pernás, Batigacão, Ajuré, Soppá, Orubá, Daúr, Atigará, Chandovari, Sanguiſſer, Armarbarca, e Dobati. Todas eſtas arrendou a Gentios naturaes, aſſim, e da meſma maneira que corriam em tempo dos Mouros, ſem innovar couſa alguma nos Foraes, antes lhes fez muitos favores, e deo muitas liberdades; e deixou hum Jorge Manhãs, de ſua obrigação, por recebedor de todas, com poderes de Veador da Fazenda, e lhe ordenou mil piães da terra, com ſeus Naiques, repartidos por todas as Tanadarias pera ſua ſegurança, e pera o favor da arrecadação de ſuas rendas.

Feito iſto, em que gaſtou alguns dias, deixou na fortaleza D. Fernando de Monroy com quinhentos homens, e recolheo D. Antão de Noronha pera o mandar tomar poſſe das Tanadarias de Bandá, Curale,

le, e das mais daquellas partes, e de todo o mais Concan, que era o mais importante, e partio-se pera Goa.

Chegado áquella Cidade, despedio logo D. Antão de Noronha pera o Concan com quinhentos soldados Portuguezes, debaixo de tres bandeiras, cujos Capitães eram, Jorge de Moura, João Lopes Leitão, e hum foão Pereira, que, segundo nos parece, era Christovão Pereira Homem, e lhe deo mais oitenta moradores de cavallo, muito bem concertados, e por Capitão do campo hum D. João, que foi Mouro, e em Goa se fez Christão, (hum dos principaes Capitães do Reyno do Idalcan, bom Cavalleiro, e muito fiel,) e lhe deo mil e quinhentos piães com seus Naiques. Nesta jornada passáram com D. Antão de Noronha por aventureiros muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e dos que pude saber os nomes, são os seguintes.

D. Luiz de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, Alexandre de Sousa, que foi Capitão de Chaul, Alvaro Pereira, Ruy Barreto, João de Mello da Cunha, Jeronymo de Sousa, Diogo de Vasconcellos, Luiz Pinto Pimentel, Garcia Queimado, Vasco Correa, e outros. E pera Tanadar da fortaleza de Bandá hia Antonio Ferrão, Tanadar mór de Goa, e pera Juiz da Alfandega Antonio do Valle. Prestes D. Antão de No-

Noronha, passou-se a Bardés, e dalli tomou o caminho de Bandá, onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com outras cousas, que neste tempo succedéram.

CAPITULO III.

Dos recados que passáram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xeque sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas que succedêram.

ATrás no Cap. IX. do I. Liv. démos conta de como Tartacan deitou fóra das terras de Dio ao Abiscan, e de como deixára por Governador naquellas partes que elle possuia, a Melique Xeque Guzarate. Este como se vio alli com o poder, e mando, começou logo a querer puxar por ametade do rendimento da Alfandega de Dio, assim como a arrecadava o Abiscan; e assim o mandou tratar com D. Diogo de Noronha, de quem se tinha mostrado grande servidor, e amigo, apresentando-lhe o direito que nisso tinha. D. Diogo de Noronha vendo sua tenção, e requerimento, o mandou desenganar, affirmando-lhe » que na Ilha de Dio » ninguem havia de ter quinhão, porque toda era de ElRey de Portugal: que se contentasse Tartacan de possuir as terras, que foram do Abiscan. » Sobre isto corrêram

mui-

muitos recados, sem D. Diogo de Noronha deferir a elles; antes mandou fortificar os passos da Ilha, e proveo os rios de manchuas, porque lhe não pudesse entrar na Ilha. Vendo o Melique Xeque quão duro o achava naquelle negocio, o mandou commetter em segredo com cem mil Madrafaris, que cada hum tem dous larins de prata, que vinham a montar sincoenta mil patacões, pera que lhe largasse ametade da Alfandega; e que quando não quizesse, que lhe fazia a saber, que havia de mandar carregar as náos de Cambaya na Cidade de Gogá, e que lhe havia de impedir todas as fazendas, que por terra costumavam ir a Dio, com o que aquella Alfandega sentisse maior perda, que se lhe largára ametade do seu rendimento.

Este ponto poz D. Diogo de Noronha em conselho das pessoas principaes que alli estavam, e quasi todos foram de parecer » que se havia de largar a ametade da Al» fandega, antes que perdella toda; porque » se Melique Xeque fazia o que dizia, fica» ria aquella Alfandega deserta, e que o » tempo podia depois offerecer outra occa» sião, em que se lançasse mão da Alfandega.» Depois de votarem todos sobre isto largo, » fez D. Diogo de Noronha, e disse: » Que » elle era de contrario parecer de todos; » porque quanto aos inconvenientes que a-
pon-

» pontavam, eram de feição, que se podiam
» atalhar. E que irem as náos de Cambaya
» carregar a Gogá, isso se lhe poderia de-
» fender com a Armada, que elle logo lan-
» çaria ao mar. E que quanto ás fazendas,
» que vinham por terra, era o que impor-
» tava menos, que só as náos de Meca era
» o substancial, e que essas forçado haviam
» de vir a Dio, sem lho ninguem poder de-
» fender. E que quando isso não tivera re-
» medio, ainda era de parecer, que antes
» ElRey de Portugal perdesse tres, ou qua-
» tro annos todo o rendimento daquella Al-
» fandega, que dar nella quinhão a ElRey
» de Cambaya; porque tendo-se este nego-
» cio assim em tezo, se enfadariam os Mou-
» ros da guerra, e os mercadores chamariam
» pelos proveitos, que todos os de Cambaya
» tinham de trazerem suas fazendas áquella
» Ilha, e que forçado se haviam de tornar
» a largar, e que assim ficaria toda aquella
» Alfandega livre pera o Estado.» Isto pa-
receo tão bem a todos, que se tornáram a
retratar, e seguíram o parecer do Capitão
D. Diogo de Noronha.

Com esta resolução mandou D. Diogo de Noronha dizer ao Melique Xeque, que
» quanto ao dinheiro cóm que o commettia,
» não era elle homem que por nenhum the-
» souro da vida fosse contra o serviço de seu
» Rey:

» Rey : que dos ameaços que lhe fazia lhe » dava pouco, porque elle iria em pessoa a » Gogá, e tomaria as náos que lá carregassem, » e as tomaria por perdidas. E que a lhe de» fender a passagem por terra ás fazendas, » folgaria muito, porque então o obrigaria » ao ir buscar a Nova Nager, onde estava, » e lançallo fóra daquellas terras, que elle » tinha tyrannizadas a ElRey de Cambaya, » e tornar-lhas a entregar. » Com esta resposta começou Melique Xeque a lançar gente de guerra da outra banda, e a defender a passagem aos mercadores; o que sabido por D. Diogo de Noronha, despedio hum Lourenço Pereira por Embaixador a ElRey de Cambaya a pedir-lhe que houvesse por bem ficar aquella Alfandega toda a ElRey de Portugal, porque assim lhe vinha melhor, que comer ametade della aquelle alevantado, porque era bem enfraquecello no cabedal, pera se não poder sustentar em sua tyrannia; porque quando ElRey se quizesse restituir em seu Estado, o pudesse fazer com mais facilidade. Este homem chegou a Cambayete, e achou o Rey moço em poder do Ithimitican, porque havia pouco tinha fugido de Madre Maluco pera elle, por arrufos que teve; mas cumprio-se nisto aquelle adajo Italiano, que diz, fugio da certã, e foi dar nas brazas; assim este fugio do que

o

o fez Rey, e o trazia na liberdade que queria, pera outro tyranno que logo o fechou, e encerrou de feição, que ninguem o via, e elle ficou governando tudo, ficando o moço como huma estatua, sem eleição de querer em nada; porque como o tinha debaixo de sua chave, fazia tudo o que queria, e mandava soberanamente, com capa de dizer, que ElRey o mandava assim; e por derradeiro lhe veio a tirar o Reyno, e entregallo aos Magores, como adiante na nona Decada se verá.

Chegado Lourenço Pereira ao Ithimitican, deo-lhe o recado de D. Diogo de Noronha, que elle logo ouvio bem, e mandou que se detivesse até saber a vontade de ElRey; e assim ficou muitos dias sem lhe darem resposta, porque era homem de pouco negocio, e tacanho; e os homens que hão de negociar com Mouros, o hão de fazer com a mão aberta. E não só o não ouvíram sem isso, mas ainda o tratáram mal, como fizeram a este. Do que D. Diogo de Noronha foi logo informado, e despedio Diogo Pereira, (hum Cavalleiro honrado de sua obrigação, homem prudente, liberal, e grandioso no trato de sua pessoa, e casa,) que chegando á Corte, achou o Lourenço Pereira muito mal tratado do Ithimitican, porque lhe fez muitas, e públicas descortezias,

e

e eſtava como reteudo, e encurralado. Diogo Pereira ſe vio com o Ithimitican, e tratou com elle o negocio que levava a cargo, ſobre o que levou differente modo, e com tudo iſſo não lhe reſpondeo a propoſito, de que aviſou a D. Diogo de Noronha pelo meſmo Lourenço Pereira, que ſe foi pera Dio; e ſabendo das avexações que lhe lá fizeram, tomou-ſe diſſo tanto, que logo determinou de ſe vingar do Ithimitican. E tendo noticia certa, que tinha huma náo ſua em Meca com cartaz, que lhe paſſou o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, pera ir deſcarregar em Gogá, e que ſe eſperava por ella na entrada de Agoſto, determinou de ſe ſatisfazer nella; pera o que armou quatro navios, de que deo a Capitanía a Duarte Paim de Mello, e lhe deo por regimento, que ſe foſſe pôr na enceada dos Rabãos; e que como aquella náo appareceſſe, a fizeſſe arribar a Dio, ſem tocar nella, nem fazer força alguma, nem affronta aos mercadores. Duarte Paim de Mello ſe foi pera aquella enceada, onde eſteve poucos dias, porque logo houve viſta da náo, que era muito formoſa, e vinha a mais rica que nunça partio do porto de Judá; porque como era forra, embarcáram-ſe nella todos os mercadores groſſos com todo o ouro, prata, coral, e outras fazendas ricas, da

mór

mór parte das outras náos, que eram obrigadas a ir a Dio a pagar os direitos. O Duarte Paim vendo a náo, a foi demandar, e a fez amainar, e recolheo dentro o Capitão, e Officiaes, sem haver alteração alguma da sua parte; porque como vinham com seguro, não houve refusar. E como os teve no seu navio, os quietou, e segurou, affirmando-lhes, que o Capitão de Dio não queria mais, que fazer com elles certa diligencia; e indo seu caminho, foram surgir na bahia de Dio, e todos os navios á roda della. D. Diogo de Noronha mandou recado a Duarte Paim de Mello, que não deixasse entrar, nem sahir della pessoa alguma até seu recado, porque não fosse a Cambaya algum primeiro que o seu. E no mesmo dia despedio hum correio muito apressado, com huma carta pera Diogo Pereira, em que mandava, que tanto que aquella visse, logo de noite se partisse desconhecido pera Cambayete, onde acharia hum navio, e que se embarcasse logo nelle, e se viesse pera Dio. Este correio chegou á Cidade de Amadabá em poucos dias, e deo a carta a Diogo Pereira, que tanto que a vio, dissimulou com o negocio; e em anoitecendo, se vestio em trajos de Mouro, e posto em hum formoso cavallo se partio pera Cambayete, onde chegou ao outro dia; e achando o navio

que

que lhe D. Diogo de Noronha tinha mandado, ſe embarcou nelle, e ſe veio pera Dio. D. Diogo de Noronha, tanto que o teve lá, mandou deſcarregar a náo em muitas embarcações, ſem dar pelos requerimentos que os mercadores lhe fizeram; e que ſe metteſſem todas as fazendas na Alfandega pera pagarem os direitos, o que lhe mandou fazer com favor, dizendo aos mercadores, que aſſás de amizade lhes fazia em lhes não tomar a náo com todo o recheio. Vendo os mercadores que não tinham remedio, antes de ſe lhes bullir nas fazendas, mandáram commetter a D. Diogo de Noronha com dez mil Venezianos de ſerviço, e que os deixaſſe ir pera Gogá; mas como Dom Diogo de Noronha o não vencia intereſſe algum, pelejou com quem lhe levou o recado. Pagos os direitos, lhes tornáram ſuas fazendas, e lhes deo licença pera ſe irem pera Gogá, dizendo aos mercadores » que » diſſeſſem ao Ithimitican, que ſoubeſſe tra» tar bem os homens, que lhe lá mandavam » os Capitães de Dio. » Iſto ſentio elle muito, mas ſoffreo; porque como tinha tyrannizado o Reyno, não quiz bullir em couſa alguma por não perder tudo. Eſte anno rendeo a Alfandega de Dio com eſta grande pancada, cento e vinte mil pardáos, de que ſe fizeram as deſpezas da fortaleza; e

mandou depois ao Governador Francisco Barreto sessenta mil pardáos.

Pouco depois disto na entrada de Setembro, entrou pela barra de Dio dentro huma fusta muito embandeirada, atirando muitas bombardadas. A este tempo andava Dom Diogo de Noronha passeando em huma varanda sobre o mar; e vendo entrar o navio com tanto alvoroço, (como tinha por cartas do inverno, que o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas ficava mal,) houve que era morto, e que elle succedia na governança, porque a merecia a ElRey. O Capitão do navio entrou na fortaleza, e lhe pedio alviçaras, que Francisco Barreto era Governador da India, por morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e lhe deo cartas do mesmo Governador. D. Diogo de Noronha ouvindo aquillo que não esperava, ficou sobresaltado; e chamando pelos criados, mandou que lhe levassem o Capitão do navio ao tronco, porque fora com tamanho alvoroço dar-lhe novas da morte de hum tão honrado Fidalgo, como o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas; e assim foi levado o pobre homem nos ares, e mettido no tronco. D. Diogo de Noronha deitou as cartas do Governador por esse chão, e começou a passear, e a dizer: » D. Diogo na India, e » Francisco Barreto Governador della? ora

» is-

» iſto he acabado: faze-te D. Diogo Clerigo, já que não preſtas pera nada.» Depois que ſe andou deſaffogando hum eſpaço, chamou o Alcaide mór, e lhe mandou, que Tokaſſe o Capitão do navio, e que embandeiraſſe a fortaleza, e deſparaſſe a artilheria, e que feſtejaſſe aquelle doudo de Franciſco Barreto, porque não queria que diſſeſſem, que de inveja o deixára de fazer; e que ElRey podia dar a ſua governança a quem quizeſſe. E tomando o dinheiro que tinha junto, (que era os ſeſſenta mil pardáos que diſſemos,) o mandou embarcar no meſmo navio, em companhia de outros, e reſpondeo ao Governador ás ſuas cartas. Eſte dinheiro chegou a Goa depois das náos do Reyno, que o Governador feſtejou muito, porque lhe foi a muito bom tempo; e eſcreveo a D. Diogo de Noronha cartas cheias de obrigações, e agradecimentos, dos muitos ſerviços que tinha feitos a ElRey naquella fortaleza. Agora deixaremos hum pouco eſtas couſas, porque he neceſſario continuemos com as que ſuccedêram neſte tempo em Ceilão, primeiro que entremos nas do verão.

CAPITULO IV.

Das cousas que succedêram em Ceilão: dos ardís de que o Madune usou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois se concertou com elles pera o destruirem, como fizeram.

FUgido Tribuli Pandar da prizão, em que D. Duarte o tinha, (como já na sexta Decada no Cap. XII. do Liv. X. fica dito,) foi-se elle pôr no lugar de Bandale (depois que fez os damnos que dissemos.) O Madune como era manhoso, e aquellas desavenças todas lhe ficavam cortadas á medida do que desejava, despedio logo pessoas de recado a Tribuli Pandar, por quem o mandou persuadir a se vingar das affrontas, que os Portuguezes lhe tinham feito, offerecendo-lhe pera isso toda ajuda que quizesse, de gente, e dinheiro; o que lhe o Tribuli Pandar acceitou, e elle lhe mandou seiscentos Chingalás com seus Modeliares; e com a gente que mais ajuntou, começou a fazer muito grande guerra aos nossos, e destruio os lugares de Paneturé, Caleturé, Macú, Berberi, Galé, e Beligão, e derribou por elles todos os nossos Templos, que os Frades de S. Francisco em todos estes lugares tinham, e nelles feitos muitos Christãos com

gran-

grande edificação, e exemplo de vida, recebendo alguns delles deſta vez glorioſo martyrio por mãos deſte Barbaro, que a nenhuma couſa perdoava; e a muitos dos Christãos cativou, tratou mal, e ainda metteo a tormentos. Neſta conjunção chegou Affonſo Pereira de Lacerda (que atrás deixámos partido de Cochim) pera ir ſucceder naquella Capitanía; e depois de tomar poſſe della, ſabendo os grandes damnos, que o Tribuli Pandar tinha feitos, tratou de lhe fazer toda a guerra que pudeſſe, pera o que fez ſuas preparações. O Madune, que não perdia occaſião, tanto que vio o Tribuli Pandar bem homiziado com os Portuguezes, deſpedio embaixadores a Affonſo Pereira de Lacerda, por quem o mandou viſitar, e offerecer-lhe contra o Tribuli Pandar tudo o que lhe foſſe neceſſario; o que Affonſo Pereira de Lacerda lhe acceitou, e agradeceo, fazendo antre ambos concertos, que cada hum por ſua parte fizeſſe guerra ao Tribuli Pandar, e não levaſſem mão della, até de todo o não deſtruirem; porque em quanto foſſe vivo, havia de dar trabalhos áquella Ilha. Eſtes concertos ſe fizeram com condição, que ſe arrecadariam pera ElRey de Portugal os direitos da terra, e pórtos, que antigamente lhe pagavam, que o Madune lhe trazia uſurpados, e eram os ſeguintes:

» Dos

»Dos pórtos de Licão mil fanões, de
» Belicote trezentos, as terras da Rainha tres
» mil e trezentos, as de Mapano ſetecentos,
» as de Muliara dous mil, o Regir dous mil
» e quinhentos, o porto do Matual tres mil
» e trezentos e vinte, o de Columbo dous
» mil, Paneturé quinhentos e ſeſſenta, o por-
» to de Maçú, Beligão, e Galé, e Chuca-
» ri nove mil e ſetecentos.» E aſſentáram mais, que o Capitão prendeſſe o Camareiro mór do Rey da Cota, e ſeu cunhado Alaca, Modeliar, e hum filho do Capitão preto, (que eram as tres peſſoas de que mais o Madune ſe temia,) fazendo os Embaixadores crer ao Capitão, que eſtes eram os induzidores das couſas do Tribuli Pandar, que o favorecêram nos damnos que tinha feito; porque havia o Madune, que como não tiveſſe eſtes contra ſi, logo lhe ſería muito facil fazer-ſe ſenhor de toda a Ilha.

Feitos todos eſtes contratos á vontade do Madune, ſem Affonſo Pereira de Lacerda entender ſuas invenções, logo ſe preparáram pera proſeguirem a guerra; e o Capitão prendeo as peſſoas que o Madune pertendia, e o Camareiro mór mandou no começo do verão pera Goa, a quem o Governador Franciſco Barreto recebeo bem, e o mandou entregar aos Frades de S. Franciſco, onde eſteve, e lhe mandou dar todo o neceſſario;

e

e o tratáram com tantos mimos, que o vieram a fazer Chriſtão, e o bautizáram com grandes feſtas, ſendo o Governador Franciſco Barreto ſeu Padrinho, e lhe poz o ſeu nome; e depois o tornou a mandar pera Ceilão com mimos, e honras.

Aſſentados os contratos antre o Madune, e Affonſo Pereira de Lacerda, deſpedio o Madune hum filho ſeu baſtardo, chamado Rajú, (que foi o mór inimigo, e que mór trabalho deo áquella fortaleza que todos, e que lhe poz dous muito apertados cercos, hum ſendo Capitão Manoel de Souſa Coutinho, e outro João Correa de Brito, como na nona, e decima Decada ſe dirá.) Eſte Rajú com grande exercito foi contra o Tribuli Pandar pela parte de Caleturé. Affonſo Pereira de Lacerda mandou Ruy Dias Pereira com duzentos homens, e Antonio de Eſpindola com cento, pera irem cada hum por ſua parte accommetter a Cidade de Palanda, onde o Tribuli Pandar eſtava, porque o Rajú havia de ir por outra parte, porque aſſim lhe não pudeſſe eſcapar. Chegados todos a ella, aſſentados ſeus exercitos, commettêram os noſſos a Cidade com muita determinação; e poſto que o Tribuli Pandar ſe defendeo muito valoroſamente, todavia ella foi entrada com morte de muitos de dentro; e o Tribuli Pandar

ven-

vendo-ſe perdido, teve modo com que eſcapou, e fugio pera Tanavaré, e os noſſos lhe entráram as caſas, e cativáram ſua mulher, que era filha do Madune, e havia pouco tinha recebido; e lhe tomáram todo o ſerviço de ſua caſa, e ~~poſſou, e com~~ iſſo ſe recolhêram pera Columbo, e o Rajú pera Ceitavaca. O Tribuli Pandar não ſe havendo por ſeguro em Tanavaré, ſe paſſou ás ſete Corlas, até onde o Rajú depois o ſeguio, e lhe ficou pondo cerco muito devagar, como adiante ſe verá.

CAPITULO V.

De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidiſotão, matou ElRey Bramá, e ſe apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas couſas que ſuccedêram.

DEixámos as couſas de Pegú no Cap. IX. do VII. Liv. da ſexta Decada, em ſe recolher o Bramá de ſobre a Cidade de Camambé, ſem a poder tomar. E porque em todos eſtes annos, que ſe mettêram em meio atégora, ſuccedêram muitas couſas notaveis, que deixámos de contar, porque foram eſpalhadas, nos pareceo bem recopilarmos todas neſte Capitulo, e neſte lugar, porque entram nellas alguns feitos famoſos de

Por-

Portuguezes, que não he bem ſe percão, nem nós o façamos á ordem que levamos neſta hiſtoria, que he contar as couſas alheias no tempo do inverno, em que ſomos entrados.

Pelo que ſe ha de ſaber, que em quanto o Bramá andou conquiſtando a Cidade de Sião, e de Camambé, ſe alevantou cá em Pegú hum grande Capitão, chamado Ximindo, e começou em ſegredo a convocar gente, e a ſe cartear com algumas Cidades principaes, pera em quanto o Bramá andaſſe auſente (cuidando que foſſe devagar) ſe alevantar com o Reyno. Antre eſtas Cidades entrava tambem a de Pegú, que era a cabeça do Reyno, cujos moradores folgáram de elle tomar aquella empreza, por ſer Pegú, e ſe livrarem da ſujeição dos Bramás; e vindo ElRey daquella jornada, em que o deixámos, chegou a Pegú, ſem ſaber ainda couſa alguma da conjuração, e ſe foi metter na Cidade, e deſpedio Diogo Soares de Mello pera ſe ir a Coſmim, que era o Bandel, onde o navio do trato já era chegado pera lhe fazer os direitos; e com iſſo deſpedio ſeus Capitães, pera que foſſem deſcançar. E ficando ſó, e bem deſcuidado, lhe deram novas, que o Ximindo ficava na Cidade de Cevadi, (que era poucas leguas,) e que na de Pegú havia alguma alteração, porque

que ElRey estava na fortaleza, a huma parte da Cidade, onde se provêo, e fortificou muito bem; e despedio recado a Diogo Soares de Mello, pera que se tornasse logo pera elle, e fez chamamento de alguns Capitães de mais perto.

Este recado tomou a Diogo Soares de Mello no Bandel, e logo com muita pressa ajuntou todos os Portuguezes que alli havia, e por todas as povoações daquelles rios, que seriam perto de duzentos, e se foi pelo rio assima pera Pegú, achando já os caminhos quasi impedidos por ordem do alevantado, de que escapou por sua industria, e esforço; e chegado á Cidade, se foi pela banda de fóra demandar os Paços de ElRey, e entrou pelos pateos, a tempo que elle estava em huma varanda; e em o vendo entrar, que o conheceo, se alevantou com grande alvoroço, e lhe disse de sima: » Ah » irmão, (porque assim lhe chamava elle sem» pre,) eu no meu Elefante, e tu no teu » cavallo, venha todo o Mundo; » e sahindo pera fóra, o recebeo com muitas honras, e o mandou agazalhar com todos os Portuguezes dentro na fortaleza por sua guarda. E assim todas as noites vigiavam cada quarto vinte e sinco Portuguezes na sua antecamara, onde ElRey todos os quartos os hia visitar, e lhe dava grandes banquetes,

e

e dinheiro pera jogarem, e elle eſtava muitas vezes vendo o jogo, e aos que perdiam mandava dar mais dinheiro.

E chegando-lhe os Capitães que tinha mandado chamar, foi buſcar o alevantado, dando-a dianteira a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes todos. O Ximindo, que eſtava na Cidade de Cevadi, em lhe dando o recado que o Bramá o hia buſcar, ſe ſahio com todo o poder, e furtando-lhe a volta, deo ſobre a Cidade de Pegú tão de ſupito, que a entrou logo, porque os conjurados lhe deram lugar pera iſſo, e a Rainha ſe fechou no caſtello com os ſeus ordinarios, e com alguns vinte Portuguezes que alli ficáram, e ſe defendêram muito valoroſamente do Ximindo, que bateo o caſtello mui furioſamente; e affirmavam, que hum Fidalgo Capitão do navio da viagem provêra o alevantado de polvora, e munições pera iſſo. O Bramá teve recado diſto pela poſta; e voltando a grande preſſa, chegou á Cidade de Pegú, e ſabendo-o o Ximindo, ſe acolheo logo della, e foi fugindo pera os matos, já ſem poder, porque todo ſe lhe foi. ElRey ſe deixou ficar fóra ſem querer entrar na Cidade, e mandou alguns Capitães que foſſem dentro, e mataſſem á eſpada todos os moradores della, mulheres, meninos, e ainda todos brutos animaes, porque

que na Cidade traidora nem a elles se havia de perdoar; e que só os que se acolhessem ás casas de Diogo Soares de Mello, (porque tinha alli seu fato, e criados,) se lhes perdoasse: o que os Capitães fizeram com tamanha crueza, e carniçaria, que foi espanto. O Capitão Portuguez, que alli estava com todos os que tinha em sua companhia, parece que tiveram aviso de Diogo Soares de Mello, e naquella revolta tiveram tempo de se acolherem ás suas casas, (que se entulháram de gente, casas, pateos, e até por sima dos telhados, e ainda por derredor das paredes da banda de fóra,) aonde os Bramás não chegáram, porque lhe tinham tanto respeito, que chegando á vista das casas de longe, todos os que hiam a cavallo, ou em Palanquim, logo se apeavam por obediencia; escapando mais de doze mil almas, que áquelle circuito se acolhêram, e tudo o mais até os cães, e gatos foram mettidos á espada.

Acabado este cruel sacco, chamou o Bramá Diogo Soares de Mello, e lhe disse, que fosse com todos os Portuguezes, e que tomassem na Cidade tudo o que quizessem, porque a fazenda dos traidores razão era que se désse aos leaes; e mandou a hum Capitão Bramá, que lhe prendesse aquelle Capitão Portuguez, que alli estava fazendo as

via-

viagens, pelo favor que dera a ſeus inimigos, cujo nome calamos por razões que a iſſo nos movêram, por não affrontarmos filhos, e netos, que tem no Reyno bem honrados. Diogo Soares de Mello com os companheiros entráram pelas caſas, e tomáram o que pudéram, e elle foi levado por peſſoas, que ſabiam as caſas dos ricos; e affirma-ſe, que ſó em pedraria tomára pera ſi perto de tres milhões de ouro, e que os ſeus tambem houveram bom quinhão. Abaſtados elles, e ſatisfeitos, mandou o Bramá a todo ſeu exercito, que foſſe ſaquear a Cidade, o que os Bramás fizeram, ſem nella deixarem couſa alguma. Paſſado iſto, mandou ElRey queimar todos aquelles corpos mortos no campo em fogueiras mui grandes, que pera iſſo ſe fizeram; e depois da Cidade limpa, e deſpejada, entrou ElRey nella, e foi ver a Rainha ao caſtello, e fez muitas mercês, e honras aos Portuguezes que a defendêram. Diogo Soares de Mello naquelle alvoroço pedio de mercê a ElRey, que mandaſſe ſoltar o Capitão Portuguez, que tinha prezo, o que lhe elle concedeo, ainda que contra ſua vontade. Todas eſtas couſas ſuccedêram deſde a era de quarenta e oito até a de ſincoenta, em que ElRey ficou pacifico, e quieto.

E na entrada da primavera ſe foi recrear;

e

e descançar dos trabalhos passados a huma Cidade muito fresca, chamada Satão, que está sobre aquelle formoso rio, de que era Senhor hum Pegú, que se chamava Ximi de Satão, que he tanto como dizer Duque de Satão; que por aggravos que tinha de El-Rey, e com a ambição que lhe entrou de se fazer Rey, determinou de o matar. E estando ElRey mui descançado no campo, onde andava á caça, entrou de noite por huma janella, (com consentimento de sua guarda, que pera isso tinha peitado,) e ás adagadas o matou, tendo reinado dezesete annos. E como elle tinha negociado aquillo de boa feição, com alguns Capitães da sua banda, logo se apoderou das casas de ElRey; e de tal manha usou, que lhe acudíram os Pegús todos, por suas liberdades, e o appellidáram por Rey, e sahio dos Paços a dar nos Bramás, que estavam no exercito pera os matar a todos. Neste tempo estava tambem no arraial Diogo Soares de Mello com alguns Portuguezes, que ElRey nunca largava de si; e ouvindo nas suas tendas a revolta, acudio com os companheiros ás casas de ElRey. Os da conjuração, que andavam já soltos, deram nelle, e lhe matáram tres companheiros, e a elle feríram muito mal em hum braço; e vendo a cousa tão mal parada, puzeram-se em cavallos,

e se foram pera a Cidade de Ová, onde estava hum cunhado de ElRey, chamado Mandaragri.

Era este Mandaragri filho de huma Ama de ElRey Bramá, que lhe creára hum filho, que já era morto; e como andava das portas a dentro, sem se lhe fechar cousa alguma, e elle era mancebo muito nobre, e gentil-homem, tratou amores com huma irmã de ElRey, tambem moça, e muito formosa; e concertando-se ambos, vieram a effectuar seus desejos. Mas receando o mancebo que o viesse ElRey a saber, desappareceo hum dia, e foi-se pera outros Reynos apartados; e como nestas cousas o segredo dellas nunca dura muito, chegando aos ouvidos de ElRey o máo recado da irmã, mandou-a prender, e que se buscasse o Mandaragri pelo Mundo todo, promettendo muito a quem lhe descubrisse aonde estava: e assim mandou muitos Capitães, que se espalhassem por todos aquelles Reynos apôs elle. E como a paixão sempre tem termo, alguns grandes privados de ElRey, em o sentindo hum pouco brando, lhe pedíram, e aconselháram, que já que o máo recado era feito, devia de perdoar a sua irmã, e remediar aquillo com a casar com o Mandaragri, e fazello grande Senhor em seus Reynos. Tantas cousas lhe disseram neste caso,

ſo, que o abrandáram de todo, e mandou vir o Mandaragri, (que logo ſe deſcubrio,) e os caſou, e lhe deo titulo de Xemim, que he de Duque, e o trazia comſigo no exercito, muito mimoſo, e em lugar de filho, porque os não tinha.

O Xemim de Satão, que matou ElRey, depois que ſe apoderou do exercito, abalou contra a Cidade de Pegú, e Diogo Soares de Mello com os Portuguezes o ſahíram a receber, e a reconhecer por Rey; e elle lhe fez honras, e gazalhados, e o deſpedio que ſe foſſe pera Pegú, onde elle todos os dias que alli eſteve, depois que fugio do exercito, ſempre governou abſolutamente tudo como Rey, e os Pegús lhe obedecêram como eſſe. O tyranno do Xemim de Satão não quiz entrar na Cidade, porque lhe deram novas, que o outro Xemindo (de que atrás fallámos) depois de ſaber da morte de ElRey, ajuntára grandes exercitos, e que vinha muito poderoſo em buſca delle, appellidando-ſe Rey de Pegú; pelo que com muita preſſa ajuntou eſtoutro Xemim de Satão todo o poder que tinha, e o foi eſperar; e antes que ſe partiſſe, mandou chamar Diogo Soares de Mello, que com todos os Portuguezes o foſſe acompanhar, o que elle logo fez. E antes de chegar aonde eſtava o Xemim de Satão, o leváram alguns

Ca-

Capitães no meio, e entráram com elle em huma varella, e alli o retiveram, dizendo-lhe, que mandasse buscar seu filho, que ficava em Pegú, pera tambem ir naquella jornada. Diogo Soares de Mello, como era prudente, logo se receou, e houve aquillo por ruim negocio, e despedio hum Fernão Rodrigues, que hoje vive na Cidade de Goa, e serve o officio de Modacadão dos Farazes, pera que fosse chamar o filho, e dissesse aos Portuguezes, que estavam em Pegú, que se puzessem em cobro, porque havia ruins sinaes; e áquelle Fidalgo Capitão da viagem lhe dissesse, que já víra o que tanto desejava; porque imaginou Diogo Soares de Mello, que elle o mexericára com o Xemim de Satão. Fernão Rodrigues trouxe o filho de Diogo Soares de Mello; e chegando com elle á escada da varella, onde o pai estava, lhe tomáram os Pegús o cavallo, e o prendêram, e despíram: o pai tanto que vio fazer aquella offensa ao filho, dando-lhe a paixão, lançou mão de huma cana mocissa (a que na India chamam bambuz) que alli estava cheia de boninas, que offerecêram ao Pagode, e arremettendo com os Pegús, os levou ás pancadas diante de si; e lançando a todos fóra da varella, arremetteo pera se sahir por outra porta; e sendo em baixo, foi cercado, e atado com as

mãos detrás; e hum daquelles algozes levantou hum luzente traçado pera lhe cortar a cabeça; e vendo-o elle, disse a hum Capitão, chamado Xemim da guedelha, grande seu amigo » que pois o queriam matar, » que fizesse esperar hum pouco, e lhe sol» tasse a mão direita, porque queria pedir a » Deos perdão de seus peccados; » e Xemim da guedelha o fez assim, mandando-lhe desatar a mão direita; e abaixando-se elle em giolhos, tomou hum tijolo, (que havia alli muitos,) e com os olhos no Ceo deo com elle muitas pancadas nos peitos, com tanta força, que logo lhe arrebentou o sangue, dizendo: *Senhor, tibi soli peccavi*; e alli naquelle breve tempo fez muito alto huma confissão de seus peccados em particular, dizendo: *Offendi-vos, Senhor, em tal, e em tal*; e assim foi discorrendo por todos aquelles que lhe lembráram, com tantas lagrimas, e pancadas nos peitos, que moveo a todos a compaixão; e naquelle acto lhe deo hum verdugo por detrás hum tamanho golpe, que lhe deitou a cabeça fóra dos hombros. E segundo aquelles exteriores, podemos crer da misericordia de Deos nosso Senhor que a haveria com elle.

O filho, que atrás dissemos, foi tão ditoso, que naquella revolta (quando o pai lançou ás pancadas a todos da varella) tor-

nou

nou a cavalgar no cavallo; e sem terem tento nelle, deo comsigo em Pegú, onde se soube logo a morte de Diogo Soares de Mello. Passados poucos dias depois disto, foi o Xemim de Satão buscar o Xemindo; e chegando á vista hum do outro, vieram a batalha, onde o Xemim de Satão foi desbaratado, e prezo, e o Xemindo passou adiante, e entrou pela Cidade de Pegú triunfando; e mandou levar por toda ella o Xemim de Satão, assim atado, com pregões que diziam, que aquelle era o traidor, que matára ElRey Bramá. E indo elle naquelle transe, passando pelas casas que foram de Diogo Soares de Mello, pondo os olhos nellas, disse alto: » Eu mereço esta morte, » e deshonra, porque mandei matar Diogo » Soares de Mello sem razão, e por más » informações. » E depois de todas estas affrontas, lhe cortáram tambem a cabeça.

CAPITULO VI.

De como Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, veio com grandes exercitos sôbre Pegú, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza, onde a Rainha estava: e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú, quando os veio soccorrer.

DEsta vez ficou Xemindo Rey de Pegú até este anno de sincoenta e sinco em que andamos, que o Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, (que, como dissemos, foi fugindo pera a Cidade de Ová,) tornou sobre elle; porque os Regedores daquelle Reyno o alevantáram por Rey, por ser casado com a irmã de ElRey Bramá, a quem de direito pertencia o Reyno. E vendo-se elle potente, e sabendo das revoltas que em Pegú havia, e como o Xemindo matára a Xemim de Satão, e se intitulára Rey, ajuntando grandes exercitos, entrou pelo Reyno de Pegú; e depois de ter muitos recontros com a gente do tyranno, vieram ambos a batalha, que foi muito cruel, e por fim della ficou o Xemindo desbaratado de todo, e foi fugindo em trajos disfarçados pera os mais apartados matos dos fins do Reyno. O Man-

Mandaragri, vencida a batalha, se apoderou de todo o Reyno; e como se vio quieto, mandou lançar grandes pregões, que toda a pessoa que lhe dissesse onde estava o Xemindo, e lhe désse ordem pera o haver ás mãos, o faria grande Senhor em seus Reynos, e Estados; e tanta diligencia poz nisto, que o houve ás mãos por esta maneira.

Fugindo o Xemindo, (como assima dissemos,) se foi pôr nos matos mais escondidos, que havia nos fins do Reyno, e alli em trajos de lavrador se casou com huma filha de hum, que nestes matos vivia pobremente, onde começou a grangear a vida roçando, e semeando a terra, vivendo neste estado mais de dous annos. E parece que devia de ser mui affeiçoado a sua mulher, porque se lhe descubrio de todo. E usando ella da natureza das mulheres, (que he não poderem acabar comsigo guardar segredo em cousa alguma,) deo conta a seu pai de quem elle era, que vencido logo do interésse que ElRey promettia a quem o descubrisse, dissimulando se foi a Pegú, e deo conta daquelle negocio a ElRey, e se lhe offereceo ao entregar, como fez. ElRey o mandou trazer diante de si pera o conhecer; e vendo ser o proprio, o mandou alli logo matar; e sobre sua vida, e morte fizeram os

Pe-

Pegús muitos Romances, que hoje em dia cantão em suas festas.

E tornando a continuar com a ordem de nossa historia: tanto que o Mandaragri se vio senhor do Reyno de Pegú, quiz obrigar aos naturaes ao amarem, com beneficios, amor, e mercês; e logo repartio os titulos todos, e estados com os filhos dos que os possuíram, se eram já mortos; e se vivos, confirmáva-os nelles: e deo outros muitos de novo, e provêo nelles todos os officios, sem dar hum só, nem terras, rendas, nem outra cousa alguma a nenhum dos Bramás, que comsigo trouxe. Mas como a malicia dos Pegús he mui grande, e sua natureza alterada, não se quietáram com tudo isto, antes começou logo a haver antre elles muitos tumultos, a que o Bramá acudio com o castigo, abrazando Cidades, destruindo póvos, e mandando matar infinitos Pegús, e a todos os mais fez tirar as armas, e os inhabilitou de todo; e pera mais os domar, ordenou de fazer huma formosa Cidade pera sua Corte, pegada á velha, a que poz lógo as mãos, e começou a levantar os muros de adobes em fórma quadrada, e tão grande, que he esta Cidade huma das notaveis cousas do Mundo; de quina a quina tinha sinco portas, e sobre cada huma hum formoso baluarte, e de hum a outro sinco

gua-

guaritas, e a mandou cercar de huma mui formosa cava, de largura de hum bom tiro de pedra, e de sinco braças de fundo; e no meio da Cidade fez aposento pera si de tanta magestade, de casas, salas, varandas, guaritas, pateos, e jardins, que era cousa espantosa, e todos cercados á roda de hum grosso muro, e de outra funda, e formosa cava, cheias ambas da agua dos rios, que fez entrar, e sahir por ellas; tudo isto por ordem de Arquitectos Chins, que lhe fizeram os Paços pela fórma dos do Rey da China, que elle mandou trazer daquelle Reyno com grandes dadivas. Nesta obra trabalháram os Pegús, e em outra de muita magestade, que mandou logo fazer pera os ter sopeados, como Faraó ao povo de Israel; mas nem isto bastava pera os quietar, porque cada dia havia antre elles muitas alterações, a que elle acudia com rigor.

Em fim, depois de ter quieto tudo, o melhor que pode, ajuntou grandes exercitos de hum milhão e seiscentos mil homens de armas, pera ir conquistar alguns Reynos comarcãos, e deixou a mulher, e filhos na Cidáde, e fortaleza velha, porque a nova ainda estava imperfeita, e se hia fazendo. Mettendo-se por esse certão, foi conquistando, e senhoreando todos os Reynos que havia, até chegar aos estremos do de

Cau-

Cauchi China, em que não quiz bullir, nem tocar; e o Aitão da Cidade, que era o Governador, o mandou visitar, e prover de mantimentos, e refresco mui abundantemente. Dalli voltou, levando comsigo muitos Chins, que se quizeram vir com elle; e desta vez ficou aquelle caminho aberto até hoje. E assim daquellas Provincias todas vem todos os annos á Cidade de Pegú muitos mercadores grossos com fazendas, almiscar, peças de sedas de differentes cores, e lavores, louça, e outras muitas cousas. E assim se lhe affeiçoou o Bramá, que tomou os Chins, que com elle quizeram ficar, por seus criados, e os fez muito honrados nos seus Reynos, que deixou naquelles que conquistou os mesmos Reys, sem querer delles mais, que o reconhecimento de vassallagem: só o Reyno de Camboja, que fica antre Sião, e Cauchi China, não pode senhorear por ser cousa grande, e o Rey muito poderoso.

Em quanto elle andou nestas conquistas, se alevantou outro tyranno, e foi com hum poderoso exercito sobre a Cidade de Pegú, e a Rainha com os Regedores se recolhêram á fortaleza, e mettêram dentro os Portuguezes que alli havia, e alguns Mouros das náos de Meca pera sua defensão; e aos Portuguezes, que seriam trinta, de que era Capitão hum Francisco Trigo, que elles antre

tre si elegêram, entregáram as portas por homens de mais confiança, assim na lealdade, como no esforço.

O tyranno tanto que chegou a Pegú, logo se senhoreou da Cidade, e começou a bater a fortaleza em que a Rainha estava, que sempre fora entrada, senão houvera antre elles huma muito antiga abusão, que nunca se poderia entrar aquella fortaleza, senão fosse por huma certa porta daquellas, em que a Rainha tinha póstos os Portuguezes, e lhes tinha entregue as chaves de todas as mais, pera que elles as vigiassem, e roldassem, como faziam todas as noites. O inimigo foi combatendo a fortaleza, e poz todo seu poder sobre aquella porta das abusões, e a combateo, e commetteo por muitas vezes com grande determinação; mas os valerosos Portuguezes lha defendêram com muito grande estrago seu; e assim a Rainha os favorecia, e provía de tudo, como quem tinha nelles só todo seu remedio.

Disto foi ElRey lá por onde andava avisado por correios apressados; pelo que logo com muita pressa despedio alguns Capitães diante, e elle se desembaraçou de tudo, e partio apôs elles. E para o fazer mais desembaraçadamente, mandou pôr o fogo a toda a fazenda, e fato, que havia no exercito, pera os seus não terem que levar, que

os

os impedisse; e foi caminhando tão apressado, que andando mais de dous mezes de caminho affastado de Pegú, em menos de hum chegou áquella Cidade, que já achou descercada; porque os Capitães, que chegáram diante, deram nos inimigos, e os desbaratáram, e houveram o tyranno ás mãos, que logo foi espedaçado.

Chegado o Bramá a Pegú, assentou fóra o seu exercito; e como já tinha novas de tudo o que era passado, mandou Adechanchas, que era hum capado, Veador da fazenda, que fosse á Cidade, e lhe trouxesse os homens, e o capado lhe levou os Mouros, que tambem estiveram na fortaleza; e vendo-os ElRey, se agastou muito, e disse ao capado: » Eu mando-te chamar homens, » e tu trazes-me gallinhas? Ora vai, e tra» ze-me só os que tem nome de homens. » Tornou o capado á Cidade, e levou todos os Portuguezes, que se vestíram muito galantes: ElRey lhes fez muitas honras, e lhes disse: » Vós-outros me fizestes a vontade, » agora vos quero eu fazer a vossa, pedí o » que quizerdes. » Elles ficáram embaraçados, olhando huns pera os outros, sem se saberem determinar no que pedissem, e assim ficáram sem lhe responder. Vendo ElRey que lhe não respondiam, lhes mandou dar muitas peças de ouro, e lhes disse pa-

la-

lavras muito honradas, e de muito louvor da nação Portugueza. Feito isto, entrou na Cidade, e foi ver a Rainha, que lhe disse, que só os Portuguezes a livráram de a achar cativa, contando-lhe muitas façanhas que lhes víra fazer, e ella fez tambem mercês a todos.

Reinou este Rey sincoenta annos com tanta justiça, e inteireza, que se póde metter no conto dos famosos do Mundo. Por sua morte lhe succedeo naquella Monarquia seu filho Para Mandará, que tambem foi muito valoroso, e governou seus Reynos em muita paz, e justiça, como em seu lugar diremos.

CAPITULO VII.

Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa: e da perdição da náo Algaravia nova: e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira por Capitão mór ao Malavár: e do que aconteceo a Mealecan até Bilgão: e dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.

Prestes a Armada, que ElRey determinava de mandar este anno á India, que era de sinco náos muito formosas, deram to-

todas á véla até vinte de Março. Era o Capitão mór dellas D. Leonardo de Sousa, que vinha na náo nossa Senhora da Barca; e os mais Capitães eram, Francisco Figueira de Azevedo em S. Filippe, Vasco Lourenço de Barbuda Carracão em S. Pedro, Jacome de Mello na Algaravia velha, e Francisco Nobre na Algaravia nova. Nesta Armada hia embarcado o Bispo Carneiro, e o Padre Antonio de Quadros, (que havia de ser Reitor do Collegio de Goa,) muito bom Theologo; e o Padre Francisco Rodrigues o Manquinho, mui douto em Canones, e muito acceito Prégador, de quem em Lisboa ouvimos a Rhetorica, e a Esfera no Collegio de Santo Antão, e outros Padres, que haviam de passar a Abassia; e por Provincial da India (que então se fez Provincia) hia o Padre D. Gonçalo da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, Varão douto, de vida approvada, e que depois morreo martyr na Cafraria, como em seu lugar diremos. Levavam estes Padres muitos, e mui ricos ornamentos pera a Abassia, porque visse aquella Christandade a grande riqüeza, e apparato com que a Igreja Romana celebrava o culto Divino, e folgassem de seguir seus costumes, e ceremonias.

Destas náos, as quatro chegáram a salvamento á India; só a náo Algaravia nova, de

de que era Capitão Franciſco Nobre , tomou a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço ; e indo demandar Cochim , foi varar nos baixos de Pero dos Banhos , que eſtam em altura de ſete gráos do Sul. Vendo-ſe Franciſco Nobre varado em terra , ſe metteo no batel com alguns Officiaes ; e recolhendo algum mantimento , e agua , com grande deshumanidade ſe foi pera Cochim , deixando toda a gente na Ilha , (que eram perto de quatrocentos homens ,) e elle no batel foi ter a Cochim , e dahi ſe paſſou a Goa. Os da perdição , que eſtavam na Ilha , vendo que o Capitão os deſamparára , e deixára ſem remedio , e que lhes convinha tratarem delle , e de ſua ſalvação , puzeram em conſelho ordenarem algumas jangadas da madeira da náo , a que começáram pôr as mãos.

Mas D. Alvaro de Taíde , filho legitimo de D. Alvaro de Taíde , irmão baſtardo do Conde da Caſtanheira , vendo que aquella determinação ſería total perdição de todos , ajuntando-ſe com tres Padres da Companhia , que alli hiam , começáram a perſuadir aos Officiaes , e a todos os mais , que da madeira da náo fizeſſem huma naveta , em que todos ſe ſalvaſſem ; porque a náo ficou de feição que ſe podia desfazer , e aſſim a mór parte da fazenda , e mantimentos que levava , tinham poſto em terra , e a

bom

bom recado pera ſeu provimento; poſto que na Ilha havia muita agua, cocos, e muito peixe, e mariſco, de que ſe podiam ſuſtentar muito tempo. Tanto trabalháram niſto, e tantas couſas diſſeram, que fizeram deſiſtir das jangadas, e começáram a pôr em terra toda a cordoalha, maçame, poleame, entenas, vergas, leme, e toda a mais madeira, e pregadura; e aſſim foram desfazendo a náo com muita facilidade, e recolhêram tudo em terecenas, e ordenáram armazens, em que recolhêram as fazendas, e mantimentos da náo pera a viagem, e aſſim armáram logo a quilha, e começáram a lavrar a madeira, e a forjar a pregadura, fazendo-ſe todos carpinteiros, ferreiros, ſerradores, cordoeiros, calafates, e todos os mais officiaes que lhe foram neceſſarios. E porque faltavam ſerras grandes, as fizeram de montantes; e aſſim com muito grande confiança em noſſa Senhora, a quem offerecêram a náo, foram continuando na obra com tanta alegria, e confiança, que já não ſentiam a perdição, nem os trabalhos, andando os Padres de contino conſolando, confortando, e animando a todos, e a obra foi creſcendo a olho, e tão bem feita, e prima, como ſe fora feita na ribeira de Lisboa, onde tudo eſtá á mão; e aſſim os deixaremos até ſeu tempo.

Che-

Chegado Francisco Nobre a Goa, e dando conta de sua perdição ao Governador, e de como aquella gente ficava nos baixos, fez logo negociar dous fustarrões grandes, e mandou Francisco Nobre em hum, e o Patrão mór em outro, pera que fossem aos baixos, e recolhessem a gente que lá ficou; o que elles não fizeram, nem acháram os baixos, e se tornáram. O Governador tanto que as náos chegáram, logo tratou da Armada, que havia de mandar ao Malavar, de que nomeou por Capitão mór Dom Alvaro da Silveira, com huma galé pera sua pessoa, e vinte navios de remo, cujos Capitães eram, Diogo Lopes de Lima Pereira, Gomes da Silva, Lopo de Brito, Christovão de Mello, Vicente Carneiro, Luiz Mendes de Vasconcellos, João Rodrigues de Sousa, João Ferreira, Jorge Gomes, Pedralvares de Cananor, Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Pero de Figueiredo, Balthazar Pimentel, Bastião Figueira, Luiz Castanho, Francisco Sanches, Ruy Fernandes, e outros, e fizeram-se á véla por fim de Setembro; e do que lhe succedeo este verão, daremos razão adiante, porque agora he necessario continuarmos com Mealecan, Rey novo do Balagate, que deixámos esperando por recado de Anel Maluco.

Este como teve todos os Capitães do seu ban-

bando juntos, o mandou buſcar, e o Accedecan o levou até Bilgão, e dalli paſſou até á Cidade de Cheri, tres leguas adiante, já em ſima do Gate, onde Anel Maluco o eſtava eſperando com todos os conjurados; e tendo recado de ſua chegada, o ſahíram a receber, e lhe fizeram ſua veneração como a Rey, e o tornáram a levantar por tal, conforme a ſeus coſtumes, com grandes feſtas, e publicos alvoroços. Alli ſe deixáram ficar, ordenando as couſas neceſſarias pera irem pôr cerco a ElRey Abrahemo, que eſtava na Cidade de Viſapôr, que já tinha aviſo da chegada do Mealecan a Cheri, e tinha recolhido comſigo ſeus Capitães, muitos mantimentos, e munições, e eſtava muito bem fortificado; e com tudo iſto ſe quiz valer de dous ardís. O primeiro, deſpedir correios a Rama Rayo, Rey do Canará, por quem lhe mandou pedir o foſſe ſoccorrer, e que lhe faria todas as deſpezas do exercito, e outros partidos favoraveis. O outro ardil foi, deſpedir peſſoas de muita confiança, e ſegredo a Anel Maluco, por quem o mandou perſuadir a que deſiſtiſſe da empreza, e lhe entregaſſe Mealecan, e que lhe daria logo na mão ſetecentos mil pagodes de ouro, e o titulo de Accedecan com muitas rendas, e que a todos os Capitães da conjuração perdoava livremente, e lo-

logo lhe paſſou hum ſeguro Real pera elle, e todos os mais. Eſtas peſſoas tratáram eſte negocio com Anel Maluco por modos que o rendêram, e quiz acceitar os partidos, e entregar Mealecan, depois de lhe ter feito as ceremonias de Rey.

Eſtando já de todo pera ſe concluir eſta entrega, em muito ſegredo, chegou o caſo á noticia de Calabatecan, que o levou, que como Mouro de mór fé, e verdade que todos, ſe foi logo a Anel Maluco, e lhe fez huma falla muito grave ſobre aquelle negocio, em que lhe dizia:

» Que ſe tal fizeſſe, ficava o mais infa» mado homem de todos os da vida, por» que acabava de confirmar que era o trai» dor, e que ordíra aquellas couſas todas » contra juſtiça, além da deshumanidade que » tratava em entregar á morte hum homem, » que debaixo de ſua palavra ſe fora metter » em ſeu poder, e mais tendo-o alevantado » por Rey, e dada menagem de vaſſallo; e » que ainda aquelle ajuntamento que fizera » contra ElRey Abrahemo, poderia ter al» guma pequena de côr pera ſe poder livrar » da infamia de traidor; mas que aquella, » ſe entregaſſe Mealecan, nenhuma podia » ter com Mafamede, nem com os homens. » Que elle recebêra Mealecan das mãos do » Viſo-Rey da India, e que aſſignára hum

» assento que disso se fizera, e que em ne-
» nhuma maneira havia de quebrar sua pa-
» lavra, nem consentir que se entregasse ao
» sacrificio hum homem innocente, que es-
» tava na Cidade de Goa muito seguro, e
» quieto com sua mulher, e filhos; e que
» soubesse de certo, que sobre isso havia el-
» le Calabatecan de perder a vida, e a al-
» ma. E que se estava arrependido do que
» tinha feito, que lhe tornasse a entregar
» Mealecan pera o pôr em Goa, donde o
» trouxera; e que depois delle posto em sal-
» vo, fizesse todos os partidos que quizesse
» com o Idalcan. Que ponderasse muito de-
» vagar aquellas cousas, e que se não deixas-
» se vencer de peitas, porque por derradei-
» ro sempre haviam todos de ficar odiados
» com o Idalcan, que nunca já mais se ha-
» via de fiar delles, antes estava muito cer-
» to solicitar-lhes a morte, por não virem
» a tentar outra maldade semelhante.»

Tantas cousas lhe disse sobre este caso, que o envergonhou, e tornou a desistir dos partidos, e de novo fez juramento de seguir Mealecan até o metter de posse do Reyno. Com esta resolução se preparáram pera isso.

CA-

CAPITULO VIII.

De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan: e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados, e o Mealecan com Anel Maluco fugíram pera o Izamaluco, e do que lá lhes succedeo.

CHegados os Embaixadores do Idalcan a Bisnagá, dando sua Embaixada áquelle Rey, e representando-lhe a necessidade em que o Idalcan estava, moveo-se a lhe acudir, e soccorrer, mandando com muita pressa fazer prestes seu irmão Vingata Rayo pera aquella jornada, que em breves dias pôz em campo cento e sincoenta mil homens, e começou a marchar pera Visapôr. O Idalcan teve logo aviso do soccorro que se ordenava, pelo que foi detendo o Anel Maluco com huns partidos, e outros, e cada vez mais favoraveis, não se mostrando avaro, no que depois (se lhos acceitasse) não havia de cumprir. E assim foi dilatando o tempo até chegar Vingata Rayo, a quem logo o Idalcan avisou do estado em que os conjurados estavam, e onde ficáram, pedindo-lhe que logo os fosse buscar. Com este recado se apressou o Canará quanto pode, até chegar perto donde os inimigos estavam.

Mealecan, e Anel Maluco, que já estavam avisados do poder do Vingata Rayo, e que estava duas jornadas delles, tomando antre si conselho, assentáram de o não esperar, porque não tinham mais de trinta mil homens; e alevantando o campo, se foram recolhendo, derramando-se todos por onde melhor pudéram. Mealecan, Anel Maluco, Calabatecan, Camalcan, e outros Capitães com a gente de suas cevadeiras, com mulheres, e filhos, se foram recolhendo pera o Zamaluco, e da arraia delle mandáram pedir seguro áquelle Rey pera se recolherem nelle, que logo lhe mandou, e elles foram entrando pelo Reyno até chegarem a hum lugar affastado da Cidade de Amadanager, onde ElRey estava, e alli se detiveram aquelle dia. Ao outro seguinte mandou ElRey que lhe levassem Anel Maluco, e Calabatecan, e que Mealecan ficasse alli até seu recado.

Isto fez ElRey aconselhado de hum Capitão seu, chamado Cacem Beque, que o persuadio mandasse matar Anel Maluco, fazendo-lhe crer que por sua ordem, e conselho lhe fizera o Idalcan muitas vezes guerra. Anel Maluco tanto que vio, que o mandava ElRey levar, logo se temeo, e disse a Camalcan, que hia muito pejado naquelle negocio; que lhe pedia, recolhesse sua

mu-

mulher, e filhos, e se puzesse em sima de hum outeiro; e que se elle fizesse hum sinal com a touca, fugisse com elles, e se fosse pera o Reyno de Madre Maluco, que era seu amigo. Os que vieram chamar Anel Maluco, e Calabatecan, puzeram-nos em sima de hum Elefante, e o que o governava de sima levou de hum terçado, e foi pera matar Anel Maluco; mas elle se desviou, e lançou do Elefante abaixo, e o mesmo fez Calabatecan; e tirando a touca da cabeça, a lançou pera o ar; e em sendo no chão, foram ambos logo despedaçados. O Camalcan que teve tento no Anel Maluco, em lhe vendo lançar a touca pera o ar, tomando a mulher, e filhos em camelos mui andadores, e elle com sua gente em cavallos ligeiros, foi fugindo; e desviando-se do Reyno do Idalcan, e por sima delle, foi na derrota do Reyno de Madre Maluco, aonde chegou, e aquelle Rey o agazalhou; e honrou a mulher, e filhos de Anel Maluco, mostrando grande mágoa, e sentimento de seus trabalhos. Mortos Anel Maluco, e Calabatecan, mandou Cacem Beque levar o Mealecan pera outra aldeia mais desviada, e deo recado aos Capitães, que a isto mandou, que o matassem a elle, e a hum filho bastardo que comsigo levava; o que não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber Bibia-

ma-

maná, mãi do Zamaluco, que era huma senhora muito bem inclinada; e indo-se ao filho, lhe deo conta daquillo, e lhe pedio não consentisse tal, porque Mealecan era filho de Cufocan, com quem elles tinham muito parentesco. ElRey que não sabia cousa alguma disto, (porque o Cacem Beque mandava fazer aquella execução sem lhe dar conta disso,) mandou com muita pressa hum Capitão capado, pera que tomasse o Mealecan, e o levasse á serra de Baulá, que era muito forte, e que alli ficasse em sua guarda, e se lhe désse todo o necessario. O capado fez tudo assim como lhe ElRey mandou, e se foi metter com elle naquella serra, onde o deixaremos até tornar a elle.

O Vingata Rayo vendo os inimigos desbaratados, mandou avisar ao Idalcan, e a saber delle o que mais queria que fizesse: elle lhe mandou as graças, e hum milhão de ouro pera as despezas daquelle exercito, e alguns cavallos formosissimos, ricamente guarnecidos; e não se quiz ver com elle, porque estes Reys nunca se fião huns dos outros. Recebida a moeda, e o presente, se foi recolhendo o Vingata Rayo pera Bisnagá, e o Idalcan ficou desalivado, e sahio da Cidade a ver as cousas do Reyno, e pera que seus vassallos o vissem; e despedio alguns Capitães em busca dos que escapáram, e outros

tros pera irem tomar posse da Cidade de Bilgão, e das mais terras que foram de Anel Maluco.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a D. Antão de Noronha no Concan: e dos recontros que teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande vitoria que alcançou do Xacoli.

PArtido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás temos dito no II. Cap. do Liv. II., logo o Governador despedio hum João de Lima, Fidalgo Gallego, por Capitão mór de oito navios, com regimento, que se fosse de longo da costa, favorecendo D. Antão de Noronha, e pera o prover de munições, de que mandou metter nos navios huma boa quantidade. Partida esta Armada, chegou ao rio de Banda, onde soube estar D. Antão de Noronha, e foi por elle assima até á Cidade, onde o achou, provendo nas cousas daquella Tanadaria, e na arrecadação de suas terras. E depois que fez tudo o que era necessario, se partio pera Curale, que era dalli a tres leguas, onde tambem a Armada entrou; e commettendo a fortaleza, a achāram despejada, porque o Capitão que alli estava pelo Idalcan (que não quiz obedecer a Mealecan) fugio, e

não quiz esperar os nossos. D. Antão de Noronha se metteo nella, e a proveo de Tanadar; e mandou apregoar seguros Reaes, pera que todos os moradores, e lavradores a fossem povoar, e lavrar suas terras, e que lhes fariam todos os favores possiveis, e que corressem pelos Foraes antigos, assim nos fóros, como nas liberdades. Com isto começáram acudir todos, e D. Antão de Noronha os animava, honrava, e favorecia em tudo.

E havendo quatro dias que aqui estava, teve aviso que hum Capitão do Idalcan, chamado Xacoli Agá, andava recebendo as terras do Idalcan dabanda do Concan, que pertenciam a ElRey de Portugal, pela Doação que dellas lhe tinha feito Mealecan, e que determinava de o vir buscar, e dar-lhe batalha, e que trazia sete mil homens. Informado D. Antão de Noronha do seu poder, e de tudo o mais que lhe foi necessario, determinou de o esperar em campo, como fez, ordenando sua gente muito bem pera isso, lançando espias pera o avisarem do caminho, e ordem que o inimigo trazia; e soube que ficava em huma aldeia chamada Anuá, pelo rio de Carlim dentro, que he junto dos Ilheos queimados, doze leguas de Goa. E tomando parecer com seus Capitães sobre o que faria, assentáram, que fos-

fossem buscar os inimigos, e lhes déssem batalha, pelo que logo começáram a marchar em muito boa ordem, e com muitas espias diante, que a cada hora os avisavam de tudo; e a Armada se foi até o rio de Achará, legua e meia de Curale, donde tinham partido, onde estava assentado de irem dormir aquella noite. E antes da Armada chegar áquelle rio, deo com duas cotias, que tinham sahido de dentro, que foram logo tomadas, e nellas acháram a mulher, e filhos, e recamara do Xacoli, que elle mandava pera Cambaya; porque se receava que o Anel Maluco mettesse o Mealecan no Reyno, por não ter ainda novas do que lá passava, e queria segurar aquellas cousas, e ficar esperando recado pera ver em que o negocio parava, porque sua pessoa a todo tempo se podia recolher pera onde quizesse.

O Capitão mór da Armada, vendo a boa preza que tinha feita, metteo em huma fusta a mulher, e filhos do Xacoli, e os mandou ao Governador, que a estimou muito. D. Antão de Noronha chegou a Achará, e fóra da povoação assentou seu arraial, e o fortificou mui bem, porque haviam alli de passar aquella noite. Disto foi logo o Xacoli avisado; e entendendo que haviam os nossos de chegar cançados, despedio hum Capitão com mil homens, pera

ra que de noite lhe fosse dar hum assalto, que esperava ser de muito effeito, e assim o fez; porque estando os nossos na mór quietação da noite, deram os inimigos de sobresalto nelles, e os commettêram por onde estava D. João o Mourisco, Capitão do campo, que ficava a huma parte do exercito, hum pouco affastado; e como era muito vigilante, e tinha lançadas suas espias, por quem teve recado de sua vinda, quando já deram sobre elle, o achâram com as armas nas mãos. Os inimigos cuidando que os tomassem descuidados, arremettêram com aquelle impeto, dando-lhes huma surriada de bombas de fogo, e de arcabuzaria, com que fizeram algum damno; mas o D. João como estava sobre aviso, sahio a elles, e da primeira pancada que lhes deo, derribou setenta, e ferio muitos; e mettendo-se no meio delles, fez taes cousas, que os poz em desbarato; e mandando recado a D. Antão de Noronha, os foi seguindo até quasi pela manhã. E como os levava em desbarato, e derramados, foi fazendo nelles grandes crueldades, tomando-lhes muitos cavallos, e armas, que elles hiam largando pera se salvarem, cativando muitos, que de cançados cahiam.

D. Antão de Noronha em lhe dando recado, se poz logo a cavallo, e foi seguindo

do a D. João, despedindo a gente de cavallo toda, pera que o fosse favorecendo, e elle se foi apressando com todo o mais poder até chegar a elle, que já se vinha recolhendo carregado de despojos, e de cativos. D. Antão de Noronha abraçou a Dom João, e lhe disse palavras muito honradas; e a todo o pião de sua companhia, que lhe apresentou cabeça de Mouro, lhe deo dous pagodes. E tanto que amanheceo, que buscáram o campo, acháram antre os seus mortos hum já sem cabeça, cujo tronco tinha oito palmos, e os braços, e pernas tão façanhosas, que parecia Gigante. Era homem alvo, e nos trajos parecia estrangeiro, e nobre. D. Antão de Noronha vendo a vitoria, que lhe Deos tinha dado, porque o inimigo se não reformasse, o foi seguindo, e ás oito horas do dia chegou ao rio de Carlin, e vio da outra banda o Xacoli com todo o seu exercito posto em armas em hum campo muito grande, e largo, e tinha todos os passos, e váos do rio tomados com espingardeiros, e bombeiros pera defenderem a passagem.

D. Antão de Noronha parou de estoutra banda, e esteve notando a ordem em que os inimigos estavam, e os passos que lhe tinham tomado; e depois de tudo bem notado, mandou a Jorge de Moura, que com a gente de sua bandeira se passasse a hum Ilheo,

que

que ficava no meio do rio, e que dalli varejasse com a espingardaria á outra banda, porque elle queria commetter a passagem. E mandou estender os mais Capitães das bandeiras de pé ao longo do rio, mettidos na agua pera tambem o favorecerem na passagem, porque determinava de com a gente de cavallo ser o primeiro que passasse; e assim commetteo o rio, mandando diante Dom Diogo Pereira o moço seu tio, que com a agua pelas silhas foi passando á outra banda, favorecido da nossa arcabuzaria.

O Xacoli vendo passar os nossos, acudio com a gente de cavallo áquella parte pera lhes defender a passagem, e a sua arcabuzaria, e bombaria começou a descarregar sobre os nossos de feição, que primeiro que chegassem á outra banda derribáram oito, em que entrou D. Diogo Pereira; mas de todos estes hum só perigou, e os mais passando por aquellas nuvens de pelouros, e fréchas, e pelas chammas das bombas,) que eram tantas, que parecia que todo o Ceo relampadejava,) chegáram á outra banda, e dos primeiros foi D. Antão de Noronha, que (ou fosse acaso, ou que o Xacoli o conhecesse por alguns sinaes que nelle visse) em pondo os pés em terra, arremetteo a elle com a lança no reste, e rompeo nelle hum façanhoso encontro; e D. Antão de Noro-

ronha, que era muito esforçado, e mui bom cavalleiro, tambem lhe poz a lança, mas nenhum delles recebeo damno; e os nossos de cavallo ficáram logo baralhados com os Mouros em huma muito aspera batalha.

D. Antão de Noronha se metteo no meio pelejando mui valorosamente, e esforçando os seus a fazerem o mesmo; trabalhando muito por se tornar a encontrar com o Xacoli, que andava capitaneando os seus. Os Capitães das bandeiras tanto que víram os de cavallo da outra banda, commettêram a passagem, e se puzeram da outra parte, ainda que com trabalho, e começáram outra muito aspera batalha com a gente de pé dos inimigos, andando D. João o Mourisco sempre diante com a sua gente pelejando com muito esforço. A batalha andava toda muito arriscada, porque todos andavam mui baralhados, trabalhando huns por vencer os outros, fazendo os nossos tantas cousas, que não se podem particularizar. Muitos dos moradores de cavallo fizeram grandes sortes, e antre todos se assinalou André de Villa-lobos, tio de D. Antão de Noronha, irmão de sua mãi, que era hum Cavalleiro muito determinado, robusto, e barbaçudo, que tinha já derribado quatro de cavallo; e remettendo a outro, que era hum Mouro, que elle via assinalar-se antre os outros, o encon-

controu de meio a meio, e o Mouro o fez a elle tambem; mas o seu encontro foi hum pouco a huma ilharga, e passou a lança por debaixo do braço esquerdo a André de Villa-lobos, que como era muito acordado, e homem de grandes forças, apertou a lança do Mouro comsigo de feição, que a não pode o Mouro arrancar; e remettendo com André de Villa-lobos, liou-se com elle, e lançando-lhe huma mão ás barbas (que eram muito compridas) lhe deo huma volta, com que o teve sopeado. André de Villa-lobos vendo-se assim, liou-se com o Mouro, e aos tombos foram ambos ao chão; mas levantando-se logo com muita pressa, levou do terçado, e matou o Mouro. E ao mesmo tempo lançou mão das redeas do cavallo do Mouro, e fez subir nelle hum criado seu, que alli então chegou, e subindo-se elle no seu, tornou á batalha, que andava muito aspera, e cruel; e como a nossa arcabuzaria era muita, fez nos inimigos tal estrago, que começáram a perder o campo, e a se desbaratarem.

Vendo isto D. Antão de Noronha, deo Sant-Iago, bradando *Vitoria*, *vitoria*; e de tal maneira apertou com os inimigos, que os arrancou do campo, ficando-lhes nelle estirados perto de quinhentos Mouros. D. João o Mourisco, Capitão do campo,
(que

(que este dia fez cousas notaveis,) vendo os inimigos desbaratados, foi-lhes seguindo o alcance duas leguas, favorecido das bandeiras de Fé; e foram todos matando nelles á sua vontade, derribando-lhes ainda neste alcance mais de seiscentos Mouros, tomando-lhes muitos cavallos, armas, e outras cousas. D. Antão de Noronha ficou senhor do campo, e do exercito do inimigo, em que achou muitos despojos, e cavallos formosos, que repartio por alguns moradores a que tinham mortos os seus; e com esta vitoria se recolheo a Curale, onde se curáram os feridos. Dos mortos nossos não achámos o número certo, mas sabemos que não chegáram a trinta.

CAPITULO X.

De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães do Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e D. Antão de Noronha.

O Governador Francisco Barreto teve logo aviso do desbarato do Mealecan, e de sua fugida, e de como o Idalcan despedira alguns Capitães com muita gente pera tornarem a tomar as fortalezas de Bandá; Cu-

Curale, Pondá, e outras, que estavam já por de ElRey de Portugal; e receando-se de algum desastre, praticou em conselho dos Capitães velhos aquelle negocio; e foram de parecer, que se largassem aquellas Tanadarias, e se recolhessem os Capitães que nellas estavam, primeiro que fossem cercados dos inimigos, porque depois dariam muito trabalho, e arriscar-se-hia todo o Estado pera os descercar, e recolher.

Com esta resolução se foi o Governador logo pôr no Paço de Benastarim, com toda a gente que em Goa havia; e mandou passar á outra banda o Capitão da Cidade com algumas companhias de soldados, e moradores de cavallo, pera irem recolher Dom Fernando de Monroy, e esperallo ao caminho, porque havia já recado que os inimigos eram entrados nas terras; porque lhe tinha escrito, que tanto que visse aquella carta, logo largasse a fortaleza, e se recolhesse com muito tento, porque os inimigos estavam já perto delle; e o mesmo escreveo a D. Antão de Noronha.

Dada esta carta a D. Fernando de Monroy, esteve duvidoso se a cumpriria, e foi-se detendo até o segundo recado, que lhe chegou logo, e apressado. Com elle começáram a despejar a fortaleza muito devagar, e mandou diante toda a bagagem, sem lhe

fi

ficar cousa alguma; e apôs isso se sahio com toda a gente posta em armas, por lhe vir recado, que já os inimigos chegavam á vista da fortaleza; e repartindo a gente em duas partes, tomou elle pera si a retaguarda com os Fidalgos, e Cavalleiros principaes que havia, que se foram pera elle; e assim foi marchando muito devagar, porque vissem os inimigos que lhes não fugia, o que foi quasi á sua vista, sem elles ousarem de o commetter; e assim chegou aonde Jorge de Mendoça, Capitão de Goa, o esperava, e juntos se recolhêram a Goa.

O Governador apressou os correios a D. Antão de Noronha, que estava em Curale, que já tinha aviso dos inimigos, que eram descidos abaixo pera o buscarem; pelo que se tinha fortificado em Curale, e provído de tudo abastadamente, porque determinava de os esperar alli, e se defender delles, tendo a Armada no rio pera tudo o que lhe fosse necessario. E nesta determinação estava, quando lhe deram a primeira carta do Governador, em que lhe mandava largasse tudo, e se recolhesse, porque estava assim assentado em conselho, por não ser possivel defender-se a tanta gente, quanta tinha por novas, que vinha descendo o Gate.

E vendo elle a pressa que o Governador lhe dava, respondeo-lhe » que estava Cu-

» rale muito ſeguro, e que eſperava em
» Deos de não perder couſa alguma do ga-
» nhado. » O Governador tomou iſto mal,
e deſpedio logo outra carta por duas vias,
em que lhe mandava » que ſobpena do ca-
» ſo maior, tanto que viſſe aquella, largaſ-
» ſe logo tudo, e ſe recolheſſe, porque os
» inimigos eram muitos, e que não queria
» lhe aconteceſſe hum deſaſtre, e que ſe re-
» colheſſe á viſta do mar pera ter favor na
» Armada. E ſendo caſo que os inimigos lhe
» tiveſſem atalhados os caminhos, e foſſe o
» poder tanto, que viſſe o perigo certo, em
» tal caſo cortaſſe as pernas aos cavallos,
» e ſe recolheſſe aos navios, porque pera
» iſſo lhe mandava mais outros, porque
» do mal ſempre ſe havia de eſcolher o me-
» nor. »

Dadas eſtas cartas a D. Antão de Noronha, chamou os Capitães a conſelho, e lhas leo, e pedio ſeus pareceres, e tódos votáram, que pois o Governador o mandava recolher, o devia fazer, porque aquelle negocio carregava ſobre elle; e com iſto ſe determinou D. Antão de Noronha a partir, e lhes diſſe: » Affirmo-vos, Senhores, que
» mais honra fora do Eſtado morrermos aqui
» todos, que recolhermo-nos deſta maneira,
» e largarmos a fortaleza de ElRey; mas
» já que não poſſo mais, recolher-me-hei. »

E

E sahindo-se da fortaleza, poz-se no campo tão triste, e melancolizado, que lho enxergáram todos.

E concertando sua gente, deo a dianteira à D. João o Mourisco, e as bandeiras de pé com toda a bagagem no meio, e elle com toda a gente de cavallo ficou na retaguarda, e mandou ao Capitão mór da Armada, que o fosse esperar em Bardés; e elle foi marchando com muitas espias sobre os inimigos; e chegando a Bandá, recolheo Antonio Ferrão, e mais Officiaes, e aquella noite dormio no campo muito bem fortificado; ao outro dia chegou a Bardés, onde o Governador o esperava com toda a gente que havia em Goa, pera o ir soccorrer, se fosse necessario. E chegando D. Antão de Noronha ao Governador, muito triste, lhe disse: » Muito melhor fora, Senhor, » não me mandardes ao Concan, que fazerdes-me vir fugindo sem ver de que. » O Governador teve com elle palavras muito honradas, dizendo-lhe » que elle tinha » cumprido de sua parte com a obrigação » de muito grande Capitão; que aquellas » affrontas elle as tomava sobre si, porque » elle não era mais obrigado, que a cumprir os mandados de seu Governador; » e com isto se recolhêram pera Goa. Em se D. Antão de Noronha sahindo de Curale,

chegáram os inimigos, que pela ventura esperáram que se sahisse elle, porque o não ousáram a commetter.

CAPITULO XI.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.

NO mesmo tempo que o Governador Francisco Barreto tratou de mandar recolher os Capitães, que andavam no Concan, deo tambem despacho ás náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim; e escreveo a ElRey o Estado em que a India ficava, e da morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e de sua successão. Nesta Armada foi tambem a náo Espadarte, de que veio por Capitão Fernão Gomes de Sousa, da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que tinha invernado em Ormuz, (como atrás dissemos no Cap. III. do I. Liv.) Estas náos tiveram boa viagem até o Reyno, e ElRey sentio muito a morte de Dom Pedro Mascarenhas.

Agora continuaremos com D. Alvaro da Silveira, Capitão mór do Malavar, que chegando áquella costa, começou a fazer gran-

de guerra ao Çamorim; e a mór que se lhe podia fazer, foi tomar-lhes todos os pórtos, porque lhe não entrasse arroz, nem anfião, (porque todos os Reynos do Malavar se provêm destas cousas dos rios do Canará, e do Reyno de Cambaya, porque elles em si não tem mais que palmares,) e elle ficou com a Armada solta, correndo toda a costa; e dando nos lugares della, que queimou, abrazou, e destruio, e lhe cortou muitos palmares, e desfez, e tomou muitas embarcações; e os palmares sentíram elles mais que tudo, porque elles lhe dam todos os mantimentos de que tem necessidade, e de que se sustentam a mór parte do anno, que são cocos, assucar, azeite, vinho, vinagre, e todas as cousas pera os apparelhos de seus navios, e fabrica de suas casas. E assim costumava a dizer o Viso-Rey D. João de Castro, quando via algum soldado cortar alguma palmeira: » Ah sol-» dado, agora mataste hum Mouro. »

E porque dos rios da pedra, e Canharoto sahíram alguns parós a roubar, determinou de os castigar; e hum dia no quarto d'alva desembarcou nelles, e os destruio, e assolou de todo, sendo elle sempre dos dianteiros que sahiam em terra, com calções de cotonia a meia perna, saia de malha, e montante nas mãos, e pelejava como

mo qualquer ſoldado. Em ambos eſtes rios achou grande reſiſtencia, e ſe vio em affronta ao recolher; porque carregáram os Mouros ſobre elle pera o embaraçarem, e ſe ſatisfazerem, o que não pudéram fazer pela boa ordem que tinha ao recolher; porque coſtumava naquelles aſſaltos ao embarcar, deixar duas companhias de arcabuzeiros, de cento cada huma, que ficavam franqueando a embarcação de huma, e outra parte, e deſta maneira lhe não aconteceo deſaſtre algum nunca; porque os deſarranjos, que são acontecidos antre nós, não ſuccedêram ſenão pela pouca ordem que alguns Capitães tiveram no recolher; porque mór governo, e prudencia ha de moſtrar o Capitão neſte negocio, que no commetter, pelas deſordens, e pouca diſciplina dos ſoldados da India, que aſſim como no commetter precedem a outras muitas nações, aſſim no deſarranjo do recolher são inferiores a todas. Em fim, foram tantos os damnos, que D. Alvaro da Silveira fez por toda aquella coſta, e poz a todos em tanto aperto de fome, que chegou a valer o fardo de arroz a tres pagodes, de que os meſquinhos, que são os que mais ſentem a guerra, foram chorar ao Camorim; e os Naires, que ſempre são contrarios dos Mouros, os favorecêram niſſo, e fizeram aos Regedores muitos requerimentos.

O Çamorim vendo o pranto dos seus, enfadado da guerra, que sempre se alevanta contra sua vontade, (porque os Mouros a poder de peitas fazem tudo o que querem,) mandou Embaixadores a D. Alvaro da Silveira a pedir-lhe pazes; dando por satisfação, que nunca soubera da guerra, nem por sua ordem se quebráram os contratos que estavam feitos. D. Alvaro da Silveira ouvio estes Embaixadores na sua galé, e lhes respondeo » que não tinha licença do Go» vernador se não pera fazer guerra; que » mandasse elle a Goa, e que o Governa» dor lhe responderia como lhe parecesse.» Com esta resposta mandou o Çamorim negociar dous Naires de sua casa pera irem a Goa, e D. Alvaro da Silveira lhes deo alguns navios pera os acompanharem, concedendo ao Çamorim tregoas até vir recado do Governador.

E vendo D. Alvaro da Silveira que ficava de vago, determinou de ir castigar a Rainha de Olala, Senhora da Cidade de Mangalor na costa Canará, que estava rebelde, e havia annos que não pagava pareas; e voltando pera lá, chegou áquelle porto huma madrugada, e desembarcando em terra, commetteo a Cidade com grande determinação; e posto que achou grande resistencia, a entrou com morte de muitos

Mou-

Mouros; e ſendo dentro, lhe mandou pôr o fogo por algumas partes, porque os ſoldados ſe não deſmandaſſem nas prezas della; e ateando-ſe, ardeo a mór parte della, e hum formoſo pagode de muita devoção ſua.

Feito iſto, recolheo-ſe aos navios pelejando com os inimigos, de que ſe ajuntou hum grande eſquadrão pera á embarcação darem ſobre os noſſos; mas D. Alvaro da Silveira com as duas mangas de arcabuzeiros os deteve, e ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando no campo muitos dos inimigos eſtirados. E depois de embarcado ſe paſſou da outra banda, onde hoje temos a noſſa fortaleza; e mandou queimar outro pagode muito formoſo, e algumas povoações pelo rio aſſima, em que lhe fez muitos damnos, e deo muitas perdas; e com iſto ſe recolheo pera o Malavar a eſperar o recado do Governador.

Os Embaixadores do Çamorim chegáram a Goa, e foram ouvidos; e pondo-ſe aquelle negocio em conſelho, ſe aſſentou, que ainda que ſe entendia que o Çamorim nunca guardava fé, nem palavra, e que cada vez que os Mouros o peitavam, quebrava as pazes, que todavia ſe lhe concedeſſem, porque ſempre neſta parte era bem fazer do ladrão fiel, por eſcuſar os gaſtos das Armadas grandes daquella coſta. E que o

Ve-

Veador da Fazenda Antonio Pessoa (que estava pera ir a Cochim fazer a carga das náos) levasse comsigo os Embaixadores, e lá com o Capitão mór D. Alvaro da Silveira, assentasse as pazes com as mesmas condições, com que já o Viso-Rey D. Affonso de Noronha lhas fizera. E assim se embarcou o Veador da Fazenda, e levou comsigo os Embaixadores. E chegando ao Malavar, se vio com o Capitão mór, e lhe deo conta daquelle negocio; e lançando os Embaixadores em terra, logo se tratáram as pazes; que se concluíram, e juráram na praia de Caleçut, estando o Çamorim presente, o Capitão mór, e o Veador da Fazenda, o que se fez com grande solemnidade; e logo se apregoáram pela Cidade, e pela Armada. Concluido isto, (que era na entrada de Janeiro deste anno de sincoenta e seis, em que com o favor Divino entramos,) se foi o Veador da Fazenda pera Cochim, e despachou as náos do Reyno, e a Armada se foi pera Goa, por não haver mais que fazer, deixando alguns navios naquella costa pera acompanharem as náos da China, e Malaça.

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Da embaixada que o Governador Franciſco Barreto mandou a Cambaya por Triſtão de Paiva, e ſobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Meſtre Gonçalo, que eſtava na Abaſſia: e da Armada que deſpedio pera o Eſtreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das couſas que Miguel Rodrigues, Fios ſecos, fez pela coſta do Idalcan.

HUma das couſas que o Governador Franciſco Barreto deſejava muito, era haver ás mãos a Cidade de Damão, por entender que convinha ao Eſtado da India, aſſim pera ſegurança das ter-

ras

ras de Baçaim, como pera apoſentar naquella Cidade, e ſuas terras muitos Cavalleiros honrados, e caſados pobres, porque ſe eſperava que ſuas aldeias foſſem de mais importancia. Sobre eſte negocio teve alguns tratos ſecretos com certos Capitães de Cambaya ſeus amigos, pera que o aviſaſſem do modo que ſe via naquelle negocio, e do eſtado em que as couſas daquelle Reyno eſtavam; e todos ſe reſumíram em que havia de mandar tratar aquillo com o Ithimitican, que governava tudo; porque o Rey era menino, e não fazia por ſi couſa alguma, e que peitaſſe ao tutor, e Governador, porque bem podia ſer que lhe concedeſſe o que tanto deſejava. Sobre iſto tornou a mandar algumas peſſoas, que fóram, e vieram, por quem mandou ſaber o eſtado de Damão, e o poder que dentro eſtava; e foi certificado, que Cide Bofatá, e Cide Raná, Capitães Abexins, que comiam aquellas terras, tinham ſete, ou oito mil homens de cavallo, em que entravam muitos Magores, que tinham aquella Cidade muito bem provída de mantimentos, artilheria, e munições, e que cuſtaria muito, ſe a quizeſſem tomar por armas.

Informado o Governador de tudo mui bem, aſſentou de mandar hum Embaixador com hum arrezoado preſente, pera ver ſe o po-

podia render ao que pertendia; e pera eſte negocio elegeo a Triſtão de Paiva, homem de muito bom entendimento, e que ſe lhe podiam encarregar todas as couſas de muita importancia; e lhe mandou armar alguns navios pera o pôrem em Cambayete, e lhe deo largo regimento ſobre as couſas que havia de tratar com o Ithimiticaõ, e que quando pelas couſas que levava, e por outras muitas promeſſas o não pudeſſe levar a lhe entregar a Cidade de Damão, com ſuas terras, e Tanadarias, que então lhe offereceſſe ametade do rendimento da Alfandega de Dio pera ElRey de Cambaya, aſſim como d'antes os Reys ſeus anteceſſores a poſſuíram.

Preſtes, e negociado, Triſtão de Paiva ſe embarcou em os navios que eſtavam já provídos de tudo, com grandes apparatos de ſua peſſoa, e ſeis homens de cavallo, e outros muitos ſervidores; e o preſente que levava, era de dez formoſos ginetes Arabios, com ſeus telizes de damaſcos de cores, e duas duzias de coelhos machos, e femeas pera ElRey lançar em ſuas tapadas, pelos não haver em Cambaya. Embarcado Triſtão de Paiva, foi ſeguindo ſua jornada, a que logo tornaremos.

Os Padres da Companhia, vendo que era neceſſario mandar-ſe ſaber do que o Padre Meſtre Gonçalo paſſára com o Imperador

dor da Ethiopia, porque pelo regimento que levára do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, havia de eſtar eſperando, ou elle, ou ſeu recado por navios, fizeram diſſo lembrança ao Governador Franciſco Barreto, que vendo que tinha obrigação de acudir áquelle negocio, mandou negociar dous navios de remo, e elegeo pera eſta jornada a João Peixoto, hum Cavalleiro muito honrado, e bem entendido nas couſas da guerra, e daquelle Eſtreito; e lhe deo por regimento, que entraſſe as portas do Eſtreito de Meca, e ſoubeſſe novas de galés, (porque corria huma fama, que ſe armavam em Meca quinze,) e que ſe paſſaſſe a Maçuá a recolher o Padre Meſtre Gonçalo, ou cartas ſuas, que forçado havia de achar. Eſtes navios partíram de Goa entrada de Fevereiro deſte anno de 1556, e de ſua jornada adiante daremos razão.

Neſte meſmo tempo chegáram novas de Ormuz ao Governador, que as galés que eſtavam em Baçorá (que eram ſete) ſe negociavam pera ſe tornarem pera o Eſtreito de Meca; e juntamente com iſſo lhe deram cartas do Rey que fora de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, em que lhe pediam os ſoccorreſſe com huma Armada, porque tinham os Turcos de cerco em Baçorá, e poſtos em eſtrema neceſſidade, e lhes

lhes tinham queimado duas galés, e que estava a cousa em estado, que com qualquer Armada que pelo mar os favorecesse, os acabariam de destruir; e que tornando a tomar aquella Cidade, offereciam pera ElRey de Portugal a fortaleza sobre o mar, e a metade do rendimento da Alfandega, como já offerecêram, quando D. Antão de Noronha lá fora, como na Sexta Decada no Cap. IV. do IX. Liv. fica dito.

Este negocio poz o Governador Francisco Barreto em conselho; e assentou-se, que se lhe mandasse huma boa Armada, porque convinha ao Estado lançar dalli os Turcos, que eram muito ruins vizinhos pera a fortaleza de Ormuz. Com este acordo mandou o Governador negociar hum galeão, quatro caravelas, e dez fustas; e elegeo pera esta jornada a D. Alvaro da Silveira, que começou a correr com a Armada; e o Governador lhe passou todas as Provisões que lhe pedio, com poderes soberanos na Justiça, e Fazenda.

D. Alvaro da Silveira deo tanta pressa á sua Armada, que em Março se fez á vela, elle no galeão, e nas caravelas D. Pedro de Menezes, *Tristão Vaz da Veiga*, *Ayres Gomes da Silva*, *filho de Braz Tel*les, e irmão de Fernão *Telles*, que foi Governador da India, e Jeronymo de Mosqui-

ta

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Triſtão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficáram nos baixos de Pero dos Banhos acabáram a naveta, e nella vieram a Cochim.

DEixámos no Capitulo atrás partido Triſtão de Paiva pera Cambaya, que chegou em poucos dias a Cambayete, e dalli foi por terra á Corte de Amadabá, onde chegou com grande apparato, e muito ſerviço de cavallos, carretas, camelos, e outras couſas de ſerviço. E antes de entrar na Cidade, o ſahíram a receber muitos Capitães, e o leváram aquelle dia a huma quinta, onde ficou, e a outro dia fez ſua entrada, acompanhado de todos os Capitães que eſtavam na Corte, e foi levado a ElRey, que o eſtava eſperando com grande mageſtade, acompanhado de Madre Maluco, (em cujo poder eſtava outra vez o Rey,) e outros Regedores. Triſtão de Paiva lhe deo a carta do Governador, e offereceo o preſente que ElRey eſtimou muito, e ſobre tudo os coelhos, que logo mandou lançar em ſuas defezas, onde fizeram grande creação, e o mandou agazalhar bem, e dar todo o neceſſario. Paſſados alguns dias, entrou em negocios com os Regedores, a quem eſtava remet-

mettido, em que gastou mais de hum mez, e por fim lhe respondêram » que ElRey era » muito contente de dar a ElRey de Portu-» gal a Cidade de Damão com a sua forta-» leza sómente, com tanto que elle lhe lar-» gasse ametade do rendimento da Alfande-» ga de Dio, assim como já o tiveram os » Reys seus antepassados; e que as terras, » e Tanadarias da jurisdicção de Damão não » era licito largar-lhas, por serem da Co-» roa de Cambaya. » Tristão de Paiva respondeo aos Regedores » que elle não levava com-» missão do Governador pera acceitar Da-» mão sómente; que mandasse ElRey em sua » companhia hum Embaixador ao Governa-» dor Francisco Barreto, pera tratar aquel-» le negocio com elle; e que sendo conten-» te, fariam lá seus papeis. » Isto pareceo bem aos Regedores, e mandáram logo negociar hum Turco, chamado Xeque Estabolim, da obrigação de Madre Maluco (que era o que governava tudo) por quem ElRey, e elle escrevêram ao Governador, e lhe mandáram tambem seus presentes de peças, e brincos curiosos.

Este Turco se embarcou em companhia de Tristão de Paiva em outro navio, com grande casa, e acompanhamento, e chegáram em breves dias a Goa, onde foi muito bem recebido, e agazalhado; e entrando

 do

do em negocios com o Governador, declarando a tenção de ElRey, que era largar-lhe só a Cidade de Damão, lha não quiz acceitar, porque não servia de mais, que de fazer despezas ao Estado, sem proveito algum, e que ficava sendo de mais importancia a ElRey ametade do rendimento da Alfandega de Dio; e mais escusava pendenças, e enfadamentos dos Officiaes della com outros Mouros, que ElRey de Cambaya logo havia de metter nella; e que tambem não convinha ao Estado ter naquella Ilha nunca já mais o Rey de Cambaya cousa alguma, por acabar de lhe perder as saudades.

Consideradas estas cousas, despedio o Governador o Xeque Estabolim, e em sua companhia mandou Christovão de Couto, lingua do Estado, pera tornar a tratar de novo aquelle negocio com o Madre Maluco, e escreveo-lhe por elle » que muito me» lhor vinha a ElRey de Cambaya ter segu» ro ametade do rendimento da Alfandega » de Dio, que a Cidade, e terras da juris» dicção de Damão, porque sempre lhas ha» viam de comer Capitães alevantados. » Estes homens chegáram a Cambayete por fim de Março, e acháram alli por novas, que ElRey tornára a fugir do Madre Maluco pera Ithimitican, e que o Madre Maluco era recolhido pera a Cidade de Baroche, que

era

era sua, (porque andavam estes tyrannos com o pobre Rey moço, dando-lhe xaque de hum pera outro, porque o que o tinha em seu poder, esse governava tudo,) pelo que o Xeque Estabolim se foi logo pera elle, deixando alli Christovão do Couto, que sabendo do negocio, se foi á Cidade de Amadabá, e deo as cartas do Governador a Ithimitican, que lhe respondeo » que ElRey era » menino, que como tivesse idade pera go» vernar, lhe mandasse o Governador seus » Embaixadores sobre aquelle negocio, que » elle lhe responderia. » Com isto se tornou Christovão do Couto pera Goa, e deo relação ao Governador Francisco Barreto de tudo o que passára.

Destas cousas foi logo D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, avisado, e tomou-se muito de o Governador mandar tratar huma cousa de tanta importancia sem lho fazer a saber, estando elle tão perto de Cambaya; pelo que despedio hum catur com cartas pera o Governador, em que lhe dizia » que se espantava muito delle, e dos » Fidalgos do Conselho, commetter huma » troca tão desigual, e offerecer ametade do » rendimento daquella Alfandega, que elle » cavára pera ElRey de Portugal, á custa » de tanto sangue, e trabalho seu; que lhe » não quizessem roubar sua honra, e fazer

» pouco caſo de couſa que lhe cuſtára tan-
» to, e que elle tinha pela de maior ſervi-
» ço de ElRey, que todos os da India. Que
» ſe deſejava a Cidade de Damão, pouco ha-
» via que fazer em a tomar; porque ſegun-
» do o Reyno de Cambaya eſtava diviſo, el-
» le ſe offerecia a lha entregar, porque com
» dous mil homens que lhe déſſe, iria até
» á Corte de Amadabá ſem reſiſtencia.» E com iſto eſcreveo a todos os Fidalgos do Conſelho, pedindo-lhes não conſentiſſem ao Governador huma tamanha ſemrazão, e tanto contra o ſerviço de ElRey, dando-lhes pera iſſo muitas razões.

Eſtas cartas foram dadas ao Governador, e a elles; e como os mais eram parentes de D. Diogo de Noronha, e lhe tinham muito grande reſpeito, parecêram-lhes bem ſuas razões, e fizeram lembranças ao Governador, que deſiſtio do negocio, e reſpondeo a D. Diogo de Noronha » que eſtimava mui-
» to aquelle zelo do ſerviço de ElRey, e os
» offerecimentos que lhe fazia, e que no ve-
» rão ſeguinte ſe veria com elle em Baçaim.» Com eſtas cartas ſe quietou D. Diogo de Noronha, e as couſas paráram. E nós o faremos tambem neſtas, por contarmos o que aconteceo aos que ficáram nos baixos de Pero dos Banhos.

Deixámos toda aquella gente trabalhan-
do

ro na naveta com tanta diligencia, vontade, e gosto, que no fim de Março a puzeram no mar muito bem apparelhada; e embarcáram nella os mantimentos que tinham guardados, e fizeram aguada da muita que na Ilha havia, e ultimamente se embarcáram com grandes promessas, e romarias a nossa Senhora de Guadalupe de Cochim, a quem offerecêram a náo, e foram fazendo sua viagem muito bem, e com tempo prospero; e a Virgem Senhora nossa, que he a verdadeira guia, os encaminhou de feição, que os poz em Cochim no fim de Abril, sem passarem trabalhos, nem tormentas. Chegados ao porto, acudíram embarcações, em que todos se desembarcáram; e póstos na praia, se ordenáram em procissão, indo os Padres da Companhia diante cantando as Ladainhas; e por esta ordem foram até á Casa de nossa Senhora com grande devoção, e muitas lagrimas, levando após si toda a Cidade, que sahio a ver aquelle devoto espectaculo; e a naveta foi mettida dentro no rio, e descarregada do cabedal de ElRey, e de muita fazenda que nella mettêram; e a náo foi offerecida a nossa Senhora. E segundo nos parece, ella se vendeo, e o dinheiro se deo á Confraria: basta que ella foi feita em seu nome, e acabou bem.

CA-

CAPITULO III.

Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceo a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.

PArtido Miguel Rodrigues Coutinho de Goa, como atrás dissemos no Cap. I. deste III. Liv., foi correndo toda a costa do Idalcan até á Cidade de Dabul; e desembarcou em todos os lugares maritimos delles, e os metteo a ferro, e a fogo, cativando, e matando muita gente, cortando os palmares, e assolando as fazendas, queimando navios grandes, e pequenos, e fazendo outros muitos damnos, com que a terra ficou destruida, e despovoada; e deixando tudo feito pó, e cinza, se passou a Dabul pera esperar as náos que haviam de vir de Meca. E estando surto no mar, lhe foi cahir nas mãos huma do Idalcan, que vinha de Meca carregada de muitas fazendas, e dinheiro; e pondo-se os navios em armas, a foram commetter com muita determinação, e a rodeáram, e batêram por todas as partes muitas horas, defendendo-se ella muito valorosamente, sem querer amainar, indo

do ſempre com todas as vélas demandar a terra, onde ſe ouviam as bombardadas muito claramente. E como o vento era freſco, e os mares pequenos, determinou-ſe Miguel Rodrigues Coutinho a inveſtilla, como fez, com todos os navios, repartidos em duas partes. E poſto que acháram em os Mouros (que eram mais de duzentos) mui grande reſiſtencia, todavia a poder de golpes ſe puzeram em ſima, e dentro nella tiveram huma muito aſpera, e arriſcada batalha, e de muito ſangue de ambas as partes, em que os noſſos moſtráram tanto ſeu esforço, que com morte da mór parte dos Mouros rendêram a náo, cuſtando tambem aos noſſos a vida de oito, ou dez homens, a fóra muitos feridos; e voltando com ella pera Goa, ſurgíram na ſua barra, onde as fazendas foram deſembarcadas, e a náo mettida dentro, e repartidas as prezas pelos Capitães, e ſoldados. Couberam ſó á parte de ElRey mais de trinta mil cruzados.

O Idalcan com os damnos que lhe fizeram por ſua coſta, e com a perda deſta náo, ficou tão quebrantado, e affrontado, que determinou de proſeguir na guerra de Goa; e mandou deſcer abaixo mais alguns Capitães, do que o Governador Franciſco Barreto foi logo aviſado, e mandou prover os rios todos de guarda, de navios, e manchuas, e

os

os paſſos de Capitães , e ſoldados , e deſpachou os provimentos pera todas as fortalezas ; e pera a de Maluco foi hum formoſo galeão carregado de fazendas , munições , e outras couſas pera aquella fortaleza , de quem foi por Capitão Franciſco de Barros , que era provído daquellas viagens.

Agora he neceſſario que continuemos com João Peixoto , que deixámos no I. Cap. deſte III. Liv. partido pera o Eſtreito de Meca ; que ſeguindo ſua derrota com os levantes que curſavam , foi haver viſta da coſta da Arabia , e de longo della foi embocar as portas do Eſtreito , que entrou de dia , por ſuſpeitar que nellas eſtavam as galés do Cafár , o que não era ; e entrando dentro , tomáram algumas gelvas , em que cativáram alguns Mouros , de quem ſouberam não haver em Meca mais que as galés do Cafár , que eſtavam varadas. Com eſtas novas atraveſsáram a coſta da Abaſſia , e foram haver viſta da Ilha Çuaquem , já de noite. E entendendo João Peixoto que haviam de eſtar deſcuidados de poder haver embarcações de Portuguezes , determinou de ver ſe podia fazer huma boa preza ; e parecendo bem aos companheiros , foram no quarto dante alva demandar a Ilha , onde deſembarcáram ſem ſerem ſentidos. E como os Paços de El-Rey ficavam ſobre o mar , os demandáram

em

em muito ſilencio; e ſentindo tudo quieto, os entráram, e foram mettendo á eſpada alguns, que acháram dormindo nas primeiras caſas. E chegando á porta da camara, em que ElRey dormia, a abalroáram com grande determinação, e preſteza; e tomando o Rey de ſobreſalto, ſem cuidar que lhe eſtava aquelle damno apparelhado, o matáram, e com elle algumas peſſoas, que acudíram aos gritos, e algumas mulheres, e outras peſſoas foram cativas, e ſaqueáram o que na camara havia; e com eſte proſpero feito ſe recolhêram aos navios, ſem lhes acontecer deſaſtre algum; e affaſtando-ſe da Ilha, foram ſurgir de longo da coſta, onde deſcançáram a mór parte da noite; e tanto que entrou o dia, foram correndo de longo della, abrazando, queimando, e deſtruindo alguns lugares, ſaqueando, e roubando muitas couſas, com que os ſoldados houveram o trabalho por bem empregado; e aſſim foram ter ao porto de Arquicó, pera recolherem o Padre Meſtre Gonçalo, onde ficáram eſperando por elle; que como foi tempo, em que lhe pareceo que era bem que foſſe pera o mar, (porque conforme ao regimento que levava, bem ſabia que haviam de ir navios da India em buſca delle, ou de ſeu recado,) ſe foi deſpedir do Imperador, e lhe pedio licença pera ſe vir, e elle lha deo,

e

e mandou efcrever a ElRey, e ao Governador cartas de grandes agradecimentos, do amor, e vontade que moftravam pera fuas coufas, e do trabalho que tinham levado em haver do Summo Pontifice, Patriarca, e Bifpos pera aquelle Imperio; que elle lhe ficava por iffo em grande obrigação de o fervir, e de o ter a elle Rey de Portugal em conta de pai; e que elle ficava preftes pera receber o Patriarca como elle merecia: mas não fe penhorou em palavras na mudança dos coftumes.

Recebidas as cartas, fe defpedio o Padre do Imperador, que o mandou acompanhar, e prover de todo o neceffario em abaftança; e no fim de Março chegou ao porto de Arquicó, onde João Peixoto o eftava efperando; e recolhidos nas galeotas, deram á véla, e chegáram a Goa na entrada de Maio. E o Padre Meftre Gonçalo deo ao Governador relação de tudo o que paffou com aquelle Imperador, e lhe affirmou, que fe não mudaria de fua tenção; o que elle, e os Padres fentíram muito, pelo pouco fruito que fe efperava tirar do grande trabalho, e defpezas que ElRey tinha feito naquelle negocio: e do que niffo mais paffou, adiante em feu lugar daremos larga conta. Com a chegada deftes navios fe cerrou o inverno, e o Governador ordenou finco Capitães pe-

ra

ra darem mezas a todos os soldados, e estes foram Pero Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, Jorge da Silva, Pantaleão de Sá, e Ruy Barreto Mascarenhas. E todo o inverno gastou o Governador na reformação da Armada, que de novo fazia, cujo trabalho, e meneio repartio pelos Fidalgos, e todos os dias visitava a ribeira, e lá jantava; e assim se corria com a obra com muita presteza, e alegria, porque todos andavam satisfeitos, e contentes.

CAPITULO IV.

Do que succedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem: e das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa, Capitão da fortaleza de Ormuz: e do que lhe aconteceo no Estreito de Baçorá.

DE todas as cousas deste verão nos fica só por continuarmos com D. Alvaro da Silveira, que deixámos partido pera Ormuz no Cap. I. deste III. Liv., e agora o faremos, porque cabe aqui melhor. Este Capitão foi seguindo sua derrota até haver vista da costa da Arabia; e dobrando o cabo Rosalgate, tomou aguada em Teive, onde se apercebeo de agua, e dalli se passou a Ormuz, e surgio defronte daquella fortaleza, onde foi logo visitado da parte de Bernaldim

dim de Sousa, Capitão della, que era mui grande seu amigo, e lhe mandou pedir que quizesse ser seu hospede. D. Alvaro, que já vinha em outro bordo, por mexericos que tocavam em ciumes de huns amores, (com ser hum dos móres amigos que Bernaldim de Sousa tinha, e que já em Goa tomára bandos por elle, até contra o Governador, com quem teve paixões sobre cousas suas,) em lhe dando o recado de Bernaldim de Sousa, respondeo » que não vinha pera des» embarcar aquelle dia, e que ao outro o » faria, » e assim o fez; porque tanto que amanheceo, se metteo no batel do seu galeão, acompanhado de alguns Fidalgos, que com elle hiam embarcados, e foi demandar a terra. Bernaldim de Sousa sendo avisado que desembarcava, o foi esperar á praia muito alvoroçado pera o ver; mas D. Alvaro, que levava differente pensamento, sendo já perto da terra, que vio Bernaldim de Sousa, voltou com o batel, e foi correndo a ribeira pera a banda da Alfandega, e foi desembarcar á porta do Mosteiro de S. Domingos, que estava huma casinha pobre, (que hoje he Hospital pelos Padres já não estarem nesta terra,) deixando Bernaldim de Sousa na praia, porque de proposito lhe quiz fazer este tiro, pera que entendesse que não vinha seu servidor. Bernal-

naldim de Sousa tanto que o vio voltar de tão perto, logo o entendeo, e dissimulou com o negocio, e abalou com toda a gente pera S. Domingos, onde achou D. Alvaro da Silveira á Missa, e foi-se pera elle, e fallaram-se, achando a D. Alvaro secco, e differente do que dantes mostrava.

Acabada a Missa, se sahíram pera fóra, e Bernaldim de Sousa o convidou pera o jantar, que lhe elle acceitou; e indo pera a fortaleza, chegando á Feitoria de ElRey, lhe disse D. Alvaro da Silveira, que tinha hum negocio com o Feitor, que lhe désse licença pera se deter, que logo sería com elle. Bernaldim de Sousa se foi, e disse pera os que hiam com elle: » Não ha de vir, » porque se nós tiveramos a vacca preza, » o novilhinho entrára no curral. » D. Alvaro ficou negociando com o Feitor algumas cousas pera o provimento de sua Armada, e deo ordem pera se armarem mais alguns navios, por Provisões que para isso levava, porque determinava de passar logo a Baçorá; e acabando de fazer aquelle negocio, se foi embarcar, mandando da praia dizer a Bernaldim de Sousa, que não esperasse por elle, porque se lhe offerecêra hum negocio, que lhe era forçado ir-se pera o galeão. Bernaldim de Sousa nem então lhe quiz dar a entender que o entendia, (porque na verda-

de

de eſtava ſem culpa na materia, por que elle vinha eſcandalizado,) e lhe mandou de jantar ao galeão muito bem. D. Alvaro da Silveira foi dando preſſa ao aviamento de ſua Armada, deſembarcando todos os dias em terra, e ſempre Bernaldim de Souſa o eſperou, mas nunca quiz entrar na fortaleza; e armou mais ſeis navios de remo, e os proveo de Capitães, que foram, Henrique Soares, Franciſco Jorge, Gaſpar do Amaral, Antonio Nunes, e Antonio Gonçalves; e outro, a que não achámos o nome.

Preſtes tudo, ſe partio D. Alvaro da Silveira pera Baçorá em Junho; e antes de chegar á fortaleza de Reixel do Eſtado da Perſia, que fica ſobre a boca do rio Eufrates, encontráram huma terrada, que levava cartaz de Bernaldim de Souſa; e ſendo levada ao Capitão mór, mandou recolher no ſeu galeão todos os mercadores, e fazendas com huma boa cópia de dinheiro, ſem lhe querer guardar o cartaz, com os mercadores lhe fazerem ſobre iſſo muitos proteſtos, e requerimentos. E eſtando ſurto hum pouco fóra do rio Eufrates, eſperando por recado dos Gizares, e do Rey, que foi de Baçorá, lhe deo huma tormenta tamanha, que a não pudéram aguardar ſobre a amarra, e foi-lhes forçado darem á véla, e correrem com os traquetes á vontade dos ventos pera Ormuz;

e

e de feição, que se dividíram todos os navios, e os mais delles chegáram destroçados, e alagados a Ormuz, como tambem fez D. Alvaro da Silveira no seu galeão, que surgio no porto sem querer desembarcar, porque logo foi avisado, que Bernaldim de Sousa estava muito tomado de lhe não guardar o seu seguro á terrada que tomára, do que se havia por tão affrontado, e offendido, que esbravejava de ira de feição, que a paixão lhe não dava lugar algum ao soffrimento. E affirmáram algumas pessoas, que desejára de se encontrar com D. Alvaro da Silveira, e que o fora esperar de noite, cuidando que desembarcasse, e fosse a parte onde o encontrasse; mas D. Alvaro da Silveira não desembarcou. E depois de tomar alguns provimentos, e reformar a Armada, se partio pera Mascate, onde esteve até ser tempo de se partir pera Goa, e recolher as náos de Ormuz pera lhe ir dando guarda. Bernaldim de Sousa ficou tão apaixonado, e desgostoso, que cahio em cama, e de feição, que desta feita veio a falecer, como adiante diremos.

CAPITULO V.

Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.

DEixámos o inverno passado recolhido o Tribuli Pandar nas sete Corlas, depois de desbaratado; e vendo-se alli tão perseguido, se foi metter com o Principe de Urunguré, que he huma das Corlas, por ser muito seu parente, e elle o agazalhou bem, e o favoreceo contra o Madune, e lhe deo todas as cousas necessarias pera a guerra; mas como o Tribuli Pandar era máo, e perverso, em pago deste grande beneficio, matou huma noite o Principe, apoderando-se da Cidade, em que se fortificou com os seus, fazendo-se Senhor dos Paços, casa, e thesouro do Principe. Vendo-se este tyranno com posse, e senhor de Urunguré, determinou senhorear todas as sete Corlas, que era hum Estado grande, e em que os Portuguezes, nem o Madune lhe podiam fazer damno, por ser todo de serras altas, e de passos estreitos, e difficultosos. Determinado nisto, ajuntou gente, e começou a entrar pelas outras

tras Corlas com mão armada a tomar-lhes, e destruir-lhes seus lugares.

Vendo os naturaes tamanha maldade em hum homem, como foi matar hum Principe, que o agazalhou em seus trabalhos, e persegui̧ções, e tanto seu parente, se carteáram todos, e fizeram huma liga geral contra elle, jurando com suas ceremonias de morrerem todos assim na defensão de suas Cidades, como na vingança da morte daquelle Principe; e ajuntando todo o poder, occupáram, e fortificáram os passos por onde este tyranno os podia entrar; e pera mór segurança, mandáram Embaixadores a Affonso Pereira de Lacerda, Capitão de Ceilão, a pedir-lhe soccorro de soldados, promettendo que a todos os que lá fossem, pagariam a quinze pardáos de ouro por mez a cada hum.

Vendo Affonso Pereira de Lacerda seu requerimento, e razão, havendo que era serviço de ElRey favorecerem aquelles póvos, porque se não viesse aquelle tyranno a fazer senhor daquellas Cidades, (porque daria muito grande oppresão, e trabalho a toda aquella Ilha,) despedio logo hum João Fernandes Columbrina, soldado velho, e bom Cavalleiro, com sessenta Portuguezes, que folgáram de ir áquelle negocio, pelas grossas pagas que lhes promettêram; e foram-se ajun-

tar com os naturaes daquellas Corlas, e começáram a fazer guerra ao Tribuli Pandar pela parte de ſima, e o Rajú, filho do Madune (de quem ſe tambem valêram) pela parte debaixo; e aſſim perſeguíram aquelle tyranno, que de ſe ver perdido, tratou de ſalvar ſua peſſoa, como fez huma noite, levando ſua ſogra, e a mulher, filha do Madune, com os theſouros que pode; e por caminhos eſcuſos ſe foi pera Jafanapatão a pedir ſoccorro áquelle Rey, pera tornar a voltar com mór poder; e elle o recebeo humanamente. E praticando depois em ſeu negocio, e dando-lhe conta de ſuas couſas, a voltas dellas lhe diſſe a obrigação que tinham todos os Reys daquella Ilha, de lançarem fóra della os Portuguezes, fazendo-lho tão facil, que o moveo a lhe dar ſoccorro contra elles, e a ſolicitar todos os Reys amigos, e parentes. E para mór ſegurança diſto, ajuntáram-ſe em hum Pagode, pera nelle jurarem aquella liga com as ceremonias antre elles coſtumadas. Mas como a couſa, que mais aborrece a Deos, ſão homens falſos, e tyrannos, quiz logo caſtigar eſte Tribuli Pandar, quando elle eſtava mais embebido na vingança do ſeu odio; e foi deſta maneira.

Eſtando eſtes Principes diante de ſeus Idolos pera fazerem ſeus juramentos com grandes

das festas, e regozijos, acertou de cahir a hum ſoldado huma pouca de polvora do fraſco da eſpingarda, e outro traveſſo, que eſtava junto delle, a lhe pôr o fogo, o que ſuccedeo pegado com ambos aquelles Principes. E como o Tribuli Pandar andava receoſo, e de todas as couſas ſe temia, (que he o pezo que os máos trazem ſempre ſobre o coração, em pena de ſua maldade,) tanto que vio a labareda da polvora, cuidando que era traição, arrancou da eſpada contra ElRey; e antre todos ſe ateou huma grande briga, em que o Tribuli Pandar foi morto, ficando deſta feita a Rainha velha, o neto, ſua nora, e theſouros em poder daquelle Rey; e por aqui ſe acabáram todas ſuas guerras, e trabalhos, (que os Capitães de Columbo perſeguíram, tendo pela ventura no principio pequenas culpas; porque ſe chegou a morder, foi porque o acoſſárão.) E depois que elle acabou, começáram os grandes trabalhos daquella Ilha, e ſe perdeo o Reyno da Cota; e houve tantos cercos ſobre aquella fortaleza, e ſobre a de Columbo, como pelo decurſo das Decadas oitava, nona, e decima ſe veram; porque nunca o Madune ſe deſavergonhára tanto, ſe o Tribuli Pandar vivêra, por ſer o que lhe quebrava, e abatia ſua ſoberba, e tyrannia.

Vendo o Madune morto o Tribuli Pan-

dar, e o Camereiro mór de ElRey da Cóta, e seu cunhado Alança Modeliar, e o filho do Capitão preto prezos, e homiziados com os Portuguezes, (tudo ordenado por sua industria a este fim,) ordenou logo de proseguir na guerra da Cota, e não levar mão della, até se fazer Senhor daquelle Reyno, pera se coroar por Imperador livremente. E ajuntando seus exercitos, mandou seu filho o Rajú, que elle foi creando, e dando azas, e brio pera depois o matar a elle, e a seus irmãos legitimos, e a se fazer Rey, (como na undecima Decada diremos, pagando o Madune sua tyrannia por mãos de seu proprio filho,) que fosse proseguir na guerra, e puzesse cerco a Cota; o que elle fez, sahindo de Ceitavaca com hum grosso exercito; e entrando pelas terras daquelle Rey, foi fazendo grandes damnos, e estragos.

Estava neste tempo na Cidade da Cota com aquelle Rey Affonso Pereira de Lacerda com pouca gente, e com essa que tinha provêo os passos da Cidade, e os fortificou o melhor que pode, e pelos rios espalhou dez, ou doze navios, de que eram Capitães Fernão de Castro, Domingos Raposo, João Rodrigues Correa, Antonio de Espindola, Diogo Juzarte, Christovão das Neves, Gaspar Lopes, Vicente Bello, Anto-

nio

nio Fernandes, Gonçalo de Chaves, Antonio de Araujo, Antonio Jorge, Domingos Dias; e por Capitão mór de todos Fernão Peres de Andrade. Estes navios andáram defendendo a passagem ás gentes do Rajú, dando-lhe tambem em alguns lugares do pai, que destruíram, e abrazáram. ElRey da Cota, posto que estava desbaratado, ajuntou tambem suas gentes, e lançou no campo alguns Modeliares, que tiveram muitos recontros com os inimigos, em que houve damno de parte a parte. E porque estes assaltos foram muitos, e miudos, e não achámos lembrança de cousa notavel, passaremos por elles; basta que ficáram parte do veram, e todo este inverno, fazendo-se toda a guerra que pudéram, e assim os deixaremos até tornar a elles.

CAPITULO VI.

Da Armada que este anno de sincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as náos até o Reyno.

Desta Armada do anno de sincoenta e quatro, que chegou em Agosto de sincoenta e sinco, soube ElRey ficar na India o Vi-

Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que nella foi, o que estimou muito; e na entrada de Janeiro de sincoenta e seis mandou dar pressa á Armada que havia de ir pera a India, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira. E porque desejava de despedir estas náos cedo, (porque as da Armada do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas por partirem tarde arribáram humas, e outras tiveram muito ruim viagem,) entrou logo no despacho das cousas da India, e na embarcação do Patriarca da Abassia, e Bispos, que haviam de ir aquelle anno. E pera mais authoridade, e obrigar com isso muito áquelle Imperador, ordenou de lhe mandar hum Embaixador, e dizem que commettêra pera isso D. Antonio de Noronha o Catarraz, que havia de ir pera a India nesta Armada, e que por pedir muitas cousas se desaviera, e elegeo ElRey pera isso a Fernão de Sousa de Castello-branco, e o despachou com a Capitanía de Chaul, e com mil pardáos de tença, em quanto não entrasse nella; e mandou escrever áquelle Imperador cartas de muita obrigação, em que lhe pedia quizesse dar a obediencia á Santa Sé Apostolica, e receber o Patriarca, como huma tamanha dignidade merecia. E passou Provisões ao Governador pera dar a Fernão de Sousa de Castello-branco quinhentos

tos

tos homens, e Armada bastante pera elles, pera pôr o Patriarca, e Bispos na Abassia. Estas náos deram á véla a quinze de Março, o Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira na Garça, Jorge de Brito em Flor de la mar, Pero de Goes no galeão S. Vicente, Martim Affonso de Sousa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, e que depois foi Governador de Angola, em São Gião, e Antonio Fernandes em S. Paulo, cujo senhorio elle era. Nesta náo se embarcou D. Antonio de Noronha o Catarraz, que tinha arribado na náo Flamenga, de que era Capitão D. Manoel Tello, como atrás dissemos.

Tanto que D. Antonio de Noronha chegou ao Reyno, se foi recolher em S. Francisco; e sendo ElRey disso avisado, mandou saber delle, se aquillo era fazer mudança na vida, ou se por outro algum respeito; ao que lhe respondeo » que se recolhêra com os Frades por pobre; porque antes » queria acceitar delles huma ração, que pejar, nem enfadar parente algum seu. » Vendo ElRey aquillo, o mandou chamar, e lhe fez mercê da Capitanía de Dio, por lhe caber logo apôs D. Diogo de Noronha, que nella estava, e lhe mandou dar dinheiro pera suas despezas, em quanto se não embarcava; e agora pera sua embarcação lhe man-

dou

dou empreſtar dous mil cruzados do coffe do cabedal, que hia pera a pimenta, pera na India os tornar; porque os Reys de Portugal ſempre andáram eſpreitando as neceſſidades de ſeus vaſſallos, pera as remediarem como pais; porque ſabiam muito bem, que elles como filhos no amor, e como vaſſallos leaes na obrigação, arriſcavam as vidas, todas as vezes que era neceſſario por ſeu ſerviço, a todos os perigos que ſe offereciam.

Neſtas náos provêo ElRey em muitas couſas, que lhe parecêram neceſſarias ao bom governo do Eſtado da India, e encômmendou muito ao Viſo-Rey, que mandaſſe huma peſſoa de confiança a correr os pórtos da Ilha de S. Lourenço, pera ver ſe achavam por elles algum raſto da gente das náos Burgaleza, e Santa Cruz, que deſapparecêram, vindo pera o Reyno, o anno de ſincoenta e tres, porque ſe preſumia que deram por aquella coſta; e que notaſſem em todos aquelles pórtos o que foſſe mais accommodado pera nelle ſe fazer huma fortaleza; e que aſſentaſſem pazes, e commercio com os Senhores dos pórtos de mar, e viſſem ſe aquella gente era capaz de receber a Ley de Chriſto.

Eſtas náos foram ſeguindo ſua derrota, ora com bonanças, ora com contraſtes, até paſſarem o cabo de Santo Agoſtinho,

que

que foram em demanda do de Boa Esperança; sómente a náo S. Paulo, depois de passar o Cabo de Santo Agostinho, (que foi já muito tarde,) começou a haver antre os homens do mar alterações, e requerimentos ao Capitão, que arribassem, porque a náo não levava agua; e chegou a cousa a estado, que não quizeram acudir, nem obedecer ao Mestre. A isto acudio D. Antonio de Noronha, e ajuntando-se com o Capitão, elegêram alguns homens honrados, e de verdade pera darem busca á náo, e saberem a agua que havia; e descendo ao porão, e ás cubertas, em que se metteo a agua de ElRey, achâram tão pouca, que nos affirmáram não chegar a vinte pipas; pelo que lhes foi necessario arribarem ao Brazil, e foram tomar a Bahia de Todos os Santos, onde estava por Governador D. Duarte da Costa, que mandou recolher os doentes no Hospital, e aos sãos ordenou darem-lhes mezas; e Dom Antonio de Noronha recolheo comsigo perto de trinta soldados, criados de ElRey, e lhes deo de comer á sua custa todo o tempo que alli esteve, e depois até os pôr na India. As mais náos passáram á India, e tomáram Goa, e nellas vieram as novas da morte do Infante D. Luiz, que todos geralmente sentíram, porque perdêram nelle os Fidalgos tamanho terceiro pera seus despachos,

chos, que depois de declarados lhe hiam beijar a mão por elles, porque sempre foi requerente de todos. E as cousas da India, por ella ser descuberta por ElRey D. Manoel seu pai, favoreceo sempre, e amou sobre todas; e assim dizem que desejou summamente ir a ella, mas que tivera a isso grandes inconvenientes.

Foi este Principe por sua boa, e real natureza muito amado de todos, não só dos naturaes, que o tinham em conta de pai, mas ainda dos estrangeiros; e assim todos o sentíram, e choráram. E eu tambem o fiz ao escrever disto, porque toda a honra, ser, e creação que tenho, me veio delle; porque de idade de dez annos o comecei a servir, e me achei na casa em que faleceo com huma tocha nas mãos; e por ficar desamparado por sua morte, me passei á India, onde atégora sempre servi, e militei. Tambem vieram nestas náos novas de como o Imperador Carlos V. de gloriosa memoria, se recolhêra á Religião no Convento de S. Jeronymo de Juste, por ser lugar sadio, e accommodado a quem larga governo, e inquietações do Mundo, e deixára o governo de seus Reynos ao muito Catholico Principe D. Filippe seu filho.

Chegadas as náos a Goa, logo o Governador se começou a fazer prestes pera ir ao

Nor-

Norte, pera o que efcreveo a ElRey de Cochim, e áquella Cidade, que lhe mandaffe alguns Naires, navios, e gente pera o acompanharem; e o mefmo efcreveo a Cananor, e que efperava de partir na entrada de Novembro; e começou logo a entender no defpacho das náos, que haviam de ir pera o Reyno. E porque faltava a náo S. Paulo, que ficou invernando no Brazil, não querendo que foffem menos náos, e carga, o feu primeiro anno, em que pertendia ficar acreditado com ElRey, comprou huma muito formofa, e nova do eftaleiro, que eftava no porto de Goa, a Eftevão Pereftrello, Capitão de Carania, e deo a Capitanía della a Francifco Nobre, que ficou em Goa, por fe perder nos baixos de Pero dos Banhos, (como atrás differnos no Cap. VII. do II. Liv.) por fer da obrigação do Conde da Caftanheira; e defpedio com muita preffa as náos pera irem tomar a carga a Cochim, pera ficar defembaraçado, e entender fó na fua Armada, em que pertendia ir ao Norte. Eftas náos tiveram muito ruim viagem, e fó a Capitânia chegou ao Reyno; Flor de la mar, S. Gião, e o galeão S. Vicente invernáram em Moçambique, e depois em Novembro partíram pera o Reyno, aonde chegáram; e a náo S. Gião, em que hia por Capitão Martim Affonfo de Soufa, pelejou

na

na costa do Algarve com quatro galés de Turcos muitas horas, e se apartáram quasi desbaratados, ficando tambem a náo bem destroçada, e assim entrou pela barra de Lisboa dentro.

CAPITULO VII.

De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratáram com o Governador Francisco Barreto sobre sua ida: e dos entretimentos, e escusas de que usou, e do conselho que sobre isso tomou, em que se assentou fosse o Bispo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Sousa.

VEndo o Patriarca, e Fernão de Sousa de Castello-branco, Embaixador da Ethiopia, que o Governador Francisco Barreto se fazia prestes pera ir ao Norte, sem tratar das cousas da Ethiopia, que ElRey tanto lhe encommendava, foram-se a elle, e lhe apresentáram as instrucções, e Provisões de ElRey, e lhe requerêram que as cumprisse, e lhe désse a Armada, gente, e todas as mais cousas que ElRey mandava, pera passarem á Ethiopia, cousa, em que elle levava tamanho gosto, e tinha mettido tão grande cabedal. O Governador vendo-se apertado delles, respondeo » que aquelle

» ne-

» negocio era de muito grande consideração;
» e que o Estado não estava pera poder ti-
» rar de si seiscentos homens, e Armada bas-
» tante pera elles, tantos marinheiros, ar-
» tilheria, munições, e outros petrechos, de
» que os Armazens estavam faltos; que pri-
» meiro havia de dar relação a ElRey do que
» o Padre Mestre Gonçalo passára com aquel-
» le Imperador, e de como o achára duro
» na mudança de seus costumes; e que não
» era licito, nem honra da Sé Apostolica,
» que huma tamanha dignidade, como era
» a do Patriarca, se abalasse a cousas duvi-
» dosas, e se arriscasse a ser desprezado, e
» maltratado de homens, que professavam
» serem Christãos; e que escrever elle que
» lhe mandassem o Patriarca, e Bispos, fo-
» ra mais por cumprimento, que por vonta-
» de;» e com isto se concluio.

Os Prelados, e Padres da Companhia, que se acháram presentes, ficáram muito descontentes da pouca vontade que víram no Governador, e fizeram queixas aos principaes Fidalgos da India, como D. Alvaro da Silveira, D. Antão de Noronha, Fernão Martins Freire, Martim Affonso de Miranda, e outros, que fizeram suas lembranças ao Governador sobre aquellas cousas, que sempre insistio em não ser bem ir o Patriarca, nem o Estado lhe poder dar a gente, e Arma-

mada que ElRey mandava, resumindo-se; que todavia se o Patriarca quizesse passar á Ethiopia, que faria huma Armada conforme ao tempo; mas que havia de ir nella Fernão Martins Freire por Capitão mór, (não tratando cousa alguma de Fernão de Sousa,) que o poria em Arquicó, e lhe daria sessenta soldados pera o acompanharem até á Corte do Imperador, que isso lhe bastava. Disto ficáram o Patriarca, e Fernão de Sousa aggravados do Governador, e respondeo o Patriarca » que se não havia de abalar » de Goa, senão na fórma que ElRey man» dava, e em companhia do Embaixador que » com elle viera; » e o Padre D. Gonçalo da Silveira, Provincial da Companhia, desgostoso disto, se embarcou logo pera Cochim, sem querer mais ver o Governador, que cuidando devagar naquellas cousas, e vendo as instrucções, e Alvarás de ElRey, e o muito que lhe encommendava aquelle negocio, e as diligencias que o Embaixador, e Patriarca sobre isso tinham feito, não quiz que escrevessem a ElRey, o pouco que naquelle caso fizera.

Pelo que mandou chamar a conselho geral todos os Prelados Theologos, e Fidalgos velhos, e lhes disse » que elle estava pres» tes pera fazer nas cousas do Patriarca, o » que lhe ElRey mandava; mas que bem

» viam-

» viam, que o Estado não estava pera tirar » de si tanta gente, e Armada, porque nem » soldados, nem dinheiro havia; que se tor» nasse a ouvir alli o Padre Mestre Gonça» lo, e que com a informação que tornasse » a dar das cousas do Preste, assim votassem, » porque elle estava prestes pera pôr em or» dem tudo o que se assentasse.» Sobre isto tornou o Padre Mestre Gonçalo a dar relação das cousas daquelle Imperador, e de como o achára frio nas cousas da Fé, e das inquietações que aquelle Imperio padecia com os inimigos; mas que tambem era lá muito necassaria a presença do Patriarca, porque podia ser que com aquelle Imperador o ver, se movesse ao que ElRey pertendia. Sobre isto tornáram a votar todos; e os mais foram de parecer, que se não arriscasse a pessoa do Patriarca por então, porque o Estado não estava pera o mandar com o cabedal que ElRey mandava. E que se fizesse primeiro a saber; mas que tambem se não desamparasse aquella Christandade, porque de huma hora pera a outra podia Deos mover o coração daquelle Imperador, e que pera isso se mandasse o Bispo D. André de Oviedo, com alguns companheiros, e Padres da Companhia, pera verem, e consolarem aquella Christandade, porque de todo se não apagasse. E que achando sitio, e

di-

dispoſição pera ſe fazer algum fruito no Imperador, e nos naturaes, então poderia ir o Patriarca, como ElRey mandava.

Com eſta reſolução mandou o Governador Franciſco Barreto negociar quatro navios, de que deo a Capitanía a Manoel Travaſſos, e deo ao Biſpo todas as couſas neceſſarias pera a jornada; e ordenou que foſſe em ſua companhia a modo de Embaixador Gaſpar Nunes, que de lá tinha vindo com o Padre Meſtre Gonçalo, que foi dos que ficáram da companhia de D. Chriſtovão da Gama; e como o Governador eſtava apreſſado pera ir ao Norte, deixou ordem pera partirem em Janeiro.

E porque ElRey lhe encommendava muito, que mandaſſe á Ilha de S. Lourenço a ſaber ſe havia por ſeus pórtos novas algumas da gente daquellas náos perdidas, de que atrás fizemos menção no Cap. VI. deſte III. Liv., e pera outras couſas, que mandava por ſuas inſtrucções, elegeo pera eſta jornada Balthazar Lobo de Souſa com huma caravela, e duas fuſtas de remo, de que eram Capitães João Gallego, e Pero Rodrigues Barriga, e lhes deo o traslado do regimento de ElRey, e outro ſeu ſobre as meſmas couſas, e com ordem que partiſſe no meſmo tempo que Manoel Travaſſos.

CA-

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio pera o Norte, e Dom Diogo de Noronha se foi ver com elle a Baçaim.

DEspedidas as náos pera Cochim, proveo o Governador Francisco Barreto a costa do Malavar com só sete navios, por não haver por então necessidade de mais Armada, de que fez Capitão mór Miguel Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova Carneiro, Secretario de ElRey; e os mais Capitães eram, Belchior Carvalho, João Rodrigues de Sousa, Antonio Pimenta, Luiz Mendes de Vasconcellos, Jorge Gonçalves, e Pero de Figueiredo. E porque a Armada não fez cousa notavel, mais que enxotar alguns ladrões formigueiros, acabaremos aqui com ella, por não tomarmos o tempo a outras cousas. E logo após esta Armada despedio Pero de Ataíde Inferno com huma galeota Latina, e sinco navios pera ir ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Meca, onde lhe não aconteceo cousa notavel.

Partidas estas Armadas, se embarcou o Governador em Novembro, e deo á véla com huma frota de cento e sincoenta navios,

em que entravam treze galés, e oito galeões, e tudo o mais galeotas, fustas, e catures. Os Capitães das galés eram, Fernão Martins Freire, D. Fernando de Monroy, Martim Affonso de Miranda, Pero Barreto Rolim, Bastião de Sá, Pantaleão de Sá seu irmão, D. Pedro de Sousa, Ruy Barreto Mascarenhas, e o Governador na galé Reliquias, que era a mais formosa peça que havia, D. Francisco Mascarenhas, Alvaro Paes de Soto-maior, e D. Filippe de Castro. Em galeotas Latinas D. Martinho da Cunha, D. Alvaro da Silveira, que tinha chegado de Ormuz, D. Pedro de Menezes, Ayres Gomes da Silva, e Tristão Vaz da Veiga em galeões. Os Capitães das fustas eram, D. João de Ataíde, que este anno veio despachado com a Capitanía de Ormuz pera logo, D. João Coutinho, D. Pedro de Noronha, D. João Tello, D. Pedro Deça, Ayres Telles de Menezes, D. Diniz, Gonçalo Falcão, Garcia de Sá, Antonio de Sousa Coutinho, D. Francisco de Moura, André Pereira, Alvaro Pires de Tavora, Jorge Pereira Coutinho, Christovão de Sousa, Manoel de Mello, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Alvaro de Castro, Jeronymo de Sousa, Luiz Cabral, André de Sousa, João de Mello de Brito, Antonio de Noronha, D. Luiz de Almeida, Antonio

Fer-

Ferrão, Fernão Peres de Andrade, que tinha vindo de Ceilão, Pero Mascarenhas, Luiz Freire de Andrade, Lopo de Brito, Alvaro Reinel, Tristão de Paiva, Antonio de Sampaio, Cifal Pinheiro, Nuno Vaz de Villa-lobos, Ruy de Mello da Camara, Pero Fernandes de Carvalho, Ayres Falcão, Cosmo de Castro, Antonio Gomes da Silva, Jorge Toscano, Fernão de Sá, Jeronymo de Mesquita, Ruy Dias Pereira, João Alvares Pereira, Vasco da Silva, Gonçalo Guedes de Sousa, Diogo de Miranda de Azevedo, Martim Lopes da Fonseca, Belchior Correa, o Ouvidor Geral, o Secretario Antonio Coelho, Antonio Martins, João Rodrigues, Antonio Borges, João Peixoto, João Freire, Manoel Boto, Fernão Paes, Aleixos Malho, Simão da Cunha, André Coelho, Anadel mór dos espingardeiros, Antonio de Siqueira, Capitão da guarda do Governador, Balthazar Monteiro, Manoel Mouro, Antonio de Arzila, Manoel Pinto, André de Villa-lobos, Manoel Affonso, Francisco Dias, Belchior Godinho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios seccos, Pedro Alvares de Cananor, Antonio de Almeida, Gonçalo Sanches, Jorge Gomes, Ruy Godinho de Cananor, Vasco Martins, Capitão de tres navios, que ElRey de Cochim mandou com Naires, Braz Frag-

ſo de Coulão, João Freire, Franciſco Rodrigues em huma galeota ſua, Franciſco de Alboquerque, Eſtribeiro do Governador com os ſeus cavallos, Diogo Banha, Chriſtovão Fernandes, Capitão de duas fuſtas, que a Cidade de Cochim mandou; e outros muitos Capitães, a que não achámos os nomes. O Governador foi tomar Chaul com toda eſta Armada, e de paſſagem deo ordem a algumas couſas; e deſpachou Baſtião de Sá pera ir entrar na Capitanía de Çofala, e Moçambique, que lhe cabia entrar naquelle Fevereiro, por acabar ſeu tempo D. Diogo de Souſa, neto do Conde do Prado, que depois foi General da Armada de ElRey Dom Sebaſtião na deſaſtrada paſſada de Africa.

Deſpachadas eſtas couſas, paſſou o Governador a Baçaim, onde deſembarcou, e ſe lhe fez o mór recebimento que podia ſer, porque fora alli Capitão, e eſtava muito bem quiſto nella. Poucos dias depois chegou áquella Cidade D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, em quatro, ou ſinco navios, (porque do caminho lhe mandou o Governador recado pera que ſe foſſe ver com elle a Baçaim,) que foi bem recebido delle; e depois pedio ao Governador, que o ouviſſe, preſentes os Fidalgos do conſelho. E ſendo todos juntos, fallou muito largamente ſobre a troca, que o Governador queria fa-

fazenda a ametade do rendimento da Alfandega de Rio com a Cidade de Damão, apontando grandes inconvenientes, e deserviços, que nisso se faziam a ElRey; porque naquella Ilha não era razão tornasse ElRey de Cambaya a ter quinhão, porque perdesse de todo as saudades della. E que se parecesse que cumpria ao Estado accrescentar-se a elle a Cidade de Damão com toda sua jurdição, e terras, que alli a tinha á mão; porque pelas differenças que havia antre os Governadores de Cambaya, ser-lhe-hia muito facil tomalla, porque a possuia hum alevantado, que tinha muito pouca posse; e que ainda dizia mais: Que pelo estado em que as cousas de Cambaya estavam, elle se obrigava chegar até á Corte de Amadabá com só dous mil homens de pé, e trezentos de cavallo; e sobre isso disse muitas cousas, com que venceo a todos, e votáram, que se desistisse daquelle negocio; e que pois as cousas estavam tão dispostas, que pera o anno tornasse o Governador sobre Damão, e que entre tanto trabalhasse por haver as fortalezas de Assari, e Manorá, que eram da jurdição de Damão, pera segurarem as terras de Baçaim; porque os alevantados que as possuiam, faziam dellas muitas entradas nas terras, e aldeias de Baçaim. E que além disso lançariam mão de muitas aldeias da jurdi-

dição daquellas fortalezas, que eram muito grossas, e muito importantes a ElRey, e dariam de comer a muitos homens. Assentado isto, despedio o Governador a D. Diogo de Noronha pera Dio, e elle ficou entendendo em outras muitas cousas.

CAPITULO IX.

De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Francisco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquistáram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.

PArtido o Governador Francisco Barreto de Goa, ficou-se negociando Manoel Travassos pera levar o Bispo á Abassia, que se embarcou com elle no seu navio, e levou comsigo seis Padres da Companhia de Jesus, e todas as cousas necessarias pera naquelle Reyno celebrar o culto Divino com a magestade necessaria á sua dignidade, pera que vissem aquelles Christãos a differença que havia dos costumes, e ceremonias Romanas das suas. Estes navios se fizeram á véla em Dezembro, e de sua jornada adiante daremos razão.

No mesmo tempo chegou a Baçaim hum navio, em que vinha hum Embaixador do Rey do Cinde a tratar certas cousas com o Go-

Governador, que elle mandou deter na aguada, em quanto se lhe negociava seu recebimento, que foi com grande magestade; porque o Governador era hum Fidalgo muito apparatoso. Depois o ouvio, e elle lhe deo huma carta de ElRey do Cinde, em que lhe mandava pedir soccorro de huma Armada pera contra hum tyranno alevantado, e que pagaria todas as despezas de gente, e navios que lá fossem; e que sempre em seu porto achariam os Portuguezes favor, e recolhimento, e ficaria antre elles commercio, e amizade perpétua. O Governador Francisco Barreto poz aquelle negocio em conselho; e assentou-se, que pois os gastos da Armada estavam feitos, e elle se havia de deter alli todo o verão, que devia satisfazer áquelle Rey, porque era amigo do Estado; e de seu commercio resultavam a todos grandes proveitos, além dos que se esperavam da jornada, que seriam bons, pera forrar parte das despezas, que naquella jornada estavam feitas.

Assentado isto, começou o Governador a dar ordem á Armada, que havia de mandar, e elegeo pera Capitão mór della a Pero Barreto Rolim, e lhe nomeou vinte e oito navios, e setecentos homens; pera o que não foi necessario rogar algum, porque os soldados se offerecêram pelos proveitos que

ef-

esperavam ; e antes do Natal se foz Pero Barreto Rolim á véla , levando comsigo o Embaixador.

Os Capitáes que nesta jornada o acompanháram , são os seguintes : D. Francisco de Noronha , Diogo de Miranda de Azevedo , Jorge Pereira Coutinho , Ayres Telles de Menezes, Jeronymo de Sousa , Manoel de Mello , André de Sousa , Diogo Juzarte Tição , Christovão de Sousa , D. João Tello , João de Mello de Brito , D. Luiz de Almeida , Antonio de Noronha , D. Pedro de Noronha , Gil de Goes de Lacerda , Martim Lopes de Faria , Pero Mascarenhas , Luiz Freire de Andrade , Gonçalo Sanches , Alvaro Affonso , Sebastião da Costa , João Rodrigues de Sousa , Christovão Cordeiro , Jorge Gomes , Belchior Godinho , Cifal Pi*nheiro , Antonio Godinho , Antonio de Sampaio , Gaspar Luiz , Pero Fernandes de Carvalho* , e o Feitor da Armada.

Partidos estes navios , foram seguindo sua viagem , a que logo tornaremos , porque he necessario dar razão desta embaixada , e pera que mandava aquelle Rey pedir este soccorro. Pelo que se ha de saber , que estando por Governador da Cidade Cahandar , e suas terras , que partem com o Reyno Coraçone , hum Magor , chamado Xabec , filho de Janubec , muito parente dos Reys

Ma-

Magores, que ElRey Babur Paxá, pai de Hamaú Paxá, e avô de Hecbar, que hoje reina antre os Magores, tinha posto naquelle Estado, que era seu. Este Xabec era homem prudente, grande Capitão, e desejoso de subir a mais, e de se fazer Rey de algum grande Reyno. E querendo-o a fortuna favorecer nisto, offereceo-lhe huma occasião, de que logo lançou mão, que foi saber que havia divisões no Reyno do Cinde antre ElRey, e os Capitães. E ajuntando hum grande exercito, foi descendo de longo do rio, indo abaixo, quasi nos annos de 1525, sendo Governador da India D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, e foi ter ao Reyno do Cinde, que então era cousa muito grande, e o começou a conquistar. Reinava então nelle Jaraparos, Casta Camal, dos antigos Reys Gentios, em cujo poder havia muitas centenas de annos aquelle Reyno andava, e tinha seu assento, e Corte na Cidade Tantá, principal do Reyno, e das maiores, e mais ricas do Oriente, assim pela grossidão de seus mercadores, como pelas louçainhas, e subtileza de suas mecanicas, em que precediam, e faziam vantagem a todos, tirando os Chins.

E sabendo elle que Xabec lhe entrava por seus Reynos, ajuntando suas gentes, o foi buscar; e depois de ter muitos recontros,

tros, e batalhas, em que os Magores receberam bem de damno, ficou elle roto, e desbaratado de todo, e com alguns poucos ſe recolheo pera o certão do Reyno de Cambaya, onde foi recolhido de alguns Reys Resbutos ſeus parentes, que reinavam em ſerras aſperas, e fragoſas. O Xabec vendo-ſe vitorioſo, foi entrando pelo Reyno, e ſujeitou tudo até a Cidade de Tantá, onde ſe fez alevantar por Rey; e como era prudente, ſocegou, e quietou os naturaes de feição, que já o amavam não como eſtrangeiro, ſenão como natural. Viveo eſte Rey dous annos, e deixou o Reyno pacifico, e quieto a ſeu filho Mirzachan o Hocen, em cujo tempo morreo Babur Paxá Rey dos Magores, e lhe ſuccedeo Hamaú Paxá ſeu filho, de quem na quarta, e quinta Decada démos larga relação, quando conquiſtou os Reynos de Cambaya.

Eſte Hamaú Paxá como era cubiçoſo de grande Monarquia, e deſejava de ſer outro Tamorlão, (cujo quarto neto era,) determinou conquiſtar os Reynos vizinhos todos, e depois os do Decan. E ſabendo no principio de ſeu reinado, como o Xabec, ſendo vaſſallo de ſeu pai, e Governador do Cahandar, conquiſtára o Reyno do Cinde; e que pelas obrigações ditas ficava ſeu vaſſallo, enviou-lhe a dizer por ſeus Embaixado-

res

res « que aquelle Reyno fora conquiſtado por » ſeu pai Xabec, que era vaſſallo de Babur » Paxá ſeu pai, com gente, e cabedal ſeu; » que ficava tambem obrigado a ſer ſeu vaſ- » ſallo, e a lhe reconhecer ſuperioridade; e » que ſó com iſſo o deixaria ficar no Rey- » no. » O Mirzachan ouvindo a embaixada, lhe reſpondeo com eſcuſas, e entretimentos, que entendidos pelo Hamaú Paxá, ajuntou groſſos exercitos, e entrou pelas comarcas do Cinde (no principio das differenças de Pero Maſcarenhas com Lopo Vaz de Sampaio) nos annos do Senhor de 1527. O Rey do Cinde ſabendo como lhe entrava por ſuas terras, como eſtava muito proſpero, e bem quiſto de todos, o foi eſperar, e lhe deo batalha, onde o desbaratou, e o fez fugir a unhas de cavallo, ficando com iſto pacifico, e temido até á entrada deſte anno de ſincoenta e ſeis, em que andamos, que faleceo, depois de reinar trinta e tres annos; e dizem alguns que de peçonha.

Morto eſte Mirzachan Hocen, por lhe não ficarem filhos, alevantáram os naturaes por Rey hum parente ſeu, chamado Mirzamhuſá Magor, Argú de nação, que era Capitão geral de todo o Reyno, a quem obedecêram todos os Governadores das Provincias; ſómente Soltão Mahamude, que eſtava por Governador na Provincia Bachar,

que

que tanto que teve novas da morte do Rey, e da succesſão de Mirzamhiſá, grangeou os grandes, e alevantoū-ſe por Rey daquella parte. O Mirzamhiſá tanto que teve aviſo diſto, mandou-lhe Embaixadores, que deſiſtiſſe do titulo de Rey, e ficaſſe naquella parte por Governador, como eſtava, reconhecendo-lhe obediencia. Ao que Soltão Mahamede reſpondeo, que aſſim como elle ſe alevantára com o Eſtado do Cinde, que governava, aſſim elle o fizera com aquelle do Bachar por vontade de todos; e que o meſmo direito que elle tinha no Cinde, o tinha elle tambem naquelle em que era Rey. Vendo Mirzamhiſá aquella reſpoſta, tratou de ir ſobre elle, e de o deſtruir de todo; e pera iſſo ſe quiz valer do braço Portuguez, e mandou ao Governador aquelle Embaixador, que atrás temos dito.

CAPITULO X.

Da famoſa Ilha de Salſete de Baçaim, do ſeu eſpantoſo Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.

ESta Cidade de Baçaim tem o mór termo, e jurdição de todas as da India; porque pera o Levante ſe eſtende até ás fortalezas de Aſſarim, e Manora, que feram oi-

oito leguas, em que ha fertiliſſimas aldeias, e de grandes rendimentos. Pera o Norte ſe eſtende até o rio de Agaçaim, e para o Sul até o rio Bombaim, ou ainda mais abaixo até outro braço ſeu, que ſe chama de Caraniá, por ſe fazer antre hum, e outro huma Ilheta, em que temos hum caſtello deſte nome. O rio que faz eſta Ilha de Salſete, faz duas bocas: a do Norte he o rio que entra ao longo da Cidade de Baçaim, e vai correndo ao Sul em muitas voltas; e a meio caminho, que ſerá perto de tres leguas, ſe faz huma colonia, que os Portuguezes alli fundáram, que ſe chama Taná, em que haverá quaſi ſeſſenta Portuguezes, que naquella Ilha tem ſuas aldeias, que são muito rendoſas. Aqui faz o rio dous paſſos muito eſtreitos, e que ſe podem paſſar a váo á outra banda de maré vaſia da terra dos Mouros até eſta Ilha de Salſete. Neſtes paſſos ha dous caſtellos roqueiros fundados ſobre a agua, pera defenderem aquella paſſagem. Continuando o rio ao Ponente outras tres leguas, vai fazer a formoſa barra de Bombaim, que ſahe ao mar mais de meia legua de largura, onde ſe recolhem náos do Reyno, e de outras partes, por ſer de bom fundo, ſem banco, e impedimento algum. E antes de chegar ao mar, lança hum braço ao Sul, que faz a Ilha de Caranjá,

e

e outra ao Norte , que ſe chama Bandorá. Deſta boca de Bombaim vai correndo a coſta pera o Norte perto de quatro leguas até tornar a entrar pela barra de Baçaim , ficando-lhe eſta Ilha de Salſete pela banda de fóra , que ſerá de quinze leguas em roda, e duas de largura.

No meio deſta Ilha eſtá aquelle admiravel Pagode do Canari, que ſe preſume ſer obra dos Canarás, e por iſſo ſe chama aſſim , que eſtá feito ao pé de hum arrezoado monte, todo de pedra de côr pardo claro , e á entrada delle ſe faz huma formoſa ſala, e no pateo de fóra da porta de huma, e da outra banda della, eſtam duas figuras de vulto entalhadas na meſma pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes que vam nas procisſões da feſta do Corpo de Deos de Lisboa, tão formoſas, tão primas, e tão bem lavradas , que nem em prata ſe podiam entalhar melhor , nem mais perfeitas. A porta da banda de fóra tem algumas ciſternas feitas na meſma rocha , que recebem a agua do inverno , que no verão eſtá tão fria , que não ha mão que a ſoffra. Pela ſerra aſſima até o cume della, a modo de caracol , ſe fazem mais de tres mil camarinhas pequenas , a modo de cubiculos, cortadas na meſma rocha , e cada huma dellas tem á porta huma ciſterna da meſma agua.

E

E o que he mais pera admirar, he, que ha hum cano feito por tal artificio, que corre por todas estas tres mil camarinhas; este cano recolhe todas as aguas vertentes daquella serra, e a reparte por todas as cisternas, que estam ás portas das camarinhas.

Aqui neste Pagode habitavam muitos Jogues, que se sustentavam de muitas esmolas, que lhes davam em todas aquellas aldeias, cuja cabeça era hum de cento e sincoenta annos de idade, que os Padres de S. Francisco, que primeiro foram habitar na Cidade de Baçaim, fizeram Christão, e se chamou Paulo Raposo; e assim bautizáram outro, chamado Calete, de mais fama que o Paulo Raposo, a quem puzeram por nome Francisco de Santa Maria, e viveo depois muito christãmente, e com muita satisfação dos Padres, e ainda ficou sendo Prégador Evangelico, e converteo muitos daquelles Jogues, e outros Gentios. Viveo este homem depois de bautizado sinco annos, ou póde dizer como Similo, que não viveo mais que aquelles sinco. O Padre que andou por esta Ilha naquelle principio convertendo aquelles Jogues, chamava-se Fr. Antonio do Porto, da Ordem dos Menores, Varão Apostolico, e de vida exemplar, que penetrou todos os segredos daquella Ilha, que eram muitos. E neste Pagode que digo, chamado

do do Canari, se assentou, e o consagrou em Templo da invocação do Anjo S. Miguel; e no tempo que alli esteve, foi informado do mais novo, admiravel, e intrincado labyrintho de todo o Mundo, que por espanto se póde relatar, como o farei aqui brevemente.

Estando o Padre Fr. Antonio do Porto nesta Igreja de S. Miguel, foi informado dos Christãos, que alli converteo, que naquella serra havia hum labyrintho, a que nunca puderam achar fim, e que se affirmava, que hia correndo até o Reyno de Cambaya. E desejoso o Padre de o ensacar, e penetrar por ver as maravilhas, e grandezas que delle se diziam, tomou comsigo hum companheiro, e negociou vinte homens com armas, e espingardas pera defensão das bestas féras, e outros servidores, que levavam as cousas necessarias pera a jornada, como agua, arroz, biscouto, legumes, manteiga, e outros mantimentos, e alguns almudes de azeite pera tochas que levavam pera se alumiar, e verem por onde hiam, e tres pessoas carregadas de novelos de cordeis grossos, que pera isso se fizeram pera irem largando pelo caminho, como fizeram os que entráram no labyrintho de Creta.

Prestes tudo, foram entrando por aquellas grutas, cuja boca sería de quatro bra-

ças

ças de largura, onde deixáram a ponta do fio atado a huma grande pedra; e por aquelle labyrintho camináram sete dias continuos por caminhos huns largos, e outros mais estreitos, tudo cortado em viva rócha; hiam vendo de huma, e de outra parte camarinhas pequenas, como as do Pagode que já disse, e á porta suas cisternas, sem me saberem dizer se tinham agua, e como a podiam recolher, pois por todo aquelle caminho não havia buraco, agulheiro, nem outra alguma cousa, que pudesse dar alguma claridade. Tudo por sima era huma abobada de pedra viva da mesma rócha, e as paredes de huma, e da outra parte de todo este caminho era da mesma sorte. Vendo o Padre que tinham gastados sete dias sem acharem sahida alguma, e os mantimentos, e agua que levavam quasi acabados, foi-lhe necessario tornarem a voltar pera fóra, guiando-se pelo fio, sem saberem por todo este caminho se subiam, ou desciam, ou a que rumos navegáram, por não levarem agulha por onde se governassem.

E praticando eu com Gentios muito antigos sobre isto, me affirmáram, que por aquelle caminho podiam ir até Cambaya, e ainda até ás terras do Magor, e Cidade de Agará, e que fora este caminho antigamente muito usado, e continuado; e que assim

o affirmavam as efcrituras dos antigos Gentios; e que outros muitos caminhos como eftes por baixo da terra havia em muitas partes de Cambaya, e no Decan, e que fem dúvida fora ifto mandado fazer por hum potentiffimo Rey Gentio, chamado Bimelamenta, que havia mais de mil e trezentos annos reinára em todos os Reynos defte Oriente, defde Bifnaga, ou Bengala até o Magor, e ainda até Ormuz; e efte tem fuas efcrituras, que viveo trezentos annos, e que deftes reinou cento e tantos.

E como em todas fuas coufas mettem muitas fabulas, e patranhas, pera darem principios honrofos a feus Reys, como muitas vezes temos dito, affirmam que efte Bimelamenta era hum Gentio, homem prudente, e de muita boa razão, natural das terras do Magor, Cidepur, e Patan, por onde andava fazendo vida religiofa, a quem apparecêra hum idolo da antiga Gentilidade, chamado Ambani, e lhe revelára muitos thefouros, e lhe dera muitas leis pera fazer guardar áquelles Gentios que viviam fem ellas, e pera que os governaffe em policia, e trouxeffe, e ajuntaffe em lugares communicaveis, porque andavam efpalhados pelos matos, vivendo como brutos; o que elle fizera, e os ordenára, e mettêra em razão, fundando Cidades, Villas, e povoações, e

que

que fora por todos alevantado por ſeu Rey. Deſte homem contam ſuas hiſtorias tantas grandezas, que cauſam eſpanto. Affirmam, que fez eſtes labyrinthos, e que mandára fabricar infinitos Pagodes de admiravel artificio, e que eſte do Canari, e do Elefante era obra ſua.

E eſtando eu eſcrevendo actualmente iſto, vieram ter comigo huns Baneanes de Cambaya, mercadores ricos, que continuam eſta Cidade de Goa; e praticando com elles ſobre iſto, me affirmáram ſer tudo verdade, e que elles víram as eſcrituras que diſſo tratam, e que com ſeus olhos víram tambem alguns Pagodes famoſiſſimos por eſſes Reynos do Decan, Cambaya, e Magor feitos por eſte Rey, e que ſobre ſuas portas tinham hum letreiro, que dizia aſſim: » Eſte Pagode mandou fazer ElRey Bimelamenta » e que elles o lêram muitas vezes. E ſe aſſim he, a pedra que eſtava ſobre a porta do Pagode do Elefante, que tinha aquellas letras, que ſe mandou a ElRey Dom João o III., que nunca ſe achou quem as pudeſſe ler, devia de ter eſte meſmo letreiro de Bimelamenta. Eſcreve-ſe tambem delle, que mandára fazer muitos, e formoſos tanques, e alguns tamanhos, que mais ſe podiam chamar grandes alagôas, de que todos eſtes Reynos eſtam cheios. E em alguns

põem algumas virtudes, como em hum que está a meio caminho de Baçaim pera Agaçaim, onde hoje está a casa de nossa Senhora dos Remedios, em que residem Padres Dominicos, huma Senhora, que tem obrado tantas maravilhas, e milagres, que estam todas as paredes do Templo cubertas de paineis delles. Defronte fica este tanque, em que elles põem tanta virtude, que affirmam, que toda a pessoa que se metteo nelle, sarará de toda a enfermidade que tiver, sobre quem tem os Padres tanta vigia, que não deixam chegar a elle nenhum Gentio, por não fazerem suas superstições.

Ora deixando isto, e tornando ao labyrintho, vendo que andáram estes Padres por elle dentro sete dias continuos, sem repousarem mais que a hora de comer, e dormir; e quero que não andassem mais cada dia que seis leguas, que vem a ser nos sete dias quarenta e duas leguas, me faz parecer que pudéra ser verdade o que os Gentios dizem delle, que vai até Cambaya; porque a Ilha de Sallete, quando muito, tem quatro leguas de comprido, e o labyrintho está no meio della. E pera dizermos que poderiam aquelles caminhos ir em tantas voltas, e ser tão intrincados, que lhes fizesse gastar aquelles dias, nem isso póde ser, por (como disse) a Ilha ser muito pequena, e es-

estreita. Em fim, como quer que seja, a culpa de se isto não ensacar he da muita miseria, e pouca curiosidade desta nossa nação Portugueza, que até hoje não houve Viso-Rey, nem Capitão de Baçaim, nem outra alguma pessoa, que mandasse saber, e ensacar estes segredos, que são muito pera se saberem. O que não houvera de acontecer aos estrangeiros, que são tanto mais politicos, e curiosos que nós, que não digo eu cousas desta qualidade, mas ainda outras muito mais pequenas não deixam de ver, e levallas ao cabo até as ensacar, e saber. Certo, que esta obra se póde ter por huma das maravilhas do Mundo, e ainda pela maior delle.

Havia tambem nesta Ilha de Salsete outro Pagode, chamado Manazaper, que tambem era talhado na rócha viva, em que vivia hum Jogue muito affamado antre elles, chamado Ratemnar, que tinha comsigo outros sincoenta Jogues, que os moradores daquellas aldeias os sustentavam. E sabendo o Padre Fr. Antonio do Porto deste Pagode, foi-se a elle; e como era muito temido de todos os Jogues daquella Ilha, tanto que aquelles o víram, largáram o Pagode, e foram-se pera a terra firme; o que devia de ser pela força Divina, que víram que Deos tinha posto em seu servo, que outra huma-

na não a havia pera a poderem temer sincoenta homens, vendo sós dous Frades vestidos nuns saccos, sem arma alguma com que os pudessem offender. O Padre se metteo no Pagode, e logo o consagrou em Templo da invocação de nossa Senhora da Piedade; e depois se fez nelle o Collegio Real de toda a Ilha de Salsete, onde se recolhem, e ensinão os filhos de todos os Christãos convertidos á Fé, a quem ElRey D. João concedeo as rendas, e cousas que o Pagode dantes tinha, de que os Jogues se sustentavam, que he hoje administrado pelos Religiosos do glorioso, e Serafico Padre S. Francisco.

Tendo eu algumas práticas com alguns Christãos muito velhos, e daquelles primeiros, que alli converteo o Padre Fr. Antonio do Porto, indo ver esta casa de Manapazer, hum delles, que affirmava ser de mais de cento e vinte annos, que fallava muito bem Portuguez, e o lia, e escrevia, e continuava a lição do Flos Sanctorum, e as Vidas dos Santos, me affirmou, que sem dúvida a obra do Pagode Canari fora mandado fazer pelo pai do Principe, e Santo Josafat, que Barlão converteo á Fé de Christo pera nelle o recolher, e encerrar, por lhe dizerem seus Astrologos, que aquelle Principe havia de receber a Fé dos Christãos. E assim sua nascença, e vida, segundo suas escrituras,

e

e ainda hoje cantão em ſuas cantigas eſtes Gentios, he tão ſemelhante á do Santo Joſafat, ſegundo temos em ſua lenda, que fiquei admirado quando ma contáram; e porque não será deſaprazivel, a trarei aqui o mais brevemente que puder.

Dizem ſuas Eſcrituras, que hum Rey, que reinava ſobre todo eſte Oriente, (que cuido deve de ſer o Bimelamenta, de que atrás fallei, que affirmam mandar fazer o Pagode do Canari,) naſcendo-lhe hum filho muito formoſo, lhe tiráram ſeus Aſtrologos ſeu naſcimento; e acháram que aquelle menino sería ſanto, e deſprezaria os Reynos do pai, e que ſe faria Jogue; de que o pai poſto em cuidados, querendo atalhar aquillo, tanto que ſahio do leite das amas, o mandou recolher em huns Paços, que mandou fazer pera iſſo, de obra maravilhoſa, mui fechados, e guardados, pera que não fallaſſe ſenão com as peſſoas que lhe ordenaſſe, nem viſſe couſa que lhe déſſe pena, e lhe cauſaſſe triſteza, e paixão. Alli eſteve até idada de dezoito annos, em que mandou pedir ao pai o deixaſſe ir ver as Cidades, e povoações, que lhe elle concedeo. E indo cercado dos que o creáram, vio hum homem manco ſobre huma muleta; e perguntando o que aquillo era, lhe diſſeram, que eram couſas mui ordinarias no Mundo haver mancos,

cos, coxos, e cegos, e outros defeitos desta qualidade. Outra vez que ſahio fóra encontrou hum homem muito velho decrepito encoſtado a hum bordão todo tremendo; e eſpantado o Principe daquella visão, perguntando o que era, lhe diſſeram, que aquillo procedia dos muitos annos que aquelle homem tinha vivido. Outro dia encontrou com hum morto, que levavam a enterrar com grandes prantos dos filhos; e dizendo-lhe os ſeus o que aquillo era, lhe perguntou elle: Como? eu, e todos havemos de morrer aſſim? e dizendo-lhe que aquillo era muito ordinario nos homens, porque todos naſcêram pera morrer, ficou muito melancolizado. E andando com eſta imaginação, dizem que lhe appareceo hum Jogue; e tendo práticas com elle, o perſuadio ao deſprezo do Mundo, e á vida ſolitaria. E como elle andava abalado, e tinha já mais largueza na vida, teve modo com que deſappareceo, e ſe fora pelo Mundo. Sobre eſte deſapparecimento contam muitas couſas no modo delle, e mettem muitas fabulas, como fazem em todas ſuas eſcrituras.

Eſte Principe dizem elles que fora ter á Ilha de Ceilão, levando já comſigo grande número, e concurſo de Jogues ſeus diſcipulos, e que ſe apoſentára naquella ſerra, onde eſtá o piço de Adão, onde vivêra mui-

tos

tos annos, fazendo vida ſanta. E querendo-ſe partir dalli, pedíram-lhe os diſcipulos, que alli ficáram, que lhes deixaſſe alguma memoria ſua: ao que fixando o pé em huma lagea imprimio nella aquella pégada, como ſe a fizera em huma pouca de cêra molle, que veneram, e reverenceam por de noſſo pai Adão; e he tida de todos em tanta veneração, como tenho dito no Cap. XX. do VI. Liv. da minha V. Decada, onde conto eſte negocio deſta pégada muito particularmente, e moſtro como eſta Ilha de Ceilão he a Tapobrana de Ptholomeu, em que trato muitas curioſidades, que nenhum eſcritor eſcreveo. A eſte Principe nomeam ſuas eſcrituras por muitos nomes; mas o principal he Drama Rayo; e depois que o tiveram por ſanto, lhe chamavam Budon, que quer dizer Sabio, a quem toda eſta gentilidade tem alevantado por toda a India muitos, e mui cuſtoſos, e ſumptuoſos Pagodes; e contam em ſua lenda grandes maravilhas, que por não enfaſtiar, e cançar aos leitores, deixo de trazer.

CAPITULO XI.

Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.

ESte notavel, e fobre todos efpantofo Pagode do Elefante eftá em huma Ilheta pequena, que terá menos de meia legua em roda, que faz o rio de Bombaim já quando quer fahir ao mar da parte do Sul. Chama-fe affim, por hum Elefante de pedra grande, que fe vê entrando pelo rio dentro. Dizem que foi mandado fazer por hum Rey Gentio, chamado Banafur, que fenhoreára tudo o que havia do Gange pera dentro. Nefte Pagode fe affirma, (e affim o moftra,) que fe defpendêram mui grandes thefouros, e que andáram na fabrica delle muitos milhares de obreiros, e que gaftáram muitos annos. O fitio defte Pagode fe eftende de Norte a Sul, he quafi aberto por todas as partes, principalmente da parte do Norte, Nafcente, e Ponente, porque as coftas defte grande templo ficam pera o Sul. Será o corpo delle de oitenta paffos de comprido, e de feffenta de largura. He todo talhado em viva rócha; e todo o tecto de fima, que he o cume da rócha, fe fuftenta fobre fincoenta columnas lavradas do mefmo monte, que eftam por tal ordem, e compaffo,

que

que fazem o corpo deste templo de sete naves. E cada huma destas columnas até o meio he quadrada de vinte e dous palmos de quadro, e do meio pera sima são roliças, e de dezoito palmos em roda. A pedra deste monte, em que se entalhou este Pagode, tem a côr parda; mas todo o corpo de dentro, columnas, vultos de Pagodes, e tudo o mais era antigamente coberto de huma fina tea de cal com certo betume, e confeições, que fazia o Pagode de todo tão claro, que era cousa formosa, e muito pera ver; e não só fazia as figuras muito formosas, mas fazia divisar mui distintamente as perfeições dos vultos, e subtilezas da obra: de maneira, que nem em prata, nem em cera se podia fazer, nem esculpir com mais primor, nem com mais lindeza, e perfeição.

Entrando por este Pagode, á mão direita delle está huma Capella, cuja porta he de dezeseis palmos e meio de largura, e quinze e meio de alto; dentro no corpo della estam muitos idolos, e no meio da Capella se vê hum de altura de dezesete palmos, com huma grande, e formosa tiara na cabeça, lavrada de tantas laçarias, lavores, e subtilezas, que mais parecem debuxadas, que entalhadas em pedra com escopro. Tem esta figura oito braços, e só duas pernas. Em huma das mãos direitas tem hum sceptro ale-

van-

vantado, e nelle enroſcada huma cobra de capello, aſſim como pintam o de Mercurio; ſobre a ponta do ſceptro eſtam tres idolos pequenos de covado cada hum; e em huma das mãos eſquerdas, que tem alevantadas, ſuſtenta com os dedos tres idolos do tamanho dos outros. Ao lado eſquerdo deſte idolo grande eſtá outro com hum cutelo na mão, e aſſima deſte outro muito grande com o corpo de homem, e a cabeça de Elefante, de quem eu cuido que a Ilha tomou o nome. Neſte veneram a memoria de hum Elefante, a que os Gentios chamam Gaves, de quem contam muitas fabulas. Apar deſte idolo ſahe da rócha hum aſſento de pedra, em que eſtá aſſentado hum idolo de hum ſó corpo com tres cabeças, e em cada huma dellas tem hum ſó braço, ſalvo a do meio, que tem dous, e na eſquerda tem hum livro. E ao lado eſquerdo deſte idolo eſtá huma figura de mulher de tres palmos arrimada com o braço eſquerdo ſobre o hombro de outro idolo mais pequeno tambem de figura de mulher, e com a mão direita travado de outro mais pequeno. Logo aſſima deſte idolo eſtá outro cavalgado ſobre a cabeça de hum Elefante, e apar deſte outro cavalgado ſobre o peſcoço de outro idolo.

Deſta Capella a ſinco paſſos pera a parte do meio dia vai eſte Pagode alargando pera

ra o Ponente onze passos, e no fim delles torna a proseguir pera o Sul outros onze passos; e daqui voltando outra vez pera o Ponente onze passos á mão direita, está huma Capella aberta na rócha, cuja porta tem vinte e seis palmos de alto, e de vão ao comprimento sete pés e meio, e de largura dezeseis. No meio desta Capella está assentado hum idolo, que da cinta pera sima tem doze palmos, e sobre a cabeça tem outra tiara lavrada com muitas perfeições, e lindezas. Tem oito braços, e duas pernas, com huma das mãos direitas, e com outra das esquerdas estende por sima da cabeça hum manto, ou sobreceo da mesma pedra muito subtil, e fica estendido por sima delle no ar hum esparavel, e sobre este esparavel estam muitos idolos de covado, machos, e femeas. Na segunda mão direita tem huma grande espada de dous gumes, e na terceira hum idolo pequeno pendurado pelos pés. A quarta mão direita com a parte do braço está quebrada pela travessura dos soldados que alli vam das Armadas, como o está quasi tudo. Na segunda mão esquerda tem hum chocalho, e a tiracolo hum colar muito grande de muitas cabecinhas humanas enfiadas humas com outras, e todas cortadas na mesma pedra, e lavradas ao buril no mesmo pescoço. E na terceira mão tem hu-

ma

ma caldeira, e ſobre ella hum idolozinho. A quarta mão eſquerda com o braço eſtá toda quebrada. Dum lado, e do outro deſte idolo, e por toda a Capella em roda eſtam trinta idolos pequenos em pé. Deſta Capella a nove paſſos á mão eſquerda, que he pera a parte do Sul, eſtá huma caſa quadrada de dez paſſos em comprido, e outros tantos de largo, toda aberta na rocha, e de tal feição, que toda ſe anda á roda, e tem quatro portas, huma em cada lanço do quadro, e entra-ſe neſta caſa por cada huma deſtas portas, ſubindo por ſinco degráos, e no meio da Capella eſtá hum poial quadrado de vinte e quatro palmos de quadro: ſobre elle eſtá alevantada huma figura de hum idolo, que por deshoneſta ſe deixa de nomear, a que os Gentios chamam Linga, e adoram aquillo com grandes ſuperſtições; e aſſim a eſtimam tanto, que os Gentios Canarás as trazem bem afiguradas ao peſcoço. Eſte torpe coſtume tirou hum Rey Canará, homem de razão, e juſtiça.

E tornando ás quatro portas deſta caſa, cujas couceiras ainda hoje apparecem, não ſe abriam pera mór veneração, ſenão huma vez no anno no dia da ſua mór feſta. A' entrada de cada huma dellas eſtam dous grandes Gigantes de vinte e quatro palmos de altos, feitos com muito primor, e perfei-

ção.

ção. Desta casa a dez passos, proseguindo pela o meio della, está outra Capella com hum formoso portal de obra Mosaica de vinte e quatro pés de largo, e vinte e seis de alto; no meio della está hum idolo de dezeseis palmos de alto, com quatro braços, e duas pernas, travado pela mão com outro idolo de figura de mulher. A' mão esquerda deste idolo está assentado outro de igual grandeza, e feitio, e abaixo outro pequeno com tres cabeças, quatro braços, e duas pernas; e por toda esta Capella em roda outros muitos idolos. Desta Capella ao Ponente está huma cisterna de agua excellentissima, a que nunca se acha fundo, de que vulgarmente corre esta fama, e assim fica sendo semelhante ao que se conta das fontes de Alfeo, e Aretusa.

Aqui acabou o lanço Occidental, que he o da mão direita do corpo deste Pagode: voltando daqui pera o Ponente, vam dar em huma Capella muito curiosamente lavrada de quatorze pés de largo, e dezoito de comprido; no meio della está hum idolo agigantado com pernas cruzadas com huma tiara na cabeça lavrada subtilissimamente, e de ambas as partes tem muitos Pagodes de homens, e mulheres, e alguns a cavallo. Daqui vai o Pagode alargando pera o Nascente, onde está outra Capella como as mais,

e

e debaixo della ſahe hum idolo da cinta pera ſima agigantado com ſinco roſtos proporcionados ao corpo, com ſuas tiaras nas cabeças, e com doze braços, e com as mãos ſuſtenta hum aſſento de pedra ſobre quem eſtá outro idolo Gigante de hum ſó roſto com ſeis braços, e duas pernas, e huma das mãos direitas tem ſobre o peſcoço de huma mulher tambem agigantada, que eſtá aſſentada junto a elle; e a cada lado deſte idolo tem outros quaſi do ſeu tamanho aſſentados no meſmo aſſento; e pelo mais corpo deſta Capella ha outros cem idolos de homens, e mulheres. Caminhando daqui ao meio dia, dam em outra Capella, em cujo meio eſtá aſſentado outro Gigante com ſua tiara na cabeça com quatro braços, e duas pernas, e a cada ilharga tem hum idolo tambem agigantado, hum de figura de mulher, e outro de homem; e ao lado da mulher eſtá outro idolo Gigante, a fóra outros muitos idolos que ha por toda a Capella.

Aqui ſe acaba o lanço Oriental da mão eſquerda deſte Pagode. No fim deſtes dous lanços Oriental, e Occidental eſtam tres grandes Capellas; e a do meio, que he mais interior, tem trinta pés de largo, e dezeſeis de comprido. Do pavimento deſta Capella ſe alevanta hum corpo da cinta pera ſima de tão disforme grandeza, que ſó elle en-

che

che o vão, e largura da Capella: tem tres muito grandes rostos, o do meio olha pera o Norte, o segundo pera o Ponente, e outro pera o Nascente; cada hum destes rostos tem dous braços, e ao pescoço dous grandes collares lavrados com admiravel subtileza. Sobre estes tres cabeças tem tres formosissimas tiaras; e este rosto do meio, que he o maior, tem na mão hum grande Globo, e o que quer que tinha na direita não se enxerga por estar desfeito. O rosto da parte direita tem na mão direita huma grande cobra de capello, e na esquerda huma rosa, a que chamam Golfo, que nasce nas alagôas grandes. A' entrada da porta desta Capella estam dous Gigantes a pé de cada lado, e encostados cada hum em seu idolo de dez palmos de alto. A segunda Capella, que está ao lado direito, tem dezenove pés de largo, e onze de comprido, e trinta de alto; no meio della está hum idolo agigantado de quatro braços, e duas pernas, como todas as mais, com huma formosa tiara na cabeça, e sobre ella está outro idolo mulher de vinte palmos de altura; e por toda a Capella de huma, e de outra parte estam outros muitos Pagodes pequenos. Ao lado direito desta Capella está huma porta de sete palmos de alto, e sinco e meio de largo, por onde se entra em huma camara quadrada escura

de dez palmos de largo, e outros tantos de comprido, em que não ha cousa alguma. Voltando ao lado desta Capella do meio, está a terceira, que tem vinte e tres pés de comprido, e trinta de largo; e no meio della está outro idolo de vinte e dous palmos de alto de quatro braços, e está sobre hum só pé, e a cabeça com huma formosa tiara, reclinado sobre a de hum touro. Este idolo tinham os antigos por meio homem, e meia mulher, porque tem huma só teta á maneira das antigas Amazonas, e tem em huma das mãos huma cobra de capello, e na outra hum espelho, e ao redor mais de sincoenta idolos. Ao lado esquerdo desta Capella está huma porta de seis palmos de alto, e sinco de largo, por onde se entra em huma camara quasi quadrada, e muito escura, onde não ha que ver: com esta se acaba a fabrica deste grande Pagode, que está desfeita em muitas partes; e isso que deixáram os soldados, tão mal tratado, que he mágoa ver assim destruida huma das cousas admiraveis do Mundo. Agora faz sincoenta annos que fui ver este estranho Pagode; e como não entrei nelle com a curiosidade com que hoje o podia fazer, não notei muitas cousas, que se acabáram já; mas lembra-me todavia, que achei huma Capella, que hoje se não vê, aberta pela fronteria toda, que

te-

teria mais de quarenta pés de comprido, e ao longo da rócha se fazia hum taboleiro do comprimento da casa á maneira dos nossos Altares, assim de largura, como de altura; e neste taboleiro havia muitas cousas notaveis pera ver. E entre ellas me lembra, que notei a historia da Rainha Pacifae com o touro, e o Anjo com huma espada nua lançar fóra de debaixo de huma arvore duas figuras mui formosas de homem, e de mulher, que estavam nuas, como no-lo pinta a Sagrada Escritura em nossos primeiros pais Adão, e Eva.

Quando logo os Portuguezes tomáram estas terras de Baçaim, e de sua jurdicção, que foram ver este Pagode, lhe tiráram huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum letreiro de letras mui bem abertas, e talhadas, e foi mandada a ElRey, depois do Governador da India, que então era, a mandar ver por todos os Gentios, e Mouros deste Oriente, que já não conhecêram aquelles caracteres; e ElRey D. João o III. trabalhou muito por saber o que estas letras diziam, mas não se achou quem as lesse, e assim ficou a pedra por ahi, e hoje não ha já memoria della.

Na lombada da serra, em que está este Pagode do Elefante pera o Nascente a dous tiros de pedra, está outro Pagode aberto por

diante, e o tecto de sima se sustenta sobre muitas columnas formosissimamente lavradas, de que já não ha mais de duas, que são de dezenove palmos de alto, e doze de grossura. Tem o Templo quarenta e tres passos de comprido, e treze de largo, e a huma parte tem huma camarinha muito bem lavrada. Nella adoram a sua Deosa Parmisori. Foi este Pagode, que está hoje todo desfeito, de obra espantosa naquelle seu tamanho.

Noutro monte desta Ilheta pera o Nascente, a respeito do Pagode grande na lombada delle quasi no meio, está outro Pagode, em que antigamente se entrava por huma formosa porta, que tinha hum portal de marmore curiosissimamente lavrado. Tem este Pagode huma casa grande, e tres camaras: na primeira da mão direita não ha já cousa alguma; na segunda havia dous idolos sobre hum grande poial quadrado. Hum destes idolos se chamava Vithalá Chendai, tem seis braços, e huma só cabeça, e está arrimado a dous idolos pequenos, que tem a cada parte.

Este Pagode grande, e os outros pequenos, se sabe por suas escrituras dos Gentios, que os mandou fazer hum Rey Canará, chamado Banasur, e que os mandára fabricar, e junto a elle huns formosos Paços, em que

se

se aposentava quando alli hia, de que ainda em meu tempo se achavam alguns vestigios, e muitas ruinas de pedra de cantaria, e adobes mui grandes. Chamavam-se estes Paços, ou Cidade, que dizem que foi mui formosa, Sirbali; e a serra, em que está o Pagode do Elefante, se chamou Simpdeo. Aqui viveo alguns annos huma filha deste Rey, que se dedicou a este Pagode a perpetua virgindade, que se chamava Uquá. Dizem os antigos, que nesta Ilha do Elefante em tempo de ElRey Banasur, choveo ouro por espaço de tres horas, e por isso lhe puzeram nome Santupori, que na sua lingua quer dizer Ilha do ouro. Não relato todas as cousas deste grande Pagode particularmente, porque são tantas, que se não podem particularizar, e porque não enfastiem aos que as lerem.

CAPITULO XII.

De como o Governador Francisco Barreto houve ás mãos as fortalezas de Assari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar posse dellas por mandado do Governador: e de outras cousas, em que proveo até se partir pera Goa.

ASsentado em conselho que se tomasse a fortaleza de Assari, que era tão inexpugnavel por natureza, que se havia por cousa

ſa impoſſivel tomar-ſe por força, quiz o Governador Franciſco Barreto ver ſe por dadivas, e peitas a podia haver. Communicou eſte negocio com hum Coge Mahamede, Mouro antigo do tempo de Soltão Badur, que já no do Governador Nuno da Cunha andára na entrega da Cidade de Baçaim, e ficou nella vivendo rico, e honrado. Eſte Mouro, que era prudente, aſtuto, e muito conhecido do Capitão, que eſtava em Aſſari, foi-ſe ter com elle; e primeiro que tratemos do em que iſto parou, nos pareceo bem darmos razão do ſitio deſta ſerra, e de quem eſtava nella por Capitão.

Eſtá eſta ſerra de Aſſari quaſi tanta diſtancia de Baçaim, como de Damão, e eſtará do mar pera o certão perto de quatro leguas: tem a meſma fórma, e feição da ſerra de Damá na Abaſſia, de quem no Cap. X. do VII. Liv. da V. Decada démos razão, na jornada de D. Chriſtovão da Gama, que he a em que aquelles Imperadores encerram todos os filhos, tirando o herdeiro, por não haver antre elles alguma alteração; e aſſim os tem alli tão fechados, que em ſua vida não podem ſahir fóra. Da meſma maneira eſtá a ſerra de Aſſari.

Sóbe ingreme pera ſima quaſi huma legua, e tão direita de todas as partes, que parece que a foram talhando ao pição até

hum

hum pouco antes do cume, onde faz hum releixo á roda, e delle pera ſubir ao plano não tem mais que dous paſſos; hum tão ingreme, que não póde ſubir por elle mais que huma peſſoa, com tanto trabalho, e riſco, que parece deſatino querer hum homem trepar por alli, ao menos por curioſidade, porque de ambas as partes fica tão ingreme, que ſe vai o lume dos olhos a huma peſſoa, ſe olha pera baixo. O outro paſſo ſe chama das Vacas, porque por elle as levam aſſima, pera mantimento da gente que alli reſide. Eſte paſſo, tanto que chegam áquelle releixo, ficam como debaixo da aba de hum ſombreiro, com huma abertura em ſima, por onde lançam cordas pera levarem aſſima o que querem, como fazem de huma eſcotilha de huma náo ás pipas, que eſtam em baixo das cubertas. Neſte releixo debaixo, que corre á roda, e que fica como huma lapa, tem os ſoldados das vigias ſuas eſtancias, que são doze; porque em tantas partes tem as aguas do inverno feito algumas quebradas, por que ſe póde ſubir, ainda que com muito riſco; porque em todas eſtas eſtancias tem os ſoldados grandes galgas de pedras, com huns eſpeques amarrados por humas cordas, e prezas nas ſuas camas; e ſe de noite ſentem rumor, aſſim deitados, não fazem mais que ſoltar as cordas com os pés,

e

e dando nas galgas, vam pelo caminho abaixo com tamanho eſtrondo, e terremoto, que mettem medo, e tudo o que acham diante de ſi levam, e não tem neceſſidade de outras armas pera ſua defensão.

Em ſima no cume faz eſta ſerra hum plano redondo, onde eſtam os gazalhados, e apoſento do Capitão, armazens, ciſterna de agua, e a Igreja; e no tempo da guerra ſe recolhem aqui mantimentos pera hum anno, e na paz ſe provêm das aldeias á roda, que são fertiliſſimas, e de continuo reſidem em ſima ſeſſenta ſoldados, a que pagam ſeus quarteis, e mantimentos, que lhe o Feitor de Baçaim leva, como ſe lhe acaba o tempo.

Vigia-ſe eſta ſerra de noite com grande cuidado, e os dos quartos são obrigados corrella por ſima toda em roda, com tochas accezas de hum páo, como preto, que ſe dá naquelles matos, que arde como tochas de cera, e não ſe apagam nem com vento, nem com agua. Ao pé da ſerra têm huma tranqueira de madeira em fórma quadrada com ſeus cubellos, onde reſide hum Naique com cem peães, e hum Capitão do campo Portuguez com alguns ſoldados.

Eſtava neſte tempo por Capitão da ſerra hum Gentio, chamado Condixá, e em Manorá hum Turco por nome Agader, e

por

por Veador da Fazenda de todas aquellas terras hum Gentio, chamado Calegi, e todos póstos da mão de Cide Bofatá, que se tinha alevantado com a Cidade, e terras de Damão no alevantamento geral, (como na VI. Decada no Cap. XVI. do X. Livro fica dito.) O Coge Mahamede, de quem hiamos tratando, chegou á serra de Assari, como que hia visitar o Condixá, de quem era grande amigo; e detendo-se com elle alguns dias, o veio a apalpar com dissimulação; e achando-o disposto, lhe commetteo, que entregasse a serra ao Governador, que lhe daria o que fosse razão logo em dinheiro, e que lhe faria outras honras, e mercês. O Gentio vencido das muitas razões do Coge Mahamede, e mais do interesse, (que he o que faz render tudo,) abrio-se-lhe todo, affirmando que o faria; mas que não poderia ser sem o Calegi, Veador da Fazenda, que se visse com elle, e tratassem sobre aquelle negocio, e que querendo, elle estava prestés pera servir o Governador; e com isto se víram ambos com elle, e praticáram aquelle negocio, sobre que o Coge Mahamede não foi avaro nas promessas; e por tal modo os levou, que os rendeo, e assentáram que dando-lhes o Governador seis mil e quinhentos pardáos logo em dinheiro, lhe entregariam aquella fortaleza, e se passariam

a

a viver a Baçaim. E como tiveram rendido o Calegi, lhe pedio o Coge Mahamede, que tratasse com Agader, Capitão de Manorá, se queria entrar naquella liga, e que lhe dariam o que elle pedisse, porque pera segurança das terras de Baçaim era necessario ficarem aquellas forças ambas pera o Estado da India.

Sobre isto se foi o Çalegi ver com Agader; e apalpando-o sem se lhe declarar, o achou duro, e de tão roim digestão, que não apertou com elle, e o deixou, e deo conta de tudo aos outros, que disseram ao Coge Mahamede, que depois de elles entregarem a serra, poderia o Governador mandar tomar por força Manorá, porque Agader tinha pouca posse pera se defender. Com esta resolução voltou o Coge Mahamede pera Baçaim, e deo conta ao Governador de tudo o que tinha passado com o Condixá, e Calegi, dizendo-lhe quão facil elles lhe fizeram a tomada de Manorá; porque tanto que Assari estivesse em seu poder, (que era o mais duvidoso, e importante,) logo Manorá ficava sendo mais fraco, e o Agader não teria remedio pera se defender.

Vendo o Governador quão barato lhe offereciam o que elle tanto desejava, poz logo em obra aquelle negocio; e porque El-Rey não tinha dinheiro, mandou vender a

sua

sua prata, e ajuntou a quantia dos seis mil e quinhentos pardáos, que se carregáram por emprestimo sobre o Feitor de Baçaim Duarte do Soveral, em cuja arrecadação achámos esta receita, com a declaração do pera que aquelle dinheiro foi emprestado; e despedio o Coge Mahamede com recado a Calegi, e Condixá, pera saber o modo que queriam ter na entrega da serra, e no recebimento do dinheiro. O Coge Mahamede negociou isto de feição, que veio o Calegi tomar o dinheiro a Baçaim, e ficou em refens até Condixá entregar a fortaleza de Assari.

Como o Governador teve comsigo o Calegi, e lhe deo o dinheiro, despedio logo Antonio Moniz Barreto pera ir tomar entrega da serra, levando cartas do Calegi de como já tinha o dinheiro em si; e chegando ao pé da serra, se foi o Condixá ver com elle, e lhe fez entrega della, mandando tirar de dentro todas as cousas que nella tinha. Entregue Antonio Moniz Barreto da serra, deixou nella hum Capitão com sessenta soldados, e a provêo de mantimentos, lenha, e vaccas em abastança, e ordenou guarda pera as terras, que foi hum Naique com duzentos peães, e mandou lançar pregões pelas aldeias » que todos os lavradores cultivassem, e lavrassem suas aldeias, e que respondessem com os fóros a ElRey de Por-

» tu-

» tugal, como faziam ao de Cambaya pe-
» los mesmos foraes, e costumes, sem lhes
» innovar cousa alguma, senão em seu fa-
» vor: » com o que começáram acudir ás aldeias, e lhes ordenáram recebedores, pera correrem com a arrecadação de seus fóros.

Negociadas estas cousas muito bem, voltou pera Baçaim, e o Governador o tornou a despedir com seiscentos homens pera ir tomar a fortaleza de Manorá, e mandou D. Antão de Noronha com dez navios pera ir pelo rio assima favorecendo-o, e Antonio Moniz Barreto foi entrando pelas terras de Manorá sem achar resistencia; e indo demandar a fortaleza, a achou despejada, porque o Agader o não ousou a esperar; mas não foi isto tão secco, que os nossos da dianteira não tivessem algumas escaramuças com os inimigos, em que lhes derribáram alguns. Despejado o forte, tomou Antonio Moniz Barreto posse delle, e poz nelle por Capitão hum Jorge Manhãas, Cavalleiro honrado, da obrigação do Governador, com cento e vinte soldados, e alguns Naiques, e peães da terra, e deo ordem á arrecadação das terras, como fez a Assari.

Acabado este negocio, se tornáram pera Baçaim, onde o Governador já estava prestes pera se partir pera Goa, por lhe terem

rem chegado cartas, em que o chamavam com muita pressa, por serem entrados nas terras vizinhas a Goa alguns Capitães do Idalcan com muita gente, e que estavam arriscados Salsete, e Bardés a se perderem. E dando despacho a algumas cousas, (principalmente ás de Ormuz, por lhe terem vindo novas ser falecido Bernaldim de Sousa, que lá estava por Capitão, pera onde despachou D. João de Ataíde,) se embarcou, deixando setecentos homens em Baçaim com ordem pera lhes darem mezas, de que deixou Capitães nomeados pera isso. Antonio Moniz Barreto, Capitão da fortaleza, a trezentos e sincoenta. D. Martinho da Cunha, irmão de D. Pedro da Cunha, Capitão geral das galés do Reino, a duzentos. E Duarte do Soveral, Feitor, e Alcaide mór de Baçaim, a cento e sincoenta; e em breves dias chegou o Governador a Goa; e passando pelo rio assima com todos os navios de remo, sem querer desembarcar na Cidade, foi visitar os passos da Ilha, que provêo de Capitães, e soldados pera sua guarda, e de navios ligeiros pera correrem os rios; e nas Ilhas de João Chorão, Divar, e nas mais metteo gente de guarnição, e na fortaleza de Racol pôz D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Pedro de Menezes o Ruivo, com quatrocentos homens pera guarda daquellas terras;

ras; e depois de prover tudo isto mui bem; se foi pera Goa, e despedio Antonio Pereira Brandão com seis navios ligeiros pera andar por aquella costa até Dabul, fazendo toda a guerra que pudesse ao Idalcan; e elle se foi aposentar em humas casas, que estão adiante de Santa Luzia pera dalli correr os passos, e entender nas cousas da guerra, que de proposito determinava fazer ao Idalcan.

CAPITULO XIII.

Do que aconteceo na jornada a Pero Barreto: e do engano que com elle usou o Principe do Cinde: e de huma façanhosa serpente, que hum soldado chamado Gaspar de Montarroio matou.

PArtido Pero Barreto Rolim de Baçaim, (como atrás dissemos no Capitulo IX. deste III. Livro,) foi atravessando a enceada de Cambaya até Dio, onde chegou vespera de Natal. E depois de passada a festa, tornou á sua viagem, e foi de longo da costa até a ponta de Jaquete, onde se acabam os limites do antigo Reino Guzarate, e dalli foi atravessando aquella enceada, e foi tomar a barra do Cinde, que communmente se chama a de Cambaya, por entrarem por ella todos os navios, que vam áquellas partes; porque a outra boca, que tem mais ao

Nor-

Norte, ſe chama de Ormuz, por ſahirem por ella todos os navios que navegam por aquelle Eſtreito; e chegada a Armada, foi entrando pelo rio ás toas, pelas grandes correntes de ſuas aguas, e puzeram oito dias até a Cidade de Tatá, não ſendo mais de trinta leguas. Eſtava na Cidade o Principe Mirahan Baba, moço de doze annos, que o pai alli tinha deixado com alguns tutores pera governar o Reino, porque havia pouco tinha partido com ſeus exercitos em buſca do inimigo. E ſabendo o Principe ſer aquella Armada, que ſeu pai mandára pedir, mandou viſitar o Capitão mór, e a fazer-lhe a ſaber, como ſeu pai lhe deixára ordem, pera que como chegaſſe aquella Armada a fizeſſe eſperar até ſeu recado. Pero Barreto recebeo eſte Enviado, e mandou a terra o Embaixador, que o fora buſcar, e com elle hum homem honrado, por quem mandou dizer ao Principe que elle vinha com aquella Armada em ſerviço de ElRey ſeu pai, e que eſtava preſtes pera tudo o que lhe mandaſſe, e que déſſe ordem pera ir hum homem a ElRey, que elle queria mandar; o que o Principe fez, e lhe mandou dar aviamento de tudo pera o caminho. Eſte homem, que Pero Barreto mandou, tomou a ElRei ſobre a Cidade de Tiguir, que he no eſtremo daquelles Reinos, e fica-

ca-

çava da parte do Soltão Mahamede Bachari, que a tinha muito fortificada, e alli o ouvio, e o tornou a despedir logo com recado a Pero Barreto « em que lhe pedia que » se entretivesse alguns dias, e que nelles » lhe mandaria resolução do que havia de » fazer, com o que se deixou Pero Barre- » to ficar no rio da outra banda defronte da » Cidade. »

ElRei Mirzanhisá foi continuando o cerco de Tiguir, em que teve muitos recontros com os inimigos, de que houve damno em ambas as partes; e Bachari, que era valente cavalleiro, sempre lhe teve o encontro, e proveo os de dentro da Cidade, sem o inimigo lho poder defender. Vendo o Rei do Cinde que por força não podia tomar aquella Cidade, e que o inimigo estava poderoso, veio a entrar com elle em partidos, por meio de Capitães, que se mettêram antre elles, e por fim se vieram a concertar, que o Bachari lhe largasse a fortaleza de Tiguir, por ficar, como dissemos, nos estremos de ambos os senhorios, e que ficasse com o que mais possuia; e com isto se lhe entregou a fortaleza, que elle proveo de Capitão, e soldados, e voltou pera o Cinde.

Todo este tempo esteve Pero Barreto no rio esperando o recado de ElRei; e porque não he razão que passemos por hum caso es-

espantoso, que aqui aconteceo, daremos conta delle. Costumavam os nossos soldados ir a terra á caça; e desviando-se hum delles, chamado Gaspar de Montarroio, natural da Cidade de Farão, com só sua espada, e rodella, foi-se affastando por hum mato; e encontrando com huns Gentios, lhe disseram que não passasse ávante, porque estava alli huma serpente, que acabára de comer hum bezerro. O Gaspar de Montarroio desejoso de a ver, lhes pedio lhe fossem mostrar o lugar onde estava, o que elles fizeram; e chegando perto, a vio estar deitada no mato com a cabeça sobre o caminho, e estava farta, e pejada, e pela cabeça entendeo que devia ser cousa façanhosa, porque o corpo ficava escondido no mato; e desejoso de a ver bem, se foi chegando tanto a ella, que lhe pode chegar com a espada com ser curta: ella em o sentindo alevantou a cabeça, a tempo que elle hia com hum golpe, e quiz sua boa ventura que a tomasse pelo degolladouro, onde não tinha fortaleza; e como a espada era larga, e cortadora, a degollou toda, e ella com a dor da morte deo com o corpo tamanhas pancadas, que punha espanto, e medo, até que acabou de morrer. Os Gentios, que estavam de longe vendo aquillo, ficáram pasmados, e forão fugindo; e o Gaspar de Montarroio voltou

pera a praia ; e tomando alguns marinheiros da fusta , em que hia embarcado com remos , e cordas , ſe foi com elles aonde eſtava a ſerpente, e a fez amarrar, e ás coſtas de todos a levou á praia , onde Pero Barreto ſahio pela ver, que foi couſa, que admirou a todos, por ſua groſſura, e grandeza ; porque era tão groſſa como hum homem ordinario, e de comprido teria trinta pés, e dizião os naturaes que era ainda criança. Pero Barreto mandou fazer huma forca na praia, e a mandou dependurar por eſpanto: e por eſte feito ficou o Gaſpar de Montarroio tão nomeado dos Gentios do Reino do Cinde, e Cambaya, que o buſcavam, e lhe levavam preſentes, e peças. Viveo eſte homem até os annos de noventa e quatro, que ſe foi pera o Reino, e no caminho nos parece que deſappareceo a náo em que hia.

Vendo Pero Barreto Rolim que o recado de ElRey tardava muito, e que todo o mez de Fevereiro era paſſado, mandou requerer ao Principe, que pois ElRey ſeu pai não lhe mandava o que havia de fazer, e que ſe hia o tempo gaſtando, que lhe mandaſſe cumprir os contratos ſobre que viera aquella Armada, pois debaixo da fé, e palavra de ElRey ſeu pai fizera o Governador com ella tamanhas deſpezas. O Principe depois de alguns recados, e requerimen-

tos

tos destes, a que sempre respondêo com escusas, lhe mandou dizer « que se se quizesse » se ir o podia fazer, porque elle não ti» nha ordem de ElRey seu pai pera mais, » que pera prover a Armada de mantimen» tos, que se os quizesse, lhos mandaria » dar. » Deste desengano ficou Pero Barreto enfadado, e começou logo a haver união por toda a Armada, porque quizeram os soldados que logo se lhe dera o castigo; mas Pero Barreto dissimulou com aquillo, porque desejava de não chegar a rotura, até ver o que ElRey mandava. E como os soldados da India são muito soltos, e livres, davam de noite grandes matracas ao Capitão mór; e a voltas de muitas palavras desordenadas lhe chamavam fraco, pusillanime, e que de medo não vingava tamanha offensa; e tantas vezes lhe disseram estas cousas, e outras, que lhe deo a desconfiança de maneira, que sem tomar conselho com alguem, mandou dizer pelas fustas que fizessem pelouros. Com este recado se alvoroçáram os soldados, e começáram a guarnecer seus arcabuzes, e alimpar suas armas; e entre tanto mandou o Capitão mór com muita dissimulação comprar mantimentos á Cidade, de que proveo a Armada bastantemente.

CAPITULO XIV.

De como Pero Barreto Rolim destruio a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda.

EM quanto se os nossos preparavam com dissimulação, succedeo daquella banda donde estava a armada, este caso. Costumavam os da Cidade ir á outra banda a vender suas mecanicas aos soldados; e como elles já sabiam que se havia de dar na Cidade; hum delles mal soffrido tomou huns couros do Cinde a hum mercador sem lhos querer pagar, e ainda sobre isso o esbofeteou; e a noite seguinte, estando os nossos navios surtos, bem cozidos com a terra, ajuntáram-se huns poucos de Diuiis, (que são huns Gentios, que vivem daquella banda,) e de sima das barranceiras, que ficavam altas, descarregáram sobre os nossos navios grande somma de arcabuzadas, e fréchadas, com que encraváram muitos soldados; e foi a cousa tal, que se levantáram os navios, e foram surgir no meio do rio, e dalli esbombardeáram bem os que lhes fizeram aquelle damno. Ao outro dia pela

ma-

manhã mandou Pero Barreto chamar os Capitães a conselho, e lhes disse « que era necessario castigarem aquella affronta, e destruirem por ella a Cidade, e que pera isso se fossem logo a tomar as armas, o que todos fizeram com grande alvoroço. »

Tomando o remo em punho, foram desembarcar na face da Cidade, e puzeram suas bandeiras em terra, onde se ordenáram; e com grande determinação commettêram a Cidade, por onde foram entrando, e mettendo á espada a toda a pessoa viva que achavam, levando diante de si alguns magotes de inimigos, que acudíram a lhe defender a entrada, com quem apertáram tanto, que de todo os puzeram em desbarato. E hum esquadrão de cavallo de mais de duzentos se foram com a pressa recolher a huma formosa Mesquita, que hum soldado nosso vio; e vendo que o Capitão mór hia passando ávante, lhe disse « que voltasse, » porque lhe ficava aquella gente nas costas, » e que o seguisse, porque elle o levaria » aonde se recolhêram. » Pero Barreto voltou logo, e disse ao soldado que o guiasse; e chegando á Mesquita, a commettêrão com grande furia, sendo Pero Barreto o primeiro que quiz entrar; mas atravessou-se-lhe diante Cisal Pinheiro, dizendo-lhe, « que se » detivesse, que aquelle não era o seu lugar,

» nem

» nem officio, que soldados levava, que
» fariam aquillo muito bem feito.» E assim o deteve, e foi commettendo a entrada com alguns companheiros. A Mesquita era muito grande, e da feição de nossos Templos, e tinha tres portas, huma principal, e duas travessas, e na fronteria havia tres Capellas grandes todas de abobada, como tambem o era o corpo da Mesquita, que se sustentava sobre mais de trinta formosas columnas de pedra. Os nossos trabalháram tanto, que entráram da porta pera dentro, e começáram a laborar com a arcabuzaria, que fez nos Mouros grande estrago, e se foram recolhendo pera as Capellas. E como o corpo daquelle Templo era todo de abobada, e arcabuzaria, fazia hum estrondo espantoso, andavam os cavallos de huma pera outra parte, sem darem pelos freios, e como desatinados faziam tamanho estrepito, e terremoto, que parecia huma confusão, e assim a nossa arcabuzaria não fazia senão derribar nelles á vontade; e o que foi mais cruel que tudo, foi chegarem alguns soldados com panellas de polvora, lançando antre os Mouros huma somma dellas; e desfazendo-se em labaredas, foram dar em huns callões de polvora, (que são tamanhos como grandes cantaros,) que elles tinham dentro; e tomando fogo, rebentáram com tanta

ta braveza, que parecia arder algum grande forno de cal. Os cavallos com aquelle estrondo, e espanto davam com os donos pelos esteios, e pelas paredes; outros se empinavam, e cahião sobre elles, e alguns, que quizeram commetter as portas, se foram espetar nas agudas alabardas, e lanças, de que os nossos tinham feito grandes bastidas; de maneira, que todos os que dentro estavam acabáram no mais cruel, e miseravel genero de morte, que se podia imaginar.

Concluido este negocio, foram os nossos entrando a Cidade, e mettendo á espada toda a cousa viva que achavam, até os brutos animaes; e como não tiveram em que executar sua furia, mandou o Capitão mór que saqueassem a Cidade, como logo fizeram, tomando todos tantas fazendas, que se carregáram os navios, não roubando nem a quarta parte do que havia nella, e a tudo o mais se deo fogo, que se apossou de toda a Cidade em tanta maneira, e com tão grande braveza, que parecia abrazar-se o mundo; porque além de ella ser das maiores da India, estava recheada de fazendas grossas, e ricas, de drogas, manteigas, azeite, cifas, e outros materiaes, que faziam subir as chammas aos Ceos, tão escuras, negras, espessas, e fedorentas, que se na terra havia cousa, que representasse a semelhan-

lhança do inferno, era esta montaria, o que saqueou, e queimou em fazenda, passante de dous milhões de ouro, e morrêram perto de oito mil pessoas, a mór parte della gente inutil, sem custar da nossa parte mais que alguns feridos.

Feito este negocio, se tornáram a embarcar, e foram pelo rio abaixo queimando, e destruindo todos os lugares que havia de huma, e outra parte daquelle famoso rio Indo, achando em alguns passos estreitos muita gente, que ao passar lhes deram grande trabalho com a multidão de tiros, que descarregavam sobre elles, e em hum mais estreito de todos os mettêram em grande confusão, por lhes ficarem os navios debaixo das barranceiras, donde elles de sima empregavam seus tiros bem á sua vontade, com que derribáram alguns dos nossos, largando os marinheiros os remos, e escondendo-se debaixo, porque as frechas cahiam sobre elles tão espessas, que parecia que choviam, ficando os navios todos anhotos, e embaraçados huns com os outros. Vendo Pero Barreto que ficava desta maneira arriscado a lhe matarem muita gente, brádou aos Capitães que puzessem as proas em terra, e que com a artilheria franqueassem a desembarcação, e caminhassem de longo da ribeira; porque ainda que fossem sempre pelejando com os

ini-

inimigos, não poderiam receber tanto damno como por mar; e virando todos as proas á terra, fizeram affaſtar os inimigos com os falcões; e ſaltando todos fóra, puzeram ſuas bandeiras em ſima das barranceiras á viſta dos inimigos; e alli ordenou Pero Barreto dous eſquadrões, hum de trezentos homens, de que fez Capitão hum daquelles Fidalgos, a que não pudémos ſaber o nome, e lhe mandou ſe paſſaſſe da outra banda, e foſſe caminhando por terra, e de longo della ametade dos navios pera os favorecerem, e elle com o outro eſquadrão de quatrocentos homens foi marchando de longo da agua muito á ſua vontade, tendo ſempre muitas eſcaramuças com os inimigos, que os hiam ſeguindo de longe, pór ſe ſatisfazerem em parte de tantos damnos, como eram os que ſe lhes tinham feito. E os noſſos a todas as povoações a que chegavam lhes punham logo o fogo, e as abrazavam; e tanto que anoitecia, aſſentavam ſeus exercitos nos lugares mais accommodados, e com as coſtas no mar, e os navios com as proas na terra, e com as poppas de huns nos outros, e em terra de cada banda dous berços, que a cada quarto ſe deſparavam, e apôs elles toda a eſpingardaria dos ſoldados da vigia, e deſta maneira camináram muito ſeguramente. Os Mouros ven-

vendo a boa ordem que os nossos levavam, adiantaram-se, e foram até o Bandel, que era perto da barra, e deram em dous navios de alto bordo, que os Portuguezes alli tinham abicados, matando alguns, e cativando todos os mais; e aos navios tiráram as escoras, e deram com elles em baixo, onde se quebráram, roubando toda a fazenda que nelles acháram. Os nossos foram caminhando por terra na ordem que dissemos, sinco dias, até chegarem ao Bandel, onde os Mouros tinham huma arrezoada fortaleza. Pero Barreto se ajuntou com a outra companhia, e acommetteo á escala vista, arrombando-lhes as portas com vaivens, por onde entráram os nossos com grande determinação, fazendo recolher pera dentro os Mouros que nella estavam; e entrando todo o poder, mettêram á espada toda a cousa viva que se achou, sem escapar hum só.

Rendida, e despejada a fortaleza, foi escalada, e saqueada dos soldados, em que acháram muitas fazendas, e alguns dos Portuguezes das náos prezos, que logo foram soltos; e não tendo mais que fazer, deram fogo á fortaleza, em que toda se consumio, e se embarcáram. Neste caminho gastáram os nossos oito dias, em que fizeram pelo rio abaixo os móres damnos, e perdas, que nunca aquelle Reyno recebeo, porque lhes

não

não ficou Villa, nem lugar em pé. Pero Barreto vendo que já não havia que fazer, sahio-se do rio, mandando primeiro pôr fogo aos navios dos Portuguezes, que estavam quebrados, porque se não servissem os da terra da sua madeira, e pregadura; e deo á vela pera Goa. E assim o deixaremos nesta viagem, até tornarmos a elles, pela darmos razão donde nasceo a confusão dos Geografos modernos chamarem a esta Provincia Dulcinda, como nos penhorámos no principio do Capitulo.

Pelo que se ha de saber, que os mercadores Italianos, e outros da nossa Europa, que passáram á India por terra, muito antes que ella se descubrisse por mar, navegando de Ormuz, e de outros portos pera o Cinde, que sempre foi huma das mais celebradas feiras do Oriente, como chegavam á boca do rio Indo, achavam da outra banda do Ponente aquelles póvos Diulis, chamados assim da sua principal Cidade chamada Diul, onde elles faziam sua habitação, e dalli passavam ao Cinde, e hiam fazer suas mercadorias á Cidade de Tatá; e como eram homens idiotas naquellas partes, e não sabiam fazer differença dos nomes daquella Provincia, dando lá na Europa razão das terras por onde andáram, diziam que foram ter a Dulcinda, confundindo huma

ma cousa com a outra, sendo Di nome da Cidade, e Cinde de todo o Reyno; e daqui ficáram os Geografos modernos chamando a todo este Reyno Dulcinda. Desta mesma maneira confundio Marco Polo Veneto, ou seus trasladadores, o nome da Provincia da China, fazendo de huma só duas, por esta maneira.

Aquelle Imperio da China se chama antre os naturaes Cin, Macin; e dividindo elle este nome (que he todo hum) em dous, chamou a huma parte China, e á outra Mangi. E ainda Abrahão Ortelio passou adiante, que deo limites a estas duas Provincias, lançando no seu *Theatrum Orbis* a Provincia Mangi mais ao Norte da da China. E tornando aos povos Diulis, nelles se começa a Provincia Gedrosa, que Aiton Armenio, e Sabellico chamam Tarse. E Josefo Moletio, e Cadamosto Guzarate, (cujo erro na V. Decada fica declarado,) e Jeronymo Ruscelli, fallando nesta Provincia, diz que todos os della são Christãos, e não sabemos com que fundamento, nem porque informações, porque hoje na India não temos noticia alguma disso, nem por escrituras, nem por memoria de avós, e netos, em que nestas partes se conservam por muitas centenas de annos suas antiguidades.

DE-

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Do que aconteceo á náo S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim deſtruio a Cidade de Dabul.

A Náo S. Paulo, que tinha partido do Reino na companhia de D. Leonardo de Souſa, (de que era Capitão, e ſenhorio Antonio Fernandes,) que deixámos invernando no Brazil, onde eſteve ſinco mezes; e tomando-ſe parecer com os Officiaes della, e com os que havia na terra, aſſentáram todos « que ſe partiſſem dalli em » Outubro, poderia muito largamente paſ- » ſar á India, e tomar ainda as náos pri- » meiro que partiſſem pera o Reino. » Conclui-

cluidos nisto, deo-lhe D. Duarte da Costa todo o aviamento possivel, e fez á véla na entrada de Outubro passado de sincoenta e sinco. E seguindo sua derrota, depois de passarem o Cabo de Santo Agostinho, assentado de ir por fóra da Ilha de S. Lourenço, foram-se pondo em quarenta, quarenta e hum gráos do Sul, paragem, que por andar o Sol affastado pera a parte do Norte, ficava o dia tão pequeno, que não havia tempo pera mais, que pera fazerem de comer huma vez ao dia, o que deo grande trabalho a todos. E depois de vingarem a altura do Cabo de Boa Esperança, tomáram a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e ainda de todos os baixos, pera irem demandar a ponta de Camatra, e dalli voltarem com as náos de Malaca, o que fizeram sem trabalho, porque os tempos os favorecêram bem. E como estiveram na altura de Camatra sem quererem ver a terra, voltáram com os levantes em outro bordo, e foram na derrota de Ceilão, e houveram vista da ponta de Gale, sem poderem ferrar terra; e atravessando a outra costa, foram tomar as arêas gordas junto ao cabo Çamorim. E de longo daquella costa com os ventos, que eram bonançosos, chegáram a Cóchim aos trinta do mez de Janeiro de mil quinhentos sincoenta e sete, onde ainda achá-

achárão a náo Capitánia, de que era Capitão D. João de Menezes, que deo á véla ao dia seguinte, muito contente por levar novas daquella náo, porque se tinha della muito ruins suspeitas. A náo S. Paulo tanto que surgio, desembarcou D. Antonio de Noronha, e tomou logo alguns navios de remo, em que se embarcou com sessenta soldados, e se foi pera Goa, onde foi bem recebido do Governador Francisco Barreto, e lhe fez mercê de dous mil cruzados, que ElRey lhe tinha mandado emprestar do cofre do cabedal, pelas muitas despezas que naquella jornada tinha feito; e a náo S. Paulo se partio logo pera Goa, onde invernou, e se concertou pera estar prestes pera o anno seguinte.

Agora deixaremos estas cousas, e tornaremos a continuar com Pero Barreto Rolim, que ficou partido do Cinde, por levar assim a historia enfiada. Esta Armada, depois que deo á véla, foi seguindo sua derrota; e antes de chegar a Dio, lhes deo hum tempo tão grosso, que lhes foi necessario alijar ao mar tudo o que traziam do Cinde, porque os comiam os mares; e assim tornáram a perder com muito risco da vida o que com tantas mortes dos inimigos tinham ganhado naquella Cidade, vendo-se muitas vezes alagados, e perdidos. Mas quiz

Deos

Deos que cessasse o tempo, com que destroçados, e alagados foram tomar Chaul, onde se ajuntou toda a Armada, que tomou differentes portos. Alli achou Pero Barreto Rolim cartas do Governador, em que lhe mandava « que de passagem desembarcasse » em Dabul, onde acharia Antonio Pereira » Brandão, e que destruisse aquella Cidade » de todo, porque era do Idalxá, com quem » ficava de guerra. »

Com estas cartas se refez, e ajuntou mais alguns navios, e gente, que estava pera ir pera Goa, e deo á véla com vento prospero; e chegando áquella barra de Dabul, achou Antonio Pereira Brandão com os seus navios, que lhe deo hum regimento do Governador sobre o mesmo negocio. Com isto se negociou, e deo recado a todos os navios, pera que estivessem prestes pera o outro dia de madrugada: e tanto que foi meio quarto de alva rendido, foi entrando pela barra dentro; e pondo as proas na praia da face da Cidade, saltáram em terra com suas bandeiras, e guiões, e Pero Barreto por derradeiro com a de Christo, e em muito boa ordem foram commetter a Cidade com grande estrondo de artilheria dos navios, e dos instrumentos militares. E Antonio Pereira Brandão, que levava a dianteira, achando hum grande esquadrão de

Mou-

Mouros, que sahíram a lhes defender a desembarcação, tão determinadamente os commetteo, e escandalizou, que os foi levando de arrancada, e mettendo pela Cidade, entrando todos elles de volta. Pero Barreto chegou á entrada; e sabendo que Antonio Pereira Brandão hia vitorioso, receando algum desarranjo, mandou pôr fogo á Cidade por algumas partes, pera que os soldados se não embaraçassem com o roubo, de que hiam já tão cubiçosos. Os moradores tanto que sentíram o fogo, e víram o estrago que os nossos hiam fazendo, tomando as mulheres os filhos ás costas, foram fogindo pera fóra da Cidade, deixando os nossos senhores della; e como já hia amanhecendo, e elles viam tudo, mettêram á espada toda a cousa viva que acháram; e os que mais passáram este transe, foram mulheres, meninos, e gente mesquinha, porque a da guerra soube-se pôr em salvo; e nesta foi tamanha a crueza, que corriam pelas ruas arroios de sangue.

Tanto se mettêram os nossos pela Cidade, apôs os que hiam fogindo, que foram subindo até o monte, onde estava huma formosa Mesquita de abobada, que derribáram, e puzeram por terra, sem deixarem cousa em pé. Pero Barreto Rolim mandou por alguns Capitães, que déssem fogo a toda a

Cidade, como se fez, porque os soldados se não mettessem pelas casas a roubar, o que lho não estorvou, porque a mór parte delles se recolhêram carregados de fazendas, por estar esta Cidade muito rica, como aquella, que era a principal escala de toda a costa do Idalxá. Feito este negocio, se embarcou Pero Barreto Rolim, e mandou Antonio Pereira Brandão com os seus navios, pera que fosse pelos rios assima queimar, e destruir todas as povoações que por elles houvesse: o que elle fez muito bem, deixando tudo tão assolado, e destruido, que não havia em que pôr olhos. Acabado isto, se recolheo Pero Barreto Rolim pera Goa, onde o Governador o recebeo com honras, e assim o merecia, porque deixava assoladas, e destruidas as mores, e mais ricas duas Cidades da India.

CAPITULO II.

De como o Governador Francisco Barreto passou á terra firme em busca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras cousas.

VEndo o Idalxá o damno que os nossos lhe fizeram por toda sua costa, e que lhe destruíram, e abrazáram a Cidade de

de Dabul, em que seus vassallos recebêram tamanhas perdas, e elle tanta affronta, determinou de se vingar, e de fazer guerra ao Estado, por ver se podia lançar mão das terras firmes de Salsete, e Bardés. Pera isto fez chamamento de seus Capitães, e lhes fez sobre isto huma grande falla, em que lhes representou a obrigação em que elles, como vassallos tão leaes, estavam de satisfazerem as affrontas, que tinham recebido dos Portuguezes; e como havia tantos annos que lhe comiam as suas terras firmes de Salsete, e Bardés, que lhes deram por mandar Mealecan pera Portugal, o que nunca os Governadores da India lhe quizeram cumprir: e que elle agora, pois lhe tinham dado tamanha occasião, queria lançar mão do que era seu, e que determinava de mandar descer seus exercitos abaixo; e commetteo logo alli aquella empreza a Nacer Maluco, seu Capitão geral, e com elle outros quatro Capitães, Calabatecan o segundo, e hum filho seu esquerdo chamado Cahircan, Miaberu, e outro; e deo por regimento a Nacer Maluco, que se fosse ajuntar com Moratecan Governador do Concan, que tinha descido o Gate contra D. Antão de Noronha, como já atrás contámos no Cap. X. do II. Liv., pera que ambos com igual mando fizessem guerra a Goa, e ás terras, e Ilhas de sua jurdição.

 Es-

Estes Capitães chegáram a Pondá na entrada de Abril, e alli fez Nacer Maluco alardo de sua gente, e achou vinte mil homens, em que entravam dous mil de cavallo, e escreveo a Moratecan, que estava em Carule, que fizesse elle por aquella banda guerra contra as terras de Bardés, e suas Tanadarias, e que elle ficaria destoutra banda de Salsete, pera assim darem mais que fazer aos Portuguezes. O Governador foi logo avisado da Cidade destes Capitães, e acudio logo a prover todos os passos da Ilha de Goa, e pelos rios espalhou muitos navios, e manchuas pera defenderem a passagem aos inimigos; e o mesmo fez pelos passos das mais Ilhas, e lançou espias sobre aquelles Capitães, pera que o avisassem de como estavam, e do poder que tinham. A primeira cousa que fez o Nacer Maluco, foi despedir Calabatecan, e seu filho com sinco mil homens, pera irem tomar posse das terras de Salsete, e arrecadarem o rendimento daquellas aldeas; o que elles fizeram, mandando diante grandes seguros pera os lavradores, e naturaes se não alterarem, nem affugentarem, mas que grangeassem suas terras pacificamente, e pagassem seus foros ao Idalxá, cujas eram, porque elles vinham pera os favorecer, e defender de quem lhes quizesse fazer injúria, damno, ou affronta.

Fei-

Feito isto, e quietos os moradores, foram aquelles Capitães dar vista á fortaleza de Rachol, onde estava D. Pedro de Menezes, o Ruivo, por Capitão, que lhes sahio com duzentos soldados, e quinhentos peães da terra, e travou com os da dianteira algumas escaramuças, em que lhe matou alguns Mouros, deixando-se ficar no campo com as costas na fortaleza, e dalli lhes sahio muitas vezes a dar toques, em que sempre os escalavrou; e todavia de algumas o fizeram recolher á fortaleza com trabalho, por carregar sobre elle todo o poder, ficando os Mouros comendo as aldeias, que se lhes não pudéram defender por ser o poder grosso. O Governador teve logo recado de sua entrada nas terras de Salsete, e que as gentes de Moratecan appareciam já pelas de Bardés, pelo que determinou de passar a Salsete em pessoa, e dar-lhes batalha, porque o cançariam muito, se lhe ficassem invernando nas terras; e assim fez logo alardo de toda a gente que havia em Goa, e achou tres mil soldados muito lustrosos, e duzentos de cavallo ginetes, que eram os moradores, debaixo da bandeira de Jorge de Mendoça, Capitão de Goa, e o Tanadar mór fez pelas Ilhas mil peães, que o haviam de acompanhar naquella jornada.

Prestes tudo, passou-se o Governador a

Ga-

Gaçaim, porque estava assentado que passassem por Dorubate, por chegarem as espias; e affirmarem que o Nacer Maluco estava em Pondá, e que tinha tomado todos os caminhos, que vam de Benastarim pera lá, e impedidos com muitas tranqueiras, por se recear que o fossem lá buscar. Alli em Gaçaim repartio o Governador toda a soldadesca por seis bandeiras, cujos Capitães eram D. Antão de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, Pantaleão de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, e Alvaro Paes de Sotomaior. Com o Governador hiam mais de sincoenta aventureiros de cavallo, a fóra a gente de sua obrigação, em que entrava D. Antonio de Noronha o Catarraz, que levava seis homens de cavallo. Toda esta gente passou a Salsete em muitas barcas, e jangadas, que pera isso estavam feitas; e derradeiro de todos passou o Governador, e foi marchando até o passo de Dorubate, por onde passáram á outra banda da terra firme.

Posto lá o Governador, começou a marchar nesta ordem. D. João Bellez, que foi Mouro, que era Capitão do campo diante de todos, com mil e quinhentos lascarins, pera ir descubrindo tudo, e logo os Capitães da Infanteria, e pelas pontas do esquadrão

drão a gente de cavallo, cento de cada banda: no meio toda a bagagem com algumas peças de campo, e na retaguarda o Governador com todos os aventureiros, e a sua guarda, que era de cem espingardas. E porque os nossos peães Gentios costumavam metter nas toucas ramos verdes no tempo da batalha pera serem conhecidos dos Portuguezes, e se desenferençarem dos inimigos, (que costumavam, quando se viam perdidos, pôrem nas toucas os mesmos ramos pera passarem por nossos,) mandou o Governador fazer a todos carapuções de bertangil vermelho pera serem differentes dos outros.

Partidos de Dorubate, chegáram antes do meio dia á fortaleza de Pondá, e acháram em campo a Nacer Maluco com quatorze mil homens, que já o estava esperando pera lhe dar batalha, e estava posto a huma ilharga da fortaleza, com as costas em huma serra, e tinha feito huma cava de sinco passos de largo, que tomava huma passagem por onde os nossos haviam de passar pera onde elle estava. O Capitão da Infateria da terra, que era D. João o Mourisco, tanto que deo na cava, foi-se desviando, e tomando o caminho pela banda de sima, pera travar com os inimigos, e o mesmo fizeram os Capitães das bandeiras, que sem-

pre

pre o foram ſeguindo. Os inimigos, que ficavam daquella parte, tanto que víram que os noſſos os hião demandar, lançáram ſobre elles muitas bombas de fogo, que fizeram algum damno; e paſſando por tudo, começáram a travar huns com os outros; diſparando a noſſa Infanteria aquella primeira carga, com que lhe derribáram muitos. O Governador, que hia detrás com toda á gente de cavallo, foi-ſe apreſſando pera ir pegar pela parte, em que via a bandeira de Nacer Maluco, levando hum galope apreſſado; e como a cava era raſteira, e não ſe enxergava de fóra, achou-ſe ſobre ella, e não vio outro remedio melhor que apertar as pernas a hum formoſo cavallo mellado, em que hia; e achou-o tão preſtes, que ſaltou da outra banda, e o meſmo fizeram alguns que hiam junto delle, como foram D. Antonio de Noronha o Catarraz, e ao ſalto alcançou o cavallo com os pés na borda da cava, e esbarrou de feição que cahio; mas quiz Deos que foſſe pera huma illharga já da outra banda, e que não perigaſſe o D. Antonio de Noronha, antes levando as rédeas na mão, e levantando-ſe o cavallo, tornou a ſaltar nelle. Antonio Soares, irmão de André Soares, que era Procurador de ElRey, ao ſaltar não vingou o cavallo á outra banda, e cahio dentro na cava debai-

xo do cavallo, onde logo morreo; e o meſmo aconteceo a outros dous, a que não ſoubemos os nomes. Todavia muita parte delles vingáram a outra banda, e os outros foram rodeando a cava. O Governador tanto que ſe vio da outra banda com os que o ſeguíram, enreſtando a lança, e appellidando *Sant-Iago*, foi romper aquelle encontro em os Mouros com tanta força que cada hum acertou o ſeu, e derribou aquelle com que pegou, ficando já todos baralhados por todas as partes, fazendo a noſſa arcabuzaria nelles arrezoado damno. Vendo o Nacer Maluco a determinação do Governador, e ſentindo medo em os ſeus, tocou a recolher, e foi-ſe retirando pera huma ilharga da fortaleza, ſem ſe querer metter nella, por ſe não haver por ſeguro, deixando-a ao Governador, que alli logo a mandou derribar por todas as partes por muitos roçadores que levava, o que ſe fez com muita preſteza. O Governador lançou eſpias aos inimigos, e ſoube que hiam em desbarato, recolhendo-ſe por eſſe Concan dentro; pelo que ſe deixou alli ficar deſcançando, e tomando refeição, e das tres horas por diante ſe foi recolhendo pelo caminho de Benaſtarim, e de paſſagem foi deſmanchando todas as tranqueiras que achou, e aquella noite foi dormir da outra banda da Ilha, e ao dia

ſe-

ſeguinte entrou em Goa com grandes feſtas, e regozijos.

CAPITULO III.

De algumas couſas, em que o Governador Franciſco Barreto proveo: e de alguns Capitães que deſpachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrenegado.

RJEcolhido o Governador a Goa; porque era já tarde, entrou no deſpacho dos provimentos das fortalezas, e de alguns Capitães, que haviam de ir entrar nellas, que foram D. Antonio de Noronha o Catarraz pera a de Dio, por acabar ſeu tempo D. Diogo de Noronha, que lá eſtava; e mandou com elle ſeis Capitães pera darem mezas a mil e duzentos homens, que lá haviam de invernar; e eſtes foram Aires Telles de Menezes, que hia nomeado por Capitão mór da Armada da enſeada de Cambaya, Alvaro Pires de Tavora, Aires de Miranda, João Lopes Leitão, Jeronymo de Souſa, D. Diogo Rolim, Aires da Silva, e Diogo Pereira. E aſſim deſpachou Antonio Pereira Brandão pera Maluco, por ſer provído daquellas viagens, que levou muitos provimentos, e foi na náo Santa Maria dos Anjos; e da meſma manei-

neira proveo Malaca, e as fortalezas das coftas do Malavar, e Norte; e com isto se cerrou o inverno, em que o Governador ordenou finco Capitães pera darem mezas aos foldados, e eftes foram D. Alvaro da Silveira, Pantaleão de Sá, Pero Barreto Rolim, Martim Affonfo de Miranda, e Alvaro Paes de Sotomaior, e nas Ilhas poz gente de guarnição pera os inimigos lhe não entrarem nellas. Na de João Lopes, que he defronte do Paffo Secco, poz Aires Gomes da Silva, filho de Braz Telles, com huma companhia de foldados. Na de Chorão, Gafpar Pacheco, cavalleiro honrado, dos primeiros filhos de Portuguezes que houve na India, com feffenta homens, e em fua companhia hum Gentio valente homem chamado Humbraná Decais, das aldeias de Pondá, vaffallo do Idalxá, que fe veio pera o Governador. São eftes Decais como Juizes, e cabeças das aldeas, e como Almotacés na repartição dellas, e efte tinha cento e vinte peães. E pera ficar mais á mão pera tudo, apofentou-fe o Governador em humas cafas a Santa Luzia, e dalli vifitava todos os dias a ribeira das Armadas, onde fe faziam os galeões novos, a que dava muito grande preffa, e expediente, e cada femana corria duas, e tres vezes os paffos, e via as guardas delles, e das manchuas,

que

que andavam pelos rios, e iſto fazia muitas vezes de noite pera os tomar deſcuidados; e ver a vigia que tinham. O Nacer Maluco tanto que teve rebate que o Governador era recolhido, tornou-ſe pera Pondá, e mandou reformar a fortaleza; e porque com as aguas do inverno os não podiam os noſſos ir buſcar, (por eſtarem as terras alagadas,) repartio os ſeus pelos paſſos fronteiros aos noſſos, donde começáram a fazer toda a guerra que puderam, defendendo as couſas que coſtumavam a paſſar da outra banda pera a Cidade, com o que começou de haver careſtia de algumas. Mas onde elles mettêram mór cabedal foi nas terras de Salſete, que o Governador Franciſco Barreto proveo mui bem, mandando D. Jorge de Menezes Baroche com duzentos homens pera ſe ir ajuntar com D. Pedro de Menezes ſeu primo, e ambos juntos tiveram alguns recontros com os inimigos, que por ſerem miudos deixamos; e poſto que os inimigos nelles leváram o peior, todavia elles andavam como ſenhores da terra, e as arrecadavam ſem lho poderem defender, por ſerem tamanhas que chegavam a vizinhar com as terras do Idalxá. Aſſim que todo eſte inverno foi aos noſſos muito trabalhoſo, porque nunca deſpíram as armas, paſſando muitas ribeiras de noite, e terras alagadas pera irem dar nos inimigos,

que

que não dormiam em parte alguma ſeguros; e porque eſta guerra foi mais de trabalhos, que de proveitos, não trataremos della mais neſta parte.

O Moratecan, que fazia guerra ás terras de Bardes, tambem as inquietou muito com outros aſſaltos, a que ſempre reſiſtio João Peixoto, que lá eſtava por Capitão com ſincoenta ſoldados, e muitos peães da terra, com que andou ſempre nos paſſos defendendo as entradas: e o que mais o inquietou, e mais damnos fez por todas aquellas aldeas, foi hum Portuguez arrenegado, que andava com os Mouros, que por cobrar credito com elles, ſe moſtrava muito atrevido. Eſte fez huma tranqueira forte nos eſtremos das terras, em que ſe apoſentou com quinhentos peães, e dalli ſahia a ſaltear os lavradores, e a roubar os naturaes, que já com o medo delle não lavravam as terras, e a mór parte delles eſtavam recolhidos nas Ilhas vizinhas a Goa, com o melhor da ſubſtancia que tinham. João Peixoto, que era muito bom cavalleiro, armou-lhe muitas vezes algumas cilladas pera o haver ás mãos; mas nunca pode, porque o arrenegado era mui precatado; e todos os ſeus ſaltos fazia de noite, ſem dar conta nem aos ſeus, da parte por onde havia de entrar, nem o que determinava fazer, com o que trazia ao João

Pei-

Peixoto muito cançado, e quebrantado. E informando-ſe do modo da ſua tranqueira, determinou de o ir commetter nella, e lançallo dalli: pera o que mandou pedir ao Governador alguma gente, que lhe mandou cem Portuguezes de eſpingardas. Com eſtes, e com os que mais tinha, e duzentos peães da terra, partio huma madrugada pera a tranqueira, que commetteo com grande determinação: e poſto que achou no arrenegado grande reſiſtencia, todavia elle a entrou com grande damno dos inimigos, porque a arcabuzaria fez lugar a tudo, e o arrenegado ſe foi recolhendo pera os matos, deixando a tranqueira, que foi poſta toda a fogo, ſem lhe ficár nada em pé. Com eſte feito ſe recolhêram os noſſos com alguns cativos, e fato, que na tranqueira ſe achou. O arrenegado, tanto que ſahio da tranqueira, foi-ſe pelos paſſos das terras, onde os Mouros tinham gente de guarnição, e ajuntou dous mil peães, e duzentos de cavallo, e foi atalhar o caminho a João Peixoto, que ao recolher em hum paſſo bem perigoſo, deo com elle; mas como era cavalleiro, e determinado, não ſe embaraçou com couſa alguma, antes com muito acordo, e animo repartio os ſeus em dous eſquadrões, e commetteo a paſſagem, onde teve huma muita aſpera batalha com os inimigos, em que ſe vio per-

di-

dido ; mas a eſpingardaria fez caminho de feição, que foram os noſſos paſſando, ainda que com muito riſco , perdendo alguns companheiros, porque chegou a couſa a ſe baralharem huns com os outros, e chegarem ás mãos, e aos cabellos; mas como os noſſos víram que o remedio de todos éſtava em ſeus braços, fizeram muito por ſe ajudarem delles; e aſſim quaſi todos miſturados foram caminhando grande eſpaço , até que quiz Deos noſſo Senhor déſſem huma eſpingardada no Capitão da gente de cavallo, que logo o derribou morto , e hum ſoldado lhe cortou a cabeça, com o que os ſeus afracáram , e os noſſos cobráram tanto animo , que voltáram ſobre os inimigos, e os fizeram fugir, com morte de mais de cento e ſincoenta, e muitos cavallos. João Peixoto vendo desbaratados os inimigos , ſe foi recolhendo até Bardés , e mandou a cabeça do Capitão de preſente ao Governador , que a eſtimou muito, e lhe mandou os parabens do honrado ſucceſſo que teve. O arrenegado ſe recolheo ferido, e não fez por então mais aſſaltos , nem houve mais inquietações naquellas aldeas. Neſte eſtado deixaremos eſtas couſas , porque nos cabe aqui continuarmos com Manoel Travaſſos, e Balthazar Lobo de Souſa , que deixámos fazendo-ſe preſtes , hum pera levar o Biſpo

á Ethiopia, e o outro pera a Ilha de São Lourenço.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo na viagem a Manoel Travassos, até lançar o Bispo no Porto de Arquicó: e do que succedeo ao Bispo até Baroá.

POr muita pressa que em Goa ficáram dando aos navios, que haviam de levar o Bispo, e os que haviam de ir á Ilha de S. Lourenço, não puderam dar á véla, senão Balthazar Lobo em Janeiro, e Manoel Travassos em Fevereiro. Este levava quatro navios, de que a fóra elle eram Capitães Pero de Siqueira, Vasco Correa, natural de Alcacer do Sal, e Antonio Vaz, com quem hia embarcado o Bispo D. André de Ouviedo, e hiam com elle dous Padres da Companhia, o Padre Manoel Fernandes pera Reitor, e o Padre Gonçalo Galtamas Cordovez com alguns irmãos. Dadas estas duas Armadas á véla, foi-se Balthazar Lobo seu caminho, a que depois em seu lugar tornaremos, e Manoel Travassos por outra derrota demandar a costa de Arabia, e aos vinte e seis de Fevereiro (que foi Quarta feira de Cinza) chegáram á Ilha de Sacotorá, onde o Bispo desembarcou com os companheiros, e em hu-

huma Ermida que alli eſtava, deo Cinza, e ſe fez o Officio conforme ao tempo, e depois foi viſitar a Igreja, que fez o Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, que eſtava dentro na povoação, onde o Biſpo diſſe Miſſa: e acháram alli hum Ermitão dos da terra com hum companheiro, que tinha hum capello de S. Franciſco, que parece lhe deo algum Frade, que por alli paſſou. Alli ſe detiveram até o Domingo ſeguinte, em que depois de ouvirem Miſſa ſe embarcáram, e ao ſabbado dahi a ſeis dias foram haver viſta da Cidade de Adém, do que ficáram enfadados, e aquella noite embocáram as portas do Eſtreito pela Banda do Abexim; e ſendo já dentro, lhes deo hum temporal tão rijo, que apartou os navios, e dalli de Ilha em Ilha foram tomar a de Maçuá, onde Manoel Travaſſos levava por regimento, que não bulliſſe, nem alvoroçaſſe a terra, por ſer do Turco, e que pacificamente deitaſſe o Biſpo em Arquicó, ſobre o que houve antre os ſoldados grandes motins, porque deſejavam de dar naquella Ilha, em que eſperavam tomar boas prezas, e o Biſpo com muito trabalho os apaſigou. Manoel Travaſſos por não ſahir do regimento que levava, ſurgio hum pouco affaſtado da Ilha, porque quiz primeiro tomar falla do que lá hia, e logo foram viſtos da terra firme, que

era muito perto, onde acertou de eſtar hum moço de hum Gonçalo Ferreira, que era Capitão, e Senhor do Porto de Arquicó, por outro nome Decanó, que lhe deo o Emperador; e vendo os navios, mandou logo a elles hum moço Abexim de hum Franciſco Jacome Monteiro, por quem mandou huma carta de ſeu amo ao Capitão mór, em que lhe dizia, que eſtivera alli muitos dias eſperando por navios da India, por lhe parecer que viria o Patriarca, e que por ter novas de Turcos ſe recolhêra. O Biſpo a eſtimou muito, por ſaber que a terra eſtava quieta, porque do moço ſoube que em Maçuá eſtava Soltão Iſmael, que era Senhor daquella Ilha, e da de Dalaca, que eſtava oito leguas ao mar, e não tinha comſigo mais que vinte e ſinco Turcos. Eſtando neſtas perguntas, appareceo huma gelva, que dous dos noſſos navios foram demandar, e a fizeram varar na Ilha de Maçuá, e logo acudíram os Turcos com eſpingardas a defendella; o que viſto pelos noſſos, ſe recolhêram por não amotinar a terra. O Soltão Iſmael, que tambem deſejava de não romper com os noſſos, ou pera melhor dizer eſtava medroſo, porque tinha pouca gente, (porque eſtes nada fazem por virtude, ſenão por neceſſidade,) arvorou logo ſobre huma guarita duas bandeiras, huma branca em ſi-

nal

nal de paz, e outra vermelha em final de guerra, como que convidava aos noſſos qual daquellas queriam acceitar. O Capitão mór com o parecer do Biſpo, e dos mais reſpondeo-lhe com outra bandeira branca. Neſta meſma conjunção foi o moço de Gonçalo Ferreira, que eſtava em Arquicó por Feitor, e foi recebido dos Portuguezes com cavalgaduras, que vivião perto, porque logo tiveram as novas dos navios, e com ſua vinda deſembarcou o Biſpo no porto de Arquicó, e foi recebido dos Portuguezes com grande alvoroço. Iſto foi aos dezoito dias de Março. Manoel Travaſſos tanto que deitou o Biſpo em terra, e a todos os mais, que com elle haviam de ficar, arrecadando ſuas cartas pera o Governador, tornou a fazer véla pera a India, e no caminho lhe deſappareceo a fuſta de Vaſco Correa, que foi dar á coſta por Xael, onde os mais dos Portuguezes foram mortos, e elle com os mais navios chegou a Goa, e deo as cartas ao Governador Franciſco Barreto, que eſtimou muito ficar o Biſpo poſto em terra tanto a ſeu ſalvo.

E tornando a continuar com elle aquelle dia, que foram aos dezoito de Março, em que deſembarcou já Sol poſto, começou a caminhar com muito regozijo, e alvoroço, levando-o os Portuguezes em meio, e

por todo o caminho o foram servindo de tudo em muita abastança; e porque não fique em esquecimento, diremos os nomes de todos. Antonio Goes de Santarem, Francisco Dias Machado, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Jorge Vaz, Francisco Moreira, Diogo Moniz, João Fernandes, que foi de D. Francisco da Gama, segundo Conde da Vidigueira. Gaspar Nunes, Gonçalo Soares Cardim, natural de Cintra, que foi em companhia do Bispo, que ainda ao presente vive, e que de lá nos mandou a relação desta jornada, e de tudo o que succedeo ao Bispo, do dia que entrou na Ethiopia até que morreo. Ao outro dia, que foi sesta feira, chegáram a huma aguada, onde dormíram; e ao sabbado vinte do mez encontráram mais alguns Portuguezes, que vinham em busca do Bispo, que eram Francisco Jacome Capitão da guarda de ElRey, Luiz Custodio, Antonio Lopes de Oliveira, e Antonio de Sampaio, que traziam formosas cavalgaduras, capas de grã, chapeos de veludo preto, muitos lacaios, e alguns criados do Barnagais com cavallos, e mulas pera o Bispo, e seus companheiros, que recebeo a todos muito humanamente, e foram caminhando muito bem provídos de tudo. Ao outro dia, que foi Domingo, houve Missa, e prégação com muita devoção, e alegria de todos.

Da-

Daqui foram ſempre caminhando por aldeas, e povoações proſperas, e abaſtadas de mantimentos de todas as ſortes, e aos vinte e ſeis dias do mez de Março encontráram o Barnagais, que já vinha buſcar o Biſpo, e ſe lhe lançou aos pés com muita humildade, e elle o recebeo mui honradamente, e lhe deitou ſua benção, e voltou com elle, dando-lhe pelo caminho todo o neceſſario a todos até chegarem a Baroá, e o Biſpo foi levado a huma Igreja dos Abexins da invocação do *Anjo S. Miguel*, onde fez oração, e deitou a benção a todos, e depois foi apoſentado em humas caſas mui boas, e os Portuguezes todos ao redor. Aqui ſe detiveram até a Paſcoa, que cahio a onze de Abril, com muito goſto, e alvoroço, que lhes não durou muito, porque logo a primeira Oitava chegáram novas apreſſadas, que tinha deſembarcado em Arquicó hum Baxá do Turco com muita gente, que vinha em ſoccorro do Rey de Adel, que trazia guerra com o Emperador; o que o Biſpo ſentio muito, e logo ſe poz a caminho com todos os Portuguezes pera a Corte, caminhando com muita preſſa, e tento. Aſſim o deixaremos por hum pouco, porque he neceſſario continuar com Balthazar Lobo de Souſa, que deixámos partido pera a Ilha de S. Lourenço.

CA-

CAPITULO V.

Do que ſuccedeo a Balthazar Lobo de Souſa na viagem até á Ilha de S. Lourenço; e da deſcripção deſta Ilha, e das de Comoró: e qual ſeja a Menuthias de Ptolomeu.

PArtido Balthazar Lobo de Souſa de Goa, como atrás diſſemos no Cap. IV. deſte IV. Liv., foi ſeguindo ſua derrota até haver viſta da Ilha de S. Lourenço, que foi coſteando pela banda de dentro; e mandou pelos navios de remo correr todos aquelles portos pera os notarem, e ſondarem, e verem ſe havia raſto algum da gente Portugueza, que ſe por alli perdeſſe, ficando Balthazar Lobo de Souſa no rio de Manzalage commutando algumas couſas com os da terra até ſer tempo de ſe recolher. Alguns dizem que fizera alli hum Rey Chriſtão com alguma gente ſua, de que não temos mais certeza, que ouvillo a ſeu filho Diogo de Souſa, que lho contára ſeu pai: e pois deſta jornada não temos mais que dizer, concluiremos eſte Capitulo com a deſcripção deſta Ilha, e das do Comoró, que eſtão pegadas a ella.

Eſta Ilha de S. Lourenço, a que os eſcritores chamam Madagaſcar, ſerá de duzen-

zentas e noventa leguas de comprido, e cento de largo, no mais estreito de sincoenta: começa em onze gráos e meio da banda do Sul, e fenece em vinte e sinco e meio. He toda esta Ilha povoada de humas gentes, nem tão pretos como Cafres, nem tão alvos como os Mouros de toda aquella costa. Trazem os homens cabellos compridos, são mui bem proporcionados, e assim mesmo as mulheres. Presume-se que foi já esta Ilha conquistada dos Jáos, e que são estas gentes mestiços dantre elles, e os antigos naturaes, que deviam de ser Cafres da outra banda da terra firme. He toda esta Ilha senhoreada de muitos Reys, que de continuo tem guerra antre si, de que não temos conhecimento, porque o Sertão nunca foi tratado, nem visto dos nossos, por serem os naturaes todos grandes nossos inimigos, e o mesmo dos Mouros: e daqui vem que por nenhum caso os que alli vam ter desembarcão em terra, porque se os acham, logo são mortos. Os Mouros da costa de Melinde, que antigamente alli foram ter, fundáram duas povoações, em que ainda hoje vivem seus descendentes, governados por Xeques: huma em huma Ilha, que está no meio de hum rio chamado Manzalage, de que logo trataremos; e a outra da outra banda de fóra em outro rio chamado Bimaro. O nome pro-

prio

prio desta Ilha, por que os naturaes a nomeão, he Ubuque, e por essa a conhecem os Mouros que pera ella navegão; Ptholomeu lhe chama Minuthias, ou presumem os Geografos que he esta a que temos as duvidas que logo diremos. Os modernos lhe chamão Madagascar, e os Portuguezes à Ilha de S. Lourenço, porque em tal dia foi descuberta por elles.

O rio de Manzalage, que assima dissemos, está em altura de dezeseis gráos e meio, he grande, e formoso, e tem no meio huma Ilha tamanha como a de Moçambique, chamada Sada, onde os Mouros habitam, porque em toda aquella costa desde Melinde até Çofala, e S. Lourenço não se aposentáram senão em Ilhas, por se recearem dos Cafres. He esta parte de redor do rio Manzalage senhoreada de hum Rey, a que chamam Lingi, e estende-se seu Reyno até outro rio, que começa da banda do Levante, a que chamam Duria, que está em quinze gráos, e atravessa pelas terras do outro Rey chamado Tumgumaro, que he o mais poderoso de todos os daquella Ilha, e faz continuamente guerra aos Reys comarcãos; e a gente que lhe cativa a manda vender aos Mouros, que vivem na Ilha Sada, e todos vem ás mãos de Portuguezes por resgáte. Deste rio Duria pera o Norte está huma en-

cea-

ceada, a que chamam Sinamario, ao redor della vive outro Senhor, que se estende pera o Sertão; e adiante pera a cabeça da Ilha da banda do Levante corre outra enceada chamada Tararango, que está em treze gráos e meio, sobre quem senhorea outro Rey: e daqui até á ponta da Ilha, onde ella começa da banda do Levante, ha outros dous Reys, e outras enceadas, e rios. Vestem-se os naturaes de huns pannos feitos de palha muita fina; suas armas são rodellas, azagaias, e arcos; tem muitas mulheres, e são os móres ladrões, e mais crueis que ha por toda a Cafraria. Trazem alguns daquelles rios grandes Crocodilos, e pela costa ha formosas Tartarugas, de que os Mouros fazem grande cópia de suas cascas, que mandam vender aos Portuguezes; e acham-se tambem grandes pedaços de ambar. Dá a terra muito gengivre, infinitas canas de açucar, muito mel, muito gado vacum, e o mais formoso que no mundo se sabe; porque ha boi tamanho como dous do Alentejo, e com hum mamilho sobre a canga, que he cousa façanhosa. Dá em seus campos muito arroz, milho, mungo, que he hum legume, que não ha no nosso Portugal, e cria muitas minas de ferro, e os matos dão muito Sandalo branco, mas bravo, e algum vermelho, a que os Mouros chamam Mitisaque, e levam

vam a vender hum, e outro a Cambaya pera os Gentios se queimarem quando morrem. Prézão muito o estanho, ou Calaim, e val antre elles tanto como prata, pera joias das mulheres. Fazem hum vinho de mel, e agua, curado ao Sol tres, ou quatro dias, com o que fica tão forte, que logo embebeda; e chama-se na sua lingua Mopata. Não se criam nella feras, nem bichos peçonhentos, he toda muito viçosa, e bem assombrada, de bons ares, e aguas excellentes, assim de fontes, como de rios. Tem alguns (como já dissemos) que esta Ilha seja a Minuthias de Ptolomeu, ao que se nos offerecêram duvidas; porque se elle tivera conhecimento desta Ilha, tambem não deixára de o dar das Ilhas do Comoró tão nomeadas; porque se os mercadores daquelle tempo, que lhes podiam dar informações por navegarem por toda aquella costa de Melinde, se víram humas, e outras, forçado lhe houveram de dar relação dellas, e não da de S. Lourenço só.

E lançando sobre isso nosso juizo, nos parece que a Ilha Angazijá, que he a mór das do Comoró, (de que logo trataremos,) he a Minuthias; porque parece que algum navio dos da costa de Melinde, que hia pera Moçambique, foi com algum desgarrão haver vista desta Ilha; e vendo-a de fóra gran-

grande, e formosa, daria della relação, e iria de boca em boca a ter a Ptolomeu com aquella fama de ser tão affastada ao mar, e tão grande; e que mettendo-a elle em suas taboas por aquella informação, lhe chamaria Minuthias, por Ilha famosa, e novamente descuberta. E quem quizer ver isto mais claro, o fará na nossa nova Ethiopia, onde tratamos de todas estas Ilhas; e quem bem considerar aquella Ilha que Possidonio escreve, que Eudoxo de Sirico, em tempo da Rainha Cleopatra de Egypto, diz que achou despovoada nesta costa da Ethiopia, verá que não póde ser outra senão esta de S. Lourenço: e pera melhor declaração, faremos hum breve discurso sobre esta viagem.

Escreve Possidonio, que em tempo de ElRey Evergente do Egypto partíra Eudoxo a descubrir a India por mar; e que voltando de lá carregado de fazendas ricas, fora desgarrado tomar a costa da Ethiopia, que havia de ser a de Melinde, porque isso acontece muitas vezes a quem parte de Calecut pera o Estreito do mar Roxo, como este partio, e que o tempo que alli estivera, tomára conhecimento com os naturaes, e ainda aprendêra parte da sua linguagem. E depois indo ter ao Egypto sobre contas com aquella Rainha, em que ella o alcançára, lhe

lhe fora fogindo pera Africa, e de lá se passára a Cales, onde armára duas embarcações pera ir rodeando a costa de Africa a buscar aquellas gentes da costa da Ethiopia, a quem ficára affeiçoado, e com o olho nos grandes proveitos, que de seu commercio esperava, a que chegára, e passára o Cabo de Boa Esperança; e que tornando de lá, achára huma formosa Ilha naquelle caminho despovoada, que lhe parecêra muito fertil, e abastada de aguas, e fruitas; e que por lhe parecer muito fresca, depois de chegar a Hespanha, partíra em huma náo carregada de arados, e sementes, com alguns companheiros pera a povoarem, e cultivarem, e que se fora perder na costa da Ethiopia junto do Cabo de Boa Esperança, onde dos pedaços da náo ordenára huma embarcação, em que se salváram. E considerando nós toda esta viagem, por sem dúvida temos ser aquella Ilha, que acháram tamanha, e tão fertil, esta de S. Lourenço, porque desda costa de Melinde até o Cabo de Boa Esperança não ha outra tamanha, nem tão fertil.

E já que fallámos nas Ilhas do Comoró, daremos dellas huma breve relação. São estas Ilhas quatro, e estão em altura de treze até quinze gráos e meio. A maior de todas he a Angarica, que será de quarenta leguas de comprido, dez de largo; he tão alta qua-

si como a Ilha do Pico, faz por sima hum comoro grande, e vai descendo com huma ponta até o mar. He toda em roda muito limpa de baixos, e restingas, e he senhoreada pela fralda de Mouros Arabios daquelles, que primeiro vieram ter á costa de Melinde, e está toda repartida em vinte senhorios, que continuamente tem antre si guerras: aqui he o principal commercio dos Mouros de Meca, porque vem todos os annos a ella muitas náos a carregar de gengivre, e de outras mercadorias, e os Cafres naturaes daqui são muito pretos, e as mulheres bem assombradas, e tem nas fontes fogos como Abexins, e são escravos muito estimados de todos. As outras tres Ilhas se chamam Anjoane, e tem hum só Senhor, Molalle outro, e Maoto, que he a maior, he tambem senhoreada de hum Rey, e ha nella trinta Cidades a seu modo, de trezentos até quatrocentos vizinhos: he de grandes serras, tem muitas ribeiras de aguas excellentissimas, são todas de ares mui sádios. Não ha nellas bicho algum peçonhento, são mui fertiles de arroz, milho, vaccas, cabras, gallinhas, e de tantas canas de açucar, que são como matos bravos, muito grossas, e formosas; e se se ordenarem nellas engenhos, serão tão prosperas, como a Ilha da Madeira: ha nellas infinito gengivre, e tem disposição pe-

pera tudo o que nellas ſe quizer ſemear. Hum Fidalgo honrado andou alguns annos em requerimento com ElRey D. Sebaſtião, que lhe déſſe licença pera os conquiſtar, dando-lhe navios, e artilheria, que elle buſcaria gente, e que daria a ElRey huma copia de eſcravos todos os annos pera as galés; e não ſoubemos os inconvenientes que ſe niſſo acháram; porque ainda que não fora mais que pera arrancar dellas os Mouros, e deſterrar o commercio de Meca, fora couſa de muita importancia; quanto mais tantos proveitos, como ſe dellas podiam eſperar, como era o de ſe povoarem aquellas Ilhas de Portuguezes, que alli ficariam vivendo ricos, e da grande Chriſtandade que ſe poderia fazer, e vir por tempo a ſobmetter as Ilhas todas debaixo do jugo de Chriſto. Havia antigamente outras ſinco, ou ſeis Ilhas junto da de Maoto, que por ſerem baixas as alagou o mar, e ficam como baixos, onde o mar quebra: tem todas formoſiſſimos, e ſeguriſſimos portos pera todos os ventos, e capazes de náos grandes.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo ao Bispo D. André de Oviedo até chegar a se ver com o Emperador da Ethiopia : e do que com elle passou.

DEixámos o Bispo partido de Baroá com as novas que lhe chegáram do Turco; e antes de chegarem á Corte, se adiantou Luiz Custodio pera ir negociar seus recebimentos, e por todo aquelle caminho foram comendo muitas gallinhas do Perú, perdizes, vaccas bravas, merus, pombas, rolas, e outras aves, de que por aquella terra ha infinidade, e o vinho que bebiam era serveja, e todos os dias até o Espirito Santo comêram carne, sestas, e sabbados, por ser assim costume dos Abexins; e passada a festa, jejuam todo o mais do tempo tres dias na semana. Ao cabo de dez dias chegáram a huma Igreja do Orago de *N. Senhora de Nazareth*, onde residia o Patriarca, que lhe mandou o de Alexandria, que era Nestoriano, com quem se não quiz ver o Bispo, e passou logo adiante até huma feira real, que se chama Mantadelle, aonde acháram hum criado de hum Christovão Nunes de Serpa, natural de Arouca, que agazalhou a todos esplendidamente.

He esta feira de hum Mouro grande pessoa, e muito rico, que lhe rende muito, e della vai o sal pera todo o Reyno. Daqui se partíram huma quinta feira, e atravessáram huns campos muito formosos, em quê acháram muitas vaccas, porcos, elefantes, renocerotes, e ao sabbado chegáram a huma terra, onde estava o Luiz Custodio, que era sua, e esperava pelo Bispo com tres tendas armadas, e com infinitos refrescos de todas as sortes de fruitas, e carnes que na terra havia, com que hospedou a elle, e a todos os mais mui honradamente. Era este homem casado, e tinha alli sua mulher, que não quiz apparecer ao Bispo, porque era Nestoriana, e nunca quiz ser Catholica; mas logo houve o castigo disso, porque passáram poucos tempos que não morresse de peste, e foi lançada no campo, onde a comêram os lobos. Daqui se partio o Bispo á segunda feira, e foram todos caminhando por huma formosa estrada, até chegarem a huma aldea de hum primo com irmão do Emperador, que se chamava Abitichon Açabo; e estava alli com outro seu irmão chamado Abitichon Anes, (Abitichon he titulo antre elles, como antre nós o Dom.) Estes Senhores agazalháram o Bispo, e todos os mais mui honradamente. Daqui foram caminhando por campos fertilissimos, e povoações mui-

mui grandes, e abaſtadas de tudo. Á ſeſta feira chegou ao Biſpo o Feitor de Gonçalo Ferreira, que tinham achado em Arquicó, e lhe apreſentou da parte de ſeu amo huma formoſa tenda com ſua cerca á roda, e huma rica alcatifa, e hum eſcravo, e tres mulas, o que elle eſtimou muito. Á ſegunda feira ſeguinte chegou o meſmo Gonçalo Ferreira, (que vinha pera acompanhar o Biſpo até a Corte,) e trazia huma copia de criados, e offereceo ao Biſpo, e a todos os que com elle vieram da India, ouro, e tudo o mais que houveſſem miſter.

Logo adiante acháram outro Portuguez chamado Jorge de Barros, que vinha da Corte, e trazia ſua mulher em huma formoſa mula, veſtida ao modo da terra, e por ſima dos trajos hum rico bedem, e rebuçada com huma fina beatilha, que não appareciam mais que os olhos, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e o Biſpo lhes fez honras, e gazalhados; e tornáram a voltar com o Biſpo até huma aldea de Gonçalo Ferreira, que hia com elles, onde foram agazalhados, e banqueteados eſplendidamente. Aqui veio ter com o Biſpo hum Portuguez, chamado João Gonçalves, que tambem trazia ſua mulher, que era Abexim, de caſta principal, e rica, e vinha em huma formoſa mula, cuberta com hum panno de borcado,

 que

que lhe ficava como gualdrapa, e ella com huma roupa larga de veludo negro, e por sima hum formoso bedem, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e calções até os pés, mouriscos de seda, com muitos botões de ouro, trajo que as senhoras Abexins usão, e nos braços muitas manilhas de ouro maciças; e o marido vinha em huma boa mula, e trazia hum formoso ginete á destra, e elle vestido custosamente, e na cabeça barrete preto com golpes, e pontas de ouro á Portugueza antiga. Com elle vinha outro Portuguez chamado Manoel Gonçalves em hum cavallo, com huma bésta no arção, e trinta lacaios de espadas, rodellas, lanças, e espingardas. Esta gente recebeo o Bispo honradamente, e á mulher de João Gonçalves fez particulares gazalhados, e todos voltáram com elle, que hia louvando a Deos por ver naquella terra tão distante, e apartada Portuguezes casados, tão ricos, contentes, e tão zelosos de agazalharem, e servirem seu Prelado.

Indo assim, chegáram a huma Igreja da invocação da Santissima Trindade, rica, e em bom sitio, rodeada toda de formosos aciprestes com muitos Conegos, que tem arrezoada renda. E antes della hum espaço sahíram hum golpe de Portuguezes vizinhos, e moradores daquellas aldeas, e povoações,

e fo-

foram beijar a mão ao Bispo, e se lhe offerecêram para o acompanhar. E dia da Ascensão pela manhã chegáram a huma Provincia muito fresca chamada Guimite Jorge, onde fizeram a festa, e todos aquelles Portuguezes se confessáram, e commungáram. Aqui passáram aquelle dia, e outro, e tornáram a caminhar, e ao sabbado seguinte encontráram Gaspar de Sousa de Lima, Capitão de todos os Portuguezes, e com elle hum Azaguereito do conselho do Emperador, que da sua parte hia visitar o Bispo, que estavam em hum formoso campo em tendas armadas passando a festa. O Bispo, que já sabia delles, mandou tambem armar suas tendas hum pouco affastado, onde Gaspar de Sousa de Lima com o Abexim logo o foram visitar da parte do Emperador, e lhe apresentáram vinte mulas, que elle mandou repartir pelos que vieram com elle da India, e fez muitas honras ao Abexim, e o assentou apar de si, e esteve sabendo da saude do Emperador, do lugar em que estava.

Estando aqui, ao outro dia foram ter com o Bispo Affonso de França Moniz, Diogo de Alvelos da Azinhaga, Simão do Soveral, Alvaro da Costa da Covilhã, Portuguezes da companhia de D. Christovão da Gama, e eram grandes privados do Emperador, e todos beijáram a mão ao Bispo,

e elle os recebeo com muito amor, e caricias, e todos lhe deram a obediencia como a seu Prelado. Daqui se abalou o Bispo acompanhado de todos aquelles Portuguezes, que era cousa formosa de ver, porque antre os Abexins lustravam tanto (pela diversidade, e riqueza dos trajos, mulas, cavallos, criados, tendas, serviço, e tudo o mais) que pareciam elles os senhores da terra. E indo assim caminhando, foram dar em huma formosa ribeira, e de longo della tinham os mais daquelles Portuguezes quintas, e casas de prazer muito frescas, principalmente Gonçalo Ferreira, que o mais do tempo residia alli, e elle levou o Bispo, e todos os que o acompanhavam pera sua casa, e os banqueteou esplendidamente.

O Emperador, que tinha correios postos por paragens, foi logo avisado, que o Bispo era chegado á ribeira, e mandou por hum correio chamar Francisco Jacome pera se informar do caminho do Bispo, e de suas cousas, e o tornou logo a despedir com recado de como já esperava por elle muito alvoroçado, com o que elle se apressou mais, até chegar a hum formoso rio chamado Axé, que traz infinito peixe de differentes sortes, onde armáram tendas, e descançáram. Alli chegáram todos os mais Portuguezes, que andavam com o Emperador, que

eram

ram da ſua guarda, e eſtavam de continuo á porta da ſua tenda, e beijáram a mão ao Biſpo, que folgou de os ver. Naquelle rio eſtiveram até o Domingo do Eſpirito Santo, em que chegáram todos os Senhores, e Grandes da Corte pera acompanharem o Biſpo por mandado do Emperador, que eſtava da outra banda do rio, a quem elle fez muitos gazalhados, e todos lhe beijáram a mão com grande humildade, e no meio dos mais honrados foi levado ao Emperador, que eſtava em huma tenda branca redonda, toda alcatifada de alcatifas grandes, e formoſas, e elle deitado em huma camilha, veſtido em hum bedem em ſima de huma camiſa mouriſca, e na cabeça hum chapeo de veludo preto, e huns calções de taſicira da Perſia calçados. Era homem largo, preto, de olhos grandes, e de preſença veneranda. O Biſpo entrou com os Padres junto comſigo, e ſe apreſentou ao Emperador, e lhe beijáram a mão, e elle os recebeo com gazalhado, mandando aſſentar o Biſpo junto á camilha em hum coxim de cordovão, que eſtava ſobre huma muito rica alcatifa de ſeda; e logo abaixo os Padres, e Gaſpar Nunes, que hia por Embaixador, que ao beijar da mão ao Emperador lhe apreſentou as cartas de ElRey, e do Governador da India Franciſco Barreto, e hum rico roupão de eſcarlata

com

com muitos botões de pedrarias, e algumas cousas outras curiosas, que elle não festejou muito. O Emperador depois de saber do Bispo da saude de ElRey, do Governador, e da sua viagem, o despedio, e elle se foi a suas tendas, que estavam a huma parte do campo; e os soldados, que da India tinham vindo com o Bispo, os leváram os da terra por hospedes, mandando o Emperador prover a todos de tudo em muita abundancia.

CAPITULO VII.

De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizão: e das grandes guerras que por isso se levantáram em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes.

NÃo pareça que nos temos descuidado nas cousas de Maluco, com que imos continuando todos os invernos, porque não foi senão por estes dous annos atrás não succederem cousas dignas de lembrar, e de se pejar o tempo com ellas. E porque houve muitas outras em differentes partes, em que o houvemos mister, o despendemos, e gastámos nellas; mas agora que succedêram muitas, e que foram causa de se vir a perder aquel-

aquella fortaleza, continuaremos com ellas por sua ordem.

Deixámos D. Duarte Deça o Abril passado de sincoenta e sinco partido pera Maluco, onde chegou o Novembro seguinte, e tomou posse da fortaleza, começando logo a correr com sua obrigação, e a tratar de sua fazenda, como os mais dos Capitães hoje fazem, pera o que já partem de Goa com regimentos, e ordens pera isso, que não faltão curiosos que lhas dão, porque tambem nisso tratam de seus proveitos, ainda que seja á custa das almas dos mesmos Capitães, de que lhe a elles dá bem pouco. Assim este Capitão começou a querer tomar todo o cravo da Ilha Maquiem, que aquelle Rey tinha separado pera as despezas de sua casa, como já dissemos na V. Decada; e como elle vio que lhe queria D. Duarte Deça tomar o seu, foi-lhe á mão, sobre o que se começáram os desgostos, que foram o principio da perdição daquella fortaleza, como na XI. Decada se verá. D. Duarte que era teimoso, forte, e trabalhoso de condição, e estava cego com sua cubiça, (e com isso não faltáram máos homens, que accendêram mais este fogo) tratou logo de se vingar de ElRey, e de o prender; e não dando conta do que determinava a pessoa alguma, mandou hum dia chamar ElRey,

e

e Cachil Guzarate ſeu irmão; e como os teve na fortaleza, os prendeo, e mandou metter em huma logea da torre, que ſervia de celleiro do cravo, que eſtava fedorentiſſima, e chea de baratas, e largatixas, e outros bichos peçonhentos: e ainda aqui lhes mandou lançar groſſiſſimos adobes, e fechados em correntes pelas azas de cameras de falcões, com o que ficáram tão inhabilitados, que ſe não podiam mover de huma pera outra parte, clamando, e gritando, e dizendo laſtimas, que puderam fazer compadecer peitos de feras. E não contente ainda D. Duarte Deça com iſto, mandou tambem trazer a velha mãi, que era huma Senhora muito honrada, e a metteo com elles, lançando fama, que ſe carteavam com a Rainha de Japorá na coſta da Jaoá, pera lhe entregarem aquella fortaleza, (eſtando todos bem innocentes daquelle crime, de que os accuſava.) E como ſua tenção era matallos alli á fome, defendeo que ninguem lhes déſſe de comer, nem de beber; o que elles ſentíram ſobre tudo, porque eſtavam na caſa do cravo, de que comiam por neceſſidade, que lhes aſſava os bofes, sem lhes quererem dar huma pouca de agua pera lhes matar aquelle fogo, nem ſe apiedarem dos gritos, e laſtimas que de dentro diziam. E além deſtas deshumanidades, os eſcravos to-

das

nas as manhãas hiam purgar os ventres á porta da banda de fóra, o que faziam com ſujidades, e palavras indignas de ſe nomearem.

Vendo os Padres, e o Provedor com a Irmandade da Miſericordia tão aborrecidas cruezas, ajuntáram o povo, e foram fazer proteſtos, e requerimentos ao Capitão, pera que ſoltaſſe ElRey, affirmando-lhe « que eſ-
» tava ElRey innocente do que lhe alevan-
» tavam, e que não déſſe com iſſo occaſião
» a huma grande deſaventura, porque já
» havia atoardas que o Rey de Tidori fazia
» preſtes ſuas Armadas pera ſe ajuntar com
» os Ternates em favor de ſeu Rey, e pera
» pôrem cerco áquella fortaleza; » a que D. Duarte Deça não deferio couſa alguma, dizendo « que os não podia ſoltar, porque
» tinha delles culpas graves. » Vendo elles aquella teima, e injuſtiça, lhe pedíram « que
» ao menos lhes déſſe licença pera os ſuſten-
» tarem na prizão, porque não era juſto que
» os mataſſe á fome, e á ſede, que era hum
» genero de morte, que nem barbaros a da-
» vam a ſeus inimigos. » O que elle lhes concedeo, e dalli por diante ordenáram antre ſi « que a Miſericordia déſſe huma ſemana
» de comer aos prezos, e outra os mora-
» dores. » E aſſim foram continuando, com que os pacientes ſe conſolavam já alguma

cou-

cousa. Mas como D. Duarte Deça estava encarniçado no odio, não quietava, nem repousava em buscar modos pera matar os pobres prezos, até ordenar « que se lhes » lançasse peçonha na agua que lhes manda- » vam, como lhes fizeram duas vezes » que ElRey logo conheceo por virtude de hum annel que comsigo trazia, que era de tal confeição, que se na casa em que estivesse, entrasse alguma peçonha, logo mudava a cor, como lhe fez de ambas as vezes. Os Governadores do Reyno tanto que víram o seu Rey prezo, mandáram requerer por muitas vezes ao Capitão « que lho soltasse; e » que não o querendo fazer, elles protesta- » vam de lhe não prejudicar em todos os » modos que pera isso buscassem; e que dos » damnos que disto resultassem, elle daria » conta ao Rey de Portugal » a que elle nada deferio. Vendo elles aquillo, concertáram-se com o Rey de Tidore seu genro, pera os ajudar na guerra que ordenáram de fazer á fortaleza, pera que começáram a fazer seus preparatorios, e lançáram suas corocoras ao mar, e ElRey de Tidore fez o mesmo, e em pessoa se embarcou pera começar a proseguir na guerra.

E como era máo, e manhoso, jogou lanços de ladrão, que foram apoderar-se de muitos lugares de ElRey de Ternate, com-

ten-

tenção de se fazer senhor de todo aquelle Reyno; o que lhe fora muito facil, se tomára a fortaleza, como pertendia, porque então ficava-lhe ElRey nas mãos, e elle senhor de tudo. Os Ternates ajuntáram seu poder, e fôram pôr cerco á fortaleza, dando-lhe tantos, e tão continuos assaltos, que se vio D. Duarte Deça mui apressado, e arriscado; e o em que mais cuidado puzeram, foi na prohibição dos mantimentos, pera que nem por mar, nem por terra pudessem passar á fortaleza; com o que começáram a faltar, e os nossos a passar necessidades. Vendo-se D. Duarte Deça tão apressado, foi-lhe necessario valer-se do mór inimigo que aquella fortaleza tinha, que era Cachil Guzarate Sangage de Geilolo, a quem Bernaldim de Sousa destruio de todo, tirando-lhe o nome de Rey, como na VI. Decada no Cap. XIII. do IX. Liv. fica dito. E pera mais o obrigar, lhe mandou huma Provisão em nome de ElRey de Portugal » em que lhe tornava o titulo de Rey, e » o libertava das parcas que era obrigado a » pagar.»

Isto moveo tanto aquelle Sangage, que lançou logo suas corocoras ao mar, pera ir soccorrer D. Duarte Deça, e se começou outra vez appellidar Rey de Geilolo. No mesmo tempo despedio D. Duarte Deça hum

Pa-

Padre da Companhia, chamado Antonio Vaz, homem letrado, e virtuoso, que ainda hoje vive na casa dos professos de Goa, » pera que fosse á Ilha de Bachão a pedir » ajuda áquelle Rey, assim de gente, como » de mantimentos, porque era amigo dos « Portuguezes. » Esta jornada foi de tanto proveito, que não só fez o Padre com El-Rey que provesse a D. Duarte Deça de mantimentos honestamente, mas ainda o convidou pera as Bodas do Senhor; porque achando-o domestico, e capaz, o rendeo, e catequizou, e depois o fez Christão com muita solemnidade, e a outros muitos do seu Reyno. E por estas santas obras, e por outras, que estes Religiosos, e os de todas as mais Religiões andam obrando por todo este Oriente, permitte Deos que as fortalezas da India estejam em pé, e que se sustentem, deixando o castigo das tyrannias de alguns Capitães só pera elle; porque huns não acabam de lograr o que dellas injustamente tiram, e outros não lhes chegáram a luzir nem em filhos, nem em netos.

E tornando a nosso fio. A guerra se foi continuando por terra, e por mar, por onde o Rey de Tidore andava com sua Armada, fazendo todos os damnos que podia. Nas corocoras de Ternate andava por Capitão mór Cachil Labuzaza, primo de El-Rey,

Rey, muito grande cavalleiro, que depois se fez Christão, e se chamou D. Henrique, e por seus muitos serviços lhe mandou El-Rey D. João o habito da Cavalleria de nosso Senhor Jesus Christo, e o cargo de Pandará de Malaca, onde viveo casado, e com filhos, e fez tantos serviços, quantos pelo decurso de nossas Decadas se verão. Este homem fez muita guerra então áquella fortaleza, e pelejou com algumas fustas, que D. Duarte Deça armou; e com ellas, e com os soccorros que lhe vieram de Geilolo, de Bachão, e de outras partes, a que tambem acudio Gonçalo Pereira Governador de Momohia com algumas corocoras, e mantimentos, se foi sustentando. E como foi tempo, despedio a náo S. João, de que era Capitão Francisco de Barros com a carga do cravo pera a India, por quem escreveo ao Capitão de Malaca, que o mandasse soccorrer com muita presteza: e o mesmo fez ao Governador, dando-lhe conta de tudo o passado, pondo áquelle Rey crimes que elle nunca commetteo; mas não faltou tambem quem lhe escrevesse a verdade deste caso. Neste estado deixaremos a guerra, que deo bem de trabalho aos nossos.

CA-

CAPITULO VIII.

Da differença que ha antre Persas e Arabes sobre a opinião de suas seitas: e de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que seguissem sua seita.

NA nossa IV. Decada no Cap. I. do Liv. X., onde fallamos na seita que seguem os Magores, démos brevemente conta de sua lei; agora será necessario declararmos isto melhor pera a materia que havemos de tratar. Pelo que se ha de saber que por morte de Mafamede (em que os mais dos escritores variam na conta do anno em que foi) deixou nomeado em seu testamento por seu successor, e cabeça da sua doutrina Alé filho de Sabutabel, irmão de seu pai; assim por ser seu primo com irmão, como por ser seu genro, casado com Fatima filha de sua primeira mulher, de que tinha dous filhos nascidos de hum ventre, chamados Hacem, e Hocem, e lhe deixou encommendado que tomasse a dignidade de Califa, que he como a do Summo Pontifice antre nós. Isto tomou mal Abubar sogro de Mafamede, em cuja casa elle morreo, porque houve que lhe pertencia a elle melhor aquella dignidade, assim por sogro delle Mafame-

medé, como por sua idade, authoridade, e posse, porque era muito poderoso: e ajuntando-se com dous parentes seus de muita posse chamados Homar, e Othomão, perseguíram o Alé de feição, que o desterráram, e por consentimento de todos foi logo levantado o Abubar por Califa. Nesta dignidade viveo pouco, e sua morte não careceo de suspeitas de peçonha, que diziam mandar lha dar Homar; porque tanto que elle faleceo, se alevantou com o Califado quasi por força. Este viveo com aquelle titulo dez annos e meio, e foi morto, estando na Mesquita, por hum escravo seu, e affirmou-se que por ordem do Alé, que estava recolhido na Cidade de Cufa, e por sua morte se alevantou Othomão, allegando pera isso que fora duas vezes genro de Mafamedé, como de feito foi casado com duas filhas chamadas Cosalma, e Roqueia, que morrêram em vida do pai. Este tambem viveo pouco, porque foi morto em humas alterações que houve no Cairo, e por seu falecimento se ajuntáram os Grandes a conselho, e por parecer de todos (tirando o de Mauhia Capitão de Othomão) foi chamado Alé, cujo era de direito o Califado, e o assentáram na cadeira daquella dignidade; e o Mauhia, que ficou de fóra, e era poderoso, o perseguio com guerras grandemen-

mente, e por fim o mandou matar aos ſeis mezes de ſeu governo, e lá teve induſtria com que ſubio á dignidade do Califado, em que viveo doze annos, e tres mezes: em ſua vida renunciou a dignidade em ſeu filho Lazit que governou, temendo-ſe de Hocem, que era outro filho de Alé, e teve induſtria com que o mandou matar. Eſte Lazit foi muito máo homem, perverſo, e havido por herege, porque vivia como Gentio.

Ora vamos a Hocem, que elle fez matar, a quem ficáram doze filhos chamados Zeinal, Mahamed, Bager Mahamed, Jafart, Muſa Caſim, Muſi Ali, Muſera Ali, Mahamed Tangui, Mahamed Alivaugir, Ali Hocem, Aſqueri Hacem, e Mahamed Mahedi mais moço: affirmam os Perſas que não morreo, e que eſte ainda ha de vir declarar a verdade de todas as opiniões, que antre elles, e os Arabios ha, e que ha de converter o mundo todo á ſua doutrina, e que eſta converſão ha de começar em Maxadali, onde Alé ſeu avô eſtá enterrado. E eſta he a razão, por que naquella Meſquita tem continuamente hum cavallo ſellado eſperando por elle, pera como alli chegar, cavalgar logo. Eſte cavallo tanto que ſe eſconde o Sol, logo o levam á Meſquita com muitas luminarias, e em huma ſeſta feira do anno o fazem com grandes ceremonias, e orações

Mafamede, pedindo-lhe que acabe já de mandar seu neto a declarar as duvidas que antre elles, e os Persas havia, sobre quem fora o verdadeiro Califa: sobre o que havia de continuo antre elles guerras, porque os Persas sustentavam, e ainda hoje o fazem, que só o Alé o foi legitimamente, e que os mais foram scismaticos, tyrannos, e alevantados, e por isso tomáram aquelle appellido de Xiai, que quer dizer união de hum corpo, porque estavam sempre com as armas nas mãos pera sustentarem sua opinião.

Os Arabios pelo contrario affirmam, que elle não fora Califa, e que os outros o foram legitimamente eleitos, e que os Persas são os que vivem errados em sua opinião, e contra elles tomáram aquelle appellido de Sonijs, de que se tanto prezam, que quer dizer seguidores, ou sustentadores da verdade; e quando nomeam os Persas, lhes chamam Rafasis, que he o mesmo que chamar-lhes homens errados, e desencaminhados. Estas duas opiniões seguem todos os Mouros aos Arabios daquella parte de Africa, Mauritania, Berberia, e todos os que se espalháram por Hespanha, e os que vivem por toda a Provincia do Egypto, Abassia, Costa de Melinde, Moçambique, Cofala, e em todas aquellas Ilhas, e todos os Turcos, Rumes, e todos os destas par-

tes da India até Maluco; porque, como os Arabios foram homens, que se deitáram á navegação, e passáram até o Oriente, e por todos os Reynos delle, assim nas terras firmes, como nas Ilhas todas, achando os Gentios faciles, e domesticos, lhes prégáram a largueza de sua seita, a que logo todos se convertêram, e assim os seguem todos estes Reys do Decan, de que já démos razão, quando tratámos do tempo, em que os Mouros conquistáram aquelles Reynos.

Nesta lei vivêram até este inverno de sincoenta e sete, em que andamos, até que o Xathamás Rey da Persia, filho de Xaismael, zeloso da observação de sua seita, mandou no principio deste anno alguns Persas muito doutos em companhia de Embaixadores muito graves, e com grande apparato a todos os Reys do Decan pera os persuadirem a receber sua seita, e a seguirem Alé seu Califa; e pera mais os obrigar, lhes mandou a todos o titulo de Xás, de que lhes passou suas patentes, e formões. Estes Embaixadores foram nas náos de Ormuz ter a Dabul, e dalli corrêram ás Cortes do Mirão, Verido, Zamaluco, Idalcan, e Cota Maluco, e deram áquelles Reys suas Embaixadas, e prégáram sua opinião, a que foi mui facil de os render, e começáram logo em suas Mesquitas a rezar de Alé, e a clamarem

por

por elle em ſeus Alcorões, appellidando-ſe dalli em diante Sonijs, e com iſſo ſe intituláram Xás, que elles houveram por muito grande honra, e nós aſſim lhe chamaremos nas noſſas Decadas daqui em diante, deixando o titulo de Cais, de que até agora uſáram, e que com mais razão ſempre lhes cabe deſtes do Zamaluco Rey de Chaul, (que ſerá de agora por diante Nizamoxá.) Faremos aqui huma breve relação, já que a temos feito de todos os Reys de Viſapôr, que são eſtes, que vizinham comnoſco neſta parte de Goa, o que faremos neſtoutro Capitulo por ſer mais folgado aos leitores.

CAPITULO IX.

De huma relação de Nizamoxá, e de ſua morte: e de como o que lhe ſuccedeo no Reyno ſe ajuntou com o Cutubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha prezo.

NO Cap. IV. do X. Liv. da IV. Decada dêmos larga conta daquelles ſinco Capitães, que ſe alevantáram com todo o Decan, que entre ſi repartíram em Reynos, e deſtes coube aquella parte que jaz de Ciſardão até o rio Nagotana, que he pelo rio de Carania dentro, a Nizaman Maluco, a quem erradamente chamamos Zamaluco, cu-

jo proprio nome era Boran. Eſte diziam que era filho de Daudar Soltão, legitimo, e verdadeiro Rey de todos eſtes Reynos; porque affirmam que huma mulher, que elle deo ao pai deſte Boran, que era ſeu Capitão, já hia prenhe delle. E aſſim depois que eſte herdou o Reyno, tomou por appellido, e por armas hum falcão, dizendo, que aſſim como eſta ave era mais real que todas, aſſim elle o era antre os Reys do Decan; que foram eſcravos de ſeu pai. Eſte Boran Soltão foi o mais valoroſo, franco, liberal, e mais juſtiçoſo Rey de todos os de ſeu tempo, e dos vizinhos. E em principio do governo de Affonſo de Albuquerque foram ter ao porto de Chaul (que era ſeu, e onde elle acertou de ſe achar) doze Portuguezes, que vinham de Cambaya em hum navio ſeu; e vendo-ſe com ElRey, elle os agazalhou bem, folgando tanto de os ver, que lhes quitou os direitos de ſuas fazendas, e lhes rogou « que ſe apoſentaſſem naquella par- » te, em que hoje eſtá a noſſa Cidade de » Chaul, e que elle os libertaria dos direi- » tos, e não ſó a elles, mas ainda a todos » os mais que alli foſſem viver, e que lhes » faria outras honras, e favores » de que lhes mandou paſſar hum largo formão.

Por eſtas liberdades ſe deixáram alli ficar aquelles homens, e ſe apoſentáram naquel-

quel-

quella parte, em que hoje eſtá a Cidade, e depois poucos e poucos ſe lhes foram ajuntando outros, e fizeram alli huma colonia de Portuguezes, e daqui teve principio eſta povoação de Chaul, e as liberdades que ſeus moradores; e todos os mais tem em os direitos de ſuas fazendas, ſegundo huma lembrança que nos mandou, tirada dos tombos da Corte daquelle Rey, hum Antonio de Aguiar, que ha muito vive nella Mouro, chamado Islancan, homem eſperto, e pratico em muitas linguas, com quem communico por cartas, e delle me informo das couſas daquella Corte, de que ſempre deo muito boa razão.

Eſte Rey Boran Soltão ficou ſempre tão affeiçoado aos Portuguezes, que paſſando por Chaul o Governador Diogo Lopes de Siqueira, lhe concedeo lugar pera fazer fortaleza, onde ainda hoje eſtá, porque folgou de ter os Portuguezes em ſeu Reyno pela fama que corria de ſeu valor, e esforço; porque era tão affeiçoado aos bons cavalleiros, e aos homens doutos, que em lhe vindo fama de algum nos Reynos vizinhos, logo o mandava buſcar, e lhe fazia muitas honras, e mercês; com o que concorrêram em ſeu tempo todos os bons Capitães, e doutos em ſuas ſciencias, que paſſáram de todos os Reynos eſtranhos a eſte. E de dentro

tro

tro de Conſtantinopla mandou trazer hum afamado fundidor, que lhe fez duas mil bombardas de bronze, e ferro, com que ſe fez temido a todos os vizinhos. Foi muito doente do mal de S. Lazaro, pera o que buſcou todos os remedios poſſiveis; até ſe banhar em ſangue de meninos, mandando matar muitos pera eſte effeito, e encher grandes banhos delle, (por lhe fazer crer hum feiticeiro que com iſſo ſararia;) mas não lhe valeo, porque veio a morrer aborrecido do meſmo mal tão nogento os annos paſſados de 1555, tendo reinado ſincoenta e oito.

Tinha eſte Rey muitos filhos, e já em ſua vida ſentia alteração nos Capitães, e andarem bandeados huns a huns, e outros a outros; e receando-ſe que por ſua morte houveſſe mui grandes divisões, mandou chamar hum Portuguez, que deſdo tempo de Nuno da Cunha andava em ſeu Reyno, que dizem alguns que fora bombardeiro, e ſe chamava Sancho Pires, e lá ſe fez Mouro, e lhe puzeram nome Tringuican; e lhe pedio, que tanto que elle morreſſe, fizeſſe alevantar por Rey a ſeu filho mais velho chamado Uzen, e alli lho entregou logo, porque ſó delle fiava aquelle negocio; e o Sancho Pires lhe diſſe que aſſim o faria, e que niſſo lhe havia de pagar as honras, e mercês que delle tinha recebido. Era eſte homem tão

va-

valoroſo por ſeu braço, que ſe póde metter no conto dos famoſos que houve no mundo; porque chegando ſó, e homiſiado áquelle Reyno, aſſim deo logo tamanhas moſtras de ſeu valor, que lançou ElRey mão delle, e o fez Capitão da gente de cavallo, em que tambem deo tal conta de ſi, e deo tão verdadeiras moſtras de ſeu esforço, que veio a ſer General de todo o Reyno, e o principal dos do Conſelho de ElRey, que lhe deo tantas terras, e rendas, que ſuſtentava dez, e doze mil homens de cavallo; e aſſim era tão temido de todos os Capitães, e Mouros, que não havia quem lhe não fizeſſe veneração, e ſe lhe não baqueaſſe.

Aſſim que vindo aquelle Rey a falecer, tomou Sancho Pires o filho Uzen, e o poz na cadeira do pai, e o fez levantar por Rey a pezar de todos os outros Capitães, que eſtavam divididos em bandos pelos outros filhos; mas elle teve tal maneira, que por força fez vir todos a dar-lhe obediencia, e quietou os tumultos, ficando em companhia do Rey, governando o Reyno com tanta prudencia, e valor, que não houve vizinho que ouſaſſe a bullir com elle, e aſſim ſe fez poderoſo, e temido, e tão reſpeitado, que ſe ſe quizera fazer Rey, ſem dúvida o fora. E ſe eſte homem não eſcurecêra ſeus feitos com a negação que fez da fé, morrendo

Fran-

Franguican, puderam elles ser havidos no mundo por espantosos, e nós deixaramos delle huma memoria, que nunca se acabára; porque foram seus feitos tantos, e taes, que bem puderam occupar a mór parte desta nossa VII. Decada; mas fique assim com isto, pois não foi merecedor de mais. Huma cousa não he bem que se lhe negue, e foi, que todos os Portuguezes, que em seu tempo foram fogidos pera Visapôr, e se queriam fazer Mouros, elle lho estorvava, pondo-lhes diante as obrigações que tinham á Lei de Christo, persuadindo-os a viverem nella; e aos que se não faziam Mouros, recolhia, e tratava muito bem, e os outros lhe aborreciam tanto que os não queria ver.

Quietados os tumultos, e seguro Soltão Uzen em seu estado, determinou de se satisfazer de algumas affrontas, que tinha recebido do Idalcan com a vizinhança que tinha com a sua fortaleza de Calibraga, que estava nos estremos dantre ambos os Reynos: pelo que determinou de lha tomar, e convocou em sua ajuda o Cota Maluco, que reinava naquella parte de Galecunda contra Masulepatão, que tambem foi hum dos Capitães alevantados, que estava inimigo do Idalcan, e foi ajudar o Uzen com vinte mil de cavallo, dando-lhe o Veridó passagem por suas terras, que jazem ao Norte das do

Idal-

Idalcan. E ajuntando-se ambos em huma Mesquita, juráram a liga com grandes ceremonias, e alli naquelle auto pedio o Cota Maluco a Uzen « que lhe fizesse mercê de » mandar soltar o Mealecan, que estava pre- » zo na serra de Baula, e o deixar ir pera » sua mulher, e filhos, porque bem lhe bas- » tavam suas desaventuras. » Vendo Uzen que aquelle Rey lhe pedia aquillo naquelle tempo, em que não era licito negar-lho, lhe disse, que pelo servir o faria. E não querendo o Cota Maluco, que aquelle negocio ficasse pera depois, lhe disse « que lo- » go lhe mandasse passar hum formão pera » o entregar a hum Capitão, que a isso man- » daria; porque as mercês que se logo fa- » ziam, eram de mór preço, e gosto, assim » pera quem as fazia, como pera quem as » recebia » o que lhe ElRey Uzen não negou, e logo se lhe passou o formão que pedia, em que « o mandava soltar, e que lhe » déssem dinheiro pera as despezas, e alguns » cavallos pera sua pessoa » com o que Cota Maluco despedio hum Capitão seu, a quem o Amircan (que o tinha em poder) o entregou com tudo o que lhe mandavam dar, e com elle se partio logo pera Chaul, e lá o entregou a Garcia Rodrigues de Tavora, que era Capitão, que como veio o verão, o mandou pera Goa ao Governador.

Fei-

Feitas, e juradas as conjurações, abalaram aquelles Reys contra a fortaleza de Calibraga, e aſſentáram de redor della ſeus exercitos, e a começáram a bater, tudo por ordem de Sancho Pires, que era General. O Idalcan ſendo aviſado da conjuração, deſpedio muitos Capitães dos que tinha pera mandar ſobre Goa, e os mandou ſoccorrer aquella fortaleza, e elle ſe poz em campo pera o fazer em peſſoa, ſe foſſe neceſſario. O Sancho Pires na bateria que deo á fortaleza, lhe derribou hum lanço de muro, por onde commetteo a entrada, ſendo elle o primeiro; mas os de dentro a defendêram tão bem, que os lançáram fóra, ficando alli o Sancho Pires morto de huma eſpingardada. Vendo os Reys aquelle eſtrago, alevantáram o cerco, em que perdêram quatro mil homens, e alguns Capitães, em que entravam Jamaldican, e Rumecan, com o que o Idalcan ficou deſalivado pera mandar proſeguir na guerra de Goa, pera onde deſpedio mais alguns Capitães.

DECADA SETIMA.

LIVRO V.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Das couſas, que acontecêram na guerra de Goa: e de hum aſſalto que os noſſos deram na outra banda, em que houve algum deſarranjo: e de como os inimigos entrâram a Ilha de João Lopes.

A GUERRA de Goa ſe hia continuando, ainda que com pouco perigo, e damno, todavia com trabalho, porque começáram a faltar na Cidade muitas couſas, de que ella ſe provê das aldeas da outra banda, e miſeravelmente ſe achavam frangãos, e gallinhas pera os doentes, porque chegou a valer hum duas tangas, e huma gallinha hum cruzado, de que ſe havia miſter grande quantidade pera enfermos, e Hoſ-

Hoſpitaes. Só com a lenha ſe remediavam melhor, porque ſe cortava dos matos da Ilha, que pera eſtas neceſſidades ſe guarda, e poupa com grandes penas, que no tempo da paz não poſſa peſſoa alguma cortar lenha nelles, e nem ainda dos quintaes particulares ſe póde derribar huma arvore, ſob pena de dez pardaos pera o rendeiro do verde. Aſſim que com eſtes trabalhos ſe foram remediando o melhor que puderam das Ilhas circumvizinhas, e das aldeas da de Goa; porque os inimigos ſó na defensão dos mantimentos puzeram toda ſua diligencia; poſto que tambem não deixáram de inquietar os noſſos com alguns aſſaltos miudos, e de pouca importancia, dando rebates nos paſſos, ſó a fim de divertir os noſſos, e os quebrantar. Mas a iſſo tinha o Governador dado ordem, e provído mui bem, com mandar pôr *fachos nas Ilhas de Juan*, e *Chorão*, e em ſima do outeiro de N. *Senhora do Monte*, donde ſe deſcobre tudo, onde eſtava *hum* Baſiliſco pera fazer ſinal. E tanto que em qualquer parte daquellas ſentiam Mouros, derrubavam os fachos, e os que vigiavam o Baſiliſco, vendo o ſinal, deſparavam huma bombardada, a que acudiam logo aonde lhe davam o ſinal. Mas onde os inimigos deram mór trabalho, foi nas terras de Salſete, onde eſtavam D. Jorge, e D. Pedro

de

de Menezes, que todo este inverno andáram com as armas ás costas, guardando, e defendendo as terras, tendo alguns recontros com os inimigos muito arriscados, em que houve damno de ambas as partes, ainda que todavia muitas das aldeas se deixáram de lavrar, e semear, e os lavradores dellas se recolhêram ás partes seguras; e algumas comêram os inimigos, que foram as de Coceli., e Asolona, e outras, que estam pegadas ás suas terras, e algumas vezes foram dar vista á fortaleza de Rachol; mas recolhêram se escalavrados das mãos dos nossos. Nos passos da Ilha de Goa continuáram elles com mais rebates, a fim de cançarem os que os guardavam; e não se contentando com isso, determináram de entrar na Ilha de João por ordem do Calabatecan, que tinha suas estancias defronte, do que logo o Governador foi avisado: pelo que determinou de lhe mandar dar hum assalto, porque não só desconfiassem de entrar nas terras do Estado, mas pera que se receassem de lhes irem lá quebrar as cabeças, porque não vivessem com tanta segurança; e pera isso elegeo alguns Capitães, de que não achámos o nome, a mais que a Pantaleão de Sá, e lhe deo quinhentos homens pera irem dar no Calabatecan, que passáram pela Ilha de João Lopes defronte do passo secco, e

no

no quarto da Lua foram demandar as estancias dos Mouros, levando diante os espingardeiros. O Calabatecan estava já avisado, porque dantre os nossos havia quem lhe mandava cada dia aviso do que se passava, e estava esperando com as armas nas mãos, e tinham lançados em cillada seiscentos homens, em parte que ficavam nas costas aos nossos; que tanto que os víram passar adiante, lhes arrebentáram por huma ilharga, e deram na retaguarda, que era Pantaleão de Sá, e da primeira carga derribáram, e feríram alguns, e depois travaram com elles; e posto que os achou, e tomou descuidados, voltando com grande animo, começáram huma muito aspera, e perigosa batalha á espada, porque lhes faltou a arcabuzaria que hia diante. Pantaleão de Sá se vio de todo perdido, mas nem por isso se descuidou de sua obrigação; antes com muito valor, e esforço sustentou o pezo da batalha, posto diante dos seus, animando-os a cada passo, e trazendo o olho nelles, porque se não desmandassem. Neste transe acudíram os que hiam na dianteira com a arcabuzaria, (porque tiveram rebate do aperto em que estavam,) e dando em os inimigos, os puzeram em desbarato com morte de alguns. E porque o poder todo vinha já contra elles, se foram recolhendo o melhor que pudéram, fi-

ficando no campo perto de vinte dos noſſos mortos, a fóra muitos feridos, que não perigáram.

Paſſado eſte ſucceſſo, de que os inimigos ficáram mui ufanos, determináram de fazer huma entrada pela Ilha de João Lopes. E huma noite muito eſcura a commettêram, e paſſáram a ella mais de quatrocentos, de maré vaſa, com a agua pelos peitos, e huns poucos delles foram de longo da praia, onde Ayres Gomes da Silva tinha a ſua eſtancia, porque eſtava alli com ſeſſenta homens. E como o eſcuro era grande, e elles hiam em muito ſilencio, entráram alguns na cozinha de Ayres Gomes da Silva, que eſtava apartada, em que não havia mais que hum eſcravo cozinheiro, que eſtava dormindo, em quem deram algumas cutilladas; e ſahindo della, foram dar com dous ſoldados que vinham de fóra, que ſentindo ſerem inimigos, voltáram com muita preſſa, e ſe foram pera hum tezo, que eſtava a ſima das eſtancias, em que havia duas peças de artilheria, com que varejavam as dos inimigos, que eſtavam da outra banda, e de ſima começáram a gritar, que acudiſſem á artilheria. Ayres Gomes da Silva ouvindo a revolta, acudio com os ſeus ſoldados áquella parte, e fez ſinal com huma peça, pera que ſoubeſſem nos paſſos que havia Mouros na Ilha.

E

E tanto que ſe ouvio, ſe lançáram logo muitos á agua, pera paſſarem a ella; mas os inimigos ſentindo já os noſſos, ſe fóram recolhendo. E Ayres Gomes da Silva, que teve rebate, ſe foi apôs elles, e lhes deo tanta preſſa que os fez lançar ao rio, onde ſe affogáram alguns, ficando a Ilha deſpejada, a que eram paſſados já mais de ſeiſcentos dos que eſtavam em os paſſos, mas não tiveram que fazer. E acudindo o Governador, mandou logo paſſar Jorge de Mendoça Capitão da Cidade pera a Ilha de João (que fica antre a de João Lopes, e a terra firme) com ſeiſcentos homens, e alguns moradores de Goa, porque ſe receou que os inimigos entraſſem nella.

CAPITULO II.

Da Armada que eſte anno de ſincoenta e ſete partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos: e de huma breve relação da devoção, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, a que elles chamam o Corpo Santo.

POucos dias depois do aſſalto paſſado, ſurgíram na barra de Goa tres náos de ſinco, que tinham partido do Reyno: e porque deſta viagem he neceſſario darmos muito

to particular razão, o faremos aqui. No principio deſte anno de ſincoenta e ſete, em que andamos, mandou ElRey D. João negociar ſinco náos pera mandar á India, de que deo a Capitanía mór a D. Luiz Fernandes de Vaſcóncellos, filho do Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Menezes, que eſcolheo a náo Santa Maria da Barca, em que D. Leonardo de Souſa tinha chegado da India pera ir nella. As outras quatro náos eram, Santo Antonio, cujo Capitão era Cide de Souſa; e Aſſumpção, que levava por Capitão Braz da Silva. Da Framenga era Antonio Mendes de Caſtro; e da Aguia João Rodrigues Çalema de Carvalho. Eſtando eſtas náos preſtes, e carregadas pera darem á véla, abrio a náo Capitânia huma agua tão groſſa, que ſe hia ao fundo, e chegou a ter em ſi quatorze palmos della: e acudindo os officiaes pera a remediarem, não ſómente lhe não puderam tomar a agua, mas nem ſaberem por onde a fazia, antes viam que cada vez lhe creſcia mais, porque nem bombas, nem barrís, nem outras vaſilhas, que corriam por andaimes, lha puderam eſgotar em muitos dias, trabalhando de dia, e de noite. Vendo ElRey que ſe hia gaſtando o tempo, mandou fazer as outras náos á véla, e que aquella ſe deſcarregaſſe, o que elles fizeram já em Abril. A

Capitânia se despejou toda com muita pressa, pera verem se lhe achavam por onde fazia esta agua. Vendo D. Luiz Fernandes que já naquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era hum Fidalgo pobre, e tinha gastado muito em se aviar, andava mui triste, e descontente. A náo foi revolvida, e buscada de poppa a proa, sem lhe poderem dar com a agua, e andava huma grande borborinha antre os pescadores de Alfama sobre aquelle negocio, que affirmavam publicamente que Deos N. Senhor permittira aquillo, porque aquelle anno lhe tirára o Arcebispo aquellas suas tão antigas ceremonias, com que veneravam, e festejavam o dia do Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxubregas com muitas folias, cargos de fogaças, e outras interiores de alegria, e de lá o traziam enrâmado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle, dançando, e bailando.

E porque nos não lembra vermos escritas estas ceremonias em alguma parte, o faremos aqui brevemente. Tem todos os homens do mar tamanha devoção, e veneração ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, e o tem por tão seu advogado nas tormentas do mar, que crem de todo seu coração, que aquellas exhalações, que nos tempos fortui-

tuitos, e tormentosos apparecem sobre os mastros, ou em outras partes das náos, que he o Santo, que os vem visitar, e consolar; e tanto que acertam de ver aquella exhalação, acodem todos ao convés ao salvar com grandes gritas, e alaridos, dizendo: *Salva, salva, ó corpo Santo.* E affirmam que quando apparece nas partes altas, e duas e tres, ou mais daquellas exhalações, que he sinal que lhes dá de bonança; mas se apparece huma só, e pelas partes baixas, que denuncía naufragio. E tão crentes, e firmes estam nisso, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastareos, sobem os marinheiros assima, e affirmam que acham pingos de cêra verde; mas elles nem os trazem, nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora, passando por muitas vezes esta carreira. E se os Religiosos, que vem nas mesmas náos, lhes querem ir á mão, dando-lhes razões pera lhes mostrar que aquillo são exhalações, e dando as causas naturaes, porque se geram, e porque apparecem, não falta mais que tomarem as armas, e alevantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé, que por tal o tem.

A festa deste Santo se faz, e celebra nas Oitavas da Pascoa, e aquelle dia he o de maior triunfo de todos os pescadores, que todos os outros, e em que elles fazem mó-

 res

res gastos, e despezas; que em todos os mais. Esta pequena luz, que estes mareantes Portuguezes veneram em nome de S. Fr. Pero Gonçalves, e os estrangeiros no de Santo Anselmo, he tão antiga sua veneração, que já em tempo dos Gregos se celebrava; porque segundo muitos Authores seus contam, quando aquelles famosos Argonautas hiam na demanda do Vellosino de ouro, em huma grande tormenta que tiveram no mar, appareceo aquella luz sobre a cabeça do Castor, e Pollux, e que logo lhes cessára a tormenta; o que moveo aos homens a terem estes dous irmãos em tanta veneração, que os contáram no numero dos Deoses. E assim Plinio no II. Liv. da natural historia, fallando nesta luz, affirma que se víra muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exercitos, e que o mesmo apparecia em as náos, e lhe chamáram *Stella Castoris*, porque appareceo sobre a cabeça de Castor, como assima dissemos.

E tornando aos nossos mareantes. Quando víram que só a náo do filho do Arcebispo deixára de fazer viagem, crêram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhes fizera em lhes defender suas tão antigas festas; e assim o affirmáram ao mesmo Arcebispo, que vendo tamanha fé, e devoção, movido daquelle zelo, lhas

tor-

tornou a conceder, depois que se achou á agua, porque nas voltas que lhe deram foi hum marinheiro dar com hum furo de hum prégo na quilha, que estava destapado, que por descuido deixáram os Calafates de lhe pôr prégo, e quando a breáram se tapou o buraco, e por alli fazia aquella agua. E permittio Deos N. Senhor que acontecesse isto a esta náo, estando no porto, porque se não perdesse á ida, que se fora no mar, nenhum remedio tinha. Assim que a agua foi tomada, com grande alvoroço a tornou a carregar, porque disseram os officiaes que ainda tinha tempo; e que quando não pudesse passar á India, ficaria invernando em Moçambique; e assim deo á véla a dous dias de Maio, e foram seguindo sua derrota, e na costa de Guiné acháram tantas calmarias, que os deteve setenta dias; e tomando parecer sobre o que fariam, assentáram, que fossem invernar ao Brazil, porque era muito tarde, e logo se fizeram na volta da Bahia de todos os Santos, aonde chegáram a quatorze de Agosto vespera de N. Senhora da Assumpção. D. Duarte da Costa, que alli estava por Governador, foi logo desembarcar o Capitão mór, e os Fidalgos que hiam na náo, que eram Luiz de Mello da Silva, D. Pedro de Almeida, despachado com a Capitanía de Baçaim, D. Filippe de Me-

Menezes, irmão de D. João Tello, hum dos Governadores do Reyno, filhos de D. Henrique de Menezes, que eſtivera por Embaixador em Roma, e trouxe a Santa Inquiſição a Portugual, e de Dona Brites de Vilhena, filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendoça, e Henrique de Mendoça ſeu irmão, Jeronymo Corrêa Barreto, Henrique Moniz Barreto, e outros Fidalgos, que agazalhou, banqueteou, e deo pouſadas á ſua vontade; e o meſmo fez a toda a mais gente da náo, a quem deo mantimentos em quanto alli eſteve. As mais náos, que tinham partido diante, a Framenga de que era Capitão Antonio Mendes de Caſtro, foi tomar Melinde, onde invernou: a Aguia, em que hia João Rodrigues de Carvalho, invernou em Moçambique, por chegar tarde: as duas Aſſumpção, e Santo Antonio chegáram a Goa. Foi eſte anno aſſinalado, aſſim pela morte de ElRey D. João, que faleceo, depois das náos partidas, em onze de Junho dia de S. Barnabé Apoſtolo, em idade de ſincoenta e ſinco annos, tendo reinado trinta e ſinco; como pela morte do Emperador Carlos V., de glorioſa memoria, que faleceo o Outubro ſeguinte, em idade de ſincoenta e oito annos e ſete mezes, deixando por herdeiro de ſeus Eſtados

o muito Catholico, e poderoso Principe D. Filippe seu filho, que foi o segundo deste nome em Castella, e o primeiro depois nos Reynos de Portugal.

CAPITULO III.

Das cousas que succedêram em todo este anno em Maluco: e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça, e soltáram aquelle Rey.

DEixámos as cousas de Maluco o anno passado na guerra, que os Ternates faziam á nossa fortaleza, pela prizão de El-Rey, e de como despedíra D. Duarte Deça o galeão, de que era Capitão Francisco de Barros, a pedir soccorro a Malaca; agora continuaremos com as [redacted]fas que succedêram todo [redacted], pelas não contarmos por pedaços. Partido o galeão da carreira, ficou correndo a guerra com muito grande aperto, porque se metteo nella o Rey de Tidore, que era genro do de Ternate, e deitou suas corocoras ao mar, e mandou seus Capitães humas vezes, e elle em pessoa se embarcou outras, e foram pela costa da [redacted]ernate; e á conta de dizer que favorecia o sogro, lhe tomou alguns lugares, em que deixou seus presidios; porque como os Mouros não guardam fé em materia de

rei-

reinar, todas as vezes que o filho, o irmão, e o parente póde tomar o Reyno ao outro, não perde occasião, como elle fez, que vendo o sogro prezo, e o Reyno revolto, porque desejou de se fazer senhor delle, intentou o que fez, pera ficar só com o Imperio de todas aquellas Ilhas. Os nossos padecêram com esta guerra trabalhos excessivos de fomes, e perseguições, sem D. Duarte Deça se mover a compaixão, nem querer soltar o pobre Rey, antes lhe estreitava mais a prizão, e lhe mandava fazer avexações, e affrontas, indignas de animo Christão; e todavia trazia suas embarcações no mar, com o que sustentava a guerra, e outras mandava a Geilolo a buscar mantimentos, e o mesmo a Bachão, donde sempre lhe acudiam, e soccorriam com elles; porque aquelles Reys, por verem acabado o de Ternate, não só o provêram com elles, mas ainda lhe mandáram navios, e gente em favor de D. Duarte Deça.

Estando assim as cousas no peior estado que se podia imaginar, chegáram áquelle porto D. Jorge Deça, e D. Diniz de Menezes, que hiam de soccorro; porque tanto que o galeão de Francisco de Barros chegou a Malaca, e que D. João Pereira Capitão daquella fortaleza vio pelas cartas de D. Duarte Deça o trabalhoso estado, em que

aquel-

aquella fortaleza estava, logo negociou estes dous Capitães pera lhe irem de soccorro, D. Jorge Deça na náo Conceição com sincoenta soldados, e muitos mantimentos, munições, e roupas, e D. Diniz em huma galeota com trinta homens; porque os Capitães das fortalezas naquelle tempo não tinham as mãos tão atadas, como neste, em que isto escrevemos, nem havia tantos regimentos, e defezas sobre não tocarem na fazenda de ElRey; porque hoje póde-se perder huma fortaleza á mingua, sem os Capitães das outras lhe poderem valer, por estarem atados a tantos regimentos, que se não podem menear: em tanto que aconteceo perder-se hum galeão de ElRey na barra de huma Cidade por falta de huma amarra, por o Capitão delle, nem os Officiaes da fazenda poderem fazer despezas, nem comprar-lha, porque lha fariam pagar. E a cousa que nesta materia mais escandaliza he, que ouvimos dizer a alguns Officiaes da fazenda, e justiça, com quem praticámos sobre esta materia, que deixassem perder as fortalezas, e as náos, e que não tocassem na fazenda de ElRey, em que não vimos até hoje luzir estes accrescentamentos, mas sim cada hora as perdas, e riscos, que pela pouparem acontecem por toda a India. E posto que estranhamos isto com muita razão, tambem o

não

não deixaremos de fazer as grandes deſordens, e deſpezas exceſſivas, que os Capitães, e os Officiaes faziam á conta de mandarem ſoccorros, que foram tantas, que quiz ElRey antes pôr ſuas fortalezas a riſcos, que diſſimulallas; e porque os exemplos diſto são muitos, e nós em algumas partes os apontaremos, os deixamos agora. Com a chegada deſte ſoccorro começáram os noſſos a resfolegar, e D. Duarte Deça fez a D. Jorge Deça Capitão mór daquelle mar, e lhe deo huma fuſta pera andar nelle, e com elle D. Diniz de Menezes na ſua galeota, e Chriſtovão de Sá em outra fuſta, e Henrique de Lima, e Franciſco de Araujo, e Gonçalo Fernandes em outras embarcações; e as corocoras de ElRey de Bachão, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoia com tres corocoras ſuas, com que havia pouco tinha vindo de ſoccorro.

Depois que eſta Armada ſe ordenou, e andou no mar, ficou a fortaleza alguma couſa mais deſaſſombrada dos inimigos, que cada dia lhe faziam ſobranças, porque logo elles ſe retiráram, e reforçáram ſuas Armadas, ordenando os Regedores de Ternate por Capitão mór de todas as ſuas corocoras a Cachil Labuſaſá, que ſe foi logo ver com o Rey de Tidore, pera com elle aſſentar o modo de como ſe procederia na

guer-

guerra contra os noſſos: que aſſentou, que pelejaſſem com a noſſa Armada, pera o que mandou negociar de novo toda a ſua, e a proveo de muita, e luſtroſa gente, e fez della Capitão hum Regedor ſeu, e lhe mandou que foſſe com Cachil Labuſaſá buſcar a noſſa Armada, e que pelejaſſe com ella, pera o que tambem lhes deo as ſuas corocoras mui bem negociadas. Eſtando as couſas neſte eſtado, chegou áquella fortaleza o galeão da carreira, que tinha partido de Goa, de que era Capitão Antonio Pereira Brandão, que trazia muitas roupas, provimentos, e munições, que chegáram a muito bom tempo; e depois de eſtar na terra, e ſoube as couſas da guerra, e de como ſe eſperava pela Armada dos inimigos pera pelejar com D. Jorge Deça, fez preſtes o batel do ſeu galeão, com os ſoldados que comſigo trazia, e ſe foi metter na Armada. O Cachil Labuſaſá, depois que ajuntou a ſua Armada á de Tidore, foi buſcar a noſſa, que eſtava á viſta da fortaleza já preſtes pera o eſperar; e chegados huns aos outros, deſcarregáram aquella primeira ſalva de artilheria, que fez em huns, e outros bem de damno, e logo ainda no meio daquellas nuvens de fumo enveſtio o Labuſaſá o navio de D. Jorge Deça, a que ſe lançou logo dentro com mais de cem homens eſcolhidos,

e

e antre elles ſe ateou huma muito arriſcada batalha, e o meſmo ſe fez por toda a mais Armada, e a Capitanía de Tidore inveſtio D. Diniz de Menezes, e todas as mais corocoras as noſſas embarcações, em que ſe começáram alevantar mui eſpeſſas labaredas de fogo, e fumo das muitas panellas de polvora, que de huma, e outra parte ſe lançavam, e atroar o ar com os eſtouros da arcabuzaria que não deſcançava, e cauſava hum grande eſtrondo, que ajuntado a iſto o retinir das armas, e os gritos de todos, parecia que ſe acabava o mundo, e que fervia o mar. D. Jorge Deça, que era muito bom cavalleiro, vendo-ſe entrado do Labuſaſá, que era muito determinado, arremetteo a elle com grande valor pera o lançar fóra, o que não pode fazer por ſer ajudado dos mais eſcolhidos Mouros de Ternate, e Tidore. Todavia apreſentando-ſe-lhe diante com alguns que tambem eſcolheo, começou com elle huma muito perigoſa, e arriſcada batalha, onde ſe pelejou com muito valor, e esforço. D. Diniz de Menezes, e Antonio Pereira Brandão tambem foram inveſtidos de muitas corocoras; mas elles como esforçados cavalleiros que eram, fizeram muitos eſtragos nos inimigos, que lhes cauſou grande eſpanto, axorando algumas das corocoras. Todas as mais embarcações da noſſa

Ar-

Armada estavam travadas com outras dos inimigos, pelejando com grande furia, e espanto; mas onde a batalha estava mais arriscada, era no navio de D. Jorge Deça, onde era tamanho o numero dos mortos, e feridos, que quasi faziam estorvo aos vivos.

Estando assim a cousa tão duvidosa, sem se saber declarar a vitoria por nenhuma das partes, quiz a desaventura que tomasse fogo huma pouca de polvora na fusta de D. Jorge Deça, cuja força lançou ao mar todos os que nella pelejavam, tirando D. Jorge Deça, e hum Belchior Lopes, que ficáram ambos sós nella, defendendo-a de algumas corocoras que acudíram pera a levarem á toa, sobre que ambos pelejáram mui valorosamente com muito damno dos inimigos. ElRey de Bachão, que estava da parte dos nossos, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoia, tomáram muitas corocoras. D. Diniz de Menezes, Antonio Pereira, Henrique de Lima, e todos os mais Capitães Portuguezes neste dia fizeram cousas dignas de se engrandecerem com mais eloquencia da que em nós ha. D. Jorge Deça, sobre quem carregava todo o pezo desta batalha, foi o que mais fez, e o que móres trabalhos passou que todos, porque elle só com Belchior Lopes defendêram o seu navio de feição, que de medo delles não ousavam os inimigos ao en-

entrar; e fempre fe perdêra, fe Deos não encaminhára hum pelouro de hum berço de huma das noffas embarcações, que deo no Labufafá, Capitão mór dos inimigos, e o derribou como morto. O que vifto pelos feus, cuidando que o eftava, fe affaftáram; e fazendo final á mais Armada, fe foi toda recolhendo com grande damno, deixando porém os noffos tão deftroçados, que lhes foi neceffario recolherem-fe pera a fortaleza, pera fe curarem os feridos, que eram muitos, ficando affim a guerra ainda viva, e os noffos em muito grande aperto, porque os inimigos tornáram a reformar fuas Armadas, e a continuar em feus affaltos.

Vendo os moradores que D. Duarte Deça por teima não queria foltar ElRey, e que eftavam arrifcados a grandes defaventuras, ajuntáram-fe todos, e affentáram de o prender, e foltar a ElRey, pera fe acabarem todos aquelles trabalhos, e fizeram pera ifto cabeça a Henrique de Lima. E confultando em fegredo o negocio, eftando o Capitão hum Domingo á Miffa, entráram os da conjuração na Igreja, e remettendo a elle, o liáram, e affim nos ares foi levado á torre da menagem, onde foi fechado, e as chaves entregues a Henrique de Lima. Dalli fe foram logo á prizão, onde ElRey eftava, e o foltáram com lhe pedirem gran-

des

os perdões, e darem muitas desculpas, e o acompanháram até sua casa, o que lhes elle agradeceo, affirmando a todos « que » não seriam parte os aggravos, e avexações » que D. Duarte Deça lhe tinha feito, pe- » ra deixar de ser muito grande servidor de » ElRey de Portugual; que nas desordens » de seus Capitães não tinha culpa, e mui- » to particular amigo de todos os moradores » daquella Ilha, e fortaleza » e assim o mostrou em todo o tempo que viveo.

Feito isto, quizeram os da conjuração eleger por Capitão a D. Jorge Deça; o que elle não quiz acceitar, ainda que todos lho pedíram com muita instancia. Nem o mesmo quiz Antonio Pereira Brandão por muito que sobre isso trabalháram; e tanto, que estando hum dia á porta da Igreja, vieram todos os moradores com os Padres, e hum Crucifixo alevantado, e lhe pedíram da parte daquelle Senhor quizesse acceitar o cargo daquella fortaleza até o Governador prover, fazendo-lhe sobre isso protestos, e requerimentos. O que visto por elle, disse « que » acceitava ser olheiro da fortaleza, e da ar- » tilheria de ElRey, já que assim era neces- » sario, e não Capitão; » e assim dizem que mandou fazer logo seus papeis, e tirou seus instrumentos. Entregue elle da fortaleza, e o D. Duarte Deça na mesma prizão, tanto

que

que chegou a monção pera a India, o embarcáram no galeão da carreira prezo em ferros, com os autos de ſuas culpas, e na India foi ſentenciado que ſe foſſe apreſentar a ElRey (ſegundo ouvimos a algumas peſſoas) como fez, e lá no Reyno ſe livrou; e deo taes querelas contra Antonio Pereira Brandão, que o mandou ElRey ir prezo, e que lhe confiſcaſſem a fazenda, e aſſim foi entregue a peſſoas de confiança, e elle mettido no caſtello, onde D. Duarte Deça o accuſou de alevantado, e lhe poz outros crimes, porque diziam tivera votos que morreſſe; em que ſe não fez execução, porque veio com embargos, em que provou que nunca ſe nomeára por Capitão, ſenão por olheiro da fortaleza, do que apreſentára certidões de todos os Officiaes. Com tudo foi ſentenciado em alguns annos de degredo pera Africa, e que pagaſſe os ordenados a D. Duarte Deça. O degredo lhe perdoáram depois, por ir com Franciſco Barreto á conquiſta de Manamotapa, onde morreo. E contava Antonio Pereira Brandão que o meſmo D. Duarte Deça lhe mandára rogar que acceitaſſe a Capitanía, do que depois de magoado lhe contrafez aquelle Romance velho de Durandarte em D. Duarte, mal cavalhero provado. E tornando ás couſas de Maluco. Com a ſoltura de ElRey ceſſou a guerra,

e

e tornáram as cousas a seu lugar, correndo ElRey em tudo muito pontual com o serviço do de Portugal, tendo só trabalho em tornar a tomar alguns lugares, que lhe o Rey de Tidore tinha tomado com côr de o favorecer, e ajudar, como já dissemos. Neste estado deixaremos as cousas de Maluco até tornar a ellas.

CAPITULO IV.

Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chaul, e sobre que: e de como os Mouros entráram na Ilha de Chorão, donde foram lançados com grande damno seu: e de como o Governador mandou metter nella D. Francisco Mascarenhas.

POr hum navio ligeiro, que veio de Ormuz, teve o Governador Francisco Barreto recado, que em Suez se faziam prestes galés pera passarem á India, o que o poz em grande cuidado, pelo que logo despedio recado ás fortalezas do Norte, e a Dio, pera que estivessem sobre aviso. Com isto mandou dar muita pressa á Armada, e lançar ao mar os galeões novos, que tinha feitos em o lugar em que se os outros queimáram, porque determinava de ir buscar os Turcos, onde quer que estivessem, e fossem

ter. E pondo eſtas couſas em conſelho, aſſentou-ſe « que mandaſſem hum Embaixador
» ao Inizamoxá Rey de Chaul ſobre algu-
» mas couſas neceſſarias, em que entravam
» duas principaes. Huma perſuadillo a fa-
» zer guerra ao Idalcan, e que tornaſſe ſo-
» bre a fortaleza de Calabraga, que lhe ſe-
» ria facil de tomar, pela gente que tinha
» em baixo ſobre a Ilha de Goa; e iſto a fim,
» que como o elle ſoubeſſe, devia mandar
» recolher ſeus Capitães, pera mandar acu-
» dir áquella fortaleza, e que aſſim ficaria
» Goa deſapreſſada. A outra era, pedir-lhe
» licença pera fazer hum caſtello roqueiro
» no Morro de Chaul, que fica ſobre aquel-
» la barra, pelas novas que havia de Galés,
» pera dalli lhe defender a entrada, ſe qui-
» zeſſe tentar commetter aquella Cidade; o
» que a elle meſmo Inizamoxá tinha bem;
» porque ſe os Turcos metteſſem pé naquel-
» le porto, nunca mais havia de ter delle,
» nem dos mais de ſua coſta proveito al-
» gum.»

Concluido o conſelho, levantou-ſe em pé D. Diogo de Souſa, (que tinha aquelle verão vindo de ſervir a Capitanía de Çofala, e eſtava pera ſe embarcar naquellas náos pera o Reyno,) e diſſe ao Governador Franciſco Barreto « que ſe tinha as novas das
» galés por certas, lho diſſeſſe, porque não
» era

» era elle homem, que se havia de ir do Es-
» tado da India, deixando-a em trabalhos,
» que elle estava muito rico de mercês, que
» lhe ElRey fizera, e que em tempo de ne-
» cessidades queria elle mostrar agradecimen-
» to dellas, e tornar a gastar tudo em seu
» serviço, porque elle, que lhe deo o que
» tinha, lhe faria outras mercês; e que as
» despezas, que tinha feito pera sua embar-
» cação, importavam pouco, porque a ma-
» talotagem alli estava o Hospital de ElRey,
» onde se despenderia.» O Governador lhe agradeceo de parte de ElRey aquelle offerecimento, certificando-lhe « que elle o sabe-
» ria por suas cartas, pera que elle lhe fi-
» zesse a mercê que merecia, que esperava
» pelo segundo recado, e que não se desfi-
» zesse de cousa alguma até elle o avisar.»

Passado isto, ordenou o Embaixador que havia de mandar, e elegeo pera isso Jorge Correa de Antas, hum cavalleiro nobre, e rico, de grande pessoa, e aviso, e lhe deo as cousas necessarias pera aquella jornada, que elle fez com grande apparato, e companhia; e mandou por elle de presente áquelle Rey seis formosos ginetes com seus tellizes ricos. Este Embaixador partio em navios ligeiros, e de sua jornada adiante daremos razão. A guerra de Goa hia por diante, ainda que não havia nella mais trabalho,

que o da falta das cousas, e as inquietações dos rebates, que os inimigos davam em todas as partes. Succedeo quasi no fim de Outubro querer hum dos Capitães chamado Miaberú dar hum assalto na Ilha de Chorão, por ser avisado que estava nella recolhida muita fazenda dos naturaes das Ilhas do derredor; e assim commetteo a entrada hum dia no quarto da alva por hum passo, que se chama Sacorla, que está da outra banda da terra firme, que chamam Vangani, que he a parte mais estreita do rio, que terá perto de vinte braças de largura, e de maré vasia de aguas vivas se passa com agua pela cinta. Por aqui foram passando perto de quinhentos Mouros, huns a nado, e outros em cabaças, e foram tomar o valado da Varzea de Chorão, (que he na ponta que fica pera a banda da Ilha Divar, que se divide da outra por hum pequeno esteiro,) e ao passar víram alguns estar huma fusta surta no rio, (de que era Capitão hum Portuguez chamado João Marrão, que estava quasi só, porque assim o Capitão, como os soldados eram idos a Goa,) e sentindo-a os Mouros sem gente, a foram demandar, e entráram nella, e os que dentro estavam (que eram tres, ou quatro soldados) acordáram á grita dos marinheiros; e com aquelle sobresalto se lançáram ao mar, e se foram pera a Ilha

Ilha Divar, ficando os Mouros senhores do navio. Os que passáram á Ilha seriam perto de quinhentos, e foram demandar a povoação, onde residia hum Gonçalo Pacheco, e com elle dous Gentios chamados Zeitarane, e o outro Humbraná, tio, e sobrinho, que estavam alli de vigia com muitos peães; e em sentindo os inimigos, tomáram as armas, e foram-se sahindo, e pelejando com elles, e ao estrondo acudio Domingos Rodrigues, que estava na mesma Ilha por Anadel dos espingardeiros da terra; e ajuntando-se todos, foram pelejando com os Mouros valorosamente, e recolhendo-se pera o alto da Ilha. Os que tinham cuidado do facho que nelle estava, em sentindo Mouros fizeram sinal, e atiráram huma bombardada, a que logo acudio o Governador ao caes, e mandou embarcar alguns Fidalgos com soldados pera soccorrerem os da Ilha. O Capitão de Naroá Ruy Dias da Silveira tambem despedio ao sinal algumas embarcações, que alli andavam em guarda daquelles rios, e a primeira foi huma almadia, em que hiam dous companheiros filhos da India chamados Simão Rodrigues, e Gonçalo Vaz; e prepassando pela fusta de João Marrão, logo que os Mouros a entráram, e sentindo-os fallar, conhecendo pela lingua que eram inimigos, puzeram-se de fóra ás espingardadas,

das, com que derribáram alguns. Os Mouros em os sentindo, cuidando que era o soccorro maior, saltáram no mar, e a nado se foram pera a terra firme. Ao mesmo tempo chegou Lançarote Picardo, Capitão de hum Catur; e sentindo pera a ponta do esteiro, que vai antre a Ilha de Divar, e Chorão, rebolliço, foi pera aquella parte, e chegou a tempo que os Mouros apertados dos nossos, que pelejavam com elles, e por sentirem grande rebolliço da outra banda da Cidade do soccorro que vinha, se hiam recolhendo; e lançando ao mar pera se passarem á outra banda, e dando Lançarote Picardo, e os companheiros da almadia nelles, foram matando muitos, que já acháram a nado. Ao mesmo tempo chegou Henrique Jaques, Ouvidor geral da India, que andava em huma galeota, e vinha de rodear os rios de noite: sentindo pera aquella parte o rebolliço, acudio depressa lá, e chegou a tempo que já os outros andavam á pescaria do mar, como assima dissemos, e ajudou por sua parte a fazer nelles huma mui grande destruição.

O Governador Francisco Barreto, que estava no caes, despedio Jorge de Mendoça Capitão da Cidade, e outros Fidalgos, e cavalleiros, que se embarcáram em muitas embarcações, que o Governador mandou pôr no caes pera aquelle effeito; e chegando

do á Ilha já de dia, desembarcáram nella, e acabáram de arrematar a vitoria; porque os Mouros vendo o poder, se lançáram ao mar por onde pudéram, onde muitos acabáram ás mãos dos nossos, e outros chegáram á outra banda bem escaldados, e escalavrados, e muito mais arrependidos do feito. Lançarote Picardo, e o Ouvidor geral, e os dous companheiros da almadia se enchêram de cabeças de Mouros, e se foram logo ao Governador, que estava no caes, e os soldados que as levavam lhas puzeram aos pés, e elle os abraçou a todos; e mettendo a mão na bolsa, a cada hum que lhe apresentou cabeça, deo a sinco, e a seis pagodes, tirando a hum homem soldado, que se chamava Belchior Callaça, que foi dos primeiros, e lhe apresentou duas ou tres, deo o Habito de Christo, que tirou do seu pescoço, botando-lho no do soldado, a quem depois mandou quarenta pardaos. Passado isto, mandou o Governador Francisco Barreto a D. Francisco Mascarenhas, (que depois foi Conde de Santa Cruz, e Viso-Rey da India,) que se fosse metter naquella Ilha com trezentos soldados, e nella esteve em quanto foi necessario, sem os Mouros quizerem outra vez provar sua ventura nella. Com este successo se começáram os Capitães do Idalcan a affastar pera dentro

com tenção de não provarem outra vez a mão, nem fazerem mais que defenderem os mantimentos, que não passassem a Goa.

CAPITULO V.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno, e os Mouros começáram a fallar em pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra.

NA entrada de Novembro depois do successo passado chegáram as náos de Ormuz, por quem o Governador teve novas certas das galés, que não sahíram; pelo que logo deo despacho ás náos do Reyno, pera irem tomar a carga a Cochim, que partíram até quinze de Janeiro deste anno de sincoenta e oito, em que com o favor Divino entramos, e todas chegáram a salvamento, sómente a náo Patifa, por outro nome a Aguia, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, arribou a Moçambique, onde invernou. O Governador ficou proseguindo na guerra de Goa. Mas vendo os Capitães do

Idal-

Idalcan quão mal lhes ſuccedia nella, e que não faziam mais que deſpezas, começáram a fallar em pazes, porque puxáram, com ordem de ElRey, e de feição que os ouvio o Governador, e lhas concedeo com as condições com que antes eſtavam feitas, com que ſe alevantáram, e começáram a correr os mantimentos, e tornáram as couſas ao que dantes eram, e o Governador teve tempo pera entender em outras, e dar preſſa á Armada toda, porque determinava de partir na entrada de Setembro pera o Achem, por achar huma inſtrucção de ElRey, em que lhe encommendava fizeſſe aquella jornada, pera tirar aquelle inimigo de tão perto de Malaca, e pela fama da riqueza daquella Ilha, e theſouros daquelle Rey, pera o que ſe hia apercebendo de todas as couſas que lhe eram neceſſarias pera a jornada. Deixando agora iſto por hum pouco, porque he razão continuemos com o Embaixador, que no Capitulo paſſado deſte V. Liv. deixámos deſpedido pera o Inizamoxá.

Partido elle de Goa, chegou a Chaul em breves dias, e dalli paſſou logo pera a Corte de Amadanagar, onde foi muito bem recebido daquelle Rey, que o ouvio preſentes todos os do ſeu Conſelho. E quando chegou a lhe fallar na fortaleza de Morro, (de que elle eſtava tão cioſo, parecendo-lhe que com

o

o achaque dos Turcos se queria fortificar nelle, pera depois pôr Alfândega naquelle porto, do que elle receberia muito notavel perda,) despedio o Embaixador pera sua casa, sem o acabar de ouvir, e depois por conselho dos seus o mandou prender, e a todos os que com elle foram: e despedio com muita pressa a Faratecan com vinte mil homens, em que entravam sinco mil de cavallo, dando-lhe por regimento, que se fosse metter no Morro, e fizesse nelle hum forte pera desimaginar o Governador. Esta gente chegou a Chaul de quinze de Março por diante, e o Faratecan se foi logo metter no Morro, e o começou a fortificar com muita pressa, sem bollir com cousa alguma da nossa fortaleza. Aquelle dia que chegou, apparecêram os montes da outra banda cheios de tendas, e gente, o que poz naquelles moradores tamanho espanto, que começou a haver antre elles grandes desconfianças, a que acudio Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão da fortaleza, aos animar, e esforçar, mandando logo fazer tranqueiras muito fortes nas bocas das ruas pera se defender do inimigo, se o quizesse commetter; e os moradores todos mandáram logo suas mulheres, e filhos pera Baçaim, e Goa, pera ficarem mais desembaraçados, e desassombrados. Mas como o Faratecan não trazia mais re-

regimento que pera se fortificar no Morro; não bollio com outra cousa alguma.

Aqui aconteceo huma cousa maravilhosa, e digna de se saber, pera edificação nossa, e pera darmos a Deos nosso Senhor muitas graças, e louvores pelas grandes maravilhas que cada dia obra nas partes do Oriente, pera gloria sua, e confusão dos infieis, que o não adoram, nem conhecem, e foi, que em os Mouros entrando o Morro, vendo estar huma Cruz na ponta delle, que fica sobre o mar, foram pera a cortar, e nenhum machado de muitos que lhe puzeram ao pé, quiz cortar por ella, e todos a acháram tão dura, como se fora de hum muito forte diamante. O que visto pelos mesmos Mouros, chegáram hum elefante a ella pera a arrancar, que poz nisso toda sua força, mas não a pode mover, com ser tão pequena, de páo, e estar mal encaixada em huma pedra grande, com o que a deixáram ficar, e alli esteve muito tempo. O Capitão de Chaul despedio recado ao Governador, e foi-se fortificando o melhor que pode, ajudando-o os moradores com muito cuidado, e despezas, dando alguns delles mezas, e provendo os soldados, que acudíram de fóra com todo o necessario. E hum delles chamado Mem Lopes Carrasco, homem rico, e abastado, armou mezas públicas pera todos os que a el-

ellas quizessem ir a todo tempo, em quanto esta necessidade durou; que deo de comer a mais de cem homens muito abastadamente, servindo-os a elles em pessoa com seus criados, e escravos, e escravas.

O recado que o Capitão tinha despedido chegou a Goa em menos de tres dias, e foi a tempo que o Governador estava pera fazer á véla huma Armada de galeões, e fustas pera a mandar ao Estreito de Ormuz, (e pera invernar naquella fortaleza, por haver novas de galés,) de que era Capitão mór Alvaro Paes de Soto-maior; e sabendo aquella necessidade, o despedio logo, pera que se fosse pôr sobre aquella barra, e que ficasse alli favorecendo aquella Cidade até elle chegar, porque logo determinou de a soccorrer em pessoa. Alvaro Paes de Soto-maior deo logo á véla com toda sua Armada, que era de tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães João de Mello de Brito, e Henrique de Vasconcellos, e seis fustas mais, em que hiam Diogo Ferreira, Duarte Pereira, Diogo de Sá, Cosmo Faia, Affonso Coelho, e Gonçalo Garcia.

Partida esta Armada, foi-se o Governador pôr na ribeira, e mandou lançar ao mar todos os navios que havia, e tomar os que alli estavam de fóra pera se embarcar, e mandou dar muito grande pressa a tudo, a

que

que acudíram os Fidalgos, e Capitães, cavalleiros, e Cidadãos principaes; e tomando quaesquer que logo achavam negociados, se embarcáram com muita pressa, com muitos soldados que pera isso lhes acudíram, que naquelle tempo se offereciam pera o serviço de ElRey, e andavam grangeando os Capitães pera os levarem comsigo, sem paga, e sem mais interesse que aquella inclinação, que então tinham todos áquellas cousas. O que se veio depois a trocar de feição, que já hoje não ha hum, ou mui poucos, que se queiram embarcar, senão mui bem comprados, e alugados dos Capitães; porque além do soldo que lhes ElRey paga, não querem já menos de dous, ou tres quarteis mais dos Capitães, que se empenham pera isso; e esta he a razão, por que o serviço de ElRey custa já hoje sinco, e seis vezes dobrado, do que naquelle tempo, em que tambem pela barateza das cousas a ordinaria que ElRey dava bastava pera as despezas da jornada, e das mezas que nos invernos davam pelas fortalezas, e ainda muitas vezes poupavam hum pedaço pera se proverem de outras cousas. Mas tambem naquelle tempo pagavam aos soldados seus quarteis ordinarios de verão, e inverno, e lhes davam mezas mui abastadas; e os Fidalgos tinham suas casas tão cheas de soldados, que quan-

quando se embarcavam não buscavam outros, porque já os tinham em casa, e sempre pelas destes Fidalgos haviam nesta Cidade de Goa nos invernos mais de quinhentos delles agazalhados, porque ellas eram seus hospitaes. O que tambem anda mudado, porque já ha muito poucos que recolham mais que seus criados, por forrarem gastos, e despezas, até os que sahem ricos de suas fortalezas, que antigamente despendiam a mór parte do que dellas tiravam no serviço de ElRey. E por ElRey D. João entender que era assim necessario, tinha feito regimento, que nenhum Capitão, que sahisse da sua fortaleza, se fosse pera o Reyno dentro em tres annos, porque os queria ter na India, assim pera hospitaes de soldados, como pera a authoridade do conselho do Estado. Mas tudo o bom he tão acabado, que hoje se nota por erro todo o passado nas cousas do governo; e corre antre elles pratica geral, que o antigo já não he licito; e que se os Governadores andavam todos os verões embarcados, que hoje já não era credito do Estado fazerem-no, no que vam contra a opinião de todos os doutos antigos, que affirmam que os Estados pera se não desfalecerem se hão de conservar com aquellas artes com que se ganháram. Mas destes males, e destas miserias tem culpa a cubiça,

que

que tem tomado posse na India de todo o estado de pessoas, acreditando-se com a cousa, que mais vituperada foi dos antigos Capitães que todas, que he este adquirir, e guardar, authorizando aquelle antigo adajo feito pelo demonio, de quanto tens tanto vales.

E tornando á nossa ordem. O Governador foi dando muita pressa á sua embarcação, assistindo de continuo no caes, e na ribeira pera dar despacho ás partes. E pera maior aviamento, passou mandados aos Officiaes, e Almoxarifes pera darem aos Capitães dos navios tudo o que lhes fosse necessario, de mantimentos, munições, cotonias, e todos os apparelhos de navios, de que tinham junto huma grande somma.

Em quanto se faz prestes esta Armada, continuemos com a de Alvaro Paes de Soto-maior, que hia seguindo seu caminho pera Chaul devagar por causa dos Noroestes que cursavam, que lhe eram contrarios; e chegando áquella barra, entrou por ella com toda sua Armada formosamente embandeirada, salvando a Cidade com muitos tiros, e instrumentos guerreiros, e alegres; e vendo o grande exercito posto da outra banda, e a pressa que os Mouros davam na fortificação do Morro, surgio em parte donde o pudesse bater; o que fez com tanto estron-

do,

do, e terremoto, que os que andavam na obra da fortificação, a foram fazendo muito devagar, porque a nossa artilheria lha impedia. Poucos dias depois disto chegáram áquella barra duas galés daquellas grandes, e antigas, que vinham de Baçaim, carregadas de madeira; e achando a cousa naquelle estado, surgíram mais perto do Morro que os galeões, e se puzeram á bateria com elle: o que acabou de inquietar os Mouros, porque totalmente lhe impedíram o serviço; e se alguma cousa faziam, era de noite, custando ainda desta maneira as vidas a muitos; mas todavia não desistíram do negocio, e se foram fortificando o melhor que puderam com muito trabalho, e perigo.

CAPITULO VI.

Da Armada com que o Governador Francisco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que nisso passou.

DEspedido Alvaro Paes de Sotomaior, ficou o Governador dando pressa á Armada com que havia de partir; e os Fidalgos, e Capitães, que mais depressa se puderam negociar, não quizeram esperar por elle, e fizeram véla pera Chaul, onde entravam

vam

vam todos os dias, de ſinco em ſinco, e de oito em oito navios, carregados de muita, e luſtroſa ſoldadeſca, com o que já lhes dava a todos pouco do poder dos inimigos. O Governador de tal maneira ſe apreſſou, que em menos de quinze dias ſe embarcou, e deo á véla com toda a Armada que havia. E porque não he razão que fiquem em eſquecimento os Capitães que neſta jornada ſe acháram, daremos os nomes de todos, aſſim dos que foram diante, como dos que ficáram pera acompanharem o Governador; nem faremos diſtinção de peſſoas, nem de navios, porque tudo foram fuſtas de remo. D. Diogo de Noronha o Corcós, D. Antonio de Noronha o Catarraz, D. Antão de Noronha, D. Alvaro da Silveira, D. Pedro de Menezes o ruivo, Gonçalo Falcão, D. Affonſo Henriques, D. Jorge de Menezes Baroche, Pantaleão de Sá, D. Filippe de Caſtro, Ayres Gomes da Silva, D. Vaſco Fernandes de Ataíde, Martim Affonſo de Miranda, D. Alvaro de Ataíde, Fernão de Souſa de Caſtello-branco, D. Martinho da Cunha, D. João Coutinho, D. Lourenço de Souſa, Pero de Ataíde Inferno, D. Luiz de Almeida, Ayres Telles de Menezes, D. Jorge Pereira, D. Diogo de Ataíde, Antonio de Souſa Coutinho o Langará, Manoel de Mello, Lourenço de Souſa, Jeronymo Bar-

reto, Triſtão Vaz da Veiga, Gil de Goes, Alvaro Pires de Tavora, João Lopes Leitão, Diogo de Miranda de Azevedo, Henrique de Macedo, Manoel Travaſſos, Jorge Barreto, Manoel de Vaſconcellos, Antonio Rabello, Jorge da Silva Correa, Manoel de Mendanha, Henrique Jaques Ouvidor geral, Coſmo Faia, Jorge de Mello, Alvaro Gonçalves Pinto, Eſtevão Pereſtrello, Barnabé Maſcarenhas, Chriſtovão Pereira Homem, Duarte Paim de Mello, Luiz Cabral, Agoſtinho Nunes, Jorge de Moura, Gaſpar de Sá Pinheiro, Franciſco de Figueiredo, Diogo Pereira, Manoel Fernandes de Manar, Ruy Fernandes, Antonio de Eſpindola, Manoel Mouro, Antonio Martins, Balthazar da Coſta, Diogo Banha, Balthazar Fernandes, Meſtre Pedro, o Secretario, o Capitão da Guarda do Governador, o Feitor da Armada, João Peixoto, Belchior Correa, Domingos Borges, Manoel da Coſta, Belchior Godinho, Martim Rodrigues, André Gonçalves de Dio, Braz Fragoſo de Coulão, Franciſco Correa, Pedralvarez, Gonçalo Sanches, Ruy Godinho, Chriſtovão Cordeiro, e outros muitos a que não ſabemos os nomes. E primeiro que o Governador partiſſe de Goa, entregou o governo ao Biſpo, e Capitão da Cidade, e deixou pelos rios de Goa, e ſuas Ilhas muitas man-

chuas

chuas, e catures pera ſua guarda, de que ficáram Capitães Roque Fernandes, Antonio Carrilho; Diogo Gonçalves, Lançarote Picardo, Diogo Madeira, Luiz Caſtanho, Eytor Soares, Gonçalo Correa, Balthazar Soeiro, Antonio Ferreira, André Gorjão, Antonio de Arzila, e outros.

Partido o Governador, foi ſeguindo ſua jornada até chegar a Chaul, e entrou por ſua barra com toda a Armada formoſamente embandeirada, e foi ſalvando a Cidade ſem fazer caſo do Morro, e ſe foi ao caes, onde deſembarcou, ſendo muito bem recebido da Cidade, e apoſentado em caſas, que pera elle eſtavam preſtes; e logo começou a ter conſelhos ſobre dar nos inimigos, e os deitar fóra do Morro, no que os mais dos Capitães concordáram; porque não ſabemos que eſpirito dava Deos aos homens daquelle tempo, que todas as couſas lhes pareciam faciles, ſem nunca já mais refuzarem batalha que ſe lhes offereceſſe.

Concluido em darem nos inimigos logo em freſco, começáram a fazer ſeus petrechos, e apercebimentos pera iſſo, e o Governador fez alardo da gente que havia, e achou quatro mil Portuguezes, a fóra muitos Chriſtãos, e eſcravos, que podiam muito bem pelejar; e aſſim eſtavam todos tão alvoroçados, que deſejavam de ſe lançar a

nado ás estancias dos inimigos. Os Capitães do Inizamoxá vendo aquella potencia da Armada, e o rio, e o mar todo cheio de navios embandeirados, e cheios de muita, e mui lustrosa gente, e de muitos instrumentos alegres, e guerreiros, que de continuo atroavam esses ares, com que lhes davam os nossos a entender o alvoroço com que estavam, por se verem já ás mãos com elles, receando aquelle poder; e sendo avisados por espias, como o Governador se fazia prestes pera lhes dar batalha, havendo seu conselho, assentáram, que seria melhor pedir-lhe pazes, e sahirem-se dalli com sua honra. Pelo que despedíram logo hum Mouro em huma almadia com huma bandeira de paz, que foi levado ao Governador, e lhe disse » que os Capitães de ElRey lhe mandavam » pedir licença pera lhe mandarem hum Em» baixador, pera com elle tratar cousas, » que lhe convinham.» O Governador o deteve; e ajuntando os Capitães do conselho, assentou-se que se ouvisse, e que soubesse o que queria, com o que o despedíram. E logo sobre a tarde tornou o Embaixador, que era hum Mouro criado do Faratecan, e vinha bem acompanhado, que logo foi levado ao Governador, que já estava avisado da qualidade de sua pessoa; e em chegando, lhe poz aos pés hum fardete de bea-

ti

tilhas finas, que lhe mandavam de presente, (porque antre elles não se costuma fallar em negocio algum sem aquillo, que he final de amor, e amizade.) O Governador mandou tomar o fardete, e deitar-lho por huma janella fóra; e muito menencorio lhe mandou dizer pelo lingua « que o não lançava tam» bem a elle, porque não tinha culpa; mas » que dissesse a seu amo que a elle o havia » de fazer. » O Mouro pasmado da paixão do Governador, sem responder cousa alguma, se foi sahindo, e recolhendo a suas embarcações; e passou-se logo da outra banda tão amedrontado, que ainda depois de estar com os Capitães no exercito, não podia cobrar folego pera fallar.

Sabendo o Faratecan o que passava, despedio logo com muita pressa hum daquelles Capitães chamado Rafarecan, muito bem acompanhado, e com hum presente muito differente do outro. O Governador recebeo este homem bem, porque era grave, e honrado, e o ouvio, e elle lhe disse da parte de seu Rey « que sua tenção nunca fora rom» per guerra com os Portuguezes, de quem » era amigo havia tantos annos, e a quem » elle dera aquelle seu porto graciosamente, » por estimar muito tellos por vizinhos; mas » que acudíra a se não mandar elle Gover» nador fortificar naquelle Morro, como lhe

» dis-

» differam que pertendia, porque isso seria » lançar-lhe hum cadeado naquelle seu por» to, que era o principal que tinha em seu » Reyno, pera não poderem mais entrar, » e sahir suas náos, que eram livres. Que » elle estava prestes pera guardar, e cumprir » os contratos das pazes feitas pelos Gover» nadores passados, como sempre fizera, » porque era servidor de ElRey de Portu» gal, e muito amigo delle Governador.»

Francisco Barreto o ouvio bem, e lhe respondeo « que se detivesse até o outro dia, » em que com o Veador da fazenda, Se» cretario, e mais Officiaes de ElRey tra» tasse daquelle negocio, que elles o despa» chariam.» E o entregou ao lingua do Estado, pera que o aposentasse mui bem, e lhe dessem todo o necessario, como se fez.

E entrando em negocio, vieram-se a confirmar as pazes que estavam feitas.

« E que quanto ao Morro, que logo » se mandasse desfazer o forte, em que nem » elle, nem os Governadores da India po» deriam nunca já mais mandar fazer nelle » fortaleza alguma; e que o primeiro que » tentasse fazella, ficasse sendo o quebranta» dor das pazes, e perdesse o direito que » tinha nelle, e que o outro se pudesse for» tificar nelle sem lho impedirem.

« E que soltaria logo o Embaixador com

» to-

» todos os Portuguezes, que ElRey man-
» dou prender.

« E que diante do mesmo Embaixador » juraria ElRey as pazes. » Assentados estes contratos, e jurados pelo Governador, e pelos Capitães Mouros, que pera isso mostráram poderes bastantes, mandou logo o Governador apregoallas; o que se fez assim na Cidade, e fortaleza, como na de Chaul de sima, e exercito. Com isto alevantáram os inimigos o campo, e desfizeram as tranqueiras, que estavam no Morro, e se foram pera o Balagate.

CAPITULO VII.

De como o Governador Francisco Barreto mandou desapossar D. João de Ataíde da Capitanía de Ormuz, pera onde foi D. Antão de Noronha: e do que mais fez até se partir pera Goa.

DEclàradas as pazes pela Cidade, tomáram-se tanto a mal dos soldados, que estavam alvoroçados pera se verem ás mãos com os inimigos, que se começáram a soltar em palavras contra o Governador, e a cantarem-lhe de noite cantigas çujas, e deshonestas. E porque se hia gastando o verão, e era tempo de prover nas cousas de Ormuz, mandou ver pelos Desembargadores, que le-

levou, as culpas que de lá vieram contra D. João de Taíde, que lá estava por Capitão; e foi sentenciado que se fosse livrar á India; com o que o Governador despachou logo a D. Antão de Noronha, que estava provído daquella Capitanía, de que já tinha servido hum anno; mas tinha-lhe aquelle vindo do Reyno huma Provisão de ElRey, em que lhe fazia mercê, que lhe não corresse aquelle tempo, mas que acabasse os tres annos por encheio.

E porque das culpas de D. João de Taíde não temos tratado atrás, o faremos agora, porque servirão de aviso, assim pera os Capitães das fortalezas fazerem nellas o que devem, como pera os Governadores se não deixarem levar da paixão, e odio, cousa, que tanto desfea hum Varão, por muito famoso que seja. E assim o que mais engrandece, e sublima hum Capitão, e o que maior mágoa, e castigo he pera seus inimigos, he fazer cousas, e obrar feitos, de que lhes elles tenham inveja. Isto he o que aconselhava aquelle grande Diogenes a hum seu amigo, que lhe perguntou o que faria pera se vingar de hum inimigo? A que respondeo: Que trabalhasse por ser bom, e que lhe tivesse elle inveja.

E tornando a nosso fio. O caso de D. João de Taíde, segundo o que constava dos

au-

autos, foi este. Era este Fidalgo hum pouco livre, e apaixonado; e na sua Capitanía fazia algumas cousas, que escandalizavam, principalmente na materia dos emprestimos, que todos os Capitães pedem em suas Capitanías aos moradores, a que mais lhe podemos chamar forças, que emprestimos: no que elle parece que excedia o modo, do que se mandáram queixar ao Governador, e lhe mandáram hum summario de culpas, que lhe lá tiráram em segredo. E como elle ou não estava muito seu amigo, ou levado do escrupulo da consciencia, mandou em principio deste verão tirar delle devassas, que lhe chegáram estando em Chaul, e por ellas foi sentenciado que se fosse livrar a Goa; mas segundo alguns homens velhos, e honrados daquelle tempo nos disseram, o negocio nasceo disto. Quando Pero Barreto Rolim foi ao Cinde, que fez aquella destruição, (como atrás dissemos no Cap. XII. do III. Liv.,) estava D. João de Taíde por Capitão em Ormuz, que recebeo grande perda naquelle alevantamento; porque os Capitães de Ormuz o mór commercio, trato, e proveito que tem he o do Cinde; e chegando-lhe novas do que Pero Barreto Rolim fizera, dizem que dissera muito apaixonado: « Tal balcarriada foi esta, que Fran-» cisco Barreto mandou fazer, como a que
» elle

» elle fez em gaſtar duzentos mil pardaos em » huma groſſa Armada, pera elle ir a Ba» çaim a couſas de ſeu goſto.» E como na India nunca faltam mexedores, e corretores de novas aos Viſo-Reys, e Governadores, (couſa, que elles muito haviam de eſtranhar por ſua authoridade, porque parece que em certo modo o deſacata quem lhe vai com mexericos; porque aſſim como o officio da juſtiça he não enganar, aſſim o da prudencia he procurar não ſer enganado,) foi algum curioſo contar-lhe o que diſſera D. João de Taíde, do que dizem ficára tão tomado, que lhe não pezou com as culpas, que lhe delle mandáram pera o depôr, pelo menos não lhas quiz diſſimular, couſa tanto contra a obrigação do que governa, conforme áquella ſentença de Domicio Aphro, que o Principe que quer ſaber, e ouvir tudo, he neceſſario que diſſimule, e perdoe tudo.

Deſpachado D. Antão de Noronha pera Ormuz, fez véla na entrada de Abril; e chegando áquella fortaleza, lha entregou D. João de Taíde, tendo ſervido pouco mais de anno e meio, e logo ſe embarcou pera Maſcate, e depois em Setembro pera Goa. Deſpachadas eſtas couſas, foi o Governador a Baçaim, o que lhe todos eſtranháram muito, e murmuráram diſſo publicamente, porque alguns dos Fidalgos não eram ſeus amigos,

gos, e pejavam-se com elle naquelle lugar; que a inveja faz cuidar a quem a tem, que merecem as cousas melhor, que quem as possue, que he o de que o mundo está cheio.

CAPITULO VIII.

De como o Governador Francisco Barreto se partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.

DEpois que o Governador Francisco Barreto despachou D. Antão de Noronha pera Ormuz, passou a Baçaim, e deo despacho a algumas cousas muito depressa, porque se fazia tempo de se ir pera Goa, como fez, pera prover as fortalezas de Malaca, e Maluco, e Ceilão. Chegado a Goa em breves dias, despachou os provimentos pera Ceilão, Malaca, e Maluco, e com isto se cerrou o inverno, em que o Governador tratou de fazer huma Armada muito grossa pera ir ao Achem, se lhe não viesse successor. E porque as casas do Sabayo, pera onde elle se mudou por falecimento do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, lhe disseram que estavam pera cahir, se mudou pera a fortaleza, que mandou concertar, e sempre ficou sendo dahi por diante o aposento dos Viso-Reys, e Governadores.

E

E porque as pazes, que estavam feitas com os Capitães do Idalxá ficáram imperfeitas, por se não jurarem, despachou o Governador hum Embaixador pera mandar ao Idalcan, que foi lá muito bem recebido de ElRey, e diante delle as jurou, e logo o Governador entrou nos negocios da Armada, que determinava fazer pera ir ao Achem a fazer huma fortaleza, como ElRey mandava, pera desassombrar a de Malaca daquelle inimigo. E pera mór aviamento repartio os galeões, e mais vasilhas pelos Capitães que havia de levar, pera correrem com seu aviamento; e passou Provisões pera os Almoxarifes darem por escritos destes Capitães todas as cousas necessarias pera os navios, porque de tudo tinha os almazens muito bem provídos. E como a ribeira das Armadas tinha ainda neste tempo perto de quatrocentos homens do mar Portuguezes, foram os officiaes dos galeões correndo com elles, sem se embaraçarem em obra alhea, com tanta ordem, e provimento, que quando se acabou de negociar hum, o foram todos; porque o Governador todo aquelle tempo assistio na ribeira, onde elle, e os Capitães comiam, e dormiam as mais das noites, e andava o Governador sempre com a bolsa aberta pera os trabalhadores, que folgavam de servir a ElRey com muito gosto.

to.

to. E quando foi entrada de Setembro tinha no rio de Goa a mais potente Armada, que a India teve, porque eram vinte e ſinco galeões, e caravelas, dez galés, e mais de ſetenta galeotas, e fuſtas; e os Capitães, que eſtavam nomeados pera os galeões, são os ſeguintes.

O Governador no S. Mattheus, Jorge de Mendoça, D. Jorge de Menezes Baroche, Henrique de Macedo, Pero de Meſquita; o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, Manoel Travaſſos, Manoel de Vaſconcellos, D. Martinho da Cunha, Henrique Jaques, Ouvidor geral, Jorge de Moura, Diogo Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernão de Noronha, e André de Souſa. Os das galés, Martim Affonſo de Miranda, Ayres Telles, Triſtão Vaz da Veiga, Diogo Juſarte Tição, D. Diogo de Taíde, D. Vaſco de Taíde, D. Leoniz Pereira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, e Fernão de Souſa de Caſtello-branco. Os das fuſtas, e galeotas não nomeamos por ſer infinitos. Todas eſtas vaſilhas eſtavam provídas de officiaes, artilheria, munições, e mantimentos, e tão a ponto, que a cada hora podiam fazer viagem.

E quando foram vinte de Agoſto chegou á barra de Goa D. João de Taíde, que vinha de Ormuz, e logo a tres de Setembro

qua-

quatro náos do Reyno, em que vinha por Viſo-Rey da India D. Conſtantino de Bragança: e por iſſo concluiremos aqui com eſte Governador. Foi Franciſco Barreto filho ſegundo do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena. Foi caſado com Dona Franciſca de Caſtro, filha de D. Luiz de Menezes, Alferes mór que foi de Portugal, irmão de D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, de quem houve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, e Luiz da Silva, que ambos morrêram na India. E por ſua morte della, depois que acabou de ſer Governador, caſou com Dona Brites de Taíde, irmá do Conde de Atouguia D. Luiz de Taíde, mulher que fora de Chriſtovão de Brito. Depois o encarregou ElRey de Capitão mór das galés, com que ſe achou em favor de ElRey de Caſtella na tomada do Pinhão de Bellez. Depois o mandou por Governador, e conquiſtador do Imperio de Monamotapa, onde faleceo, como na IX. Decada ſe verá.

FIM DO LIV. V. DA DECADA VII.

LIBRARY
OF THE
BOMBAY
BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.

00141909

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016